

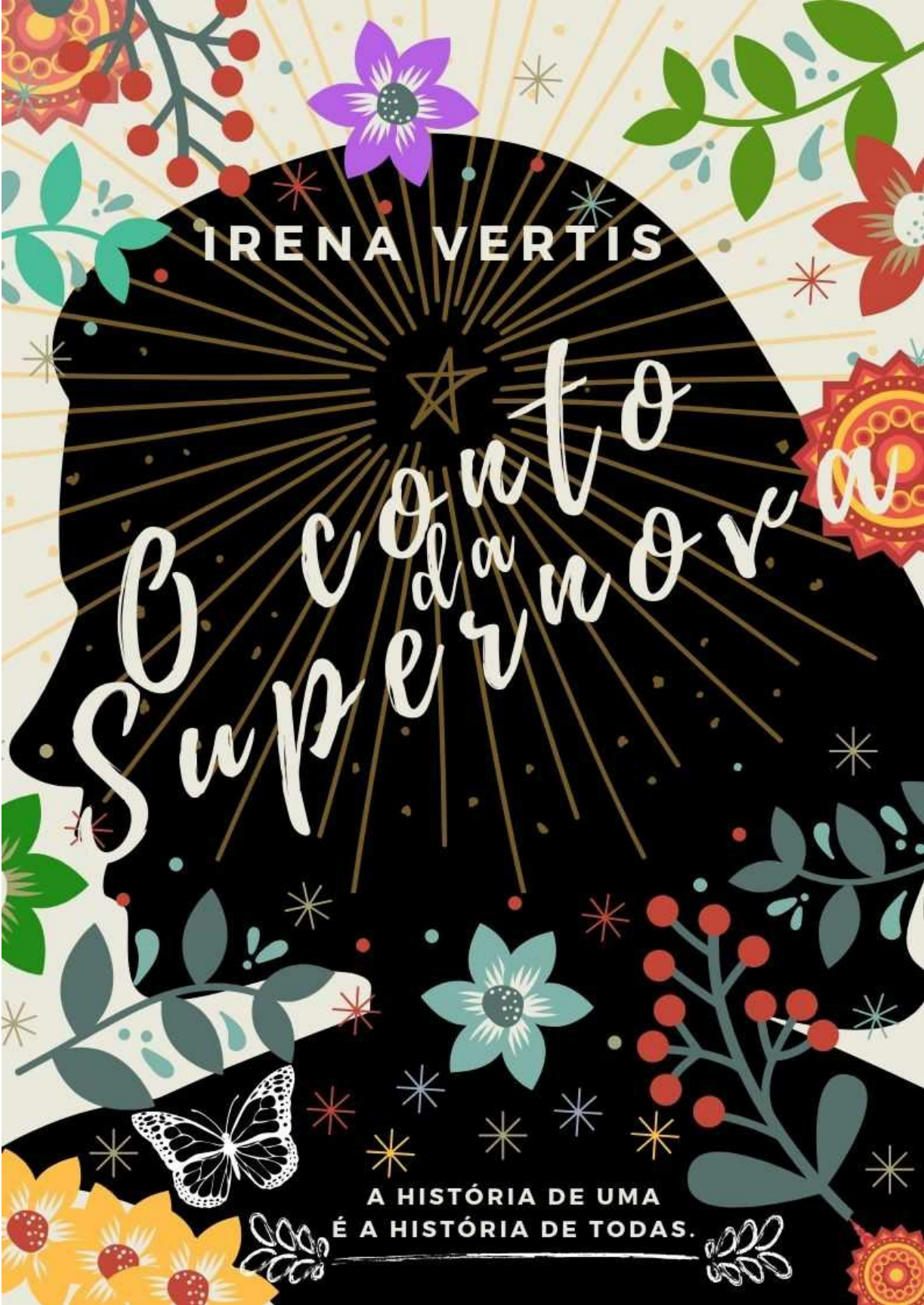


IRENA VERTIS

Conto da Noiva
Superviva

A HISTÓRIA DE UMA
É A HISTÓRIA DE TODAS.





IRENA VERTIS

O conto da nova Super

A HISTÓRIA DE UMA
É A HISTÓRIA DE TODAS.

IRENA VERTIS

O CONTO DA SUPERNOVA

2019

Todos os direitos reservados; nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou transmitida por meio eletrônico, mecânico, fotocópia ou de outra forma sem a prévia autorização da autora.

Copyright © 2019 Irena Vertis

Contents

[Paris, 21 de agosto de 2017.](#)
[Rueil Malmaison, 27 de agosto de 2017.](#)
[Rueil-Malmaison, 29 de agosto de 2017.](#)
[Rueil Malmaison, 2 de setembro de 2017.](#)
[Paris, 4 de setembro de 2017.](#)
[Paris, 21 de novembro de 2017.](#)
[Sala Vazia, antes do Renascimento.](#)
[OITO!](#)
[Da: Supernova](#)
[AS PALAVRAS DA NOITE](#)
[O INÍCIO DE UM FIM](#)
[O REINO DA SÉTIMA HORA](#)
[ATENAS](#)
[DOIS MIL E TREZE, A QUINTA HORA.](#)
[DOIS MIL E QUATORZE, A QUARTA HORA.](#)
[DOIS MIL E QUINZE, A TERCEIRA HORA.](#)
[DOIS MIL E DEZESSEIS, A SEGUNDA HORA.](#)
[DOIS MIL E DEZESSETE, A PRIMEIRA HORA.](#)
[AS QUATRO ESTAÇÕES](#)
[A PALAVRA É UM MAR EM MIM](#)
[AS NOVAS CALÇAS DO REI](#)
[OS CONVIDADOS DE HONRA](#)
[canta, rouxinol!](#)
[São Paulo, 3 de dezembro de 2018.](#)

1.

Ando pela rua
Há um buraco fundo na calçada
Eu caio...
Estou perdido... sem esperança.
Não é culpa minha.
Leva uma eternidade para encontrar a saída.

- Livro tibetano do viver e do morrer –
Sogyal Rinpoche

Paris, 21 de agosto de 2017.

Sentada em uma das mesinhas do Café de Fleurs, eu tento organizar as ideias no meu moleskine. Minha cabeça fervilha livre em idéias desde o momento que vi um casulo intacto de borboleta equilibrado em harmonia no caule de uma roseira pertencente ao jardim do lugar onde estou hospedada.

Eu desejo produzir coisas boas, pensar boas palavras e apresentá-las ao papel, mas minha companhia simplesmente não para de falar. Poucos dias na cidade luz e eu já bufo tal qual os franceses. É quase impossível me concentrar enquanto tantas outras palavras são desferidas de forma muito crítica em direção às minhas ideias. Eu estava com saudade de tê-las e, mais ainda, de escrevê-las.

Minha morte durou cinco anos até que, um dia, eu decidi que havia chegado o momento de retornar a escrever.

Hoje é meu aniversário. Meu segundo aniversário.

— Eu não acredito que você optou por esse caminho... – o tom da voz dela era tomado pela ironia. – Você realmente vai falar sobre o amor romântico?

— Quieta, Simone! – eu reclamo incomodada com a crítica – Eu não critico sua visão de relacionamento. Por favor, sem críticas à minha.

Ela se cala por um tempo, mas eu entro em absoluto conflito ao escrever minhas primeiras linhas de reescrita.

Em uma Grécia muito antiga, em um tempo completamente desconhecido pela Humanidade, havia na ilha de Creta o lar dos escribas.

Ela pigarreia.

— Se você vai falar de amor como pretende e nesse lugar, chame-o como se você fosse de lá. Eles não chamam a própria terra assim.

Os romanos chamaram aquela terra de Grécia, mas aquele não era seu verdadeiro nome. Eu sempre soube como ela era chamada pelos helenos, mas algo em mim tinha muito cuidado em chamar seu nome. Eu sabia o que significaria dentro de mim.

Ela se chama Hélade.

Em uma Hélade muito antiga, em um tempo completamente

desconhecido pela Humanidade, havia na ilha de Creta o lar dos escribas: a Allocse. O que eles faziam ali? Ora... O que mais um escriba pode fazer além de escrever?

Lá, os caminhos de escrita eram trabalhados por mestres, sábios cujos nomes haviam sido sussurrados pelas estrelas para aquele propósito.

E esse também era o lar de Aurora, uma escriba de homens.

Na data de hoje eu renasci e ela nasceu. Uma oliveira atrás de nós duas fazia um movimento diferente no vento, balançando os galhos. Assustadoramente eu pude ouvi suas folhas e me virei em sua dieração. Eu podia vê-la. Podia ver a todas novamente. Estava diante de todas as oliveiras mais uma vez: o imenso campo onde elas se espalham ainda estava lá, a noite começava a se desfazer com o primeiro toque do sol no horizonte trazendo o âmbar que anuncia o amanhecer. A Aurora. O Sol se erguia e me retirava das sombras e, ao mesmo, lançava luz sobre as minhas palavras. O céu clareava, as palavras amanheciam e então tornou-se nítido que aquele sol havia algo para contar e que, na minha ausência, alguém anotara suas palavras, cabia a mim – ou melhor – cabia a nós duas (eu e Aurora) tomar conhecimento do relato do sol e agradecer por fazer parte de um momento tão ímpar, afinal não é todos os dias que um Sol escolhe uma única história para contar antes de tornar-se uma Supernova.

Nós duas estávamos muito animadas com o dia que se aproximava: o desvelamento do pergaminho que guarda o relato do sol.

Havia um sorriso muito largo e sincero no meu rosto.

Não vi o exato momento que Simone se retirou da mesa deixando-me na companhia das minhas palavras e do garçom que informou que meu chocolate não estava mais quente. Aquilo não me incomodava. Eu podia sorver aquele líquido harmonicamente espesso e frio sem qualquer sofrimento.

Meu coração estava quente.

Eu estava mais uma vez sob o sol das palavras.

Eu era uma escriba.



A ESCRIBA

P

ensativa? – perguntou uma voz em pé, por trás da pedra onde ela estava sentada.

Era seu mentor, um homem de coração muito nobre, sorriso cativante e olhos paternais cuja estatura e porte não chegavam nem de perto a demonstrar seu poder. Apesar de toda sua habilidade de tocar corações apenas com o silêncio, havia optado pelo caminho dos escribas de homens na tentativa de se aproximar mais a eles, mas sempre foi nítido que suas aptidões o levariam para além das práticas de qualquer caminho de escrita. Ser um escriba de homens significava escrever para tocar corações e proporcionar divertimento aos que lessem. Parecia uma tarefa fácil, mas nunca foi. Talvez nunca seja. Os escribas de estrelas e de leis tinham mais facilidade para cumprir suas funções: bastavam seguir orientações já determinadas. A um escriba de homens cabia a tarefa de seguir seu próprio coração inspirado por sussurros.

—Na verdade estou reflexiva, Mestre Yrneh.

—Isso é muito bom.-um dos melhores, senão o melhor, leitor da Alocse arqueava as sobrancelhas demonstrando esperança.

— Vou reescrever aquela obra.

Ainda de pé, por trás de mim, ele me disse o que eu precisava ouvir.

—Sabe o que dizem sobre andar velhos caminhos? Por que você não tenta escrever algo absolutamente novo?

— Eu não estou encontrando palavras em coisas novas. Eu só as encontro em coisas antigas. Sem qualquer relação com meus escritos antigos elas parecem soltas, perdidas, absolutamente sem sentido. O que eu juntei e escrevi tentando esquecer tudo foi a minha maior derrota.

—Aurora, não existe derrota quando se escreve.

Aurora era uma Senitram. Assim era conhecida a casa liderada por seu Mestre, cujo símbolo era um sol que se confundia com uma rosa dos ventos. Muitos chamavam aquela marca de *O Hiperião*. Senitram também era o sobrenome de Yrneh que optou por batizar a casa dessa forma para o

desgosto dos sábios mais antigos. Havia algo nele que adorava uma sábia subversão.

—Escrever não é um ato de derrota, Mestre. Mas o que se senti ficou muito próximo dessa palavra.— ela suspirou antes do ato de auto piedade — Eu sei que não sou uma derrota.

— Não. Você é apenas uma escriba tentando encontrar suas palavras.
Aurora suspirou.

—Por que aquela história precisa ser uma bagunça sem fim? Às vezes nem eu consigo entendê-la.

Yrneh riu sem produzir qualquer som antes de dizer algo que sempre diz aos filhos de sua casa de escrita.

— Um escriba que quer entender tudo o que escreve acaba se perdendo no caminho.

Algo atormentava Aurora há algum tempo. Se havia um momento para falar sobre o que a assombrava, esse momento era agora.

— E se aquilo não foi um sussurro? — tudo em Aurora estava turbulento e ela esperou um rompante de indignação de seu mestre. Mas Yrneh seguiu olhando sereno para o mar azul royal prateado pela lua naquela noite. Era noite de cavalaria. — E se aquilo não passou de uma tolice minha?

— Essa sua dúvida é uma tolice. Tenho certeza disso. — disse em um doce açoit.

— Você ouviu a declaração do Conselho Literário na avaliação final quando foi arquivado na biblioteca.

Ele ouviu. Todos ouviram. O Cosmos inteiro ouviu. Vergonha, vergonha, vergonha. E naquele dia, envergonhada de si mesma, ela decidiu parar.

Naquele dia, envergonhada de mim mesma e do meu fracasso, decidi parar e tentar outros caminhos, mas ela me chamava todos os momentos do dia e eu fingia não ouvi-la. E com isso o maior vilão de nossa história se agigantou.

— Você irá amanhã? — Mestre Yrneh referiu-se ao lugar no tempo do maior evento da história. Aurora respondeu com um *claro*.

O motivo da expectativa tinha o formato de um cilindro transparente e reluzente mantido aos olhos de todos no hall de entrada do prédio da biblioteca. Ali ficava guardado um tesouro: o pergaminho com o relato de um sol que escolheu uma única história para contar antes de entrar no vale da morte das Supernovas. Na parte superior da imponente escadaria de entrada,

o cilindro compartilhava espaço com as quatro lâmpada de Creta nas quais foram talhados os quatro pilares temporais da Alocse: passado, presente, futuro e infinito.

Aurora tinha uma curiosidade sobre a natureza do relato.

— Uma supernova sempre leva consigo algo que a estrela presenciou enquanto viva?

— Não. Essa não é a pergunta que você queria fazer.

O Mestre a conhecia mais do que ninguém.

— Por que o relato de uma estrela antes da morte faz parte do mistério dela? – disse em retórica – Porque ela ama tudo que faz parte daquele relato e ela quer salvar aqueles personagens, levando tudo.

Aurora pareceu confusa com a resposta de Yrneh.

— Ela quer levar tudo?

— Sim. Tudo e todos. É um amor fulminante. Uma Supernova não conta uma história para que ela seja conhecida. Ela a conta para salvá-la.



SUSSURRO

Na manhã seguinte estavam todos diante da Biblioteca. Todos os habitantes da ilha de Creta. Não havia proibição para presença de civis durante a cerimônia que aconteceria. O papiro com o relato seria apresentado a todos depois que o óleo da árvore mais sagrada daquele povo rompesse o lacre que guardava todas as palavras que lá estão escritas.

Um sol brilha para todos, sem distinção, e por isso após a quebra do selo o que estava ali em palavras solares chegaria ao conhecimento de todos em forma de livro. Não havia lei ou tradição que impusesse isso, era apenas o correto e o justo a ser feito.

Estavam todos ali diante da escadaria branca de Creta aguardando a hora exata que tudo teria início. Quando o sol daquele mundo atingiu o zênite, que é o ápice de sua posição no céu, seguindo o que havia de maior tradição de desvelamento de pergaminhos de estrelas, iniciou-se a preparação do lacre. Sofia, a mais importante anciã de todos os sábios, em uma vestimenta branca com fios dourados, trouxe em suas mãos um jarro de cerâmica branca com desenhos gregos em alto relevo. Era nele que repousava o azeite de oliveira especialmente preparado para a ocasião e que banha todo o papiro de estrela para que o lacre que o guarda seja quebrado, dando acesso à escrita que mora ali. Mas para o papiro que guarda o relato de um sol o procedimento era um pouco diferente: para quebrar seu selo bastava apenas um pinga do azeite. Um sol não pede por grandes formalidades.

Aurora acompanhou cada passo daquela cerimônia com muita atenção. Desde o momento que Sofia saiu por entre uma das pilastras no topo da escada branca até o início do equilibrar da gota solitário do óleo de oliveira lembrou dos momentos em que passava pelo hall de entrada da biblioteca e parava diante do papiro para observar o lacre com a letra helênica, Ω. Ela era apenas uma das pessoas que se perguntavam o significado da daquele símbolo no lacre.

Finalmente saberei o que significa esse Ω. Não aguento mais carregar tanta curiosidade.

O pensamento de Aurora tinha um fundamento: a quebra do selo

revela o significado da letra que o guarda. Mas tudo tem uma exceção.

A gota do óleo toca o lacre e o pergaminho todo entra em combustão, tendo inicialmente algo que lembrava uma pequena explosão, e o fogo aumentava cada vez mais, criando uma gigantesca bola de fogo que queimava mas não causava calor. O brilho intenso quase cegou Aurora que, no meio da multidão, estava olhando fixamente para o papiro aguardando ansiosa pela revelação da letra Ω .

Os sábios esperavam por isso. O tutor de Aurora a procurou no meio na multidão com os olhos, mas tudo que sua visão alcançava o brilho incandescente do papiro.

Os segundos daquela combustão pareciam eternos. Havia uma noção de tempo diferente trazida pela quebra daquele selo e, diante da combustão, toda a ilha de Creta foipara um tempo fora da roda do tempo.

Aurora viu quando o papiro flamejou, e logo seus ouvidos receberam o som dos primórdios do universo: era como ouvir o mundo começando, nascendo, rasgando asas e preparando-se para voar. Levou as mãos às orelhas para proteger-se do som, sem obter êxito. Podia ouvi-lo mesmo assim e ele a rasgava por dentro.

Sentiu o coração subir à garganta, enquanto o mais importante papiro da história dos escribas dos homens abria-se para a revelação. Por um segundo acreditou que estaria a beira da morte devido o nível do acelerar de seus batimentos cardíacos.

Aos poucos, o papiro foi deixando de arder, seu fogo diminuindo na mesma proporção em que a pupila de Aurora acostumava-se às chamas.

O próprio ambiente pareceu começar a engolir o som de combustão, como uma mãe a acolher um recém-nascido em seus braços e essa mãe mostrou-se em um sol prateado que girou em si mesma antes de partir. E ali, naquele mesmo momento em que tudo se foi, o som mais aguardado por toda a Alocse reverberou juntamente com o som de algo pesado caindo no chão do púlpito.

— *Aurora Senitram.* - anunciou o sussurro do papiro.

Aurora sentiu o impacto de ser a escolhida. Agora de escriba de homens ela passaria a ser escriba de estrela até cumprir a determinação passada no pergaminho. Isso não a assustava. Era a oitava vez que caminharia nesse tipo de escrita. Mas desde o início da cerimônia, o coração de Aurora sentiu que naquele papiro repousava uma responsabilidade muito maior de escrita. Quem quer que estivesse incumbido de revelar as palavras

ali contidas, estava diante do cumprimento de determinações passadas por um sol às vias de tornar-se uma Supernova.

Aquele era um forte dia de exceções. Geralmente cabe ao escriba de estrelas que lacra o relato a missão de sussurrar o nome do futuro escriba que o revelará. Não foi o que aconteceu com aquele papiro. Ele nem era mais um papiro e isso foi facilmente constatado por Yrneh.

Os olhos de Aurora acompanharam seu Mestre caminhando até o que repousava no chão. Ele se agachou e observou o ali estava, sem tocar em seu conteúdo. Estava exposto no rosto de Yrneh uma mistura de sentimentos. Depois de um momento de contemplação, o mais amoroso Mestre da Alocse levantou e mostrou a todos o que estava caído: um livro de capa dura em cor marrom escuro e com algo escrito na capa em uma letra que reluzia. A agitação da multidão com aquela primeira revelação não atormentou Aurora. Ela seguia tentando se recuperar do som dos primórdios que ainda ecoava dentro de si.

— Este sussurro não é de um escriba — disse Yrneh para a multidão, tomando em suas mãos o livro.— Algo aconteceu àquela época. À época do relato.

— Não se precipite, Yrneh!

O corte às palavras de Yrneh veio rapidamente de Imuriel, um dos sábios do conselho da Alocse. Ele estava evidentemente muito nervoso e trêmulo diante de tantas coisas inesperadas. Diferentemente de Yrneh. O inesperado sempre lhe foi muito bem-vindo.

— Não é precipitação, Imuriel. Veja! — neste momento aproximou-se de Imuriel e falou algo em um tom muito baixo que foi possível apenas a Aurora compreender pela leitura labial das palavras de seu Mestre. Os sábios se reuniram em volta de Mestre Yrneh enquanto ele mostrava algo na capa para aquele tumultuado grupo e discursava de forma breve sobre sua constatação.

Aurora não viu que seu mentor rapidamente a procurou com os olhos. Ela batia nas orelhas tentando libertar a câmara de seus ouvidos de um som que lembrava o princípio do Universo. Passou alguns segundos sem conseguir ouvir nada do que acontecia, nem mesmo o que era falado por civis que estavam a seu lado. Acreditou ter ficado levemente surda depois da forte experiência com o poderoso som do papiro.

O sábio Imuriel irrompeu do meio dos agitados sábios para um anúncio muito polêmico.

— A cerimônia acabou. Estão todos dispensados.

Os civis imediatamente começaram a andar, indo embora para suas casas.

Os escribas se agitaram e pediam aos civis que permanecessem. Ninguém podia sair dali. A tradição estava sendo quebrada por um motivo que todos desconheciam. Aquilo não era correto e também colocava a Alocse em perigo.

— Aurora! — gritou uma voz rouca, rompendo o silêncio da multidão. Ele Clyfos, o líder dos escribas de lei. — Aurora! Aurora! — na terceira vez, a voz dele já tinha a companhia de muitas outras. No final, quase todos gritavam o nome de Aurora e um grupo de sábios ficou desgostoso com a situação.

Aurora! Aurora! Aurora!

O entoar do nome da escolhida com fervor devolvia a audição da escriba e ela recuperava sua capacidade de escutar.

Aurora! Aurora! Aurora!

A escriba já podia ouvir em alto e bom som, mas ainda assim permaneceu imóvel.

— Não há pergaminho. A cerimônia acabou. — disse Alexander, um dos sábios anciãos da escrita, provocando indignação na multidão que respondeu entoando o nome de Aurora com mais intensidade.

Havia um ritual a ser cumprido e todos deviam respeitá-lo.

Aurora ficou parada exatamente no meio da grande massa diante da escadaria, aguardando que todos os passos fossem cumpridos.

Aurora! Aurora! Aurora!

Faltava o passo primordial aos escribas: a consolidação do sussurro com a entrega do pergaminho ao escriba cujo nome foi apresentado. Com a dispensa de todos, este passo não foi cumprido e era evidente que havia um interesse escuso sobre isso.

— Há um escrito desvelado e o nome dela foi sussurrado. A forma como a escrita está apresentado pouco importa. A tradição é muito clara acerca disso. Consolidem o sussurro! — Clyfos ecoou mais uma vez sua voz rouca no meio da multidão.

Aurora sempre percebeu que o escriba de leis não era líder de seu grupo por acaso. Além de seu exímio preparo nos estudos, possuía uma magnífica habilidade na oratória. E excelentes pulmões. Tudo que vinha pela voz dele se fazia de forma bem clara. Não havia qualquer dúvida sobre uma

sílaba dita e essa era uma qualidade nele que ela invejava.

A incerteza que pairava no ar adentrava os seus ossos e inundava sua alma. Seus sentidos estavam muito aguçados, e era o mais misterioso deles que lhe dava a certeza de que os quatro sábios de maior peso e influência da Alocse permaneceriam resistentes à sua consolidação.

Os olhos de Aurora voltaram-se a escadaria para acompanhar o que nem mesmo seu Mestre esperava. Margarite, a sábia, deslocou-se do grupo de sábios indecisos e retirou o livro das mãos de Yrneh. Com o livro em mãos, no centro da escada, ela teve a coragem para fazer o certo, algo que Yrneh poderia ter feito se não estivesse impossibilitado pelo fato de ser chefe da casa de Aurora.

— Aurora Senitram, sua escrita está confirmada! — em plenos pulmões, a sábia Margarite consolidou o nome da escriba de forma rápida e objetiva, rompendo um pouco com a formalidade oral de consolidação.

A circunstância orientou a praticidade. Em uma circunstância habitual, a consolidação teria a seguinte pompa:

“Aurora, escriba da pluma Senitram, tutelada de Mestre Yrneh Senitram, seu nome foi sussurrado por uma estrela à beira da morte.

Eu, Margerite Amélie, sábia Mestre da casa Amélie, consolido sua escrita e confirmo que é sua função cumprir com o relato do pergaminho que agora lhe repasso.

A partir deste momento você é uma escriba de Supernova e deve revelar a história que foi salva da morte.

Que a vida seja cumprida”.

Imuriel caminhou rapidamente até Margerite e tinha um plano muito simples que acreditou ser possível de implementar.

— Entregue-me isso agora mesmo. — disse, ordenando a sábia.

Ela respondeu à altura.

— Não ouse blasfemar a escrita, Imuriel!

— Isso é um livro e não pertence ao nosso tempo. Entregue-me para que eu possa enviar de volta ao remetente.

— Não! — a sábia procurou a escriba na multidão com os olhos e ao achá-la, tentou acelerar o ritual antes que mais um sábio insatisfeito blasfemasse sobre a sacralidade do momento — O que está esperando, escriba? Venha!

Aurora tentou caminhar até a escada da biblioteca mas as pernas estavam estranhas. Pesadas. Mãos em suas costas começaram a empurrá-la

numa tentativa de ajudá-la a chegar o mais rápido possível a seu destino final. Quando finalmente se aproximou da escada e iniciou a subida para encontrar-se com Margarite, ouviu a multidão celebrar em um fortíssimo coro. Mas também viu quatro sábios se retirarem, entre eles Imuriel e Alexander.

Já frente a frente com a sábia, Aurora viu oferecido em sua direção o livro juntamente com as palavras que sempre são ditas no momento anterior ao encontro da mão do escriba com o pergaminho do desvelamento.

— Boa escrita, Aurora — disse Margarite, colocando o livro nas mãos da tutelada de Yrneh e acarinhando sua mão direita.

Quando a mão de Aurora tocou o livro pela primeira vez, deu-se por encerrada a cerimônia de consolidação e teve início algo muito maior: o laço da escriba com o livro.

Aurora olhou para a capa do agora livro e viu o motivo da certeza de seu tutor de que o relato não foi selado e lacrado pelo escriba em palavras prateadas ou douradas. É sabido por todos os escribas que o selo de um escrito torna-se seu título, e por ele será lacrado e conhecido diante de todos na memória dos escritos durante o tempo que lhe for concedido existir. A escriba tinha diante de si um escrito selado e lacrado pelo próprio Sol que fez o relato, pois somente uma estrela de seu porte era capaz de escrever palavras na cor azul anil.

O motivo da escolha de tal cor permanece um mistério indecifrável.



ESCONDERIJO

Olhando para o que havia em suas mãos, Aurora não podia acreditar o que tinha diante de si. Aquilo era um tipo de obra do qual já Yrneh já tinha falado, mas que pertencia a um tempo muito distante. Agora o distante estava na proximidade de suas mãos, e ela só conseguiu pensar em quem era igual a ela.

— O que aconteceu com o escriba?

Fez-se a pergunta ao constatar a cor das letras talhadas na capa dura daquele livro. Algo inesperado havia acontecido, ela tinha certeza disso.

O som da comoção dos escribas em multidão diante de si foi aos poucos desaparecendo para ela, ficando apenas o som de sua própria pergunta.

O livro em suas mãos a possuiu por completo e o restante do que existia em volta partiu para um lugar muito longe. O livro se expandiu a ponto de ocupar espaços que a escriba desconhecia. Então Aurora viu-se diante de todos os sons que vinham daquela obra e não houve como não ser puxada para mergulhar em suas palavras. Submersa, Aurora mal podia respirar diante da realidade do som. Os sussurros desapareceram deixando-a com a voz real do livro. Ele falava e tudo nele era muito real: vento, risadas, gritos, choros soluçantes, colheres, copos, batalhas, animais, chuva, trovoadas, mar, guerreiros, prisioneiros... Havia muita vida. Mas também havia morte.

As palavras já escritas giravam em seu entorno e ela acreditou estar diante de uma obra já completa e perfeita, e por algum momento pensou que a mera leitura já faria com que tudo fosse revelado. Ela estava enganada. As palavras mostraram que o livro precisava muito dela e ela, de alguma forma, também precisava dele. Diante dessa revelação, Aurora foi tomada pelo medo. Ela não queria saber porque precisava do papiro.

Levada para um tempo sem tempo onde as palavras tecem destinos, apenas uma voz teve a força para trazê-la de volta à Alocse: a voz de Mestre

Yrneh.

— Aurora.

Nesse momento ela voltou de seu transe.

— O que foi?

Mestre Yrneh estava diante e Aurora. Elanão entendeu que de fato aconteceu, em que momento ela foi para longe dali e perdeu a real noção de quando a sábia Margarite havia se retirado do púlpito e a multidão havia dispersado. Todos haviam ido embora, apenas Yrneh ficou a seu lado.

— O que aconteceu? – perguntou, confusa.

— Vamos?

Ela olhou ao redor procurando por Margarite mais uma vez e percebeu que todos haviam ido embora.

— Há quanto tempo eu estou parada assim?

— Um tempo.

Aurora olhou para o céu e viu que o sol já havia se deslocado da posição do zênite. Esteve parada no mesmo lugar, segurando o livro e ouvindo – quase atormentada – tudo que de vida havia nele por aproximadamente uma hora.

Nenhum escriba está preparado para um escrito que fala. As palavras reais de um escrito são enlouquecedoras e é ensinado na Alocse a prudência que todo escriba deve ter diante da realidade de um escrito. A tormenta desse tipo de palavras pode gerar uma agonia que irá durar por toda a vida. O último escriba atormentado por palavras amaldiçoou a escrita diante do Conselho de Sábios e, não suportando mais a realidade, optou pelo completo exílio.

Aurora não tinha planos de exílio, mas ela tinha muitas perguntas.

— Que selo é esse? – perguntou a escriba à seu Mestre.

— É um ômega, Aurora. Não está reconhecendo?

— Sim, mas, por quê? O que significa isso?

A escriba ouviu seu Mestre respirar profundamente antes de começar a falar.

— Pode significar qualquer coisa. Pode ser uma pessoa, um animal, um lugar... – ele fez uma leve pausa antes de continuar – Podem ser até em maior quantidade. Mas o ômega tem um significado e você sabe muito bem qual é.

— É quando algo ou alguém foi tão profundamente amado que se transormou. – respondeu Aurora.

Pergaminho puro.

Ambos ouviram. Não era um sussurro. Era uma voz que saiu do livro.

— É a voz dele? É a voz do sol? — as duas perguntas de Aurora quase não tiveram intervalo entre uma e outra.

Pergaminho puro.

O livro insistiu e suas palavras carregavam uma orientação com a exata localização de onde Aurora deveria ir. Ela sabia disso. Todo pergaminho puro quando recebido pela biblioteca do lar dos escribas recebe um lacre especial e guardado no corredor leste, na fileira A108.

— É melhor você seguir a determinação dele e ir logo para lá.

— Não. Não é para lá que eu ele quer que eu vá.

— Você sabe muito bem onde ficam os pergaminhos em sânscrito — Yrneh olhou para o rosto de sua pupila e constatou que algo a atormentava — O que foi?

— O pergaminho puro que ele está falando não é escrito em sânscrito. Foi escrito por um escriba puro. Um escriba... alfa?

— Aurora, não temos mais esse tipo de pergaminho há centenas de anos. Por determinação do Conselho esses pergaminhos foram entregues às estrelas. O encontro de ficção e realidade é perigoso demais para ambos esses mundos se em mãos erradas. Os olhos dela foram tomados por lágrimas de decepção.

— Você está mentindo pra mim — a escriba estava muito decepcionada pela descoberta daquela mentira. — Existe um pergaminho puro, apenas um e ele está aqui. E você mesmo o escondeu.

Yrneh ficou confuso e sem saber como reagir diante de sua exposição. Envergonhava-se daquela mentira todos os dias, mas foi a mentira que garantiu a sobrevivência de um papiro condenado à morte. Antes ele não podia falar muito, mas havia chegado a hora de contar a verdade e o sábio Mestre não fugiu à sua responsabilidade.

— Sim, ele está lá e eu o escondi...

— Por que você o escondeu todos esses anos?

— Porque... sim!

Aurora não pode acreditar na mais ridícula resposta vinda de seu Mestre.

— Eu precisei fazer isso, Aurora. Espero que um dia você me entenda e me perdoe.

O livro não parava de falar. A escriba teve dificuldade de acompanhar

as palavras de Yrneh devido a decepção que carregava em si. Ela se esforçava para entender seu Mestre mesmo desconhecendo as razões que o levaram a esconder o pergaminho. Mas perdoar aquele ato seria ignorar que ela sentia que tudo o que ela aprendeu com aquele homem tão sábio carregava em si uma mentira. Toda uma criação ensinando que um dos fundamentos do lar dos escribas é pautado no acesso amplo e irrestrito aos escritos havia desmoronado dentro de Aurora. Ela temia se havia mais coisas a ruir no futuro. Essa incerteza provocou uma náusea na escriba.

— O livro está me dizendo que há centenas de livros escondidos de nós, os escribas. *O pergaminho puro* é apenas um deles.

— Não pode ser...— Yrneh mostrou-se surpreendido de verdade. Ele não sabia disso.

Sentindo uma atração profunda pelo livro, Aurora passou a mão direita em sua capa, acariciando o Ω em azul anil. Aquele título talhado pelo próprio Sol falava com ela e a escriba não sabia qual a melhor maneira de reagir ao que estava sentindo com aquela forte conexão. Queria sorrir diante do brilho do título, mas o choro foi mais forte e ele aconteceu de forma generosa. Não demorou muito para o livro fosse tomado por seu abraço e ela percebeu que nem mesmo Yrneh esperava tal reação.

— Aurora, o que houve?

Ela anunciou.

— Corredor oeste, setor 8, coluna E5T31A. O pergaminho está lá – ela respirou fundo tentando se recuperar do próprio choro. Ainda apertava o livro contra o peito.

— A coluna Estela? Mas esse livro não deveria estar lá! É o setor das estrelas perpétuas que já não existem mais. Por isso que chamamos essa coluna de estrelas extintas.

Corra, Aurora!

Ordenou o livro.

Ainda no púlpito da entrada do prédio da biblioteca, Aurora fez rapidamente um movimento de meio giro e correu, deixando Yrneh para trás. Com rapidez cruzou o portal onde estavam penduradas as quatro lâmpadas temporais, entrando a passos de corrida que marcavam o chão de mármore branco da biblioteca com a força dos seus passos. Como a biblioteca estava vazia, ninguém reclamou.

Sem olhar para trás, ela apenas correu e cruzou aquele salão de entrada, derrapando para a escada em curva, de mármore rosa, que dá acesso

ao setor 8. Ele ficava no subterrâneo. Um setor inteiro de pergaminhos depositados em nichos especialmente talhados nas colunas de sustentação subterrânea da biblioteca. A área foi construída inicialmente para abrigar apenas um aqueduto. Agora, no setor 8, pergaminhos sagrados conviviam em harmonia com a água abundante. Não havia como afundar enquanto caminhava sob aquela água. Houve uma época em que escribas jovens disputavam entre si quem conseguia afundar naquelas águas. Mas não havia conhecimento de que alguém já havia vencido esse desafio. A única coisa que afundou ali foi um pergaminho e ele seguiu submerso, sendo também o propulsor da disputa entre os jovens.

Aurora passou pelos corredores do setor 8 e foi imediatamente para a coluna que mais a interessava. Percebeu que não era a única a buscar algo naquele setor. Quem estava ali, usava o véu de segredo concedido por um sábio de alto escalão e era muito difícil ter acesso a forma de seu rosto. Mas o livro disse à Aurora quem estava sob o véu.

— O que você faz aqui, Atreya?

A escriba de homem foi pega de surpresa, no entanto manteve-se aparentando não ter sido atingida pela descoberta da agora escriba de estrela.

— Oi, Aurora. Onde está a sua educação?

— Este setor é permitido temporariamente apenas aos escribas de estrela. Que eu saiba você não possui esse desígnio. Por favor, retire-se, ou retirarei o véu da sua presença leviana para o Conselho dos Escribas. A presença dela ali estava repleta de má intenção. E de más intenções também era feita escrita. Aurora sempre percebeu que as palavras de Atreya aprisionavam quando deveriam libertar. A escriba de estrelas não a admirava, isso não era segredo para ninguém, muito menos para Atreya.

Ela ensaiou um caminhar para sair do setor 8, mas foi um movimento falso. A escriba de homens colocou-se diante da escriba de estrelas na tentativa de impedi-la cumprir o seu curso.

— Aurora, Aurora... Sabe... Nem sempre os sussurros são confiáveis. Você já deveria saber disso, afinal sua última obra foi um fracasso

— Saia da minha frente e do setor 8, Atreya. Agora!

Ela soltou um riso irritante e caminhou entre as colunas para sair daquele setor.

Ela não sabe onde está. Mas ela estava procurando por ele à pedido daquele sábio. Ele não é muito confiável, não...

Aurora pegou o pergaminho puro e viu um único rolo de pergaminho

com o selo de uma estrela.

— O que tem nesse pergaminho?

Abra-o.

Ao abri-lo, a escriba viu que o papiro guardava uma história que não tinha final. Mas o mais importante: tratava-se de um pergaminho sobre o Nada e Aurora foi conduzida até o que deveria ser lido e jamais esquecido. Cuidadosa com todo e qualquer papiro, guardou-o de volta no mesmo lugar que o mantinha escondido, para não levantar suspeitas.. Se ele sumisse ou fosse destruído talvez agora não faria tanta diferença. O livro dizia que aquele pergaminho finalmente havia cumprido sua missão.

Ela saiu do setor 8 e, ao subir as escadas brancas em curva, encontrou Yrneh a esperando.

— Pelo seu semblante presumo que você obteve sucesso.

— Acho que obtive mais do que isso. Mas não sei ao certo o que.

— Vamos – ele ofereceu a mão direita chamando-a – Chegou a hora.

A sala branca de escriba de estrela a aguardava. Ficava na área mais isolada e protegida do prédio, o sétimo andar. Daquele momento em diante, aquela seria sua única casa até que a determinação do relato fosse cumprida. Ali ela comeria, beberia, dormiria, e faria tudo isso com um conforto simples que tirasse o foco da sua escrita.

Subiu as escadas até o sétimo andar segurando a mão direita de seu mentor. Não sabia se eram a quantidade de degraus ou o nervoso o responsável pela perda de seu fôlego. O nervosismo tomou conta dela no quarto andar e ela pediu para sentar por alguns minutos.

— Estou sem ar. Yrneh... Mestre... E se....

— Não continue essa frase, Aurora. – disse, interrompendo-a.

Yrneh conhecia as inseguranças da escriba e a tendência que ela tinha em deixar que o medo apagasse todas as possibilidades que estavam à sua espera.

Aurora puxou profundamente a respiração, seu coração batia muito forte e a boca secou. Não eram apenas consequências da escada. Aurora estava com medo.

— Vamos.

Sentiu o braço ser puxado por Yrneh.

— Vamos. Antes que você comece mais um *e se* – disse, puxando-a para continuarem a subida das escadas. Segurando-a firme pela mão, não deu espaço para qualquer outra parada.

Ainda que com medo, Aurora subiria aquelas escadas.

Ao chegar no sétimo andar, encontraram os mesmos sábios do momento da consolidação. Alinhados no extenso corredor de acesso à sala branca, formavam o corredor humano para a passagem da escriba escolhida para a revelação do relato do Sol. Aurora sentiu que eram poucos os bons olhares em sua direção e essa percepção a fez congelar. Mas ela não estava sozinha.

— Eu estou bem aqui.

Aurora olhou para seu lado esquerdo e viu Yrneh. Algo nela queria chorar e gritar ao mesmo tempo. Antes que tudo aquilo eclodisse, ela começou a caminhar pelo corredor humano e procurou não olhar para os rostos, nem mesmo para Margarite. Podia sentir que seu mentor estava andando logo atrás e que ele não economizou no olhar para cada um daqueles rostos.

No fim daquela travessia, Aurora foi conduzida por Yrneh para dentro da sala e ali foram ditas as palavras que uma escriba de estrela deveria ouvir antes de iniciar a leitura e cumprimento de determinação do relato do Sol.

Era a frase que ela mais precisava ouvir naquele momento. Ele não a desejou uma boa escrita, ou aconselhou que ela confiasse em si mesma. A frase foi simples e a iluminou por dentro.

— Eu amo você, Aurora. — ele beijou-a na testa como o pai amoroso que sempre foi. Ficar afastada de sua convivência era a parte mais dolorosa. Mal podia esperar para ver seu olhar paterno novamente a guiar seus caminhos. Ele caminhou até a linha limítrofe que separa a sala branca de tudo que há na Alocse e lançou à escriba palavras de esperança — Até breve!

As lágrimas de Aurora turvaram sua visão, a sala branca se fechou para o mundo externo e, naquele momento, ela foi absolutamente entregue aos desígnios das palavras daquela estrela. O relato do sol seria seu único mundo a partir de então.

Ela não estava preparada para o que leria, nem para a união de mundos e destinos que a aguardavam e da qual ela seria mais que uma escriba. Também uma personagem principal.

Antes de abrir o livro e lançar os olhos sobre o escrito, ela tinha uma incumbência sagrada: o juramento de escriba.

— Eu, Aurora Senitram, escriba de homens da ilha de Creta, temporariamente escriba de estrela, juro neste momento lealdade, segredo e silêncio sobre pergaminho de relato de Sol em fase de Supernova que no

desvelamento me foi confiado, e confirmo neste momento o propósito do sussurro de meu nome que seguirá firme até que a determinação deste relato seja cumprida até seu derradeiro fim.

Com o juramento firmado, abriu o livro. As primeiras linhas do relato a arrebataram. O escriba estava ali, o mesmo que por um motivo terrível não pode selar o livro.

Era a primeira vez que lia um relato de estrela onde um escriba de estrela se apresentava juntamente com seu juramento, um bem similar ao meu.



LEITURA DE DESCOBERTAS

A sala onde Aurora cumpria a função de sua leitura e escrita tinha o nome que realmente a caracterizava: sala branca. Paredes, chão e teto eram feitos do mais límpido branco, dando oportunidade de todas as cores apenas à mesinha depois que um escriba iniciasse suas primeiras palavras escritas. Primeira transparente, a mesa de escrita tornava-se translúcida, refletindo infinitas cores cuja origem era desconhecida, mas a presença era certa. E como assento na mesinha, uma cadeira branca talhada por um carpinteiro da mais alta confiança da AlocseDevidamente sentada em sua posição de escrita, Aurora leu o juramento no qual Fliont, escriba sênior das estrelas, enviado pela Ordem dos escribas dos Confins do Universo, jurou lealdade e silêncio, e naquele momento ela compreendeu que o escriba era alguém de uma posição muito importante na linhagem dos escribas de estrelas; ele era alguém que ela não poderia ser, pensou; partiu em leitura silenciosa e dolorosa de quem diminuía a própria existência por achar-se não ser quem é.

A escrita de Fliont era repleta de paixão. Aurora queria escrever tal qual ele. Ela já escrevia, mas não conseguia ver isso.

A voz da escriba foi pouco a pouco se erguendo na sala branca, algo dentre dela sentiu necessidade de mostrar a própria grandeza para retirar os adormecidos de seu sono de morte. Pouco a pouco ela podia ouvir seu próprio som em voz irme reverberando as observações iniciais do escriba de estrela sobre a real natureza de uma Supernova.

Aurora entrou em estado de vida e nunca mais saiu de lá.

— *A fase de Supernova é a mais delicada de todas, como escriba tenho ciência de que não se trata de um processo de morte como a idealizada pelos Homens, mas sim de um retorno ainda mais profundo para casa.*—
diante daquela frase, Aurora chegou a uma fácil conclusão – Fliont, você é um gênio!

Uma estrela nunca morre. Ela apenas volta pra casa. Com o Sol não poderia ser diferente.

Segurou o rosto com as duas mãos, apoiando o cotovelo na mesa de vidro translúcido e transparente enquanto lia as palavras seguintes. Sabia que

precisava começar a escrever o que lhe competia, mas o Sol ainda não havia iniciado seu relato. Apenas Fliont estava presente nas primeiras folhas.

— O que é isso? – sentiu a mão direita arder levemente em um frio. Era com a destra que Aurora escrevia.

Coçou a mão tentando aquecê-la e seguiu a leitura.

— Hum.... Interessante... Foi a primeira vez dele como escriba responsável por escrever e documentar o relato de uma estrela em fase inicial de supernova – Aurora arregalou os olhos - e de um Sol nessa mesma fase inicial.

A escriba reconheceu naquela informação o mesmo peso de responsabilidade que carregava. Também era sua primeira vez na escrita de revelação de um Sol em fase inicial de Supernova. Ela sabia que Fliont não poderia falhar em sua escrita pois quando um Sol atinge a proximidade da fase de Supernova – ao contrário das demais estrelas, mesmo quando atingem tal estágio – pode documentar apenas um relato. Assim como Fliont, ela também não podia falhar. E o escriba lembrou o motivo. Aurora fechou os olhos apertando-os pois a responsabilidade daquela recordação também a apertou. E mesmo assim, ela leu em voz o alto o motivo de sua reação.

— Um sol, o astro mais belo e pleno de amor a reluzir, iluminando um mundo, presencia muitos momentos, muitas vidas, muitos inícios, meios e fins, vivendo conjuntamente com os que são apadrinhados e amadrinhados pelo dourado de sua existência. – ela respirou profundamente e seguiu a leitura, mas decidiu começar a escrever algo.

Ela precisava escrever algo e suas palavras foram: *Não é todos os dias que um Sol tem um relato a ser passado para um escriba, não é sempre na eternidade que um Sol torna-se uma Supernova. É uma circunstância muito rara, e eu estou fazendo parte dela. Apesar de apenas reescrever o que nesse relato é dito, é a minha letra que fará parte dele por toda a eternidade.*

Olhou para o que tinha acabado de escrever e releu para si mesma.

— Por Zeus, Aurora.... O que você fez aqui?

Não podia apagar o que foi escrito. Em uma escrita de revelação, toda e qualquer palavra é importante. Não existe possibilidade de voltar atrás e retirar o que foi dito.

A escriba decidiu seguir em frente na leitura. Encontrou o escriba explicando todo o ritual de desvelamento do selo, a existência de uma data para o relato vir à público e que um nome seria anunciado no momento da quebra do selo do pergaminho. O nome de Fliont seria a primeira informação

que seria lida por quem estivesse responsável pela revelação do escrito, ele próprio deixou isso gravado com suas letras.

A paixão de Fliont por seu ofício deixou Aurora encantada a cada palavra lida. A escriba sentia isso no nanquin escrito à pena. Mas uma informação a levou do encantamento para o susto. Foi pega de forma inesperada e o questionamento do que realmente o escriba quis dizer com o que havia escrito fez os batimentos cardíacos de Aurora acelerarem.

Fliont escreveu em letras firmes que não importava o que tentassem fazer para destruir o pergaminho, ninguém conseguiria alcançar esse objetivo. E prosseguiu para surpreender ainda mais com a frase seguinte:

Desde minhas primeiras palavras escritas, este pergaminho estará a salvo de todo mal.

— O que você fez, Fliont?

Aurora teve a própria pergunta interrompida pelo som de passos firmes e um som de porta se abrindo. Ouviu uma voz grave que lhe era familiar chamando o escriba pelo nome em tom de pergunta. Lendo as palavras de Fliont, a escriba fica agitada. Fliont disse que ao erguer a cabeça, encontra um Guardião da Justiça enorme, o maior que já viu e que a voz tem o som de um trovão.

— Eu conheço essa descrição! – Aurora quase grita ao falar essa frase.

Ela rapidamente volta para a leitura na esperança de confirmar sua suspeita, mas o som de porta se fechando fortemente corta seu raciocínio e ela é surpreendida pelo som de novos passos. Dessa vez, quem vem está acompanhado.

Dessa vez não há espaço para suspeitas em Aurora. O Sol chegou e trouxe uma companhia que permaneceria do seu lado até o fim do relato. A escriba riu ao constatar que Fliont ficou boquiaberto ao ver a beleza do Sol e que, mesmo não tendo o escriba dito nada, o Sol percebeu e agradeceu o elogio.

— As estrelas sabem tudo, Fliont. Os sóis sabem mais ainda – disse, ainda com um pouco de riso entre os dentes.

Ao continuar a leitura, Aurora depara-se com a descrição de um Sol com muita doçura nos olhos e o quanto isso encorajou Fliont a fazer um pequeno relato sobre si mesmo no relato do Sol e poderia fazê-lo usando as marcas de brisa no início e no final. Ali nas palavras, encontrou um escriba nervoso e com as mãos trêmulas diante de uma responsabilidade que se

agigantou.

— Você o chamou de *senhor* e ele não gostou? – já não sabia o que mais esperar de surpreendente acerca do Sol.

As surpresas continuaram vindo e Aurora perdeu a respiração. Por um segundo, assim como momentos antes de seu nome ser proclamado como o escolhido para a escrita de revelação, o coração bateu tal qual o coração de um colibri. Ela voltou e leu novamente a mesma parte dezenas de vezes esperando ter lido algo errado ou ter se enganado acerca do nome que o relato apresentou.

Mas não houve engano dela, nem do Sol.

Levantou da cadeira rapidamente, que virou e tombou com a força do movimento da escriba. Mexia as mãos diante do corpo tomada por uma mistura de sentimentos.

Retornou até o livro e leu a mesma parte novamente, ainda de pé. Mais uma vez se agitou.

— Não pode ser o mesmo menino. É impossível!

Sentou em sua cadeira de escrita com um movimento furioso e leu para si mesma em voz alta as palavras ditadas pelo Sol e transformadas por Fliont em uma breve introdução do relato:

“Não é todos os dias que um Sol escolhe uma única história para contar. E foi a partir desse relato que ele, Fliont, o escriba de estrelas, conheceu a história de Esteban, um rapaz que parecia um pouco perdido, em um verão na cidade de Paris. Um dia ele deitou na grama dos Inválidos, fechou os olhos e quando os abriu já não estava mais em Paris, mas no Território. Não era mais Esteban, era Nabetse. Era seu próprio nome revirado.”

— Não....

Passava as mãos sobre a folha onde estava escrito o nome que mais lhe assustou. Apertou a mão direita sobre o nome esperando algo que ela não sabia o que era.

— Não... Não é o mesmo personagem. Deve ser outro. É isso.

Percebeu algo.

— Paris? Isso é um lugar?

A mão direita ardeu em um fogo gelado mais uma vez e Aurora voltou a se concentrar em sua leitura, tentando esquecer o turbilhão de emoções que a assolavam. Logo em seguida, aprendeu que no lugar chamado Paris há um antigo hospital transformado em museu que guarda relíquias de

guerra do mundo onde a história do relato aconteceu. E que foi na grama desse lugar que o menino com o nome que ela já conhecia, decidiu se deitar.

A escolha de um único relato de vida tornou as coisas muito difíceis para aquele Sol quando ele precisou começar a falar tudo o que viu. E Aurora leu diante de si as palavras que expressaram a dificuldade encontrada pelo Sol que não sabia por onde começar. O astro-rei suplicou a ajuda do escriba que o orientou onde procurar as melhores palavras para a história. O Sol fechou os olhos, respirou fundo e deixou a sala branca completamente dourada.

— Isso não está escrito aqui mas eu estou vendo... Como isso é possível?

O dourado da sala se intensificou deixando a escriba sem enxergar. A mesa de escrita sumiu de seu campo de visão e tudo o que ela via era o reflexo de uma forma de estrela com vários raios saindo de seu centro, e em volta desse centro, elementos que se movimentavam.

Sons estranhos e enlouquecedores brotaram do chão.

A visão de Aurora começou a retornar e ela constatou formas que lhe são desconhecidas. Estava diante de carros, motos e ônibus, e todos estavam contornando o centro do que antes era o núcleo de uma estrela. Tendo sua visão ainda mais clara, ela viu que os raios da estrela na verdade eram ruas e que o centro de onde todas elas partiam, guardava um arco.

Em pé, no centro do Arco do Triunfo, em Paris, Aurora não entendeu o que estava acontecendo.

— Como eu vim parar aqui?

Pessoas de vários tipos e várias linguagens passaram pela escriba. Os diferentes sons de suas linguagens deixaram-na encantada. Uma dupla conversando apenas com o movimento das mãos chamou sua atenção mas o arco começou a encolher e ela não pode mais tentar descobrir que idioma era aquele. Tudo em volta do imenso começou a desaparecer e as pessoas que estavam debaixo de sua cobertura foram uma a uma sugadas para um centro que tudo puxava. Aurora acreditou que também seria uma dessas pessoas. Em um impulso encolheu os ombros e entortou a cabeça para esquerda aguardando ser sugada com toda força, mas ela permaneceu exatamente onde estava.

O dourado surgiu novamente, deixando-a cega mais uma vez e entregue a uma visão intensamente branca da sala onde estava fazendo a leitura do livro do relato do Sol, ainda sentada em sua cadeira de escrita e

diante da bancada de vidro transparente.

— O que foi tudo isso?

A voz de Fliont e do Sol ecoaram na sala branca e uma nova parte do relato chegava ao alcance de Aurora. O escriba auxiliava o Sol a descrever o que o menino fazia antes de seguir para a Esplanada dos Inválidos em Paris. Ele estava numa fase em que escolher o que quer fazer era essencial, mas ele não sabia o que escolher, o que fazer e queriam escolher por ele. Ele não aceitava isso. Ele teve a pior briga com o pai, em plena viagem de férias e decidiu sair sozinho. Paris estava cheia de pessoas fazendo piqueniques pela cidade. Foi até essa cidade, atrás da alegria que toma as pessoas nessa estação. Andou perdido sem saber o que fazer, não sabia nem se ia pra esquerda ou para a direita, até que optou por pegar um metrô com sentido à estação George V. Desceu ali e, quando se deparou com o Arco do Triunfo olhou para e conseguiu vê-lo em plenitude. O Sol anunciou que aquele era um dos rostos mais tristes que ele já tinha visto. A escriba pode ver o semblante de Nabetse e aquela visão partiu seu coração em diversos fragmentos.

A sala ficou toda dourada mais uma vez. Aurora viu-se de pé ao lado de Nabetse dentro de um ônibus e ele estava suplicando por ajuda. Ele desceu próximo ao Museu dos Inválidos, e a escriba já estava lá aguardando-o para acompanhar cada um de seus passos no relato. Ele quase entrou no prédio, então parou, olhou para outra direção, e saiu correndo. A escriba imediatamente correu junto e chegou ao local de seu destino: o Museu Rodin, mais especificamente, a área do jardim onde fica exposta a parede do Inferno com seus sons agonizantes.

A escriba não aguentou aquele som por muito tempo. O som do tormento das vozes criaram nela a maior angústia de sua vida e foi impossível respirar. As pernas enfraqueceram e ela colocou-se de joelhos diante da grande placa de bronze.

— Por favor, faça isso parar! – pediu colocando a mão no peito.

Um vórtice prata surgiu no meio da placa de bronze e sugou todas as imagens do Inferno para dentro de si. Aurora colocou-se de pé e observava atônita a expressão ainda mais intensa de tristeza no rosto de Nabetse. Uma lágrima correu em sua bochecha esquerda. Ele a enxugou e caminhou na direção da saída do museu, seguindo para a Esplanada da área dos Inválidos e deitou na grama, mesmo com o imenso calor que fazia na hora daquela manhã. Ele fechou os olhos e permaneceu assim, por um bom tempo. Quando

abriu os olhos,olhou para o límpido céu de Paris com algumas marcas de avião de cruzeiro riscando a perfeição do azul.

A voz do Sol ecoou. Ele anunciou que estava pronto para atingir seu ápice naquele dia no exato momento que Nabetse fechou os olhos novamente. Aurora foi trazida de volta à sala branca e à sua posição de leitura pelo dourado do Sol. Lançou seu olhar sobre o livro e leu as palavras seguintes para si mesma. O Sol contava que estava pronto para atingir seu ápice quando o menino fechou os olhos novamente, e que foi ali na hora mais alta de todos os dias, quando os sóis atingem seu Zênite que tudo aconteceu.

Os olhos de Aurora ficaram repletos de lágrimas. Ela havia chegado à frase que a grande condutora do livro que escreveu. A frase estava ali, ilesa, exatamente igual. Tentou ler em voz alta mas a voz falhou, embargada pela emoção. Estava diante do ponto inicial de tudo que havia transformado sua vida.

Decidida a dar som aquela frase dentro da sala branca, ela respirou fundo e disse, ainda que um pouco trêmula:

— O menino abriu os olhos e viu uma manhã estrelada.

Enxugou as lágrimas e tentou se recompor. Havia lido algo anterior a isso que era importante, mas passou despercebido diante da emoção. Ela voltou e leu a parte novamente, foi quando descobriu que aquele relato era algo muito maior do que qualquer um podia imaginar.

Não se tratava de um relato de um Sol a caminho do estágio de Supernova. O astro-rei informou sua real natureza. Ele era um Sol desvelador.



O DESVELADOR

Ele já não estava mais em Paris, mas no Território. Já não era mais Esteban, era Nabetse, eu mesmo havia revirado seu nome e dado a ele um recomeço. O campo no qual estava deitado era imenso. Ouso dizer que parecia não ter fim. A grama era média, fofa e acolhedora. Por alguns segundos, deitado ali, mesmo com os olhos abertos observando – ainda sem consciência – um céu novo, ele não se sentia mais tão perdido e a tristeza não morava mais dentro dele.

Estas palavras ditas pelo Sol no relato deram à escriba a certeza de que a realidade daquele menino foi mesmo recriada.

Assustada pela descoberta, Aurora permaneceu imóvel por longos minutos.

Um Sol desvelador tem poderes incomuns. Ainda que a essência de seus movimentos seja um mistério, é de conhecimento de toda Hélade que em um giro desse Sol tudo pode ser modificado e que um feixe de seu dourado pode criar e recriar.

A escriba deu um pulo em sua cadeira e mostrou-se indignada com uma atitude que o Sol desvelador sobre Nabetse. De treze anos, o menino agora levado ao Território, foi levado para a idade de vinte e um anos.

Você o envelheceu???!!!, gritou o pensamento de Aurora.

Leu novamente a parte e a indignação cresceu dentro dela. Ela gostava de lembrar do menino tendo apenas treze anos. Isso significava que muito da história estaria diferente daquele ponto em diante e que o menino, definitivamente, não era mais o mesmo.

— Por favor, me diga que o céu ainda é do mesmo jeito.

As linhas seguintes foram lidas tomadas pela aflição que só cessou quando os olhos de Aurora encontraram a descrição do céu intacta. Ele ainda permanecia o mesmo. A manhã estrelada estava salva e o agora rapaz de vinte e um anos colocou-se de pé sob a grama de um verde repleto de vida com pequenas flores amarelas que saíam na ponta de cada folha de grama, olhou novamente para o céu e girou o corpo para que a visão fosse de um

perfeito trezentos e sessenta graus.

Foi levada juntamente com o rapaz para mesma experiência diante daquela manhã repleta de estrelas, vendo o céu estrelado com riqueza de detalhes. Ouviu a voz dele modificada pela idade, e isso a incomodou. Ele se perguntava se tudo aquilo era real e beliscou o próprio braço procurando na dor física uma confirmação da realidade..

Aurora lembrava exatamente o que vinha a seguir. Mais precisamente, quem vinha ao encontro de Nabetse e ela estava acompanhando o Sol durante seu relato: Edys, a primeira das Estrelas Sábias, deu as boas-vindas ao rapaz. Vestida em um belo amarelo e com a bela pele da cor da noite, a estrela era a possuidora do mais belo dos sorrisos.

Aquela bela visão não perdurou muito. Uma a uma as estrelas começaram a desaparecer e o céu esmaeceu até atingir o completo branco.

Aurora estava de volta a completa visão da sala branca mas apesar não poder ver Edys, a voz nítida da estrela fez-se presente e pegou a escriba de surpresa. Ainda que os olhos de Aurora não estivessem repousados sobre o livro e a leitura estivesse em execução, o som de Edys brotava por todos os lados da sala, e a voz de Nabetse acompanhava o som de Edys, quase imperceptível.

Em toda a potência de seu som estelar, Edys anunciou saber tudo sobre Nabetse. O coração de Aurora pôs-se feliz como o de um colibri. Sentiu que aquela frase também podia ser para ela.

Edys sabia ler pensamentos, como toda estrela. E as palavras ditas por ela foram no idioma que Nabetse compreendeu perfeitamente desde o início, apesar dela não ter movido a boca. Era a verdadeira língua do Território, seu idioma oficial: o pulsar, um idioma que só pode ser sentido.

O relato descrevia exatamente como Nabetse entendia o que Edys falava: os pulsares da estrela refletiam no peito do rapaz, indo direto para seu coração e isso bastava para que ele entendesse plenamente tudo o que ela dizia. Mas a escriba também leu que nem tudo foi tão fácil assim. Nabetse ficou confuso algumas vezes e se forçava a ver Edys falando para finalmente compreender algo. Quando a confusão o alcançava e ele questionava algo, um beliscão de calor atingia sua pele.

A escriba recordou de Mestre Yrneh e de como, com o passar dos anos, aprendeu a conversar com ele apenas com o olhar. Palavras não precisavam ser ditas, não havia necessidade de som. O silêncio batia em seu peito e ela entendia tudo o que seu mentor falava.

A mão de Aurora ardeu quase em chamas. Ela deu um grito, assustada. Olhava para a destra ardendo em um fogo prata. O fogo se espalhou por ela. Aurora começou a ouvir a voz de Fliont perguntando se ele também tinha *irisinter*. Ela não compreendia como ele perguntava sobre aquilo se ainda não haviam chegado a parte do relato que falava dos olhos de Nabetse. *Irisinter* é a essência de cada pessoa e ela fica guardada no centro dos olhos.

Os olhos de Nabetse sempre foram um mistério indagando os personagens do livro escrito por Aurora. A própria Edys havia ficado preocupada com o que via nos olhos do menino. Mas agora ele era um rapaz e o Sol havia transformado tudo, isso dava a Aurora a esperança que isso também havia mudado.

Quanto à *irisinter* do escriba, O Sol afirmou que sim, não somente como todos os a possuem. A *irisinter* de Fliont era branca e tinha a forma de uma pena de escrita. Ele realmente havia nascido para escrever.

Um beliscão alcançou o braço de Nabetse e Aurora sabia quem era a responsável por aquela travessura. A infância havia alcançado seu curso na história na forma de uma estrela criança chamada Pequena Estrela. Era uma menina de olhos meigos e cabelos pretos cacheados que caíam em seus ombros formando feixes de luz. Ela tinha apenas uma função: beliscá-lo enquanto ele não acreditasse e tudo aquilo para ela era uma deliciosa brincadeira. Em meio a sorrisos e gargalhadas, mais beliscões. Aurora se divertia com aquele momento da leitura, mas sua diversão não durou muito tempo. A esperança de que tudo havia se renovado no rapaz não foi confirmada. Edys seguia fugindo de olhar diretamente nos olhos dele e apenas por estar tempo demais em sua presença, sentiu-se estranha.

Repreendida pelos beliscões dados em Nabetse, a Pequena Estrela desapareceu envergonhada. Havia ferido o *Critterium*. E quando o rapaz perguntou sobre o que se tratava isso, a sala branca onde Aurora estava tremeu com a resposta. Foi o exato momento da chegada de Margorp, o segundo das Estrelas Sábias, irmão de Edys. Com a mesma cor de pele fabulosa e trajando um azul royal, o pulso grave da estrela demonstrava que ele não era do tipo que se preocupava com o trato. Ele era direto, sem curvas e muito pontual. Não poupou em se aproximar de Nabetse e fazer um breve comentário, ainda que não muito revelador, sobre a *irisinter* do rapaz.

Os três foram saudados por um vento quente e gentil procedente do norte. Nabetse sentiu um imenso calor no peito e um leve formigar nas

mãos.O vento do Território soprou em seus ouvidos o convite para uma tentativa de lembranças. O rapaz olhou para todos os lados esperando que a voz estivesse em algum lugar e quando percebeu que não havia ninguém de carne e osso, ficou frustrado. Achou que se tratava apenas de uma brincadeira com sua imaginação. Mas não brincadeira, muito menos ilusão.

O vento além de ser muito real,tinha voz e funcionava como uma importantíssima forma de comunicação.

E foi com a força de sua realidade que ele vento invadiu a sala branca.A intensidade de seu sopro arrancou as folhas de papiro da mesa onde Aurora estava escrevendo sua escrita de revelação. As folhas espalharam-se pelo chão. Algumas escritas e muitas em branco, todas se espalhavam com força pelo espaço. Um vórtice de folhas se formou no centro da sala branca e Aurora achou melhor não chegar perto, permanecendo sentada.

Aurora.

Alguém chamava seu nome e vinha do centro do vórtice de folhas. Era uma voz masculina, levemente rouca, que ela desconhecia.

Aurora.

O vento se intensificou e o vórtice ganhou força. A escriba se levantou.

Aurora.

O coração da escriba acelerou ao máximo quando o centro do vórtice começou a se expandir e as folhas se aproximaram de seu corpo. Ela não tinha para onde correr,mas procurou abrigo em uma das paredes brancas, voltando o rosto no sentido contrário do vento. As folhas batiam nelas e passavam raspando em seu rosto. A velocidade do vento elevou a altura do giro das folhas e elas não mais passavam pela escriba.

Agarrada à parede, apertando os olhos e resistindo ao intenso redemoinho de vento, Aurora sentiu algo tocar seu cabelo. Um afago carinhoso e aquilo lhe era familiar. Não lembrou de seu Mestre Yrneh, mas lembrou de alguém, porém ele parecia não pertencer as suas memórias mais recentes, ainda que o toque em seu cabelo jamais tenha sido esquecido. Em um movimento de curiosidade, ela se virou e viu, em um relance, a mão de um homem afagando uma mecha de seu cabelo. Depois da mão, seu olhar captou o sorriso do homem, e Aurora quase chorou com aquela imagem. Havia nela uma saudade daquele sorriso e, mais ainda, de seu dono.

— Quem é você?

A sala branca foi se expandindo e ganhando cores. Um extenso campo de oliveiras se apresentou diante de Aurora, e em pé sob suas trêmulas pernas, observou homens, mulheres e crianças em festa com a colheita de azeitonas verdes e pretas. Era a colheita dos primeiros frutos daquelas árvores.

Na festa de celebração dessa colheita, música e dança ecoavam como sinal de proteção àquele chão e sua gente. O solo recebia pisadas fortes da dança dos homens que, bailando enquanto seguravam um no ombro do outro, enviavam a mensagem clara que aquela terra era vigorosamente protegida por eles.

Um dos homens chamou a atenção de Aurora, e ela se aproximou para olhar-lo mais de perto.

Aurora.

Ao buscar o rosto dele, as cores explodiram e o vórtice se desfez ferozmente.

Aurora gritou encolhida na parede imaginando que tudo havia acabado e que a sala branca iria pelos ares com a explosão. Mas apenas as folhas estavam no ar, flutuando leves e sem qualquer pressa de chegar ao chão.

— O que...? Quem é ele? – os olhos eram o próprio mar em água salgada –

QUEM É ELE?

Rueil Malmaison, 27 de agosto de 2017.

Paris é ótima para inspirar. A arte está em todos os lugares e não somente em museus. Está nos detalhes das pontes, em portões que guardam a entrada de condomínios aristocráticos, na fachada de prédios, nos bouquinistes e nos músicos de ruas vindos de várias partes do mundo. Paris inspira, mas também distrai. Passei longos dias bebendo da fonte sem escrever uma única palavra. Preciso sair do centro de Paris, mas não quero me afastar muito. Não quero e não posso. Eu preciso de Paris. Por sorte, em 2013 conheci Rueil Malmaison, uma comuna francesa bem próxima de Paris. Aqui eu poderei escrever melhor e quando precisar de mais inspirações, Paris estará a quarenta minutos de ônibus em um dia de tráfego tranquilo. A estação de metrô fica a quase quinze minutos de caminhada.

O apartamento não é grande, mas é o suficiente para o meu isolamento. Ou pelo menos para o que eu chamo de isolamento. Eu preciso da solidão pelo menos estes dias, e mais ainda, espero que um dia minha família me entenda. Meus pais e minha filha. Já vivi muitas demandas que não eram minhas e, ao me doar demais, acabei esquecendo que eu também existia. Eu esqueci dos meus sonhos e perdi dentro de mim o sentimento da esperança. Eles sempre foram a âncora da minha alma. Como aguentei sobreviver? Como consegui respirar todos esses anos sem alimentar meus sonhos?

Há chegado um momento em que preciso parecer egoísta e me afastar para viver a minha maior demanda. Não estou abandonando ninguém, apenas não quero mais me abandonar.

Chegou a hora de ser quem sou.

Não há como a arte da escrita se fazer em mim com o turbilhão do cotidiano e com meu nome sendo chamado inúmeras vezes durante o dia, ou então nas qualidades sob as quais me faço: mãe e filha.

Eu preciso de um pouco de solidão para sentir novamente a minha escrita. Eu preciso do silêncio. Eu preciso de mim mais do que nunca. É uma necessidade quase desesperada.

Eu preciso de mim!

Mas há quem não ligue a mínima para o meu desespero, muito

menos pelo segredo que meu trabalho envolve. Não gosto de pessoas bisbilhotando o que escrevo, mas quando dei por mim, ela já estava bisbilhotando.

— Quem foi que lhe deu permissão para ver meus rascunhos, Simone?

— Margarite? Isso não é um romance francês, Aurora.
Arranquei minhas folhas escritas a mão das mãos dela.

— Eu gosto desse nome, eu gosto de margaridas e eu estou na França. Pelo amor de Deus – esperei uma expressão facial dura da parte dela pela referência à palavra *Deus* e não me desapontei. Fui fuzilada com o lampejo do olhar desaprovador – não se meta no nome dos meus personagens!

Ela bufou, pegou a bolsa e fez sinal de que iria sair do apartamento.

— Por que você segue se iludindo com um amor que não existe, Aurora?

Respirei fundo e dei a única resposta plausível, principalmente pra mim. Era a realidade dos meus fatos.

— Eu preciso acreditar nesse amor, Simone. Isso pra mim não é uma opção.

Eu esperei que ela bufasse mais uma vez, mas isso não aconteceu. Houve um certo tipo de misericórdia no olhar dela. Pela primeira vez parecia que ela conseguia entender meus sentimentos.

— Eu o esqueci por anos, menti para mim mesma dizendo que ele não existia. Que não passava de uma alucinação minha, de infantilidade, de um sonho de uma menina que cresceu vendo contos de fadas da Disney e passava perfume em si mesma porque a mãe dizia que um príncipe encantado vinha me beijar enquanto eu dormia.

Por hábito, faço isso até hoje.

— Esquecê-lo foi como abraçar o pior tipo de morte que existe. Foi ser um deserto completo. Eu não quero mais ser assim.

— Entendo – ela suspirou – Bem... O que eu acredito em termos de amor funciona para mim e eu não me sinto vazia porque faz parte da minha verdade, e isso me fortalece. Acho que as coisas funcionam assim: nossa verdade brota do que nos fortalece. A sua verdade brotou, Aurora, e eu vou respeitá-la – ouvi sair dela um suspiro de dor. Havia algo vindo em minha direção em forma de palavras – Mas as vezes, a verdade pode trazer dor – Em pé, diante de mim, ela segurou a minha mão – Não encontrá-lo pode doer

muito.

— Simone, eu só quero escrever em paz para finalmente encontrá-lo.

Não, eu não queria só escrever. Eu queria mais, mas ela não entenderia. Ninguém entende.

— Por favor, tenha cuidado. Esse amor que você busca pode não vir até você e tudo pode ruir. A queda será feia.

Ouvir aquilo doeu muito. Mas o que eu disse a seguir, doeu mais ainda.

— Adeus, Simone. Obrigada por tudo!

Finalmente ela bufou mais uma vez e soltou a minha mão. Eu a convidei a se retirar. E assim ela o fez. A porta da minha imaginação bateu muito forte quando ela passou por ela. Ela bagunçou todos os meus papéis.

— Preciso mesmo digitar tudo. Daqui a pouco até eu vou me perder nesse vórtice de papéis soltos.

Pensei por um momento no vórtice, no vento e no afago sentido pela minha personagem. Suspirei, sentei na escrivaninha de frente para a parede branca, abri meu notebook e comecei a digitar todo o trabalho feito até o momento.

Eu não deveria ter trazido aquilo à tona tão cedo. Agora eu também seria atormentada pelas lembranças de um homem que eu ainda não conheço.



A CASA DA COLINA

Aurora.

A escriba estava sem ar. O vórtice e tudo o que ele trouxe ainda ecoava nela. Quando conseguiu voltar a si, percebeu que as folhas de papiro voavam quando ela começou a pegar algumas com a mão muito trêmula. Nunca havia ficado daquele jeito.

As pernas trêmulas não a ajudaram a caminhar em direção a cada uma das folhas que se espalhavam pelo ar e pelo chão. Ela acelerou os movimentos o máximo que pode e voltou para a mesa transparente.

O vento havia mexido na posição das folhas do livro, e a parte que a escriba havia lido não era mais a demonstrada. Tentando voltar ao ponto de onde havia parado, seus olhos correram levemente o escrito até que a mais fulminante das palavras a atingiu. Uma palavra dita por alguém que serve os piores inimigos do Território: os Sogimini.

A palavra atravessou Nabetse provocando uma onda de dor e sofrimento em seu corpo localizado além das folhas brancas tingidas pela tinta de uma pena. Ele não foi o único a sofrer os efeitos do som metálico da palavra conjurada. Uma palavra ruim forjada por um terrível sentimento chega a lugares distantes e ela chegou à sala branca, em Creta, atormentando Aurora.

Estrangeiro.

Foi repetida três vezes jogando o rapaz no chão. Ele se contorcia com a dor que a palavra gerava.

— Eu não quero ler essa parte. Sei muito bem que o vem depois, não pode ter piorado ou melhorado.

Passou rapidamente as páginas até chegar no ponto que a livraria de

reviver os momentos mais tormentosos do ataque. Não queria reler aquele mesmo servo chamando de *culpada* com separação de sílabas quem veio ao socorro do rapaz, muito menos ser assombrada pela visão de alguém que perdeu o próprio rosto quando se entregou para servir ao mal que assombra o Território.

Procurou-os com dedicação, mas o temor pelo reencontro com os inimigos a fez passar por eles sem os ver. Foram muitas as vezes que não os encontrou.

— Aqui! – celebrou ao ver seus nomes – Rotciv e Otrebor... Rotciv e Otrebor... A casa da colina... O servo já ficou para trás. – lembrou da Guardiã que sucumbiu as investidas do servo e foi levada para o retiro – Alimdur... Será que isso foi renovado?

Buscou rapidamente a parte onde o servo a atacava, e ao constatar que estava tudo igual, bruscamente mudou de página. O servo arremessou sobre a Guardiã palavras que a recordavam a culpa que carregava, e Alimdur não se segurou. Tomada pela raiva de si mesma, ameaçou desembainhar a espada para dar fim ao servo e, com aquela atitude, foi imediatamente chamada para recolhimento junto as oliveiras.

A culpa é um abismo de constante queda para quem verdadeiramente se liberta dela.

— Não. Está tudo igual. Que pena. – lamentou.

Aurora.

— Por favor, seja você quem for... Pare!

Aurora.

A escriba levou as mãos até o rosto buscando abrigo e voltou às páginas do livro lembrando-se que agora Nabetse também era levado ao abrigo que o protegeria. Os desafios de entrada na casa da colina permaneciam. Nabetse precisava acreditar que a casa estava lá, que havia porta e que cabia a ele passar por ela. Apesar de mais velho, a insegurança ainda era muito forte. De alguma forte, ele ainda aparentava ser o menino de treze anos.

Rotciv e Otrebor estavam muito presentes na cena, e isso era um alívio para a escriba. Estava agora na companhia dos Guardiões da Justiça, os personagens que Aurora mais ama pelo simples fato de servirem às árvores que ela mais adora: as oliveiras. Rotciv era um gigante em músculos e coragem, com o semblante fechado e uma voz que fazia qualquer um tremer.

Otrebor não tinha a mesma quantidade muscular de Rotciv, mas os braços levemente definidos demonstravam que tipo um corpo forte. Mas algo nele perturbava as lembranças da escriba e e isso, de certa forma, a deixava desconfortável. Otrebor tinha um belo rosto com um queixo que se destacava, olhos castanho claros com a habilidade de demonstrar doçura e firmeza ao mesmo tempo, e uma interessante cicatriz horizontal na parte superior da bochecha direita. Ambos usavam uma armadura que cobria apenas o tronco de seus corpos e nela o símbolo maior da designação de suas guardas: uma antiga oliveira retorcida.

Estar na presença daqueles nomes ali escritos pela pena de Fliont trouxe à Aurora um sentimento de segurança. Seus nomes de alguma forma a protegiam.

Seguindo a leitura, depois das dificuldades iniciais, Nabetse adentrou a casa da colina e encontrou Enila, a ajudante, dando-lhe as boas-vindas. Somente dentro da casa que os Guardiões se apresentaram à Nabetse.

Um sorriso largo tomou o rosto da escriba ao reler o que acontecia dentro daquela casa. Por muito tempo evitou ficar frente a frente com aquela obra, e agora questionava-se como pode ter sido tão imatura.

Do sorriso largo partiu para a gargalhada diante da descrição de algo novo. Um correio inesperado chegou para Otrebor na forma de uma faísca seguida de um fogo tomou o centro da mesa que Nabetse não podia ver e isso o assustou. Ele deu um pulo da cadeira onde conseguiu sentar – depois de longas tentativas já que também não a via – e pôs-se em posição de ataque com um movimento que lembrava em um lugar muito distante algo de kung-fu.

Calma, valentão. É só o correio guardião.

Aurora se surpreendeu e seu coração acelerou como de costume. Ouviu claramente a voz de Rotciv dizendo a frase, fazendo-a tremer em bons sentimentos por dentro.

O relato dizia que o fogo ganhou forma aos poucos, transformando-se em um papiro dourado com o nome de Otrebor gravado em um selo vermelho. Ao lado do papiro, um pombo de fogo aguardava a leitura e resposta do destinatário. Ainda em chamas, o Guardião tomou o papiro em suas mãos e o leu. Havia sido designado Guardião Líder da guarda de Nabetse em função do retiro de Alimdur.

— Então isso significa que a Líder de guarda era Alimdur... - o lamento de Aurora aumentou e Rotciv além de lamentar no relato comentou

que ela não deveria ter sido deixada a sós com o servo devido algo ser muito recente naquele momento – O que aconteceu para Alimdur reagir daquela forma?

A escriba pensou em voltar à parte que o servo ataca a Guardiã, mas temeu não suportar. Preferiu continuar a leitura. Otrebor, sempre educado, agradeceu ao pombo e a ave entendendo isto como uma resposta consumiu o papiro e foi embora no mesmo fogo que o trouxe. Nabetse comia e assistia a tudo sem entender nada e várias perguntas já o assolavam. Cada vez mais Aurora concluía que Nabetse não tinha os vinte e um anos que o Sol lhe deu.

Foram muitas as perguntas. Aurora organizou cada uma delas, juntamente com as respostas dadas pacientemente pelos Guardiões. Bem, não tão pacientemente. Rotciv revirou os olhos na quinta e derradeira pergunta seguida, e a escriba fez questão de colocar essa observação em suas anotações.

Algumas respostas a deixaram ainda mais curiosa e intrigada. Soube que ao norte além da Velha Sábia ficava o que guiava todo o Território para o bem, as oliveiras, razão de todos existirem, sendo o princípio de tudo e um dia, talvez, também o final.

Os cidadãos ficavam ao sul, leste e oeste. Aifos, a ilha onde estava hospedado Nabetse, ficava ao leste, bem próxima ao ponto do nascer do sol, e era apenas uma das ilhas do Território.

— Bem próxima ao nascer do sol? O que exatamente eles queriam dizer com isso?

Na pergunta seguinte, seguida pela resposta, Aurora quase compreendeu a resposta da própria pergunta. Havia chegado do momento de saber sobre a ilha do servo que atacou Nabetse. E ela leu em voz alta, tomada por um frio que subiu as costas com a descrição da exata localização daquela ilha: muito além de onde o sol se põe e onde jamais ele se levanta. Essa era a exata localização da ilha Sogimini, que carregava o mesmo nome do senhor criador da horda sendo a denominação de todo povo que morava lá.

Aquela leitura provocou uma angústia na escriba. Apesar de não saberem quem são os Sogimini, algo dentro dela conhecia um pouco da natureza daquele inimigo. Algo dentro dela os conhecia muito bem. O povo do Território apenas sabiam que eles eram tão antigos quanto aquela terra e que vagavam por ela com extrema facilidade.

Aurora leu algo que lhe parecia novo e muito familiar ao mesmo

tempo: Rotciv anunciava em voz firme que os Sogimini não podiam ser mortos, não por serem imortais, mas porque quem os matava era tomado pela loucura. Otrebor não soube explicar porque exatamente isso acontecia, mas que a última pessoa que havia matado um servo foi tomado pela loucura e, para a própria segurança, foi levado para Mullysa.

Depois de tantas perguntas e respostas anotadas em sua escrita de revelação, Aurora correu os olhos de volta ao livro e encontrou Nabetse caindo de sono em função da comida especial que lhe foi oferecida. Ele bocejou no relato e a escriba não conseguiu resistir, bocejando. Os bocejos do rapaz tornaram-se mais frequentes e passaram a vir acompanhados de uma leve náusea. A visão dele começou a ficar turva, a cabeça pesada e todo o corpo começou a agir de forma estranha. A sala parecia encolher e aumentar de tamanho logo em seguida, ganhando cores fortes e perdendo-as com facilidade. Levantou da cadeira e cambaleou em alguns passos. Bastaram-lhe três segundos de caminhada para que o chão de tábua corrida lhe fizesse companhia. Os olhos ainda se reviravam lutando contra o sono quando uma voz estranha lhe desejou *bons sonhos*. E, depois dessa saudação verdadeira, Nabetse partiu para um profundo sono.

Aurora não podia ceder às investidas do sono, mas seguiu bocejando. O cansaço a alcançou com força, mas ela não queria parar. Apesar do corpo permanecer em repouso, sentado na cadeira de escrita, tudo nela apresentava sinais de cansaço. Os olhos já pesavam, vermelhos... A sala branca por muitas vezes, tal qual aconteceu com Nabetse, encolheu e aumentou de tamanho, mas no caso de Aurora aquilo aconteceu em função do alimento que a escrita proporcionava.

Assim como Nabetse, decidiu ficar em pé, implorando para que não cambaleasse. Encontrou as pernas ainda firmes para caminhar pela sala branca. Seria assim que venceria o peso dos próprios olhos, apesar de evidentemente perder o domínio sobre eles por diversas vezes. As pálpebras fechavam sozinhas e, por duas vezes, dormiu em pé.

— Não, não, não. — aplicou leves tapas no rosto com as pontas — Ele vai acordar de novo. Preciso ficar acordada também. Eu preciso ser uma escriba responsável!

Chegou o momento. Nabetse abriu os olhos e viu um céu do mais belo azul. Por um segundo pensou que tudo não tinha passado de um dos sonhos mirabolantes que constantemente tem, como o último no qual dormia flutuando próximo às estrelas e nuvens em um lugar ainda desconhecido. Ao

olhar para baixo procurando algo para calçar, Nabetse foi surpreendido por uma visão: esteve o tempo todo deitado, suspenso a mais de cinco metros do chão. Pensou rapidamente em gritar por socorro, mas o medo de cair não permitiu. Estava de costas para a porta que não via, quando uma voz conhecida surgiu. Era Otrebor, já esperando a reação assustada do rapaz. O Guardião tinha uma palavra que sempre saía de sua boca que irritava a Rotciv: acalme-se. Com o tempo, escrevendo o livro na biblioteca inspirada pelo sussurro do papiro do Sol, Aurora também passou a sentir-se irritada por essa palavra.

— Você só sabe dizer isso? — perguntou, revirando os olhos.

:

Rueil-Malmaison, 29 de agosto de 2017.

H

á dois dias que me faço uma pergunta: os antigos reviravam os olhos?

Graças a minha brilhante ideia de colocar a escriba revirando os olhos diante das palavras constantes do Guardiã Otrebor, aquele capítulo não consegue andar mais nenhum centímetro. As palavras estão absolutamente bloqueadas e eu só consigo imaginar se Aristóteles, em algum momento de discordância com os ideais de seu mentor Platão, também revirava os olhos.

Chega a ser um questionamento estupidamente ridículo, eu sei.

Tantas idas ao Louvre e não há qualquer resquício de recordação em minhas lembranças de horas e horas analisando desenhos de tábuas com a riqueza de minha curiosidade que possa me salvar e salvar o capítulo que escrevi. Talvez uma nova ida ao museu me ajude e eu consiga fazer uma nova descoberta em um hieróglifo.— Droga. Eu não devia ter pensado em hieroglifos.

Com a imaginação fértil que eu tenho, um estímulo bobo pode ser muito...

— Hórus alguma vez revirou os olhos?

... perigoso.

Os olhos são muito importantes pra mim, principalmente nessa história. A essência do bem e do mal repousa neles. O próprio deus Rá tem seus olhos regenerados na décima primeira hora depois de viajar pelo submundo no antigo escrito Amduat. Os olhos são importantes.

Olhos gregos.

Olhos turcos.

São os mesmos olhos.

Os olhos de Hórus. Deus falcão do Sol que nasceu com seu pai ainda morto, partido em vários pedaços.

Senti o peso de uma certa heresia no meu ato, imaginando o

milénar olho sagrado dos egípcios apresentado de uma nova forma. Era tarde demais. Toth já deve ter escrito isso em sua tábua.

Eu não devia ter mexido com o filho de Ausar.

A Sala das Duas Verdades está a minha espera.



AS OLIVEIRAS

Margorp e Nabetse andaram na direção do norte por um longo tempo, e permaneceram calados boa parte do caminho. Aurora acompanhava tudo muito apreensiva, pois algo esperava mais à frente. Às vezes, saber o que o futuro guarda para os outros pode ser uma terrível assombração. A segunda estrela começou a falar com o rapaz sobre o pulsar, e partiu da informação mais básica e, ao mesmo tempo, mais importante a ser compreendida: todos emitem um pulsar e o segredo está em comandar o pulso da melhor forma.

Um pulsar é necessário de várias formas e em vários momentos da jornada de todos.

— Pode-se usar o pulsar para se comunicar com as estrelas e para proteção contra os servos e seus donos – Margorp seguiu explicando.

Aurora, na sala branca, sentada em sua cadeira de escrita, já estava agarrando firme a pena de escrita para registrar o que ela considerou, naquele momento, a transmissão crucial de todo o diálogo do relato: além de ser o idioma oficial do povo do Território, o pulsar é a energia de tudo que existe ali, e que cada vida, cada lugar tinha seu pulsar, uma identidade particular que diferencia e unia a todos ao mesmo tempo pelas próprias diferenças.

Ao norte pertencia o pulsar forte de tambores firmes. Ao oeste, o ponto oriental, o ritmo melódico marcava tudo que dali se originava. O leste tinha o mais rápido dos pulsares, era terra de colibris. Quanto ao sul, cabia o pulsar pausado, erroneamente entendido como o mais triste de todos.

Aquele ponto, eles caminhavam por um campo com muitas oliveiras, e estava certo que uma delas teria um papel importante naquele dia que estava reservado para que Nabetse aprendesse a sentir o pulsar. Creta também possuía um lindo e vasto campo de oliveiras, a escriba se lembrava dele com riqueza de detalhes, mas não recordava a exatidão do tempo em que não pisava mais naquela grama.

— A árvore proibida... - sussurrando, a escriba constatou que havia

chegado em um momento importante. Ela lembrava dos detalhes daquela caminhada de Margorp e Nabetse.

Foram muitas perguntas feitas pelo rapaz, mas somente a que se referia a uma imensa e frondosa Oliveira à esquerda de ambos que obteve resposta. Aurora não hesitou a escrever mais um fragmento de revelação ali contido.

Guardada por um enxame de seivas raivosas, a Oliveira em questão era um tipo de árvore ao qual nem mesmo os Guardiões tinham acesso. O acesso é raro e aberto apenas pelo que há do outro lado. Nabetse borbuhlava com uma pergunta enquanto Aurora queimava por dentro carregando o mesmo questionamento: o que havia do outro lado?

A escriba perdeu-se em seus próprios pensamentos e divagações.

Essa Oliveira ainda está lá?

*

Pararam diante de um conjunto de Oliveiras. Dentre elas, uma chamava a atenção por reluzir com o sol. Era bem antiga, mais retorcida e arqueada do que as outras, o que destacava sua beleza diante das demais.

Nabetse foi alertado que as árvores são desconfiadas e podem atacar a qualquer sinal de perigo. Somente quando Margorp sinalizasse o rapaz poderia chegar mais perto. A estrela caminhou na direção da Oliveira que reluzia, aproximando-se cada vez mais de suas folhas. Apesar de aguardar pela estrela e seu convidado, a Oliveira reagiu à proximidade ficando com as folhas ouriçadas, como o rabo de um gato ao se sentir ameaçado. Margorp conversava com a árvore, que ouvia atentamente cada palavra da estrela. Mas antes de obter uma resposta acenou para Nabetse, indicando que podia, finalmente, chegar mais perto. Quando este dava o terceiro passo, a Oliveira acenou positivamente, indicando que iria ajudar.

Nabetse foi pego de surpresa. Assustador e necessário, como o próprio Margorp definiu. Uma árvore é feita de muitos elementos: raiz, tronco, folhas, casco... Mas o mais intrigante de todos eles é a poeira que cobre seu casco. Ali está contido o maior de todos os seus poderes, e em se tratando de uma Oliveira, o poder dessa poeira não tem qualquer limitação.

A poeira verde-oliva que vivia no casco da Oliveira saiu feroz em direção à Nabetse, que gritou assustado. A estrela já conhecia o procedimento, mas naquele dia presenciaria algo diferente e para o qual não

estava preparado. Da poeira começaram a brotar seivas, que lembravam o enxame raivoso que Margorp mencionara. E, naquele momento, elas realmente estavam raivosas, para surpresa da estrela.

Na sala branca, a escriba lia – e via – tudo apreensiva e dando longos suspiros de dor.

Juntas, poeira e seivas formaram um ciclone feroz, que tomou conta de Nabetse. Margorp preocupado decidiu aproximar-se da velha Oliveira e lembrar que nada daquilo foi combinado.

— Hoje será diferente. — disse Aurora em voz alta, juntamente com a mesma resposta dada à segunda estrela por umas das Oliveiras. Mas ela não teve coragem de ler em voz alta o momento em que a mesma Oliveira ordenou à estrela que ela voltasse a sua morada e deixasse o rapaz sob o cuidado das árvores.

Sentido-se abandonado pela partida de Margorp, Nabetse gritou em dor suplicando que não fosse deixado sozinho no centro do redemoinho de poeira e seiva. Lembrando o que vinha em seguida, Aurora riu. As Oliveiras iniciaram um curioso diálogo umas entre as outras sobre o mau humor de Margorp e o quanto preferiam as outras estrelas. O alívio por estarem livres de uma estrela com características ranzinzas e antipáticas foi incisivamente pontuado pela palavra de cada uma delas.

Em círculo, as árvores pararam de falar entre si apenas para que tivesse início o treinamento de pulsar de Nabetse, e ele pudesse finalmente sentir o que Margorp havia explicado momentos atrás.

A Oliveira Anciã ordenou e a poeira obedeceu: em uma carona no vento, descolou-se do enxame de seivas e foi novamente em direção a Nabetse, impregnando em seu corpo, entrando pelos poros de seus braços, peito e pernas. Um pouco de poeira de oliveira entrou por sua garganta, fazendo-o acreditar que sufocaria até a morte. Ele realmente acreditou que estava à beira da morte. Uma dor sem precedentes o invadiu.

Agente, Nabetse. Elas estão te trazendo de volta.

O pulsar do rapaz estava perdido. O que nele se apresentava não o pertencia, havia sido colocado ali com o pior dos intuitos, provavelmente despertar o que de mais sombrio há ali. Mas o pulsar estava apenas perdido, não destruído. Todavia, não era fácil achar um pulsar perdido e trazê-lo de volta, nem mesmo para uma Oliveira Anciã como aquela. Foi trabalhoso. Às Oliveiras cabiam vagar por todo o Território e encontrar a identidade do rapaz. À Nabetse, três coisas: aguentar, gritar e sobreviver à dor. Somente ele

podia vencer esses três vales. A dor ficou intensa, quase insuportável. No ápice, o grito de dor escapou do livro e ecoou pela ilha de Creta

A sala branca ficou estranha. Passos firmes craquelavam o chão de mármore e o tom branco das paredes esmaeceu a cada pisada dada.

Rapidamente Aurora colocou-se de pé e puxou para si os papiros já escritos por ela sobre o relato do Sol. Estava disposta a protegê-los a qualquer custo. Desembainharia uma espada se a tivesse a seu alcance.

— O que está acontecendo?

A porta iniciou a perda de selo e ganhou a forma de portal que só era possível ser visto por fora, possibilitando que quem ali estivesse pudesse entrar.

— Margarite, o que a senhora está fazendo aqui! – a guarda das letras adentrou a sala branca juntamente com a Sábia.

— Aurora, você está bem?

— Estou muito bem, ainda muito confusa, em êxtase para falar a verdade...

— Não fale demais.

A escriba olhou para a porta aguardando que mais alguém entrasse por ali. Procurava encontrar seu mentor vindo em seu encontro, mas isso não aconteceu.

— Onde está Mestre Yrneh? Por que ele não veio com você?

A Sábia hesitou em falar algo.

— Ele se foi. – os olhos de Aurora ficaram imensos e assustados – Sumiu da noite para o dia e deixou apenas algo para ser entregue a você quando tudo terminar,

— Como ele pode ir embora assim? Não entendo. O que ele deixou?

— Não sabemos, está lacrado, somente você poderá abrir.

Aurora olhou para a guarda em pé guardando a entrada da sala branca para que mais ninguém além de Marguerite entrasse.

— O que houve para a sala perder o selo?

— A sala sumiu por dias. Ficamos muito atordoados.

O acesso à sala tinha desaparecido. Mesmo selada, a porta tem os círculos para a abertura em caso de necessidade urgente, como o sumiço dela por dias. Mas os círculos, a sala e Aurora haviam sumido. Isso nunca tinha acontecido em Creta.

— Dias? Mas eu estou aqui há algumas horas apenas.

— Aurora, você está nesta sala a quarenta e cinco dias.

— Não. A senhora deve estar enganada. Eu perceberia se estivesse aqui tanto tempo.

O tempo estava correndo muito diferente entre aqueles dois mundos, uma quebra havia acontecido e a sala branca parecia não mais pertencer a ilha de Creta.

— Conselheira, o que está havendo? Eu nunca a vi assim – a escriba percebeu que havia algo mais intrigando Margarite.

— Tudo está muito estranho lá fora, Aurora. É difícil até mesmo para mim descrever. – Margarite abriu a boca, mas não disse a palavra que lhe ocorria na mente. — Algo nos ronda... E é difícil até respirar.

Aurora tentou compreender as palavras da Conselheira, mas o isolamento não a ajudou.

— O mundo pesa sobre nós, Aurora. – olhar de Margarite ganhou profundidade junto com suas palavras.—Mais do que nunca precisamos das palavras desse Sol.

— Pelas estrelas... Preciso acelerar o desvelar então...

— Não, respeite o tempo e o ritmo do relato. – ela chamou a guarda – Selem a porta novamente. Está tudo bem. Até breve, Aurora.

Quando Margarite estava se virando para ir embora, a escriba segurou em seu braço. O que ela faria ia contra todo o protocolo e seu próprio juramento.

— Conselheira, o relato... Margarite bruscamente puxou seu braço da mão de Aurora – Ele...

— Não blasfeme a escrita, Aurora! Não me conte nada!

— Por favor, eu preciso lhe contar. O menino...

— Aurora! – as sobrancelhas arqueadas da Conselheira demonstravam a profunda decepção com a conduta da escriba — Calada!

A Conselheira rapidamente se retirou da sala. Aurora a viu cruzando a porta sem olhar para trás.

— Selem! – ordenou.

Do lado de fora, os guardas utilizaram as penas no topo de suas lanças, fazendo cada um o desenho de um círculo com uma leve ponta. Dois círculos se formaram e se encontraram formando o novo selo que lacrou a passagem para a sala branca, levando consigo o desenho da porta.

Rueil Malmaison, 2 de setembro de
2017.

Estou me sentindo despedaçada. A decisão pela solidão para escrever começa a pesar sobre meus ombros e o meu coração. Começo a me sentir culpada por ter abandonado minha família por esses dias, mesmo que tenha deles toda a compreensão e apoio. Pai. Mãe. Filha. A culpa me rasga ao meio. Que espécie de mãe eu sou?

Como posso esperar obter sucesso na minha escrita se para isso preciso me afastar da minha filha? Sou um ser humano desprezível. Não mereço a filha que tenho. Ela merece uma mãe melhor. Não sei se tenho capacidade para ser uma boa mãe.

Talvez eu deva parar de escrever de novo e voltar para a realidade. Sonhos não pagam as contas, as pessoas me dizem muito isso e, provavelmente, elas devem estar certas.

Tudo o que tenho é apenas um sonho tolo de escrever e essa escrita ser não somente meu alimento, mas também meu ganha-pão.

Felizes são aqueles que tem o que mais amam como profissão.

Eu amo a escrita. Amo escrever. Amo ser escritora. Escrever é mais do que o que eu faço. Escrever é, nitidamente, o que eu sou.

Sinto a tristeza e a descrença me rondando mais uma vez com a mesma força que me arrebatou para longe de tudo que eu acreditava há cinco anos...

O que estou fazendo?

Não posso desistir de mim!

Paris, 4 de setembro de 2017.

Rue de la Bûcherie, número 37.

Shakespeare and Company.

Endereço do paraíso da literatura inglesa e dos aspirantes à escrita. Em troca de duas horas de trabalho, leitura de um livro por dia e escrita de um diário biográfico é possível se hospedar de graça e dormir por entre os livros. Isso já esteve nos meus planos um dia.

A livraria já abrigou James Joyce e ofereceu-se como selo de publicação da primeira edição de *Ulysses* ainda em seu antigo endereço, antes de fechar as portas com a invasão nazista. Silvia Beach se negou a vender livros àqueles que o queimavam.

Agora, na Rive Gouche, o alfarrábio literário mais charmoso da cidade luz segue sem planos de encerrar sua magia e acredito que deve ter relação ao hábito de tratar estranhos com hospitalidade.

Entro e sou uma estranha, perdida entre tantas lombadas, e o único caminho possível em Shakespeare é pedir uma informação. Encontro um homem com um belo porte arrumando livros em uma das prateleiras e tenho a esperança de que ele possa me ajudar.

— *Excuse moi, monsieur...* Ah... *Je voudrais un...* - me perco no desconhecimento das regras do idioma - *Je...*^[1]

Eu não devia ter parado o estudo da língua francesa na adolescência. Não consigo continuar a frase. Por sorte, ele se oferece para falar em inglês.

— Ah, que bom!— respirei aliviada – Desculpe, eu não sei falar francês.

— Tudo bem, aqui falamos o inglês e o francês. É uma das regras para ser protegido pelo *ex libris* da livraria e ganhar um teto todas as noites. – respondeu com um sorriso muito simpático e apontando com os olhos azuis levemente acizentados para o teto sob nossas cabeças.

— Então você trabalha aqui... - minhas reticências trouxeram um som que misturava afirmação e pergunta.

— Eu não diria exatamente *trabalhar*, eu ajudo quando me pedem

ajuda. É como me sinto fazendo. – ele pega alguns livros que foram largados no chão e os coloca em uma prateleira atrás dele. Ele faz uma certa força para empurrar e encontrar espaço para todos – Essa livraria é muito boa para os amam os livros, e todos estão sendo muito bons para mim. Ajudar quando me pedem ajuda é uma forma de agradecer.

Aquelas palavras me fazem ter a certeza de que eu estou diante de um *Tumbleweed*, um escritor iniciante ou aspirante à escritor que está hospedado no casarão da família Whitman em troca de trabalho e escrita diária.

Eu não conheço as regras da casa, mas fico feliz de um homem maduro também viver essa experiência. A idade jamais deve ser um obstáculo para os sonhos.

— Então... - disse, limpando as mãos nas próprias mãos – Você disse que precisava de ajuda... Em que posso ser útil?

— *The Bell Jar*. – disse, com leveza no meu rosto, mas por dentro um calafrio que só minha alma conhecia – Eu procuro esse livro da Sylvia Plath.

Ele me olha como quem não esperava ouvir essas palavras de mim.

— Tem certeza que quer levar esse livro hoje?

Respondo que sim, visivelmente incomodada com a intromissão. Não necessito justificar nada a um estranho.

— É um clássico de uma das maiores poetisas, mas carrega o fardo que ela carregava... Talvez hoje não seja o dia de ler algo tão depressivo.

— Depressivo? – reajo impaciente com a análise que considero infundada – Ele é um romance de formação. Ao mesmo tempo que Sylvia escrevia esse tipo de texto, ela tentava renascer com ele.

Ele lança um olhar compassivo sobre mim para então falar o que era fato.

— E infelizmente isso não funcionou. Eu sinto muito por Sylvia. Ela não conseguiu encontrar uma forma de escrever sem sofrer.

Eu bufo.

Ele ri. Eu me irrita mais ainda.

— Você não fala francês, mas bufa como eles. – ele baixa a cabeça e a movimenta de um lado para o outro, ainda rindo – Isso é engraçado.

— *Bell Jar*, de Sylvia Plath. – o tom da minha voz muda e fica pesado – Você vai me ajudar ou eu vou ter que procurar outra pessoa?

— Terceira prateleira de baixo para cima à esquerda da frase *Live*

for Humanity. É lá que fica um deles. Os outros estão espalhados pelo segundo andar. – ele me responde e sai andando até o final do corredor.

Eu estava caminhando em direção a localização do livro de Plath quando recebi um poderoso chamado.

– Se mudar de ideia, eu posso lhe dizer onde fica uma das edições mais belas edições que temos de *Walden*.

Thoreau. Eu paralizei e me virei na direção da voz daquele que mais me ajudou naquele dia.

— *Walden*? –acredito que meus olhos devem ter brilhado ao falar esse título de livro. Tenho uma edição em português e adoraria uma na língua inglesa - *Fui para os bosques*?

— O próprio – diz, e posso ver o sorriso no canto da boca enquanto ele coloca uma imensa edição de *Ulysses* em cima de uma pilha de livros que cresce do chão.

— Onde?

— Terceira prateleira de baixo pra cima à esquerda de frase *Live for Humanity*.

— Isso é algum tipo de piada?

Ele caminha me ignorando por completo e quando quase some, no princípio de curva para a direita no final do corredor, eu faço a pergunta.

— Ele está lá mesmo?

Ele responde, mas não consigo entender o que diz. Não consigo entender nada quando a pessoa vira de costas e fala caminhando. O som torna-se abafado demais.

— Terceira prateleira de baixo pra cima à esquerda da frase *Live for Humanity*... – falando e andando, eu chego ao local exato. Só tive uma reação ao me encontrar diante dos livros – Isso só pode ser pegadinha!

Bell Jar de Sylvia Plath estava exatamente onde ele disse que estaria. Ao lado de um dos livros de formação mais depressivos encontrava-se o maior ode à busca da essência da vida: *Walden* de H. D. Thoreau, em uma adorável edição pocket.

Abro na página cento e sessenta e um. Meus olhos saúdam – agora em língua inglesa – Thoreau observando um camponês trabalhando na lavoura do campo de feijão. Tomada pela emoção leio a descrição daquele homem preparando o solo para receber cada semente e que sua fala parecia o desdobramento de asas de andorinhas. O trabalho era pesado, mas aquele homem era leve e assim ele partilhava alegria pura e heróica:

*“O pão pode nem sempre nos alimentar, mas algo que sempre nos
faz bem,
até desemperra nossas juntas e nos faz leves e flexíveis
quando nem sabíamos o que nos molestava.”*

Ele estava certo.

— Desculpe, Sylvia. – digo, olhando para o livro de lombada preta com o título em letras rosa que reflete na luz. – Hoje eu preciso ir para o bosque mais uma vez.



NABETSE DESPEDAÇADO

Após o inesperado treinamento de Nabetse, Otrebor preparava-se para dar mais uma vez o alimento ao rapaz. Ele estava ciente de que deveria existir pelo menos quinze dias de intervalo entre uma dose e outra. Havia apenas dez dias que separavam o Nabetse daquele dia do que praticamente desmaiou de sono.

Aurora sentiu calafrios ao imaginar o rapaz gritando de dor mais uma vez.

O Guardiã havia socorrido Nabetse durante o treinamento com as Oliveiras e trouxe-o de volta à casa da colina. Algo muito intenso preocupava Otrebor. Ele sabia que a cabeça de Nabetse estava cheia de perguntas e era nítido que o fogo da curiosidade – apesar de todo o medo que ainda sentia – tomava conta dele. Seria quase impossível mantê-lo dentro da casa da colina por muito tempo, o mundo lá fora o chamava, ele sentia isso, e, de alguma forma, isso se tornava algo muito perigoso.

— O que você quer dizer com isso, Otrebor? – perguntou a escriba, relendo o mesmo trecho inúmeras vezes.

Na sala branca, a escriba em sua leitura de desvelamento, imediatamente reconheceu que estava diante de mais um trecho completamente diferente do original.

Rotciv e Enila, a ajudante, acompanharam o Guardiã até a cozinha.

Rotciv questionou se cabia a Otrebor fazer uso de sua mais nova atribuição daquela forma, e ele não se referia apenas a condição de líder de guarda. Ele sabia o significado do pombo que trouxe o papiro para Otrebor. Bastou-lhe observar o detalhe dos anéis nos dedos de suas patas, talhados em um raro ouro e com folhas que somente a Oliveira proibida permitiria. O pombo era uma *avis rara*, um elo entre o Território e o que fica por trás daquela árvore. A informação sobre o atual estado de Alimdur e a nova

designação de Otrebor partiram de lá.

Aurora estava diante de um novo conhecimento. Aquilo a fascinou.

No relato, Otrebor estava ofegante e precisava beber água.

A tina com água de chuva. Eles só bebem dessa água.

Deixando de lançar seus olhos sobre o livro, Aurora lembrou a exata descrição que havia colocado no livro sobre os tipos de águas que há no Território e a quem cada uma delas pertencia: a água de riachos pertence aos animais e a água dos poços, às pessoas. Aos Guardiões, somente lhes era permitido beber a água de chuva, tendo a esperança de que ela nunca deixasse de vir do céu.

A segunda dose do alimento surpreendeu a todos. Nabetse quase não apresentou efeitos colaterais.

Antes da terceira dose, por curiosidade, saiu para ver como seria a casa da colina do lado de fora agora. Caminhou por um longo momento, sozinho, sem olhar para trás. Quando finalmente virou, viu duas coisas: o telhado da casa da colina em forma de pontilhado de estrelas e Otrebor correndo em sua direção, preocupado. Estar ali fora não era seguro. Nabetse podia ser atacado novamente a qualquer momento, pois, infelizmente, o terror também era muito real no Território.

Aurora percebeu naquele momento, naquele exato ato de leitura, que Otrebor não era apenas um Guardião a serviço das oliveiras. O instinto protetor pertencia à sua natureza. Conduzindo Nabetse da melhor forma possível, chamou-o para caminhar de volta à casa da colina explicando como seria a terceira dose, e foi sincero: a dor seria ainda mais insuportável. Porém também houve a promessa de que ele não passaria por tudo aquilo sozinho, todos estariam com ele.

Já estavam diante da porta de entrada. Ao entrarem na casa, Rotciv os aguardava segurando um vaso de cerâmica azul celeste com pequenos brilhos e uma elipse encravada em prata, com um pequeno ponto no centro. Bastou um olhar sob aquele objeto para Otrebor perceber que algo havia mudado no curso de tudo que ele acreditava que aconteceria.

— Como isso é possível? — questionou-se Aurora, vendo com riqueza de detalhes o vaso nas mãos do Guardião.

De alguma forma, uma parte de Aurora deslocou-se para a sala da casa da colina e agora, ela estava diante não somente do vaso, mas também de Rotciv, Nabetse e Otrebor. O coração dela bateu acelerado quando olhou com tanta proximidade para o rosto do belo guardião.

Otrebor estava visivelmente preocupado e também carregava um nível de revolta dentro de si.

Estavam todos navegando em águas desconhecidas.

Nenhum deles sabia o que iria acontecer.

Nenhum deles estava preparado.

Otrebor perguntou quem havia deixado aquele vaso ali. Rotciv disse que não sabia e que não adiantaria perder tempo se perguntando. Nabetse receberia o terceiro alimento contido naquele objeto.

Ainda na sala da casa da colina, sem ser vista por ninguém, Aurora tentou pegar no braço de Rotciv, mas sua mão perpassou o Guardiã.

— O que está acontecendo? O que esse vaso significa? – suplicou – Alguém diga alguma coisa, por favor!

Otrebor relutou em pegar o objeto das mãos de Rotciv. Ele não queria. Pela primeira vez estava decidido a não cumprir uma determinação e dizia com ênfase em suas palavras que Nabetse não seria levado dali.

— Levado? – Aurora desesperou-se e esse sentimento a levou de volta à sala branca. Estava de pé, do outro lado da mesa branca. Voltando para a cadeira de leitura ainda com a respiração do desespero, agarrou as laterais do livro aberto tentando, de alguma sorte, um contato. – Otrebor, por favor, fale comigo! O que está acontecendo?

Rotciv insistiu que não adiantava questionar ou se rebelar. Se eles não abrissem o vaso, ele seria aberto por *ela*.

— Ela?! De quem estão falando? – a escriba tentou acompanhar a cena, mas a total mudança de curso da história a tomou desprevenida.

Em meio à lágrimas confusas, Otrebor tomou o vaso das mãos de Rotciv e o abriu. Nada saiu dele, e nada entrou.

Aurora estava ainda mais confusa. Ela lembrava exatamente o que acontecia na casa da colina quando Nabetse teve o terceiro alimento. Ele sentou no imenso banco da mesa de jantar, entregando-se ao alimento, devorando cada colher e já esperando os efeitos que não tardaram. Balbuciou *socorro* e Enila aproximou-se para ajudá-lo com palavras que ele tinha o dom de dizer. Três palavras em sânscrito: Om Namah Shivaya^[2].

A dor de Nabetse ficou cada vez mais intensa trazendo à tona uma imagem que parecia uma lembrança e ele acreditou que estava delirando.

Nesse exato momento da lembrança de Aurora, no relato agora completamente diferente, Nabetse indagou se era normal ver um lugar e pessoas. Ele as via muito nítidas, e a casa da colina parecia, de alguma forma,

ser um lugar completamente diferente.

A presença do vaso havia começado.

A elipse prateada explodiu para fora do vaso, lançando todos contra a parede, menos Nabetse. Ele foi deixado ileso de pé no meio da sala.

Otrebor gritou pedindo a Enila que ela continuasse dizendo as três palavras, ainda que não surtisses mais o mesmo efeito de antes, e Aurora, sentada fazendo a leitura, pôde ouvir a voz de Enila ecoando na sala branca.

A escriba leu tudo em um misto de susto e indignação por tudo estar tão diferente.

No relato, a elipse explodiu uma vez mais e Nabetse foi tomado por uma dor no corpo que o colocou de joelhos. Sufocado pelo que o atravessou, ele puxou o ar gerando um som estranho até para ele mesmo. Baixou a cabeça buscando forças e quando a levantou, não encontrou mais a visão interna da casa da colina. Não havia mais Otrebor, nem Rotciv, nem Enila. Estava diante de um rio e o sol estava quase se pondo. À sua direita, uma mulher, e lágrimas corriam em seu rosto. Ela pediu desculpas por tudo o que estava acontecendo, mas era necessário.

— Então é ela... É ela? – Aurora não conseguiu ver quem era ela. Apenas Nabetse que estava diante dela na cena que a escriba lia.

A mulher pediu que ele confiasse nela pois ela estava trabalhando para consertar tudo. Nabetse não entendeu o que ela falava, também não fazia ideia de quem era ela, mas era evidente que nela havia um imenso amor por ele. Ele era como um filho.

Ela disse que não seria justo retirar uma parte tão importante e linda. Quando o rapaz estava se preparando para perguntar o que aquilo significava, um intenso som de cachoeira tomou seus sentidos e ele se viu diante de outro rio, mas este estava repleto de aves do tipo Ibis.

Aurora, a escriba, rapidamente foi tomada pelo susto. Estava junto a Nabetse diante do mesmo rio.

Uma voz familiar chamou o rapaz pelo nome e disse que eles não tinham muito tempo. Era Edys, linda, negra e em todo esplendor amarelo dourado. Ela segurou em sua mão e o rio se transformou em uma paisagem desértica.

Aurora sentiu o peso do ar daquela paisagem.

A Estrela Sábia ajoelhou-se na areia e disse para Nabetse fazer o mesmo. Ambos começaram a cavar e nesse momento, o rapaz olhou para o lado e percebeu que haviam muitas pessoas cavando e todas pareciam

procurar a mesma coisa. Edys celebra a descoberta de algo e uma mulher, com roupa de sacerdotisa, corre em sua direção com um cesto. Um homem que estava cavando também entoa o som da descoberta e o cesto é levado até ele. Outras pessoas entoam a celebração de um importante achado e o rapaz ficou triste por não encontrar nada.

Aurora, curiosa, decidiu olhar dentro do cesto e viu pedaços de cerâmica azul clara dentro do cesto, todas brilhando porque estavam reunidas.

Ao olhar mais atentamente, começou a ver reflexos do rosto de Nabetse na cerâmica e descobriu, por conta própria, que a cerâmica era o próprio Nabetse despedaçado e apartado de si mesmo. Quem teria feito isso com o rapaz e em que momento de sua vida?

Nabetse viu mais do que partes de cerâmicas e o que viu o assustou. Edys agiu rapidamente tentando acalmá-lo.

Aurora andou em direção ao rapaz também acreditando que iria ajudá-lo, mas seus passos apenas a levaram de volta à sala branca. Estava novamente de pé, do outro lado da mesa translúcida de escrita.

Olhou para o livro com o relato e se colocou em estado de súplica.

— O que você quer de mim? — indagou ao livro enquanto apertava a têmpora com as mãos.

Ela esperou por um sussurro, mas o que ouviu foi uma voz muito real.

— Aurora.

Virou o corpo na direção da voz e teve diante de seus olhos uma visão que ela não esperava tornar-se realidade.

— É impossível... — voltou-se para olhar para o livro e para o papiro de revelação. Então olhou para quem estava na sala branca e não conseguiu entender — Você é inacessível. Como pode estar aqui?

— Não somos inacessíveis, Aurora. Isso é a maior mentira que contaram para vocês.

Quando percebeu, uma lágrima quente de emoção corria sua bochecha direita.

— Edys... É você mesmo?

A resposta veio com a abertura de seus braços que convidavam para um abraço e do sorriso que Aurora sempre sonhou ver pessoalmente.

A escriba correu para os braços da estrela perpétua. Estava sob a proteção do abraço mais amoroso de todo o Universo e era exatamente como sempre imaginou como seria.

— Sim, querida, sou eu - ela segurou o rosto de Aurora com as duas mãos e trouxe a escriba para o primeiro contato forte e intenso de troca de olhares. Os olhos de Edys eram negros como sua pele. Ela realmente era a mais bela das estrelas. — Eu preciso que você me faça um juramento, Aurora. Ele jamais poderá ser quebrado.

A escriba não entendeu, mas não precisava entender. Ela precisava jurar para a estrela perpétua e para isso tinha que responder uma pergunta muito simples.

— Você promete a si mesma não desistir de você? – o simples trouxe o peso da responsabilidade.

Aurora precisou de alguns segundos para ter força na voz. Ela tentou responder imediatamente e a voz falhou. Quando percebeu que poderia finalmente dar a resposta, disse com convicção.

Sim. Eu juro.

Edys olhou para Aurora aguardando algo a mais.

— O que foi Edys?

Ela pegou a pena e ofereceu à escriba. O juramento também deveria ser feito por escrito e entremeado a escrita de revelação.

Quando Aurora terminou de escrever o juramento, ela foi surpreendida por um recado.

— Ele pediu para ter mais compaixão com você. – a pena falhou em sua mão por um milésimo de segundo.

— Ele pediu?

— Sim. Ame-se, menina! Chega de carregar tanta culpa. Você não é o seu passado. Você é o presente que decidir abraçar.

Logo após as palavras da Estrela, ambas ficaram pensativas e passaram a falar sobre algumas circunstâncias da história original.

— A irisinter do Nabetse me deixou muito atordoada quando eu o reencontrei pela primeira vez. – Edys foi a primeira a falar – Você percebeu isso quando escreveu aquela obra.

— Sim. Aquilo me intrigou. Por que o olhar dele a afetou tanto?

Edys fez uma longa pausa e um grande silêncio tomou conta da sala branca.

— Porque aquele era o olhar de quem estava desesperado para reunir todos os pedaços. – os olhos de Edys foram tomados

de lágrimas – Era o olhar mais devastador que há, Aurora. Mas aquele olhar mudou. Não há mais desespero ali. Apenas amor.

Mais uma vez um grande silêncio ocupou o espaço da sala branca.

— Que as estrelas permitam que meu desespero se transforme em amor.

Edys olhou com ternura para a escriba enquanto sua frase se transformava em um pedido a todas as estrelas do céu. A estrela perpétua segurou a mãos de Aurora e afagou seu rosto.

— As estrelas não te abandonaram. – uma angústia desconhecida tomou conta do peito da escriba – Na escuridão tormentosa do desespero, em meio a fuga, olhe para o céu, e mesmo sem conseguir nos ver, tenha essa certeza flamejante, Aurora: nós estamos sempre lá!

Obrigada, Edys.

A estrela abriu um largo sorriso.

— Eu adorei aquele primeiro nome que você pensou inicialmente para o livro...

O Sábio, a Estrela e o Nada.

— É um belo livro.

Aurora observou o rosto de Edys por um tempo e cogitou que o título inicialmente tivesse sido fruto de um sussurro da estrela.

— Não, não fui eu – foi o máximo de informação que a escriba obteve.

Edys acompanhou cada passo feito por Aurora em suas lembranças. Ela estava junto à escriba no passado e dentro da sala branca. Quando Aurora retornou a si, foi recebida com a mais bela das festas: o sorriso de Edys. Ao contemplar o sorriso estelar, tentou acompanhar o que ela dizia. Era quase impossível. A estrela sorriu de novo e a sala ficou dourada. A escriba lembrou a parte do relato que conta como a sala branca ficou no momento que o Sol sorriu. Perguntou a si mesma se Edys também seria um Sol, mas a reflexão foi interrompida por sua própria fala.

— Eu sempre o vi como alguém perdido em sua própria história. Acho isso muito perigoso.

Era o lado escriba de Aurora falando mais alto.

— Por quê? – perguntou Edys.

—Pessoas perdidas tendem a ser facilmente manipuladas por palavras ruins. Se isso acontece com um mero personagem, é evidente que conosco não é diferente.

Edys a olhou de um jeito diferente.

— *Conosco?* *Conosco* é da mesma forma, Aurora. Não posso lhe falar muito, mas é importante que você saiba que as palavras tem o poder que damos a elas e basta uma brecha para que elas adentrem um solo e, encontrando ali abrigo, finquem sua raiz rapidamente.

A escriba foi tomada por um forte arrepio.

— Quando você menos esperar, descobrirá o que estou lhe falando. Por sorte, agora podemos contar com suas boas palavras.

A estrela se despediu com um sorriso dourado e foi embora.



O TEMPO

Aurora continuou a função de escriba de estrela, agora com o peso da responsabilidade de um juramento feito à uma Estrela Sábia da ordem das Perpétuas. Foi então que percebeu a grande oportunidade perdida: esqueceu de perguntar à Edys se ela ainda continuava uma Estrela Perpétua mesmo depois de ser uma Supernova.

Decidiu retornar à leitura e descobriu que ainda ficaria em excelente companhia estelar.

Edys estava fortemente presente nas linhas seguintes e ela não estava sozinha, algumas estrelas de seu aglomerado estavam reunidas com ela em um diálogo sobre Nabetse e o impacto de sua *irisinter*. Estavam elencadas em falas: Edys, Margorp, Dnuos e Txen. A Pequena Estrela nada falava, estava dormindo.

Txen falava o quanto Nabetse a lembrava alguém e Dnuos, a mais silenciosa de todas, afirmou que ele apenas lembrava e que as circunstâncias eram completamente diferentes.

— Do que elas estão falando?

Edys pediu que Dnuos visitasse a casa da colina. Algo horrendo se aproximava de lá e talvez tomasse conta de tudo antes que Nabetse partisse. Ser a primeira das estrelas sábias dava a Edys uma visão infinita sobre o Universo. Ela podia ver o que acontecia e o que aconteceria em cada parte do sem fim. Acompanhava a todos do Cosmos. Com isso era madrinha de muitos e os amava profundamente. Não havia o que fugisse aos seus belos olhos e à sua luz estelar.

Margorp perguntou a Edys o que exatamente estava a caminho.

O horror.

A voz de Edys soou forte na sala branca.

Um calafrio subiu pela espinha de Aurora e em seguida seus olhos

se agigantaram ao ler as palavras seguintes. Ela também estava em perigo. Seu nome foi citado por Edys que suplicou a Margorp que fosse imediatamente a ilha de Creta, na antiga Hélade.

Aurora está em sério perigo.

O som dessa frase apavorou a escriba. Tomada pelo impacto das palavras, caiu de sua cadeira de leitura, quase levada por um desmaio. Arrastou-se até a parede que reluzia o branco, próxima a mesinha onde esteve lendo por todo tempo e abraçou as pernas. Ela já não queria ler mais nada. Tudo aquilo já a estava consumindo.

A respiração da escriba acelerou e quando ela estava a ponto de gritar, uma voz grave do livro reverberou para dentro de Aurora. Era Margorp. Aurora largou as pernas e cobriu as orelhas. Mas a voz da segunda estrela chegava a ela como o pulso do Território. O coração dela acelerou com o pulsar da estrela. Enquanto ela não dissesse as palavras que chegavam pelo pulso estelar de Margorp, ele não ia parar.

— Por que eu devo dizer isso?

O pulsar de Margorp ficou ainda mais grave. Aurora gritou em agonia. Nesse momento lembrou-se de Nabetse e seus momentos de dor.

Diga logo, Aurora. Ele não irá parar até que você o diga.

A voz doce que brotou juntamente com o odor de jasmim suavizou um pouco a agonia da escriba. A Pequena Estrela estava junto com Margorp.

— O tempo não está mais a nosso favor como antes... - o pulso grave da estrela quase fez a escriba vomitar. Ela teve dificuldade para entender a frase seguinte – O que? Eu não entendi – Margorp pulsou ainda mais grave e a sala branca quase foi partida ao meio. A paciência não era uma virtude pertencente à segunda estrela – Decisões devem ser tomadas sob o céu escuro da noite confiando que, pela manhã, o sol tudo renove. Isso é ser criador do próprio futuro e é uma grande responsabilidade.

O pulso parou.

Eu não disse?

A Pequena Estrela fez uma pausa antes de falar a última palavra e ir embora.

Coitadinha...

Aurora tentou ficar de pé e as pernas quase não permitiram que ela

obtivesse êxito. Havia nela uma ânsia de vômito. De pé, arrastou-se de volta até a mesinha, carregando em si uma tensão pelo que ainda vinha nas palavras do relato. Por sorte, era apenas Otrebor, entrando no quarto de Nabetse e preparando-se para acordá-lo. Como o rapaz falava dormindo, o Guardiã pede desculpas por acordá-lo durante um sonho que parece ser muito bom.

Antes de tudo ter mudado drasticamente na história, Nabetse havia comido o alimento, vivenciado várias coisas horas depois mas – por um motivo desconhecido – não lembrava de absolutamente nada que havia feito depois de ter passado mal e ser resgatado pelas palavras ditas por Enila. Aurora já não sabia mais o que aconteceria, nem mesmo quais seriam as palavras de Otrebor. Buscou rapidamente com os olhos uma referência a viagem em busca de uma espada na terra onde as melhores delas são feitas por um povo cujos olhos são tão afiados quanto uma lâmina. A Terra Desconhecida não estava mais lá. Indagou-se o ter sido feito com todo aquele povo e se, em algum momento, ele retornaria para a história, mesmo que apenas sendo citado.

— Que pena... Otrebor não o ensina mais sobre do que são realmente feitas as espadas. Isso não está me agradando...

Por dentro, Aurora parecia perder o encanto com o relato. O apego com seu livro a aprisionava.

Nabetse perguntou por Rotciv e Otrebor disse que ele havia saído para caminhar. Andava muito agitado desde a abertura da cerâmica azul. O rapaz perguntou o que realmente aquilo significava, deixando Aurora em estado de alerta em sua leitura, agarrada ao livro, na expectativa de que ela também obtivesse a resposta para a indagação que mais a afligia desde a explosão da elipse. No entanto, tanto Nabetse quanto a escriba foram decepcionados pelo silêncio do Guardiã. Calado, Otrebor apenas olhou na direção de Nabetse com o olhar mais enigmático de sua vida.

*

Em sua chegada ao Território para visitar a casa da colina, à pedido de Edys, Dnuos encontrou Rotciv falando consigo mesmo enquanto caminhava nas cercanias da casa. Ela chegou juntamente com o alerta de que não era muito correto um Guardiã mentir; ele fingiu não que entendeu. A estrela o encarou com força e foi inútil tentar resistir à chamada da verdade.

Rotciv pediu segredo à estrela. Infelizmente ele precisou mentir

pois jurou guardar segredo pela segurança de Nabetse. O Guardião falava enquanto pisava firme com ponta da bota no chão da grama verde. Rapidamente o espaço foi tomado por um buraco.

Dnuos olhou firme para o coração de Rotciv e viu ali uma confiança que há anos não encontrava em alguém do Território. Ele confiava em quem o designou para guardar o maior de todos os segredos.

— Ele mentiu? Jamais imaginei que isso seria possível.

Aurora subitamente recordou-se de seu mentor Yrneh e do quanto havia passado sem que lembrasse de sua existência. A mentira que ele precisou contar para proteger o que ele acreditava. Questionou se uma mentira dita com essa natureza ainda assim pode ser considerada uma mentira.

Dnuos convidou o Guardião para ambos entrarem juntos na casa da colina. Dnuos sempre preferiu entrar pela porta de entrada em todos os locais do Território. Também era de seu costume, bater à porta. Isso não foi necessário aquele dia. Rotciv abriu a porta e pediu que Dnuos entrasse, passando em sua frente.

Um Guardião gigante também podia ser cavaleiro.

*

Nabetse comia seu desjejum quando Dnuos passou pelo portal de entrada da casa. Sentado do lado direito do rapaz, Otrebor pôs-se imediatamente de pé ao avistar a estrela e franziu a testa quando viu Rotciv entrando logo atrás.

A estrela não ia demorar. À pedido de Edys, deslocou-se ao encontro dos três para avisar que tudo havia mudado. Para todos. Otrebor olhou em direção à Nabetse e logo em seguida buscou olhar para Rotciv. O Guardião sinalizou com os ombros e com a altura de seus musculosos braços que também não havia entendido as palavras de Dnuos.

— Mais mudanças?! O que ainda se salva disso tudo? – indagou-se Aurora, enquanto lia a mais uma mudança. Ela não imaginava que sua pergunta seria respondida tão imediatamente por Dnuos. A estrela disse que, no momento, o principal foco é que todos cheguem sãos e salvos até o fim.

Todos estão em perigo.

Quase todos: só as estrelas se salvam.

A escriba recordou-se de Edys pedindo a Margorp que ele viesse a seu encontro em Creta, pois Aurora também estava correndo perigo. Naquele momento percebeu que a sala branca não a protegeria por muito tempo e

clamou que a estrela chegasse imediatamente para seu resgate. Ela não sabia exatamente o que era o *horror* ao qual Edys se referia, mas estava muito claro que o tempo não estava a favor para nenhum deles, estivessem eles no relato sendo lido pela escriba e ela própria. Aurora lembrou-se de Creta e de todo seu povo. Indagou-se se a ilha também estava em perigo. Levantou-se e correu em direção ao local onde ficava a porta que ligava a sala branca à Alocse, começando a bater naquela área com vigor. Gritava chamando alguém, mas eles não a podiam ouvir. Imaginar que toda sua amada terra corria perigo a encorajou a não parar de bater na parede e chamar por alguém. Alguém precisava ouvir seu alerta, Alguém precisava salvar Creta.

A sala branca apresentou um único e forte solavanco. O coração da escriba saltou em seu peito. Ela não sabia o que realmente acontecia do lado de fora, mas lembrava das palavras de Margarite sobre algo terrível que se aproximava e tornava difícil a respiração.

Seguiu batendo na parede e chamando. Ela não conseguia ouvir nada a não ser a si mesma.

Um movimento muito estranho a tomou de surpresa e ela tentou se segurar na parede. Algo bateu na sala e todo o cômodo se comportou como se tivesse freado na suspensão do tempo.

— A sala estava flutuando? — indagou-se colada à parede.

A escriba sentiu mais um solavanco e junto com ele chegaram vozes. Ela reconheceu a voz de seu mestre e percebeu alguém falava com ele. Seu coração ficou pleno de alegria. Aparentemente ele havia voltado.

Mais um solavanco na sala. Aurora percebeu que aquela circunstância estava ligada ao começo de uma fala. Somente um ser era capaz de fazer isso e Aurora o reconheceu. Era Margorp.

Indagou-se o porquê dele não ter entrado já que Edys fez-se presente na sala. Queria muito vê-lo de perto.

A curiosidade a consumia. Queria a todo custo saber o que Margorp e Yrneh falavam para a sala tremer tanto.

Aurora.

O sussurro voltou e insistente. Seguiu repetindo o mesmo som por inúmeras vezes. Por um breve momento a escriba acreditou que deixaria de seu um sussurro de seu nome e passaria a ser uma fala normal.

2.

Ando pela mesma rua
Há um buraco fundo na calçada
Mas finjo não vê-lo
Caio nele de novo.
Não posso acreditar que estou no mesmo lugar.
Mas não é culpa minha.
Ainda assim leva um tempão para sair.

- Livro tibetano do viver e do morrer –
Sogyal Rinpoche



O PIOR INIMIGO

Depois de quase perder a voz chamando por ajuda, Aurora decidiu voltar à mesa de escrita e continuar na sua designação. Preferia a perda da voz que a perda da fé.

Estava iniciando a leitura do que seria o dia da partida de Nabetse, aguardando encontrar a perfeita descrição de como o jarro azul simbolizava algo que Otrebor não aceitava, quando a mão de Aurora devotada à escrita, sua destra, começou a formigar suavemente e o som de uma minúscula explosão se originou do dedão partindo para o indicador e seguindo dedo por dedo até completar a mão. Ao atingir todos os cinco dedos, a mão de Aurora começou a queimar intensamente no centro. Ela olhou para a mão e ficou em estado de choque depois de observá-la por quatro segundos. Podia ver um fogo fátuo prateado envolvendo toda a superfície e mergulhando para dentro da pele. Não sentia ardor, mas a visão era assustadora.

Preocupada com a segurança do relato, Aurora tomou o papiro do relato e o livro em seus braços para protegê-los, apertando-os no aninhar de seus braços e aconchego do seu peito, trazendo para si um sentimento de calor que uma mãe pode proporcionar a um filho recém-nascido de seu ventre. E realmente havia calor, e ele vinha do livro: a capa marrom estava levemente quente e para a escriba, aquilo não era um bom sinal. Virou a capa, abrindo o livro e descobriu, ao navegar as páginas beges, que tudo que estava escrito nele estava desaparecendo.. Letra por letra, palavra por palavra, um fogo prateado levava embora todo o escrito deixando apenas pequenos tilintares suspensos no ar.

A cada palavra consumida a mão de Aurora ardia mais e mais. O papiro ficou completamente em branco. Todo o relato sumiu.

— O que está acontecendo?

Aurora mal teve tempo de finalizar a pergunta e de dedicar sua preocupação ao papiro do Sol.

Da base das unhas da escriba, em cada um dos dedos, saiu uma linha de um dourado que ela tentava reconhecer, e o mesmo ocorria pela parte interna de sua mão, desde o topo das falanges distais. Todas as linhas iniciam uma caminhada de convergência para o osso capitato, e foi no momento do encontro dessa convergência, que Aurora sentiu a primeira dor intensa seguida de tremores na mão. Quando a última linha correu seu curso para alcançar o ponto de encontro central, Aurora deu o maior grito da sua vida acompanhado de um choro

Mesmo tomada por dor e choro, a escriba percebeu a sala perdendo definitivamente o selo, devolvendo à parede a porta por onde Aurora entrou para fazer a escrita de revelação. Enquanto o portal de entrada da sala se formava, o maior de todos os solavancos atingiu a sala branca, e a escriba esperou que aquele movimento tinha em Margorp a sua origem.

A escriba lançou o olhar de grande expectativa para o traçado daquela porta. Quando aberta, por ela entrou o responsável por arremessar a sala branca de um lado para o outro com o som de sua voz. E não era Margorp. Ele não era o único com o poder de sacudir um ambiente com a voz grave.

— Vamos! Rápido! Eles estão vindo! — disse Rotciv, entrando rápido na sala.

Sentada e em choque, ela olhou consternada para a montanha de altura e músculos diante de si. Ele era como imaginava e quando um leve sorriso quase tomou seu rosto, uma nova espécie de solavanco a atingiu.

— Rotciv, não a assuste assim! — disse, entrando apressado e sem perder a famosa educação.

Ambos estavam lá.

— Desculpe, Aurora, não temos muito tempo — ele a alertou.

A escriba sabia que precisava levantar e se movimentar, mas as pernas não obedeciam.

— Uau! Esta é a sala branca mais branca que eu já conheci! — disse Otrebor, entregando-se.

— Então você já esteve em outras salas vazia antes? — questionou Rotciv.

— Estamos aqui em uma missão, lembra? — o Guardiã tentou desconversar.

Aurora não acompanhou a revelação de Otrebor. Ela mal se acompanhava aotê-los diante dela. Personagens eram reais enfim.

— Vamos! – chamou Otrebor, oferecendo sua mão nas não tendo qualquer reação da escriba. Ela seguia olhando com um ar bobo para ambos.

O som muito alto de algo estalando e prestes a desmoronar a despertou da confusão e Rotciv partiu para o que lhe diferenciava de Otrebor: o brado quando necessário.

— SIM! SIM! SOMOS NÓS! ROTCIV E OTREBOR! AGORA MEXA-SE!!!

Se o Guardião não tivesse gritado, Aurora não teria saído do lugar. Ela precisava se mover, e rápido. A Alocse, o lar dos escribas, estava sendo consumido por algo terrível.

Rotciv puxou-a da mesa de escrita e levou-a em direção à saída da sala branca. Ela, para a surpresa do fortíssimo Guardião, conseguiu fugir por alguns segundos de sua mão para voltar à mesa e resgatar o papiro. No entanto, foi impedida por Otrebor que se colocou, de forma muito ágil, em sua frente impedindo sua passagem.

— Esqueça!

— Não posso. Preciso terminá-lo!

— Aurora, você não irá terminar mais nada – o anúncio de Otrebor pegou a escriba de surpresa. Ela se revoltou.

— Como ousa dizer isso para mim? Eu tenho uma escrita para revelar.

— Sim, mas não é mais como você pensa.— Desculpe interromper a conversa – Rotciv se aproximou dos dois – Mas esse lugar vai desabar.

Otrebor pegou a mão de Aurora e colocou-a diante do rosto da própria escriba. Olhando para as linhas douradas tecidas no mesmo horizonte de seus ossos e de sua pele, dedo por dedo, falange por falange, ela ouviu mais um anúncio sendo trazido de Otrebor..

—Tudo que a história precisa já está aqui!

Exausto daquela conversa, Rotciv interrompeu ambos com uma única palavra e com uma puxada forte que arrancou Aurora de dentro da sala branca.

— Vamos!

Saindo dali, os três constataram que o corredor por onde anteriormente a escriba havia caminhado rumo à sua escrita de revelação estava completamente diferente: as paredes ardiam em um fogo negro e tudo parecia sombrio.

No final do corredor, Aurora teve a pior visão de sua vida. Um fogo

horrível atacava toda a Alocse consumindo seu precioso mármore branco desde o chão até a abóboda, ala por ala. O lar dos escribas estava sob os poderes das chamas negras. Desesperada com a cena diante de seus olhos, começou a gritar chamando por todos e fugindo facilmente das tentativas de Otrebor de segurá-la.

— Eu não entendo – disse o Guardiã, diante da sua impossibilidade de conter Aurora.

Aurora gritou chorando e correu em direção ao fogo. Havia nela uma vontade de se deixar queimar junto com tudo e com todos. Principalmente com seu Mestre.

— MESTRE YRNEH! MESTRE YRNEH!

Rotciv a segurou firme pela mão antes que ela pudesse ir muito longe. Na eternidade de um segundo, Aurora foi apresentada a um olhar sutil vindo do Guardiã e, rendida, foi facilmente colocada em seu ombro. Rotciv começou a correr descendo as escadas circulares internas, apesar de tomadas pelas chamas. Otrebor vinha logo atrás e ambos corriam com tamanha agilidade que parecia que o chão não existia sob seus pés.

Ao chegarem no segundo andar, os dois guardiões foram imediatamente apresentados a visão do responsável pelas chamas negras que estavam destruindo o lar dos escribas. Aurora, ainda no ombro de Rotciv virou-se para verificar o que acontecia e descobriu que ainda não tinha visto nada tão terrível em sua vida.

Yvied.

O maldito Líder Sogimini estava ali. Como ele ousava ser tão real e trazer uma companhia tão ruim quanto ele? Laus dex Fous, o cachorro louco, Capitão dos Sogimini. Ela poderia reconhecê-lo em qualquer lugar. O cabelo preto contrastando com a pele branca e os olhos mais loucos sobre os quais ela já havia escrito. Queria nunca ter descrito aqueles olhos com palavras que um dia foram escritas com sua mão.

Mas nada era pior que os olhos de Yvied. Eles eram o lar pleno do absoluto vazio de existência e a grandeza dessa ausência o levou à condição de ser o senhor dos inimigos do Território.

Aurora fitou seus olhos por alguns segundos e sentiu as cores da vida se dissipando dentro de si.

Um zunido passando rápido e quase à queima-roupa a trouxe de volta. Aquele era o primeiro ataque de um pulso vindo de um Laus.

— Pare – ordenou Yvied.

Laus ignorou a determinação do Líder e lançou do centro de sua garganta um pulso que caiu bem próximo do pé de Rotciv: o som de uma letra L e uma letra R sobrepostas sob a forma de uma serpente de olhos perturbadores. O Guardião pensou seriamente em colocar Aurora no chão e responder ao ataque do cachorro louco, mas a forma do pulso de Laus junto com o som a fizeram se agarrar às vestes de Rotciv.

— Por favor, não me solte! — implorou ao guardião.

O som a perturbou mais do que a forma.

Como o pulso de um Sogimini se parece? Com o grito de milhões de inocentes. O pulso de Laus era o que fazia esse grito de milhões soar ainda pior. Ele mesmo já havia vitimado incontáveis vidas inocentes sujando as próprias mãos e deixando marcas quase impossíveis de serem apagadas em raríssimos sobreviventes.

Os servos começaram a surgir pelo prédio da Alocse e somaram-se em gritos de milhões de inocentes. Rotciv, Otrebor e Aurora viram-se encurralados, sem saída. Todo o prédio estava tomado pela horda.

— Eu os quero para mim — ordenou Laus na sua função de Capitão.

Aurora ensaiou gritar de medo, mas o próprio medo congelou sua voz.

Os servos deram dois passos em direção aos três mas foram surpreendidos por Yvied.

— Não. — disse, imóvel e inabalável — Nem um passo a mais!

Laus condenou o Líder com o olhar que foi completamente ignorado.

— Fiquem todos onde estão. Não se movam.

— O comando é meu, Yvied. Eu sou o Capitão da Horda.

O Líder lançou à Laus o pior de seus olhares e aquilo ele não tinha o poder de ignorar. Poucos possuíam essa capacidade.

— Eu sou o senhor dos inimigos. Aqui, agora, na minha presença, você é um ninguém.

A guerra fria e interna entre os inimigos era evidente. Ainda assim, os Guardiões e a escriba estavam impossibilitados de passar. O corredor estava fechado pelo acentuado número de servos que se colocavam no caminho ao mesmo tempo que o fogo negro crescia e transformava o branco nas sombras de sua própria casa. Aurora quase deixou aquela sombra tomar conta de seu coração quando mais uma vez foi tomada pela imensa vontade de gritar de desespero. Os inimigos e seu fogo sombrio não deixavam dúvida de que a morte dos Guardiões e de Aurora era uma certeza.

Otrebor só conseguia ver uma saída e foi exatamente a que efetivou

sem pensar duas vezes. Um pulso guardião enviado com apenas um leve movimento, como de uma escrita, com a união do polegar, indicador e dedo médio da mão direita do Guardião jogou quase todos os servos contra a parede. Rotciv colocou Aurora no chão e lançou o pulso que abriria o caminho para que os três pudessem finalmente sair do prédio. Fechando o punho esquerdo e apertando um pouco mais os dedos para dentro da própria mão, formou uma rajada de letras R em forma de gigantescas pedras criando uma passagem pela qual os três correram.

— Agora — anunciou o Líder — Peguem-na. — os servos começaram a se movimentar antes mesmo de Yvied anunciar seu real propósito claramente para todos no corredor — Tragam a Aurora para mim.

A escriba não precisou de ajuda, muito menos que lhe fosse anunciado que havia chegado o momento de impulsionar o máximo de movimento de suas pernas para que saísse dali. Começou a correr imediatamente, ainda que sendo quase puxada por Otrebor que segurava sua mão com firmeza.

No entanto, o plano de fugir foi infrutífero. Os servos que estavam caídos colocaram-se de pé como se nunca tivessem sido atingidos por um fortíssimo pulso guardião, tampouco por dois.

Mais uma vez encurralados, Rotciv recordou-se que Otrebor tinha a carta na manga que poderia abrir caminho para a fuga e de forma definitiva.

— Meu amigo, está na hora de usar o que te foi dado.

Otrebor hesitou

— É melhor que ele não saiba ainda.

Vários zumbidos de pulso em preparo se agigantaram no corredor. Os servos estavam prontos para lançarem as piores e mais sombrias letras, palavras e sílabas sobre os três.

Aurora se encolheu de medo no chão, paralisada.

— Acredite em mim: agora é um bom momento pra ele saber que seu patamar nessa história aumentou.

— Mas que droga... — os sentidos do Guardião começam a se alterar, ao mesmo tempo que uma barba começou a se formar em toda a extensão de sua mandíbula.

Otrebor começou a se movimentar estranho, de um lado para o outro, como uma fera. As feições dele começaram a mudar. O cabelo ganhou mais volume e clareou para um tom que misturava mel e castanha claro. O nariz lembrou o focinho de um felino de grande porte. As mãos ganharam garras e

um pelo laranja-dourado, e os olhos castanhos claros ficaram maiores e amendoados.

— Só pode ser brincadeira – reclamou Laus, olhando para Yvied que não aparentava qualquer reação.

O som que Otrebor começou a emitir com a garganta não deixou dúvidas: ele era um leão.

E o leão falou diretamente para os servos.

— Quero apenas avisar que, se eu rugir, vocês viverão para se arrepender. – olhou para o Líder e o Capitão – Isso inclui vocês dois!

Todos os Sogimini riram, até mesmo Yvied que até então não havia esboçado nada. Ele mal podia acreditar na audácia de Otrebor em ameaçá-lo seja com o que for que ele fizesse.

— Eu estou avisando.... – Otrebor tentou dar mais uma chance.

Os servos insistiram em não se mexer. A ignorância deles foi a benção que os Guardiões e Aurora precisavam.

— O que você acha? – Otrebor olhou para Rotciv enquanto lançou a pergunta.

Rotciv não tinha dúvida sobre sua resposta. Aproximou-se de Aurora para dá-la o sentimento de proteção e verbalizou a sentença.

— Pode fritá-los!

Otrebor deu um único rugido, longo e intenso fazendo a Alocse tremer e o teto soltar pedaços do fogo negro. Parecia que o lar dos escribas estava a beira do desmoronamento.

— Meu Deus! – Aurora ainda sentada no chão, tomada pelo medo, agarra-se às próprias pernas – Nós vamos morrer! – gritou sem ter noção de que o que Otrebor fazia iria garantir que eles sairiam dali com vida.

Uma parede de fogo vermelho-dourado se levantou criando uma bola de proteção em volta dos três e se expandindo em um fogo furioso que queima servo por servo. Alguns servos tentaram fugir, mas o fogo correu para alcançar cada um e alcançou.

— Levante-se, Aurora – disse Otrebor, ao parar de rugir, andando de um lado para o outro – Espero que eu não precise rugir mais uma vez. Não sei se esse fogo pode nos proteger das ruínas deste prédio. Tudo isso é novidade pra mim.

Um pedaço do teto de mármore com o desenho das constelações sob suas cabeça soltou-se e começou a cair na direção dos três.

Otrebor olhou na direção do fogo que os protegia com esperança.

Aurora gritou e se encolheu mais ainda naquele mesmo momento. Rotciv ofereceu-se como um escudo para protegê-la. No entanto, para surpresa de todos, o mármore não se chocou com a parede de fogo dourado. Ao se encontrar com aquelas chamas, o pedaço do teto desapareceu, retornando intacto para o mesmo local de onde havia se soltado.

O teto estava novo em folha.

— Era para isso ter acontecido? — perguntou Rotciv para Otrebor.

— Não sei. Hoje foi a minha estreia.

Ambos procuraram pelo Líder e por Laus, e perceberam que os dois haviam partido em algum momento do rugido de Otrebor.

O prédio todo começou a estalar fortemente. Pedacos de mármore começavam a se soltar e estourar com a queima do fogo negro de Yvied.

No mesmo sentido, o fogo dourado ainda se expandia e mantinha em pé algo daquela estrutura, mas não parecia o suficiente para garantir a sobrevivência total do legado físico do lar dos escribas.

Era inevitável: só restaria as ruínas daquele suntuoso prédio em mármore branco.

— É melhor não ficarmos para descobrir se esse fogo dourado vai restaurar tudo — falou Otrebor.

— Concordo — comentou Rotciv, puxando Aurora pela mão e se juntando a Otrebor na corrida final para a saída do que ainda restava da Alocse.

Uma tropa de cavalos aguardava por eles na saída. Otrebor correu e rapidamente montou em um cavalo de pelugem marrom clara e crina castanha com um tom levemente avermelhado. Seu nome era Jotyk e os olhos dele pareciam uma extensão dos olhos do Guardiã.

— Dônia, não temos muito tempo, preciso que você seja mais rápida do todos os dias que já cavalgamos juntos — Rotciv falava com uma égua de pelugem marrom escura e crina dourada. Ela respondeu com um resfôlego. O Guardiã ainda corria se aproximando dela quando ambos iniciaram o diálogo.

Em um único impulso montou na equina e estendeu a mão para a escriba. Aurora não fez perguntas. Seguindo seus próprios instintos de sobrevivência, subiu na garupa e agarrou-se ao Guardiã no exato momento que Dônia iniciou sua corrida. Ao redor dos cavalos montados pelos Guardiões, outros cavalos corriam e cada um deles trazia em si um desenho no início do pescoço. Os cavalos montados por Rotciv e Otrebor não

possuíam essas marcas. Esse detalhe que não passou despercebido por Aurora e a curiosidade da escriba não pôde esperar.

— Que marcas são essas? – perguntou a escriba, gritando para ser ouvida por Rotciv.

— São as marcas dos nomes dos Guardiões da Justiça que cavalgavam neles – respondeu.

— Onde eles estão?

— Estão todos mortos. Nós dois somos os últimos.

— Quem os matou? – perguntou a escriba com toda a potência de sua voz.

A pergunta de Aurora foi ouvida por Otrebor. Cavalgando um pouco na dianteira, ele olhou na direção de Rotciv e ambos trocaram um olhar. Otrebor sinalizou para que Rotciv nada respondesse, pelo menos não naquele momento.

A tropa acelerou um pouco mais quando todos os cavalos avistaram um mar no horizonte.

— O mar está lá como ela nos prometeu! – gritou Otrebor.

Aurora ficou horrorizada quando seus olhos viram o mar: ele estava negro.

— O que aconteceu com o mar de Creta? – sussurrou enquanto as lágrimas tomavam seus olhos.



UM MAR NEGRO

Em pé, diante do mar de coloração negra, Aurora permanecia em choque. O mar azul-translúcido de Creta era uma das visões que mais a inspiravam e que mais a nutriam de vida para criar suas histórias, e agora, ao redor de toda a ilha, tudo o que havia era um mar negro e levemente espesso.

Em pé, retirando a sela de Jotyky, Otrebor lançou a pergunta olhando para a Aurora mas sem constatar o que Rotciv fazia no momento.— Eu conto ou você conta? – perguntou, não recebendo qualquer sinal de resposta.

Mantendo Donia ainda selada e mantendo-se em posição de alerta, Rotciv observava tudo em volta e estava pronto para liderar uma nova fuga, caso houvesse necessidade, afinal por um breve momento ele teve a certeza de que a embarcação não chegaria na hora certa.

Constatando que não tinha sido ouvido, Otrebor se viu forçado a elevar sua voz. Ele odiou isso.

— Ei! – finalmente obteve a atenção de Rotciv – Eu conto ou você conta? – perguntou novamente a um Guardião que o olhava com as sobancelhas arqueadas em um nítido sinal de que não havia gostado de ter sido tirado de sua posição de alerta – Pare de me olhar assim! – reclamou incomodado.

— Você me tirou da minha posição de alerta, agora agunte as consequências.

Antes que os dois iniciassem um jogo para decidir quem iria contar, a escriba os surpreendeu.

Não me importa quem, mas alguém deve me dar respostas. – ela caminhou feroz para ambos.

— Tudo bem. Quais são suas perguntas?

— O que está acontecendo? – indagou Aurora.

Rotciv fez um movimento engraçado com a cabeça que foi curiosamente, copiado, em sincronia, por Dônia. Ambos jogaram a cabeça

suavemente para a direita e a boca deles produziu um resfôlego, o sopro leve e sonoro feito por todos os equinos. — É muita pergunta em uma pergunta só. Você não vai aguentar ouvir tudo de só uma vez — respondeu Otrebor, afagando a crina de Jotyk.

— Tente.

Os guardiões entreolharam-se por três segundos antes que Rotciv, com poucas palavras, tentasse começar de uma forma que não chocasse muito a escriba. Mas não havia como não provocar um choque. Mais cedo, ou mais tarde, ela saberia.

— Nós somos personagens de uma história — começou Rotciv cruzando os braços.

Aurora ficou calada por alguns segundos e então riu.

— Isso não é novidade para mim. Eu estava desvelando um conto de um sol à beira da morte com vocês dentro desse conto e então vocês entraram pela porta da sala branca e... — a escriba foi interrompida.

— Não, não, não, Aurora. Você não entendeu direito — Otrebor começou a caminhar para se aproximar da escriba — Quando Rotciv disse “nós”, ele se referia a nós três.

Aurora olhou confusa para Otrebor.

— Não. Eu sou uma escriba. Escribas não são personagens. Escribas são escribas. Nós escrevemos histórias e eu fiz um juramento de escrever histórias sem me colocar dentro delas para não misturar as coisas.

Rotciv olhou para Otrebor.

— Fique tranquila, Aurora. Você não está quebrando seu juramento — disse Rotciv.

— O que você quer dizer com isso?

— Não é você quem está escrevendo esta história — explicou Otrebor apontando para cada canto desta página.

A escriba olha assustada para Rotciv.

— Eu acho que vou desmaiar.

— Se quem está escrevendo quer você desmaiada agora, você irá mesmo desmaiar.

Aurora resistiu às palavras de Rotciv e decidiu testar até mesmo as palavras de quem estava escrevendo. Era impossível imaginar que alguém estaria a frente até mesmo de sua vontade de permanecer acordada. Ela lutou bravamente, mas o mal estar crescia dentro dela, e ela resistia à visão turva e à zonzeira como podia. Estava decidida a não se render ao que considerava

ser o capricho de alguém.

— Não! Eu não vou desmaiar!

Os Guardiões tentaram alertar que aquilo era tolice. Não adiantava lutar contra as palavras que estavam sendo escritas, tampouco lutar contra a força que cada palavra ganhava quando era lida por alguém. Ela como escriba da Alocse sabia a importância e o peso das Letras. Ela sabia, mas naquele momento estava decidida a ignorar tudo.

O mal estar passou.

Ela não iria mais desmaiar.

Ela precisava de respostas. Pelo menos de uma, a que mais lhe afligia naquele momento e era curiosidade de um Letra: a cor do mar.

— O mar não ficará dessa cor pra sempre. Depois que a nossa embarcação chegar, ele voltará ao normal. — as palavras de Otrebor soaram como se o mar de Creta lhe fosse um velho conhecido.

— Mas por que ele está dessa cor? — Aurora não estava satisfeita e queria saber o real motivo da atual cor do mar.

— Sempre que um escritor está abrindo caminho pra algo novo, a água fica assim. — disse Otrebor, de forma sucinta.

Dois segundos de silêncio depois, alguém decidiu falar um pouco mais.

— Você não reconhece o que é isso? É tinta! — Rotciv não conseguiu mais esperar para dar a informação mais valiosa — Você também a usa para escrever e acredite, quando tinha água nas suas histórias e você estava abrindo caminho para algo novo nessa história, toda a água nessa história ficava da cor da tinta com a qual você estava escrevendo.

— Mas tenha cuidado, porque se a novidade que está sendo escrita for sobre você, você ficará da cor da água. Um dia a cor da tinta era laranja com pequenos pontinhos brilhosos... Eu entrei para me banhar e...

Rotciv começou a rir lembrando da visão.

— Fiquei laranja e brilhante por dias.

Aurora apertava os lábios tentando não rir ao imaginar o guardião, tão bem apessoado, com a pele laranja e coberto de pontos brilhantes.

— Nunca um bloqueio criativo foi tão divertido — disse Rotciv ainda rindo.

Ao som da gargalhada de Rotciv, Otrebor constatou algo e apertou os olhos. Algo vinha pelo mar rasgando o horizonte daquela página, pelo lado onde os livros são costurados e somam-se em inúmeras folhas, mas ele não

conseguia enxergar com clareza a natureza daquela embarcação. O que navegava também parecia voar sobre a água e aquela era a visão mais confusa que o Guardiã já teve em toda sua vida de personagem.

— Aquilo é um pássaro-barco? – indagou voltando-se para Rotciv enquanto ambos olhavam para a confusa embarcação em pé na areia branca da praia.

O mar começou a perder a cor negra, voltando pouco a pouco à tonalidade do azul cristalino. No exato momento que tudo no mar voltou à sua normalidade, o visual do barco tornou-se definitivo. Era um barco com um falcão talhado sendo movimentado por inúmeros remadores nas laterais. Em pé, na proa que se destacava, a figura de um homem igualmente destacável se apresentava como o que estava à frente daquela embarcação.

Ao se aproximar da praia o suficiente para que descesse do barco com o pulo, a figura o fez. As ondas do mar pareciam não o atingir o suficiente para o desequilibrar e ele caminhou em direção aos três que estavam na areia. Em estatura média, não muito forte - mas de caminhar imponente, com olhos castanhos amendoados marcados por um forte traço em todo o seu contorno e vestes da cor das penas negras de um falcão, ele se aproximou para finalmente se apresentar.

— Senhorita... – arqueou levemente a cabeça cumprimentando Aurora e então voltou-se para Otrebor e Rotciv — Saudações, meus amigos! – levou o punho direito fechado com o polegar e o dedo médio elevados em direção ao ombro esquerdo. Os Guardiões reconheceram aquela saudação: era como eles se saudavam e aquela figura não somente conhecia tal saudação como a estava fazendo em sinal de respeito – Meu nome é Anatole. Venha do leste para levá-los a salvo.

— Do leste? – estranhou Rotciv — Tem certeza? Não foi o norte que mandou você?

— Quem se eleva com o Sol sempre vem do leste – disse Aurora.

Anatole ouviu as palavras que o definiam e sorriu para elas.

— Anatole significa “aquele que se eleva com o Sol” – continuou a escriba.

— Como você sabe disso? – sondou Otrebor.

— Porque eu sou da casa do hiperião – Aurora puxa a corrente que guardou para dentro de sua túnica sem que ninguém da Alocse tivesse percebido. Pendurada nela, o brasão de sua casa, o hiperião, uma união da rosa dos ventos com raios do sol. Era o único brasão da Alocse que se

movimentava pleno de vida – Isso basta pra que eu saiba quem ele é.

Anatole sorriu mais uma vez, agora olhando para o brasão de Aurora.

— Vim do leste – disse ele, ainda sorrindo e olhando para Rotciv e Otrebor – enviado pelo norte. Enviado por uma súplica desesperada do norte, na verdade. – caminhou alguns passos em direção à água antes de se voltar para o três e constatar que eles permaneciam imóveis – Vamos! Todos à bordo!

O falcão deu um passo e parou.

— O que houve? – indagou Otrebor percebendo que, mesmo de costas, Anatole parecia estranhar algo.

— Um zumbido... - e então o falcão se virou – Quem de vocês três está cozinhando uma pergunta?

Ninguém precisou falar nada. Rotciv mostrava-se visivelmente apreensivo ao saber que havia desespero no norte, mas ele mesmo não esperava que a vontade de saber algo era capaz de gerar um zumbido..

— Acredito que o zumbido é meu – disse o Guardião.

— Ah! Isso explica... O volume... - Anatole fez um gesto com a mão próximo à orelha direita. Vamos?! – convidou-os mais uma vez para andar em direção à água.

Aurora ia perguntar se os cavalos seriam deixados ali na praia preocupando-se com um possível ataque dos Sogimini sobre eles. Mas antes que ela iniciasse a pergunta, Otrebor e Rotciv entoaram um rápido assovio fazendo os cavalos com as marcas nas laterais se dissiparem no ar. Jotyk e Dônia pularam de suas posições na direção dos Guardiões. Aurora aguardou por um choque entre eles, mas o que viu foi ambos os cavalos saltando em um mergulho para dentro dos próprios Guardiões.

A escriba suspirou, chocada.

Rotciv olhou para o rosto de Aurora e concluiu que ela nunca havia visto aquela cena. Muito menos havia escrito algo parecido.

— É a primeira vez que você vê um *Equus* voltando pra casa? – pergunta o Guardião.

— Um o quê? – era a primeira vez que ela viu um *Equus*.

Anatole atravessou a conversa entre Rotciv e Aurora sinalizando para os Guardiões subirem na frente enquanto ele seguia atrás auxiliando Aurora a caminhar nas ondas. Os Guardiões subiram a embarcação e encontraram Argonautas trajando vestes com um curioso brasão: uma pena com a ponta nitidamente tomada por uma tinta prateada. Todos permaneciam sentados em

suas posições apenas aguardando receber a ordem para começar a remar, mas mesmo assim, ao verem os Guardiões todos eles fizeram a mesma saudação que Anatole fez quando os encontrou na praia.

Aurora subiu logo em seguida sendo auxiliada por Anatole. A escriba percebeu que a veste de Anatole ganhou o mesmo brasão dos Argonautas quando ele adentrou a embarcação, mas havia uma importante diferença: acima da pena havia um flamejante Sol e, no centro dele, um falcão com as asas abertas em larga envergadura. Assim como o brasão da casa de Aurora, o Sol daquele brasão e o falcão também se movimentavam plenos de vida.

— Anatole, o que vai acontecer agora? – perguntou Aurora.

— Eles vão remar sem parar até sairmos daqui.

Anatole deu dois passos e encontrou Rotciv diante dele.

— Sei que você não pode falar muito, mas, por favor, me diga: o quão desesperado está o norte? – o Guardião não conseguiu esperar muito tempo para fazer a pergunta.

O falcão olhou para Aurora sem que ela percebesse e então voltou sua atenção para Rotciv.

— Muito. Não é fácil assistir tudo ruindo e não poder fazer nada. Quando coisas abandonadas começam a morrer tudo que um escritor pode fazer é renovar a história com coisas novas e confiar com o coração que um pouco do que era antigo – Anatole procura Otrebor com os olhos e o encontra próximo à estibordo – e muito amado sobreviva. Descanse um pouco, meu amigo. Agora é conosco.

Rotciv senta-se em uma pequena estrutura da embarcação. Aurora vem a seu encontro e ele já imagina o que ela perguntará.

— Você estava falando do *Equus*...

— Pensei que você faria uma pergunta.

— Mas eu fiz!

O Guardião riu.

— Isso não é propriamente uma pergunta – ele vê que Aurora o olha de forma muito firme e então conclui que é melhor responder mesmo assim – O *Equus* é um eco nosso, dos Guardiões da Justiça. No mesmo dia que somos consagrados Guardiões, uma pequena parte nossa, provavelmente uma das mais memórias mais nobres e amadas que carregamos é transformada em um equino. A Dônia é a memória de alguém do meu povo que foi dizimado. O Jotyk é uma memória do Otrebor que ele não se lembra e nunca vai se lembrar.

Aurora fez um enorme esforço, mas apesar de toda dedicação de Rotciv, ela não conseguia acompanhar o que ele falava, apesar de tudo ser muito simples.

Um eco são todas as lembranças, sejam elas boas ou ruins, e um equino é a convergência de memórias na forma de um belo animal sob quatro patas. Qual era a dificuldade de entender isso?

A embarcação começa a ser jogada com muita força no mar. Rotciv segura Aurora para que ela não caia e ambos sentam no chão da embarcação. O Guardião a abraça com força para que ela não se machuque e tem a sensação de que viveu algo parecido com ela, mas levemente diferente. No que parece ser um *deja vu*, ele lembra de Aurora chorando desesperada olhando para algo enquanto ele a acalmava. Aquela visão o deixou muito confuso.

Anatole olha na direção de ambos. Ele sabe porque Rotciv sentiu aquilo. Numa primeira versão do embarque dos Guardiões com a escriba para a saída de Creta, Aurora via toda a ilha sendo destruída pelo fogo negro de Yvied e chorava enlouquecida enquanto corria dentro de uma embarcação muito maior, pensando em se atirar na água. Foi Rotciv quem a deteve e a abraçou com força, enquanto ela chorava em seu peito a ruína de sua amada ilha.

— Que bom que ela reescreveu isso também — diz o falcão conversando com o vento, antes de procurar mais uma vez Otrebor e encontrá-lo à estibordo, olhando para a ilha de Creta e fumaça negra sobre o local onde antes existia o lar dos escribas — Pena que não houve salvação para a Alocse e a casa da colina.

Paris, 21 de novembro de 2017.

Acabo de viver uma das experiências mais terrivelmente marcantes da minha vida em plena Champs Elysée.

Logo depois de sair da estação George V, como sempre faço, peguei o sentido das mesmas caminhadas matinais que costumo fazer antes de seguir para a Shakespeare & Company para mais uma conversa com Flyont. Fiz o que sempre costumei fazer: parei na Bonne Journée, comprei um croissant simples, subi as escadas do metrô enquanto degustava a continuação do café da manhã que comecei ainda no apartamento de Rueil-Malmaison. Vinte passos depois, percebi que estava andando acelerada demais e me lembrei que estava em Paris a passeio, então para que ter tanta pressa? Desacelerei e cheguei ao meio do quarteirão já acompanhada por alguém que fez questão de impor sua presença.

— Bonjour! – disse o homem.

— Bonjour... - respondi, surpreendida.

Ele me surpreendeu mais ainda tentando puxar uma conversa em francês e eu rapidamente sinalizei que não falava o idioma.

— Okay. Inglês, então? – perguntou ele.

Eu dei de ombros e tentei ignorá-lo, acelerando o passo, mas ele acelerou o passo comigo e insistiu em impor sua presença.

— Você é muito bonita. – disse, sorrindo.

— Obrigada – agradei, tentando me livrar dele. Aquele não era o momento de ser educada, Aurora. Por que não gritei por ajuda?

E então, tudo ficou absolutamente sombrio e perdeu todas as cores. Ele se aproximou ainda mais e fez tudo esmaecer com suas terríveis palavras em plena luz do sol da rua mais charmosa do mundo.

— Eu adoraria transar com você! – esse chegou ainda mais perto e agarrou o meu braço com força.

— O QUE?! – minha indignação que parecia grande apequenou-se diante do meu pavor ao perceber que ele começava a me puxar em direção a algum lugar.

— Eu vou transar tão forte com você que você vai me pedir para

morrer.

— Me solta! – eu falei em inglês, mas tudo o que produzi foi uma risada do som mais horrível de ser lembrado.

Meu estômago se embrulhou quando vi um carro preto parando e um homem saindo dele. Os dois trocaram olhares enquanto ele ainda segurava o meu braço.

Eu não sei falar francês, mas subitamente falei algo que – para mim – soou bem francês. Puxando de dentro de mim a voz de todas as mulheres assediadas e violentadas, fiz o que senti que devia fazer e o afujentei.

— ARRÊTEZ!!!! – finalmente fui ouvida por todos e, de alguma forma, o que parecia invisível para todos que passavam, tornou-se claro como aquele mesmo dia. Eu gritei para e o empurrei com a força de milhões de mulheres, todas elas dentro de mim e junto comigo.

Aquela palavra gritada o deixou furioso, muito furioso. Ele começou a falar de forma rápida em seu próprio idioma que não era nem francês, nem inglês. Era nítido que ele maldizia tudo em mim, pude ler cada palavra na fúria que havia em seus olhos, enquanto ele andava de costas para o carro que o esperava. Logo que ele alcançou esse carro, se juntou a seu amigo e ambos partiram com velocidade dentro do veículo. Trêmula e sentindo uma repulsa, observei que todos me olhavam: franceses e turistas. Apesar de todos pararem para ver o que aconteciam, apenas assistiam a algo que para eles era um show. Olhei atentamente para cada rosto voltado em minha direção. Não obtive qualquer socorro, somente olhares de meros expectadores. Constatar aquela completa ausência de empatia aniquilou dentro de mim – por minúsculas frações de segundos – a fé que tenho no ser humano e no que ele ainda carrega de humanidade.

— Meu Deus... – disse, apertando o meu peito – Esse sentimento é pior que a morte.

Não sei em que exato momento comecei a correr, também ainda carrego em mim o desconhecimento da capacidade de corrida em minhas pernas. Acredito que aquele foi o momento em que mais corri em minha vida, tanto em extensão como em intensidade.

Mas eu estava mal e minha vontade de ir até a Shakespeare & Company encontrar com Flyont havia sumido. Tudo o que eu mais queria era voltar para Rueil-Malmaison provavelmente para arrumar minha bagagem e voltar para o Brasil. Cheguei a pensar que aquilo era uma condenação por ter largado tudo em nome de um sonho que eu abandonei por anos e aquela

culpa estava cumprindo seu papel com maestria. Eu me sentia terrivelmente culpada.

Eu estava no meio da escada da estação George V quando tomei uma decisão.

— Não! – provavelmente eu tenha assustado alguém porque mesmo em português eu soei muito alto – Ele não vai acabar com o meu dia, muito menos com os meus planos. Menos ainda com os meus sonhos!

Puxei fortemente o ar e o soltei com a mesma força. Subi a escada de volta e fiz o mesmo percurso antes de ser abordada. No agora antigo lugar onde coragem e medo convergiram em minha ajuda, eu desabei no choro. Minhas pernas falharam, meu fôlego se perdeu e eu me apoiei em algo que até agora tento lembrar o que era.

Eu havia enfrentado sozinha o maior perigo da minha vida e consegui, com minhas forças, me libertar dele. Eu fui minha heroína. Eu sou minha heroína. Ainda que exista uma imensa fonte de amor e proteção sob nossas cabeças, e que múltiplos sejam seus nomes, coube a mim a coragem de me salvar, e eu me salvei, me transformei na principal defensora da minha integridade e da minha vida.

Finalmente!

Alguém precisava fazer algo por mim, então eu fiz.

Sim, eu fiz. E não me arrependo. *Rien de rien.*



VERÔNICA

O mar negro estava mais agitado do que Anatole esperava. Isso não era um bom sinal. O falcão permanecia imóvel e inatingível pelo movimento que a água turbulenta provocava na estrutura da embarcação.

O voo de aves sobre mares revoltos não era algo muito aconselhável. Mas somente o voo de Anatole seria capaz de tirar aqueles personagens de Creta sem que os Sogimini intentassem algo mais sério.

— Não me lembro de você fazer parte da antiga história – gritou Otrebor, rompendo o som do mar aproximando-se do falcão que estava em pé no centro da embarcação.

— E eu não fazia.

O falcão observava o rosto do Guardião fitando-o.

— Ela está tentando salvar o que pode com novas ideias. Foram muitos anos de abandono, muita coisa pereceu desde que a história começou a se contar sozinha.

Otrebor mostrou-se assustado com essa informação.

— A história estava se contando?

— Sim, é o que acontece quando um escritor abandona seus personagens e finge não ser o que é. A história começa a se escrever sozinha e perde o rumo, tudo se transforma no maior de todos os caos existentes e qualquer um dentro dela pode pegar essa mesma história para si e se proclamar seu mais novo escritor.

Um clarão brilhou no céu e o desenho de uma janela em vitrais coloridos iluminada pelos raios do céu tornou-se a porta de saída do barco daquele mundo.

Uma forte emoção tomou conta de Otrebor quando o barco começou a cruzar as cores daquela janela. As belas cores do vitral eram para ele, ele sentiu isso e ele estava absolutamente certo.

O mar para trás ficou com a cor negra ainda mais intensa, e à frente

todos começaram a ouvir o som de água caindo em grande quantidade. A ponta do barco pendeu levemente para baixo e então o falcão entendeu o que estava acontecendo.

— Pelas estrelas, ela enlouqueceu! — Anatole foi rápido e lançou Otrebor para o chão do barco — Vocês dois! Barriga no chão! Agora! — gritou apontando o indicador para Aurora e Rotciv sentados no chão do barco.

O barco inclinou fortemente para despencar em um abismo de água. Estavam na beira da maior de todas as cachoeiras cujo volume de água criava uma parede líquida em forma de uma chuva que ao invés de cair, subia.

A embarcação inclinou totalmente e foi exatamente neste momento que Anatole tomou sua forma de ave, voando para fora do abismo, levando consigo os Argonautas. Com o vôo de partida do falcão, o barco somiu e — consequentemente — o chão da embarcação no qual Rotciv, Otrebor e Aurora permaneciam agarrados com suas unhas e barrigas.

Com o desaparecimento do barco, os três iniciaram uma forte queda vertiginosa na cachoeira e foram sugados para dentro de um imenso tubo de água que não tardou em cuspi-los para fora em algum lugar.

Confusos, repletos de questionamentos e dúvidas, eles foram lançados no leito de um riacho de água transparente e reluzente.

Otrebor conseguiu ficar em pé no meio do riacho com muita dificuldade, apesar da água correr com a mesma gentileza que há no Guardiã. Ainda se sentindo sufocado pela parede de água, a tosse fez companhia por um bom tempo.

Aurora se sentia muito mal, e se arrastou até a beira para ficar sentada até que sentisse novamente suas pernas. De todos, ela era a que mais tinha questionamentos e dúvidas.

— Ninguém se mexe... Eu conheço esse lugar — Rotciv estava ereto olhando para cada detalhe do lugar — Eu já estive aqui há muito tempo. Não me lembrava de ser tão bonito assim.

Otrebor tentou perguntar onde eles estavam, mas não conseguiu falar. A tosse ainda consumia seus pulmões.

— Puxe o ar quatro vezes seguidas, Otrebor.

O Guardiã tentou várias vezes até conseguir, quando o ar entrou com totalidade em seus pulmões ele viu sua respiração sair em uma mistura de azul, violeta e verde. Puxou o ar mais uma vez com esperança de contemplar a própria respiração em cores, mas nada apareceu.

— Só acontece uma vez, meu amigo. Quem viu, viu. — anunciou Rotciv.

Aurora ainda tentava se recuperar da queda e lutava contra a própria respiração que falhava. Otrebor se levantou e caminhou até ela na tentativa de fazê-la respirar pela primeira vez ali.

— Você – Aurora tossiu imediatamente após terminar a palavra – como consegue? – perguntou a Rotciv tossindo mais uma vez.

— Como eu já disse, eu já estive aqui – ele percebeu o olhar questionador de Otrebor querendo saber exatamente o que *aqui* significava e onde se localizava – Estamos em Galácia.

Otrebor girou a cabeça com rapidez em direção à Rotciv. Ele sabia quem morava em Galácia.

— Eu não estou conseguindo – Aurora estava quase sufocando e entrando em desespero.

Otrebor segurou o rosto dela com as duas mãos e fez, diante dela, o movimento certo da respiração: puxou o ar pela boca e soltou o ar pelo nariz. Pediu que ela fizesse a mesma coisa, mesmo se sentisse os pulmões doer. E eles doíam. Pareciam estar a um ponto de uma forte explosão.

— Respire, Aurora. Respire.

O rosto de Aurora começou a ficar levemente roxo e tudo nela parecia falhar. Otrebor esmaecia diante dela sumindo pouco a pouco.

— Rotciv! Precisamos de ajuda!

O Guardião olhou em direção de Aurora e Otrebor. O susto o tomou.

— O que está acontecendo? – perguntou ainda correndo para se juntar aos dois.

Sentada, ainda buscando a respiração que não havia encontrado, Aurora começava a esmaecer como uma tinta em aquarela.

Otrebor puxou sua espada empunhando-a, imaginando que aquilo poderia ser obra de Yvied, Laus ou qualquer outro Sogimini. Não. Aquilo não estava sendo escrito por eles. Aurora em nenhum momento pertenceu a eles.

— Guarde isso! – Rotciv ficou irritado ao perceber a dúvida de Otrebor – Estamos sob a proteção de Verônica. Os Sogimini fogem dela.

Aurora esmaeceu um pouco mais.

O som de um galho sendo pisado no chão é ouvido pelos três, assim como risadas finas.

— São elas? – perguntou Otrebor com um meio sorriso no rosto e

terminando de guardar a espada.

Rotciv sorri.

— São.

— E elas não vão aparecer pra gente? Eu estou bem curioso!

Rotciv pôs-se de pé em um estado diferente de alerta. Ele ouviu uma pisada já conhecida e aquilo fez seu coração disparar de felicidade. Olhou para a própria roupa, ajeitou melhor a armadura em seu peito e buscou o reflexo do riacho para ver como estava o seu rosto. Concluiu que estava muito mal apresentado. Otrebor, agachado diante de Aurora, observava tudo com o rosto voltado quase na direção do sol que ilumina Galáxia. Ele estranhou aquele comportamento mas achou conveniente não questionar.

— Você acha mesmo que depois de tanto tempo eu vou perder tempo brigando com você por causa de sua aparência.

A voz era doce e aveludada em um tom feminino levemente grave. Otrebor sentiu-se fortemente acolhido em um abraço com aquele som. Rotciv, por sua vez, mostrou-se envergonhado com a própria atitude.

— Desculpe, o menino em mim sempre lembra das lições que aprendeu por aqui.

— Não me lembro de termos ensinado tolices.

As risadas finas tomaram a floresta junto com uma risada agradavelmente grave.

De trás de uma enorme folha em forma de coração, bem em frente a Rotciv, surgiu a dona da voz: uma lebre branca de longos cabelos negros trajando uma túnica branca e segurando um cajado que vinha até a altura de seu queixo. No ombro direito, aglomerando o tecido de sua túnica, um medalhão apresentava aos três o hiperião de Galáxia: um vórtice formado pelo aglomerado de estrelas que se assemelhavam a diamantes lapidados.

— Verônica – Rotciv abriu um largo sorriso ao vê-la e ela retribuiu com o próprio sorriso no qual moram várias estrelas de Galáxia.

Otrebor ficou absolutamente encantado com aquela visão e com tudo que provinha dela. Observou que o vórtice do medalhão não parava de girar e aquilo o tomou por um tempo até que a voz da própria lebre branca o trouxe de volta de onde quer que ele tenha ido.

— Olá! – Verônica saúda Otrebor, acenando com a cabeça. Ele tentou responder, mas não conseguiu, o encantamento havia roubado sua voz. A lebre começou a rir de todas as tentativas frustradas de resposta obtidas pelo Guardião. Quanto mais ele tentava responder, menos ele conseguia –

Fique tranqüilo, elas não vão se importar com o seu emudecimento.

— Elas quem? – a curiosidade trouxe à tona a voz perdida de Otrebor e, para a satisfação dele, ele obteve uma resposta visualmente poderosa que se espalhou e se multiplicou em torno de todos eles.

Por detrás de cada folha, fosse ela grande ou pequena, surgiu uma lebre, cada uma em sua cor e olhar curioso. Eram inúmeras e os olhos que elas tinham era completamente diferente e recheado da mais incrível vida que Otrebor jamais podia imaginar ser possível existir.

Atrás de Aurora havia uma folha de costela de adão e foi, quase sendo apresentado por esta folhagem, que surgiu uma enorme lebre preta com olhos castanhos amendoados. Maior em altura do que todas as outras lebres, ele se agachou ao lado da escriba no momento que atingiu sua localização.

— O que há com sua amiga? – perguntou olhando firme dentro dos olhos de Otrebor.

— Nós não sabemos – respondeu.

Verônica suspirou profundamente e apoia o queixo no cajado.

— Ela está indo embora. Está aquarelando. – anuncia.

— Mas ela não está morrendo, está? Isso seria terrível para o andamento de tudo... – pergunta a lebre preta.

— Não, muito longe disso. Ela está indo para o leste – disse a lebre branca, puxando a barra de sua túnica e descendo da ribanceira onde se encontrava. O encontro com o riacho não a afetou. A água corria e ela caminhava sem qualquer dificuldade, ao passo que Rotciv precisava empreender um esforço para não cair derrubado pela força da correnteza. Muita coisa vai acontecer depois que esta Aurora for para onde todas as Auroras precisam ir – disse ela, quando ao passar por Rotciv parou para generosamente tocar em seu rosto.

— Mas ela vai ficar bem? – perguntou, preocupado.

Verônica sorriu para ele somente os olhos.

— Vai. Será aos poucos, mas já começou.

A lebre disse algo em seu próprio idioma e um grupo de lebres iniciou uma corrida que agitou as folhas ao passo que cruzavam o caminho das árvores que as acolhiam.

— Vamos levá-la à minha Semente. Lá ela ficará mais confortável – Verônica olhou para Otrebor e Rotciv – Depois serão vocês os que ficarão mais confortáveis com a notícia que temos para dar – olhou logo em seguida para a lebre preta e pediu-lhe algo apontando para a escriba – Aroni, por

favor, leve-a.

— Sim, senhora. Aroni se agachou e carregou Aurora com um único salto, levou a escriba para longe daqueleriacho e foi seguido por todas as lebres.

— Agora é nossa vez – disse Verônica.

A lebre caminhou com elegância até os Guardiões e laçou a armadura de cada um com seus longos dedos em um vão providencial da roupa neles. Logo depois de entorpecê-los com mais um sorriso, empreendeu o próprio salto em direção a Semente surpreendendo Otrebor que, logo que sentiu o chão, tratou em suplicar por algo.

— Por favor, nunca mais faça isso – disse Otrebor ainda com as pernas trêmulas enquanto seus pés pisavam no chão em que sementes das mais variadas cores, formas e tamanhos formavam a Semente de Verônica.

Eles estavam no centro de Galáxia.

— Era isso ou caminhar por cinco dias correndo o risco de se perder – explicou Rotciv.

Otrebor olhou na direção de Verônica em pé diante dele, apoiada em seu cajado. Ela confirmou com o movimento positivo de sua cabeça, em um chacoalhar rápido e curioso, que Rotciv não estava exagerando. Só com um salto de lebre é possível chegar de forma rápida e segura à Semente de Verônica.

Diante daquela informação, o Guardião mudou de ideia.

— Tudo bem... Pode fazer isso de novo, mas, por favor, avise antes.

O rosto de Margorp mudou. Seus olhos estavam largamente abertos e o queixo pesou em sua face, abrindo-se sem que ele pudesse deter. Verônica, por sua vez, sorriu e expôs as famosas estrelas que faziam abrigo em seus olhos.

Ao se voltar na direção que ambos estavam olhando, Otrebor entendeu o motivo daquelas reações.

São e salvo, usando uma túnica azul celeste repleta de minúsculas estrelas, aquela figura fez cintilar as próprias palavras juntamente com o vibrar de um único som dito por sua boca.

— Olá – saudou Yrneh, sem receber qualquer resposta.

Os Guardiões não estavam prontos para aquela novidade.

Ninguém estava.

O Mestre da Alocse agora era o céu azul estrelado em plena manhã.

Paris, 5 de janeiro de 2018.

Estou com taquicardia. Se não fosse por esse fato diria que estou morta. Eu morri. Em um embate na cozinha do apartamento na Rueil Malmaison, Yvied tinha olhado profundamente em meus olhos e disse que eu não passava de uma personagem. Isso tinha sido tão terrível quanto o ataque daquele homem na Champs-Élysée.

Eu não estou a frente das minhas próprias letras?

Recorro ao lugar e a pessoa a quem sempre busco quando sinto algo estranho na minha longa estadia em Paris.

— Bem-vinda ao meu mundo – disse meu amigo, também personagem, entregando-me uma imensa caneca de café.

Eu preciso de café!

— Quando você descobriu?

— Eu sempre soube.

Lanço um olhar inequívoco de revolta sobre ele.

— E nunca me contou?!

— Não é fácil dizer para as pessoas que você é um personagem. Acredite, a última vez que fiz isso, fui parar na caixa registradora. Acho que ela pensou que aquilo me traria um maior senso de realidade.

— Ela quem?

— A dona dessa livraria. Quem mais?

Eu suspiro tentando entender.

— Ele veio até você? – pergunta meu amigo.

— Veio. – respondo, buscando confirmar para mim mesma que aquele encontro realmente havia acontecido.

Flyont treme com calafrios.

— O olhar dele é medonho – aperto meus olhos lembrando da minha própria sensação obtida ao ficar frente a frente com o Líder dos Sogimini.

— Eu não deveria perguntar isso, mas o que aconteceu realmente lá?.

Flyont sabe que recordações mantidas sobre Yvied não tendem a gerar bons resultados e o melhor sempre quando Yvied é o assunto, é esquecê-lo por completo e seguir a própria vida.

Eu também não quero responder, porque não quero reviver tudo

aquilo mais um momento. O olhar dele ainda me apunhá-la e traz para mim os mais terríveis sentimentos de culpa e pesar, até sentimentos que não são meus. Decido esquecê-lo então respondo a resposta de meu amigo da forma extensiva.

— Aconteceu Yvied. Acho que isso basta para você saber o quanto foi terrível estar frente a frente com ele.

Flyont fica com calafrios mais uma vez e envolve o corpo com os próprios braços.

— Você está bem? – pergunto preocupada - Parece à beira de um resfriado.

— Eu acho que sim.

O calafrio o acomete mais uma vez.

— Pensando melhor... Eu acho que não – conclui – Está ventando muito aqui.

De forma involuntária – e ainda assim com uma certa consciência – lanço o tronco do meu corpo para frente em uma nítida expressão de espanto com aquela frase.

— Ventando??!! – falo com o corpo levemente arqueado para trás - Estamos no segundo andar da Shakespeare and Company. Como poderia estar ventando aqui??!!

— Eu não tenho tanta certeza disso, Aurora – diz ele, ainda abraçando o próprio corpo.

— Mas eu tenho, Flyont, não tem vento nenhum aqui.

Flyont balança a cabeça fazendo um sinal negativo.

— O que? O que foi?

— Não... - ele fecha os olhos com suavidade e dá um sorriso tímido pelas palavras – Eu disse que não tenho muita certeza se ainda estou na Shakespeare and Company.

Eu arregalo meus olhos e projeto meu corpo um pouco mais para frente.

— Acredite em mim, estamos na Rue de la Boucherie, número trinta e sete. Isso é um endereço em Paris.

Flyont movimenta as orbes dos olhos como quem analisa algo desde a parte de cima até em baixo. Depois de baixo para cima, e segue esse movimento criando fileiras com os olhos.

— Bem... Eu não lembro mais qual o nome daquela rua, mas... E essas colunas gregas?

— Hã?????!!!!!!

Flyont fica em pé e começa a olhar tudo em volta, com olhos maravilhados.

— Não acredito... Eu voltei! – ele se corrige – Quer dizer... Eu estou voltando!

A voz alta dele é ouvida por toda a livraria.

— Meu Deus... Você está indo embora?

— Não. É muito melhor.

Ele sorri, emocionado.

— Estou voltando para casa. – há um misto de grito de emoção e necessidade de sussuro na voz dele - Ela voltou pra Atenas!

Olho para Flyont e começo a vê-lo esmaecer no tempo, desaparecendo em uma transformação tal qual a lagarta esmaece para se tornar uma borboleta. Próximo de seu completo desaparecimento, consigo vê-lo ventando exatamente como ele havia dito sentir o vento naquele segundo andar. A contemplação da partida de meu amigo é interrompida por alguém que chama por meu nome subindo as escadas que levam para o segundo andar.

— Aurora? Você está aí?

A voz faz o meu coração saltar dentro do peito. Quando me volto na direção do som, o surpreendente susto quase me faz gritar.

— Por favor, não grite! Eu vim em missão de paz!

Ela olha confusa para ele, de cima a baixo e ele anuncia.

— Sou eu mesmo. Em carne e osso literário. – os olhos dele já não são mais confusos, tampouco seus movimentos e suas palavras – Precisamos da sua ajuda.

Então, eu finalmente consigo falar.

— Nabetse? É você mesmo?

Minha voz sai em forma de sussurro. Foi o máximo de som que consegui produzir ao olhar para o rosto real e diante de mim dentro da livraria.

— Sim, eu sei, eu mudei muito – diz ele, olhando-se de baixo pra cima e exibindo as próprias mudanças.

Alto, com as pernas mais compridas que o tronco e os olhos cor de mel, Nabetse repete as importantes palavras que já havia dito, mas que, com certeza, passaram despercebidas diante da adrenalina sentida por Aurora.

— Precisamos da sua ajuda. – diz, mais uma vez, com a voz de

— Sim, eu me lembro dessa frase, só estou tentando entender como eu posso ajudar.

— Você acha que é a única que está se fazendo essa pergunta? Todos nós estamos. Eu até mesmo esqueci que quando fui criado tinha uma escolha para fazer.

Eu fiquei perdida e curiosa depois de ouvir o final da fala dele. Eu não conhecia muito bem essa parte da história de Nabetse e com certeza ficou nítido para ele que eu precisava de mais informação.

— Ok, você não sabe – diz, olhando pra mim – Seu rosto... É o rosto que diz *estou perdida nas informações*. Eu tenho profunda experiência em reconhecer gente nessa situação... Tinha umas trezentas olhando assim pra mim quando a minha história foi contada pela última vez.

Mais uma vez eu precisava de mais informação.

— Eu era filho do homem mais sábio da minha terra com uma estrela e por isso carregava as duas naturezas em mim. Isso não foi muito bem aceito na época pelos mais antigos porque isso fazia minha *irisinter* ser indefinida. Ela existia, mas trocava de cor com facilidade. Eles, os mais antigos, diziam que era porque eu não era nem humano, nem estrela, eu era os dois e parece que naquela terra você tem que ser uma coisa só se quiser ser aceito.

— Que horror! – exclamo, levando a mão até meu rosto – Mas era esse mesmo o motivo? E se a sua *irisinter* for desse jeito porque foi criado para ser algo muito maior?

Nabetse aperta os lábios em um sorriso sufocado que expõe as covinhas que carrega em ambos os lados da face.

— Por que você riu assim?

— Porque eu acabo de me lembrar de algo e acredito que essa lembrança junto com a sua pergunta pode ser o que ela tanto precisa.

— Sério?

— Sério. Com licença... - olhei confusa para ele enquanto ele andava em direção a escada – Eu acho que você não vai querer perder isso.

— Perder o quê?

— Eu preciso falar com alguém, mas para ir até ele está eu preciso que um hiperião seja estampado em três histórias diferentes.

Eu demorei alguns segundos para entender que ele se referia a folhas sendo carimbadas por antigos carimbos ou selos de cera quente que

recebiam a marca em letras de quem remetia aquele escrito. Infelizmente essa prática ficou muito rara nos tempos modernos. Os antigos selos de cera marcados por letras estão reservados a poucos entusiastas. Os antigos carimbos de folhas são mais raros ainda. Hoje as marcas são mais digitais e em códigos de barras.

Mas, por uma coincidência desta história, estávamos em um lugar onde, sagradamente, cada livro que sai dali é marcado com um carimbo com o mais renovado escritor de poesia da história da humanidade. Provavelmente esse seja um poderoso hiperião de poesia que ainda resiste à modernidade. Afinal, é um selo com o rosto de Shakespeare.

— Você está querendo me dizer que na terceira carimbada você vai simplesmente ser levado até esse alguém?

— Sim, mas não é só isso que acontece. Acredite, o que acontece por aqui depois da terceira carimbada, é muito melhor.

— E o que acontece?

— Desculpe, mas nada de *spoilers*. – ele me olha muito sério. Entendo naquele momento que ele não gosta de estragar surpresas de outras pessoas, e por isso, com certeza, também não admitia que estragassem as suas – Se quiser saber o que acontece, terá que ver com seus próprios olhos.

Já que eu não tinha outra opção, decidi segui-lo e desci as escadas junto com ele.

No pé da escada, Nabetse faz um sinal com a mão para mim, pedindo que eu pare ao lado direito dele e, voltado para o local de onde os carimbos surgiriam, ele conjura a palavra que abre a fazedura do hiperião que o levará para seu destino.

— Infinitum – ele olha para mim – Pronto, agora é só esperar.

— Acredite, não esperaremos muito. As pessoas que vem até aqui são famintas por leitura.

Fomos andando até nos aproximarmos da caixa registradora onde leitores se alinhavam com livros nas mãos aguardando sua vez de adquirirem aquelas obras. O ritual era o mesmo: a pessoa na caixa registradora sorria, congratulava a pessoa pela escolha da obra, falava algo sobre ela e perguntava se o leitor queria levar algum souvenir da loja como lembrança ou até mesmo como presente.

Aguardamos ansiosamente – eu principalmente – a chegada do terceiro carimbo. Mas antes veio o primeiro por meio de uma criança que carregava nas mãos um único livro: uma edição capa dura e com arte

lindamente aquarelada de “Pedro, o coelho” de Beatriz Potter.

— Isso será interessante... - o comentário de Nabetse deixa-me ainda mais curiosa – Esse primeiro carimbo define como a surpresa aparecerá.

— Pelo amor de Deus! Fale logo o que acontece!

Nabetse segura em meu ombro com gentileza e aponta para a pessoa seguinte. Um senhor que aparentava 65 anos segurava em sua mão uma edição caprichada de *Silmarillion*, de J. R. Tolkien e uma edição com ar vintage de *Romeu e Julieta*, de Shakespeare.

— Ótimo! Finalmente vou descobrir o que acontece! – eu já espero o surgimento de um poderoso elfo ou do próprio Romeu.

A livraria está com o movimento normal e será curioso constatar a reação das pessoas à presença de um personagem que saia de qualquer um daqueles dois livros. Mas eu estou enganada.

— Não se iluda. Apenas um dos livros somará para gerar o hiperião.

— O que? – aquela informação dói e desmonta o castelo de areia que havia erguido para receber pelo menos um personagem de inglês elisabetano em vestes da pequena e bela Verona.

— A soma do hiperião é por pessoa, não por livro.

Um hiperião estampado em três histórias diferentes. Somente agora eu entendi o real significado da frase.

Uma pessoa. Uma história.

— E em qual deles o hiperião será gerado?

— É sério que você está fazendo essa pergunta? A resposta é óbvia.

Claro que seria em *Romeu e Julieta* escrito por aquele que tem a cara estampada no selo da livraria. É óbvio que eu já sabia a resposta, mas é sempre bom checar se realmente sabemos o que achamos que sabemos.

A terceira pessoa e o livro que ela carrega traz uma mistura de alegria e insatisfação para o semblante de Nabetse.

— O quê? Não acredito!!! – ele controla o tom da própria voz e grita em sussurro, dando uma volta em si mesmo, absolutamente indignado – Não acredito que não estarei aqui!

— Do que você está falando?

— Olha o livro.

Eu olho. Na mão de uma moça repousa uma versão em capa dura vermelha, tal qual o tom da capa que os toureiros agitam para atirar os

touros. De onde estou, leio o título por meio da lombada gravada com letras douradas que, trabalhadas em baixo relevo, não machucam os olhos, mas os encantam: Dom Quixote. O clássico de Miguel de Cervantes foi o escolhido por aquela leitora.

— Eu sempre quis conhecê-lo, mas até hoje ninguém nos apresentou. Se ele vier acompanhado, eu vou morrer! Por favor, eu não quero saber como foi! – ele muda de ideia – Eu tô brincando. Eu vou querer saber sim.

— Vai querer saber o que? – pergunto, olhando nos olhos dele que se coloca de pé na minha frente.

O carimbo acerta a obra de Cervantes. Nabetse some da minha vista no exato momento que o som daquela marca ecoa com força por toda a livraria e pega de surpresa a atendente que o tem em sua mão.

Na mesma incrível velocidade que Nabetse se foi, e exatamente no lugar de onde ele parte, surge o Engenhoso Fidalgo Dom Quixote de La Mancha, vestido de cavaleiro, agitado e em todo o esplendor que sua forma pintada em tons de aquarela pode representar.

— **Os inimigos! Os inimigos!** – grita o cavaleiro espanhol empunhando a lança e cruzando o corredor em uma corrida cambaleante. Enquanto isso, a moça responsável pelo carimbo olha assustada para o objeto em sua mão e decide repousá-lo em cima de uma edição antiga de “Admirável Mundo Novo” que estava à sua frente.

Sem seu fiel escudeiro, o homem de bem mas com pouco sal na moleirinha, Dom Quixote está em carne e osso na frente de todos os leitores presentes na Shakespeare and Company. E, para minha imensa honra, naquele momento, somos ambos personagens de uma mesma história.



COSTURANDO OS RETALHOS

Imaginando a turbulência de questionamentos e dúvidas existentes nos Guardiões, Yrneh se aproximou para tentar lançar uma explicação a tudo que estava acontecendo. Mas era impossível explicar algo que, até para ele, de tão imprevisível poderia mudar até mesmo enquanto as letras em um papel.

— Desculpem-me, meus amigos! – disse Yrneh – Mas mesmo que tente explicar o que está acontecendo tudo pode mudar de uma hora para a outra pelo bem da minha própria existência e de toda a história da qual fazemos parte.

A imprevisibilidade talvez seja a única coisa que pode salvar uma história. Ele mesmo havia chegado a essa conclusão quando constatou no que havia se transformado.— Não me façam muitas perguntas. Eu estou tão surpreso quanto vocês e acredito que muitas outras surpresas nos aguardam.

Rotciv fez apenas uma pergunta para ele e esperava obter também apenas uma resposta.

— Onde está Nabetse? – perguntou o Guardião.

— Eu não sei. Também gostaria de saber onde o meu filho está.

Otrebor franziu a testa.

— O que foi? – questionou Yrneh ao ver o semblante do Guardião.

— Eu acabo de ter uma ideia louca.

— Então só pode ser a que explica tudo isso – a observação de Yrneh tinha fundamento legítimo. Só ideias loucas poderiam explicar tanta confusão.

Otrebor respirou fundo e disse o que passava em sua cabeça.

— Não me pergunte como, mas acredito que Nabetse está guardado dentro de você.

Rotciv começou a rir. Imediatamente parou quando lembrou do vaso de cerâmica que foi entregue a Nabetse na casa da colina.

— Mais louca ainda é a ideia de que vocês estão falando com um

vaso.

As palavras de Verônica surpreenderam os três.

— A ideia parece louca, mas ela é absolutamente plausível. No entanto, Nabetse não está guardado em Yrneh. Ainda não. Em breve estará.

— Verônica, Aurora já o viu?

— Ela não está em condição de ver mais nada. O processo de aquarelamento começou e ela está mais para seu destino do que para sua origem.

— Processo de aquarelamento? Isso é novidade até para mim.

A lebre branca solta sua risada grave e inconfundível.

— Tudo agora é novidade. Tudo está novo e renovado. Mas não cabe a mim falar sobre isso, apesar de sempre ter sido minha honra plantar sementes de boas histórias e acalentar o germinar de cada uma delas.

— Verônica... - Rotciv teve cuidado para não interromper a fala da lebre branca e aguardou pacientemente para lançar a pergunta que desataria o laço da curiosidade dos três sobre a novidade que acometia Aurora – O que é o processo de aquarelamento?

— Claro! Perdoem-me! Perdi o foco! – disse a lebre, sentindo-se levemente envergonhada.

A lebre era irresistivelmente delicada e generosa até ao perceber seus equívocos.

— Aquarelamento é quando uma Aurora começa a ser preparada para juntar-se ao horizonte do leste e então fazer-se presente quando chegar o momento que antecede o levante do Sol.

Yrneh pareceu surpreso com aquela explicação. Otrebor carregava o mesmo sentimento, enquanto Rotciv produzia novas perguntas dentro de si.

— Essa é a razão da existência dela, a razão dela ter entrado nessa história: ela irá abrir os portões dos raios do sol.

— Os portões? – indagou Rotciv.

— O hiperião – Yrneh começava a juntar as peças da colcha de retalhos – Ela abre os portões porque carrega o hiperião.

— Sim – fala, Verônica.

— Ainda assim, tudo permanece muito confuso e sem muito sentido.

As palavras de Otrebor juntamente com seu tom de voz mostraram que ele estava visivelmente preocupado. Às vezes ele tinha a nítida sensação de tudo estava fugindo do controle. — Tal qual uma colcha de retalhos –

conclui, Yrneh – Acredite, os pedaços ainda estão sendo costurados. Quando tudo se juntar, mesmo confuso, fará sentido.

— Bravo! – a lebre branca apreciou aquelas palavras – E mesmo que não faça sentido, fará ao que se propõe e isso é sempre o mais importante.

Uma lebre marrom chamada Nadise aproxima correndo e Verônica já imagina o que ela tem para lhe anunciar, mas em respeito a corrida de sua irmã, ela aguarda que cada palavra seja dita e informada.

— Elas se aproximam – avisou a lebre marrom.

— Obrigada, irmã – a lebre branca tocou o rosto de sua irmã lebre com um afago carinhoso – E peça a Aroni para chamar todas as lebres, inclusive as pequeninas que voltaram para a beira do riacho mesmo depois que retornamos para cá.

— Aquelas travessas!

— Sim, estão terríveis. Depois vão reclamar que as almofadas de suas patas estão gastas e irão atormentar Isi para que as curem.

Rotciv pigarreou. Verônica entendeu o motivo.

— Vá, irmã. Peça que Aroni chame a todas.

A lebre marrom se afastou e se voltou para a parte da Semente voltada para o norte, enquanto Verônica caminhou para o exato centro de sua aldeia colocando o cajado sob o núcleo de Galáxia.

Um conjunto de gritos começou a ser entoado por Nina, ao passo que Verônica bate o cajado no chão. Outros gritos foram ouvidos ecoando sobre cada folha e árvore ao redor. A mata estava chamando por suas lebres e elas responderam com o mesmo grito que, entoado, chamava por elas.

Uma a uma elas chegaram, trazidas por seus pulos. E juntamente com a chegada delas houve também a chegada das estrelas que motivaram a valorosa reunião que ocorreria em seguida: Edys e Margorp.

Yrneh foi tomado por uma profunda emoção quando percebeu por detrás do véu da esfera estelar o rosto da sua mais amada e querida amiga. Correr para abraçá-la tornou-se inevitável e incontável. E os braços da estrela perpétua se estenderam para acolhê-lo antes mesmo que o véu se desfizesse. Acolhido, ele chorou e não sentiu qualquer vergonha de seus sentimentos. Só quem já recebeu um abraço verdadeiramente amoroso, sabe a força das águas que brotam dele, inclusive em lágrimas.

Logo que também teve o véu de sua esfera desfeito, Margorp caminhou até os Guardiões da Justiça para saudá-los, mas antes

cumprimentou Verônica com um beijo em sua gigantesca e inconfundível mão.

— Sejam bem-vindos! – disse a lebre branca — Sejam todos muito bem-vindos a terra onde repousam as sementes de todas as histórias já contadas e todas as histórias que estão a espera de seus escritores. E sejam todos muito bem-vindos a este momento. Finalmente ele chegou!

Ainda entregue ao amoroso abraço de Edys, Yrneh ouve uma das frases mais impactantes de sua vida sendo dita por Margorp em todo o vigor de sua poderosa voz enquanto estufava o peito juntando-se a Verônica no anúncio de um novo tempo.

— A escritora voltou!

As lebres celebram em festa mas Otrebor e Rotciv pareciam confusos com aquele momento. Desde que foram resgatados da ilha Sogimini já estava nítido para ambos que a escritora havia voltado a escrever aquela história. Para eles, aquele anúncio já lhes parecia óbvio desde as primeiras palavras que ouviram enquanto estavam nas masmorras do castelo do inimigo.

Mas a lebre continuou e reafirmou a frase dita novamente, para que nenhum personagem daquela história duvidasse.

— A escritora realmente voltou!

Ao falar a frase seguinte, a segunda estrela infinita olhou para os Guardiões com a intensidade de quem cravaría as mais importantes palavras na mais importante de todas as páginas.

— Ela voltou de forma definitiva!

Naquele momento, o motivo da celebração ficou evidente, cabendo a Otrebor e Rotciv juntarem-se as lebres na celebração do que finalmente havia acontecido.

— Ela voltou! – entoou Edys abraçando Yrneh – Ela voltou! E ela vai recuperar para sua mão o que nunca deveria ter saído dali!

Edys solta Yrneh com gentileza e anda pelo centro de Galáxia enquanto fala.

— Ele pensa que ganhou... Ele... - a estrela olhou para Rotciv que tensionava o maxilar aguardando o som do nome daquele que destruiu tudo que eles mais amavam – Yvied... Ele arrancou o Território das mãos dela e agora contempla com sentimento de vitória aquela escuridão na qual tudo ali vem se transformando em suas mãos terríveis.

— Mas ele não sabe os planos dela – diz Margorp – Raros são os

que sabem. Tudo o que adianto, é o seguinte: ela voltou decidida a quebrar paredes.

Rotciv olha para Otrebor com uma face indagadora.

— Não sou um desses raros. Acredite! Estou tão perdido quanto você.

Algo em Rotciv sinalizada para ele mesmo que talvez Otrebor soubesse algo, mesmo que uma pequena partícula do que ainda estava por vir.

— Mas não há graça em apenas anunciar o retorno dela – disse Verônica – Alguns de nós estivemos presentes no germinar desse retorno, mas algo muito grandioso ainda estava por vir.

Otrebor semicerrou os olhos tentando entender as palavras da lebre branca.

— Do que ela está falando? – perguntou, falando baixo, esperando que Rotciv o ouvisse, mas o máximo que recebeu de volta foi uma onomatopéia.

— Shhhhh!

Verônica olha no rosto de cada uma das lebres percebendo o brilho nos olhos de cada uma delas. O mesmo brilho também estava presente nos olhos dos Guardiões. É o que acontece quando a curiosidade se faz presente.

— Primeiro ela retornou. Então um novo dia renasceu. O dia do renascimento – continuou a lebre – É por isso que estamos todos aqui. E é por isso que muitos sobreviveram.

As lebres começaram a se sentar no chão, em pedras e sobre folhas, aguardando o momento em que um antigo costume em Galáxia se faria presente: o alimento de sementes com uma narrativa.

Segundo esse costume, a líder da Semente que abrigava todas as sementes tem um papel essencial ao contar sobre os antigos, os novos e os futuros acontecimentos. Com o raio da esperança de cada um deles, semente por semente do chão de Galáxia era nutrido. Era à Verônica que caberia essa função, mas a imprevisibilidade estava presente ali, mais uma vez.

— Edys, por favor, hoje a honra é toda sua – disse a lebre, convidando a estrela perpétua a tomar seu lugar ao centro.

Por se tratar de um evento sem precedentes Verônica percebeu que caberia a estrela mais amorosa trazer o alimento que cada semente necessita. Ela estava absolutamente correta e afastou-se em milímetros quase imperceptíveis, sinalizando que deixaria Edys em lugar de destaque.

Em um movimento suave com suas mãos, Verônica convidou Margorp para juntar-se a ela onde a espiral de sementes se expande.

— Obrigada, Verônica, mas devo permanecer onde estou – disse Margorp.

— Você deve? – indagou a lebre, tentando entender a Supernova.

— Sim.

Verônica foi para onde já deveria estar sem compreender o que estava acontecendo em Galáxia e perguntava-se quais seriam os efeitos daquilo para além daquela espiral.

Edys, tendo Margorp ao seu lado, não tardou em falar.

— Sei que por costume cabe à senhora das sementes plantar as palavras de esperança de toda e qualquer história. Mas hoje, diante dos fatos espetaculares e extraordinários, cabe a uma estrela lançar tal semente.

As lebres se entreolharam maravilhadas e os Guardiões, que ainda permaneciam de pé, finalmente sentaram sobre as folhas que ainda estavam a disposição.

Verônica então sinalizou para Edys continuar sua fala, mas ela olhou para seu irmão e, para a surpresa de todos, foi ele quem falou.

— Que a semente da esperança chegue no solo de cada um que alcançar o poder das minhas palavras. Que seus corações sejam solos férteis.

As sementes ao longo da floresra começaram a pulsar e a brilhar intensamente. O chão de sementes no qual lebres e Guardiões da Justiça estavam sentados se acendeu como o imenso aglomerado estelar de Sagitário.

Mesmo sem entender a natureza do que estava acontecendo, Verônica fez o que lhe cabia fazer e dizer.

— Os solos estão prontos – anunciou a lebre – Que o plantio comece!

— Eu sou Margorp, a segunda das estrelas infinitas, e por determinação dos Confins do Universo, sou um sol em estágio inicial de morte.

Verônica coloca-se em pé. Otrebor e Rotciv olham-se boquiabertos enquanto as lebres falam agitadas.

— Silêncio! – pediu Edys.

E então, Margorp apresenta o re-início de seu relato derradeiro.

— Eu sou a Supernova e este é o meu conto.

As lebres e os Guardiões ficaram boquiabertos.

— Nabetse está aqui – disse Verônica sorrindo luminosa — Ele

está bem diferente e quer falar com Margorp – Anuncia a lebre branca.

Todos na aldeia olharam em volta procurando pelo personagem mas ninguém o encontrava. Apenas Verônica podia vê-lo. Rotciv decide agir para libertar o rapaz da invisibilidade.

— Verônica, há mesmo necessidade disso? Você o reconheceu, sabe que é ele, deixe-o passar – a lebre olha firme para Rotciv – Por favor.

A lebre bate o cajado no chão e Nabetse surge no centro de Galáxia esbofeteando folhas em grande número.

— Saiam de cima de mim! Saiam de cima de mim!

— Filho!

Yrneh foi o único que correu em direção a Nabetse logo que ele foi revelado diante de todos. As folhas ameaçaram pular nele se ele se aproximasse mais. A *irisinter* indefinida do rapaz fez com que as elas, que guardam Galáxia entendessem, que ele era um inimigo.

— Vocês dois não podem fazer nada? – perguntou o sábio homem com roupas de céu estrelado olhando para os Guardiões que olhavam com incredulidade para uma visão de folhas batendo e sacudindo ferozmente Nabetse – Por favor, ajudem-no! Alguém...

Uma enorme folha pulou em cima de Nabetse, afastando as menores. Os vasos condutores sataram para fora do limbo de sua morfologia, e com o que pareciam ser os dentes, aquela folha iniciou uma sequência de tentativas de morder o rosto de Nabetse.— Alguéeeeeeeeeemmmmm!!!!!!!!!!!!!! – gritou o rapaz enquanto empurrava a folha com extrema força, mantendo espinhosos dentes longe do seu rosto.

— Ei! Ei! Ei! Ei! Ei! – Rotciv correndo assim que conseguiu ter reação e tirando a enorme folha de cima de Nabetse, enquanto as lebres e Edys tentavam afastar as outras folhas – Ele é amigo! Amigo! Amigo! – O Guardião acariciava a folha tentando acalmá-la.

— Aroni! – grita Margorp afastando todas as folhas

A lebre puxou forte o cachimbo enquanto observava Nabetse ser erguido do chão por Yrneh que abraçou o filho exatamente como sempre havia sonhado fazer. Com o queixo apoiado no ombro do pai, ainda dentro do abraço dele, viu que Otrebor o olhava sorrindo. Soltou-se do abraço de Yrneh e então abraçou aquele que por longas páginas foi um pai para ele.

– Por que você não fez nada? – indagou Supernova à lebre branca que acendia um belíssimo cachimbo de igual cor.

Verônica, aparentemente alheia a tudo, mas mais consciente das

circunstâncias que qualquer outro personagem do conto, soltou a fumaça do cachimbo formando o desenho de uma oliveira antes de responder à Supernova.

— Porque este é o conto da Supernova. Enquanto houver outra pessoa narrando, as coisas continuarão fugindo do controle.

Margorp entendeu Verônica.

— O caos continuará – aduziu, complementando as palavras da lebre.

— Sim. E com a continuação do caos, do mesmo jeito que ela voltou, ainda que muito, muito, muito decidida a ficar, ela ainda corre um risco de ir embora de novo.

A Supernova entendeu que só havia uma saída. Pediu licença a todos e deu dois passos a caminho de um lugar onde ele poderia se tornar o narrador, até que recordou de algo que fez seus passos pararem e ele se voltar na direção de Nabsete.

— Você queria falar algo comigo? – perguntou olhando curioso para o rapaz.

— Sim – respondeu — Acho que encontrei uma forma de ajudar.

— Ótimo. Pode falar.

Nabetse sentiu-se constrangido. Todos na semente olhavam para ele e estavam curiosos para ouvir uma conversa que ele preferia ter somente com Margorp.

— Eu preferia que fosse de forma particular.

— Nabetse, eu sou um Sol em fase inicial de Supernova. Eu já sei o que você irá falar, eu apenas não deixo que ninguém perceba. O que você irá dizer precisa ser dito diante de todos.

Nabetse olhou para o pai e percebeu que Yrneh mostra-se aflito.

— Quando a minha história foi contada, a história sobre quando eu voltei pro Território e tinha que tomar uma importante decisão, ela começava me mostrando como um menino que acordava deitado na grama e que quando abria os olhos, via uma manhã estrelada. Mas o que poucos sabem é que, inicialmente, nos borrões à mão, eu era exatamente assim - ele fez um movimento de corpo mostrando a si mesmo – um rapaz com pernas compridas. Ela chegou a se lembrar das pernas do Pernalonga quando eu fiquei de pé, ela percebeu que eu era comprido. Mas ela mudou de ideia e me transformou em...

— Uma criança! – Rotciv não perdeu a oportunidade e completou a

frase de Nabetse em imaginar que ele havia acertado em suas palavras.

— Exato! E agora eu sou um rapaz. Mas, em um dos escritos a mão dela, no mesmo dia, eu estava mais velho. Então... - a frase seguinte pegou a todos de surpresa – Galera, eu tenho três fases de vida em um só dia.

— Galera?! – Rotciv indagou em voz alta – Desde quando ele fala assim?

Edys ficou maravilhada com as palavras de Nabetse. Ele por si só, ainda que com a ajuda de uma pergunta de Aurora, havia encontrado a verdade de sua *irisinter*.

— Você tem três fases em um único dia? – indagou Yrneh, igualmente maravilhado – Você tem certeza disso?

— Alguém pode me explicar o que ter três fases de vida significa nessa história? – clamou Rotciv.

— Ele nasce, cresce e morre – explicou Yrneh que constatou no olhar perdido de Rotciv que ele não obteve êxito.

Otrebor então surpreendeu a todos com a melhor de todas as explicações sobre a descoberta de Nabetse.

— Ele nasce ao leste, atinge o ápice do zênite e amadurece antes de se pôr ao oeste. Igual um sol.

Todos olham assustados para o Guardião.

— Eu sei umas coisas.

— Umas coisas? – Rotciv fuzilou o amigo com o olhar.

Verônica caminhou até Otrebor e pediu que ele se identificasse.

— Não posso. Talvez um dia.

A lebre sussurrou enquanto falava para não comprometê-lo. Quanto mais ela sentia que orelhas tentavam ouvi-la, mais ela baixava o tom da voz tornando-se quase inaudível ao próprio Guardião.

— Você veio caminhando do leste quando ela quase desistiu depois de escrever cinquenta páginas à mão do primeiro rascunho da história de Nabetse. Você não sabe *umas coisas*. Você sabe tudo. Sabe tanto que não quer que ela desista, porque se ela desistir...

— Verônica...

— Então Nabetse é um sol... – a lebre falou trazendo o som de sua voz de volta à companhia de todos, voltando a atenção à descoberta de Nabetse – E o que o recém-descoberto pretende fazer a respeito disso?

— Eu quero ser o sol da escrita dela.

A agitação tomou conta de Galáxia. Margorp não soube o que

esboçar com as palavras de Nabetse.

— Ela me viu deitado na grama quando passava por um dos momentos mais difíceis da vida dela. Enquanto procurava esperança dentro dela, ela me achou. Mas tudo na vida dela estava muito confuso e eu acabei confuso também. Escritora confusa, protagonista confuso.

Todos eles concordaram. Até personagens secundários conheciam essa confusão.

— O que eu preciso fazer para ser o sol da escrita dela?

— Você precisa promover o encontro absoluto do dia com a noite – disse Margorp, acreditando ter sido claro.

— Hã? – a monossílabo de Nabetse deixou evidente que ele não havia compreendido nada.

— Você precisa de um eclipse total do sol – a Supernova soou com mais clareza dessa vez.

— É uma pena que já tenha acontecido um eclipse no céu no primeiro capítulo porque não podem haver dois eclipses celestiais numa mesma história, ainda que se volte para aquela mesma data. Mas, se houver um eclipsesfirmado de outra forma no mundo dela...– Edys não falou de forma aleatória. Ela estava dando uma ideia a Margorp – De uma forma que ela aprecie tanto que contemple até os olhos curiosos ficarem encantados.

Margorp esboça um leve sorriso enquanto acompanha cada palavra de sua irmã.

— Não é isso que um sol faz? Trazer esperança além do tempo? Talvez ela já estivesse sentindo mesmo antes desta cena acontecer – indagou Otrebor olhando para Margorp e Edys que estavam em pé, lado a lado.

Otrebor tentou não demonstrar que sabia mais do que algumas coisas, mas foi traído pela própria língua. Quando percebeu já havia falado.

— Ele está certo – disse Yrneh – Um sol leva esperança além do tempo. E leva presentes também. Que presentesvocê levará para ela, filho?

— Presentes? Eu tenho mesmo que levar presentes?

Nabetse fez a segunda pergunta voltando-se para Margorp, mas a Supernova não estava mais ali.

Enquanto todos se detinham em falar, Margorp continuou os passos que havia parado para ouvir Nabetse e seguiu para o destino no qual ele concretizaria não somente sua principal função naquele conto, mas também para afirmar a chegada de um Sol.

— Para onde ele foi? – perguntou Otrebor.

— Para a sala vazia – respondeu Edys – Somente ali ele tirará a narração da protagonista e será o único narrador de agora em diante.

— Protagonista? – Rotciv ficou intrigado com aquele termo – Pensei que ela fosse a escritora.

— Ela só é a escritora porque também é a protagonista – Edys explicou de forma sucinta.

Otrebor olhou para Nabetse e recordou que ele era protagonista de uma história. A estrela percebeu o raciocínio do Guardião e tocou em seu ombro.

— Agora não é um bom momento – alertou Edys, antes de ter a fala interrompida por Verônica.

Ela ainda desejava ter dito algo para Otrebor, mas o momento ficaria para o futuro.

— Que bom que um Sol chegou, pois temos uma Aurora agonizando em aquarela aqui em Galáxia.

As palavras de Verônica fizeram Otrebor e Rotciv lembrarem da escriba. Eles haviam esquecido dela em meio a toda a movimentação e sentiram-se profundamente envergonhados.

— E eu deixei uma Aurora em Paris.

— Em Paris? O que você estava fazendo lá?

— Não faço a menor ideia. Quando vi, a escritora tinha me levado pra lá.

A lebre riu sem parar e foi seguida por todas lebres, Edys, Yrneh e Otrebor.

— A confusão dela ajuda às vezes. Precisa-se de pelo menos duas Auroras para fazer o Sol de uma escrita – explicou Edys, em meio ao próprio riso.

Nabetse olhou para os que riam e, depois de pouquíssimos segundos, uniu-se a eles, gargalhando. Rotciv tentou resistir, mas não conseguiu. Ele também gargalhou.

Sala Vazia, antes do Renascimento.

Eu sou Margorp, a Supernova, e de agora em diante eu sou o único narrador desta história. Minhas falas não possuem travessão e não tenho planos de falar em terceira pessoa. Tenho planos de falar com quem estou falando e da forma como estou apresentando a minha fala.

Como diz o título deste interlúdio, esta é a sala vazia. Ela não é novidade para vocês. Lembram de uma sala toda branca, com a mesa translúcida e uma cadeira de escrita? Eu apenas dei outro nome. É a mesma sala sob um novo olhar, um novo propósito.

É em uma sala vazia, também chamada sala branca, que os trabalhos da arte são criados. Cada arte tem a sua. Esta, pela mesa de escrita, é da arte das palavras. É a partir daqui que toda história é narrada e, em algum lugar, um coração atento capta a voz do narrador. Toda voz de narrador brota de um lugar onde todas as possibilidades são possíveis acreditando no poder da imaginação e dos sonhos de alguém. Obviamente que as possibilidades possíveis ficam a cargo dos narradores enquanto que a imaginação e os sonhos são tarefas dos protagonistas.

Os protagonistas. Vocês os conhecem por outro nome: escritores. Eu prefiro chamá-los de protagonistas, afinal, eles são os personagens principais que trazem à tona as palavras que contam histórias. Sem eles, as histórias não se concretizam, ainda que existam.

E – acreditem – concretizar histórias pede requintes de profunda coragem e devaneios.

Mas chega de blá-blá-blá.

Protagonista, por favor, se apresente.

— Eu não sei o que dizer...

Apenas afirme quem é você.

— Eu sou a protagonista desta história.

O que foi? Que cara é essa?

Você vai mesmo querer que sua fala fique assim, Margorp? Sem travessões? Talvez tenhamos problemas de aceitação... Algumas pessoas gostam que se dê um tom nas falas.

Não vejo como teremos problemas de aceitação. Se alguém precisar de tom nas falas, tem permissão para dar o tom que achar mais justo.

— Mas este formato pode não agradar algumas pessoas, pode até mesmo assustá-las. Aparentemente o universo da contagem de histórias possui regras, a mais básica delas diz que quando alguém fala você puxa um travessão. É uma das primeiras coisas que se aprende na escola.

O universo do seu mundo de contagem histórias tem essa regra. Estamos na sala vazia. Aqui há apenas criação de histórias.

— Mas será no universo do meu mundo de contagem de histórias que esse conto será impresso. Alguém de lá irá reclamar um travessão na sua fala. Talvez alguém desmaie com tamanha ausência. Algumas pessoas não suportam quebra de paradigmas.

Não haverá travessão. Esta regra não se aplica a mim. E se a reclamação insistir, diga para esse alguém vir falar comigo. Do que você está rindo?

— Com certeza! A primeira coisa que direi a pessoa é “está insatisfeito? Procure o Margorp”. No final da frase eu ganharei uma camisa de força.

Sem travessão.

— Por mim tudo bem. Para quem isto não está bem, procure o Margorp.

Agora vamos recomeçar a reescrita.

— Recomeçar a reescrita? O que mais temos que reescrever? Por acaso um cachorro agora será perseguido pelo próprio rabo? .

É quase isso. Na verdade você irá correr atrás de você mesma.

— Eu não devia ter falado do cachorro.

Tarde demais. Mudei de ideia.

— Sobre o travessão.

Não! Nada de travessão em minhas falas na sala vazia. Mudei de ideia sobre como recomeçaremos. Vamos contar a eles sobre Yvied. Vamos contar quem ele era.

— Já? Pensei que contaríamos mais para o final. Mas pensando melhor, se contarmos logo, a falta do travessão nas suas falas aqui seja a

menor de todas as preocupações.

Então vamos lá.

— Margorp... Como você irá transformar tudo isso em um só conto? Você só pode contar um conto... São muitas histórias... Essa regra você precisa respeitar até aqui na sala vazia.

Não se preocupe, protagonista. É uma história apenas. Uma história com todos vocês nela.

— Ok.

Às vezes para recomeçar algo, algo muito antigo precisa ser trazido a tona, retirado dos escombros do oculto para ser destruído. A história de Yvied não é diferente.

Yvied era um escritor venerável em sua época. Suas histórias além de belas inspiravam esperança. Como todo escritor de sua época, ele trazia em sua mão a marca de todo aquele que escreve inspirado pelos raios do sol e da lua: um sol flamejante na palma da mão e fios de prata na costa da mão que saíam do centro subindo por todas as falanges até chegar às pontas dos dedos. Ele teve a mais incrível e desafiadora ideia de toda sua jornada de escrita: a história de um menino que frequentava uma escola de criadores de universos chamada Cosmos. O nome desse menino era Esteban e ele tinha duas estrelas como professores em sua escola: Edys e eu, Margorp.

Um dia em meio a todo seu trabalho e dedicação, Yvied viu, antes mesmo de escrever, que o menino estava pronto para receber a maior de todas as honrarias de sua escola, a esfera Cosmos, com a qual ele alcançaria uma sabedoria que o tornaria mais venerável e importante que seu criador.

O escritor foi tomado pela inveja de seu próprio personagem e criou um personagem para matá-lo e a esse alterego ele deu o nome de Laus. No entanto, ao tentar matar Esteban na biblioteca da Cosmos, Laus foi atingido na cabeça pela queda de um dos maiores livros em capa-dura e morreu.

Insatisfeito com a morte de seu alterego, Yvied recorreu a um livro onde eram depositados os nomes de personagens que renasceriam e assim Laus renasceria na história que alguém um dia escreveria, mesmo que levasse quase a eternidade. E foi naquele momento, olhando para o livro dos personagens renascidos, que ele teve a pior de suas ideias: buscou o livro de capa marrom onde eram depositados os nomes de possíveis mortes de personagens. Ao escrever com sua venerável pena o nome de Esteban na folha treze daquele mesmo livro, o nome do rapaz foi escrito de trás para

frente na folha oito do livro dos renascidos pela pena do próprio livro sumindo imediatamente de todas as páginas dos escritos de Yvied. Quando o escritor folheou a sua obra e contatou que Esteban não estava mais ali, ele tentou escrever o nome do menino com sua pena, colocando-o de volta na sua história, mas a sua mão doeu e os ossos das falanges ameaçavam quebrar e lançá-lo no pior dos flagelos.

Yvied então, em dor, olhou para a própria mão e viu que o sol começou a sumir a medida que as linhas pratas caminhavam para o centro de onde antes se expandiam, ambos estavam em um movimento inicial de recolhimento que logo em seguida firmaria uma partida.

Yvied estava perdendo a escrita que antes repousava em sua mão.

Desesperado, ele pediu ajuda aos seus próprios personagens. Edys, compadecida de sua situação e tomada pelo sentimento de amor, pulou para fora das folhas e das linhas, e foi ao socorro de Yvied. Ele suplicou por misericórdia. Edys pediu que ele se arrependesse de tentar matar Esteban e escrevesse o destino que estava guardado para o menino.

Yvied se recusou e afirmou que se ele escrevesse novamente o nome de Esteban, seria apenas para que ele tivesse certeza de sua morte.

Edys então, em sua condição de personagem, anunciou que ele não somente não iria mais matar Esteban, como o menino agora era de outro escritor. Na verdade, era de uma escritora e que ele nunca mais escreveria sobre o destino de mais ninguém.

Tomado pela fúria, Yvied avançou em ataque sobre Edys, apunhalando-a sobre o coração com sua pena, machucando-a mortalmente em sua história. Ele tentou tirar a pena do corpo de Edys, mas não conseguiu. A estrela começou sua partida das páginas escritas de Yvied ao mesmo tempo em que foi elevada a condição de estrela perpétua.

Mas a jornada de Yvied como escritor ainda não havia chegado ao fim. Mas ela teve um fim. Ele não seria mais um escritor e coube a mim, Margorp, mesmo tomado pelo sentimento de lamento por presenciar um escritor-criador tomado por sentimentos vis, a incumbência de tirar a pena, de forma definitiva daquela criatura que antes era devotada ao poder transformador das palavras.

— A protagonista cansada de escrever fez uma pausa.

O que?! O que você está fazendo?!

— Dando uma pausa para mim e para o leitor. Nós dois precisamos respirar!

Tudo bem. Eu vou contar até oito e então seguimos adiante.

OITO!

— Ei!

M

inha narração, minhas regras: chega de procrastinar! Vamos! Onde eu parei? Ah sim! Coube a mim, olhar dentro de seus olhos e ordenar a retirada total de qualquer traço de escrita que houvesse nele. A ordem é feita com uma palavra apenas, uma palavra que não posso dizer aqui e que aqui não pode ser escrita. Foi com essa única palavra que todas as palavras da criação não mais lhe pertenceram.

Ele pensava que eu e Edys éramos apenas personagens. Nós eramos os sóis de todas suas histórias e decidimos entrar naquela história que ele escrevia com entusiasmo para que ele não se perdesse em sua própria magnitude. Mas não imaginávamos que a queda dele seria tão intensa.

Ele não somente perdeu a pena da qual ele era feito, ele perdeu toda a essência de sua existência. Seus olhos, mesmo azuis, não possuem mais cor, não há mais *irisinter* nele, apenas ódio, raiva e um sentimento eterno de vingança.

Por não poder mais escrever histórias, ele as odeia e faz tudo o que está a seu alcance para que história como as que ele escrevia – as que inspiram – não sejam contadas. Ele persegue escritores, atormenta-os e até mesmo se infiltra em suas histórias transformando-as em um caos quase impossível de continuar escrevendo.

É por isso que Yvied é o inimigo de todas as histórias já contadas e as que ainda serão contadas. Ele é inimigo de Galáxia pois ali repousam as sementes das histórias. Ele também é inimigo de todos os Territórios onde essas sementes serão plantadas e colhidas.

A sede de vingança o leva a se infiltrar em histórias por meio de

personagens, quase de forma imperceptível. Então, em determinado momento, um escritor decide abandonar sua obra e até mesmo abandonar sua escrita, as vezes para sempre.

Yvied quer que as palavras falhem nos escritores. Cada vez que isso acontece, ele não somente fica mais forte como sua horda de servos se multiplica.

— Tenho quase certeza que alguém não está entendendo mais nada. É muita informação. Eu que sou a protagonista já me sinto um pouco perdida nessa história. Quando você acha que as coisas começam a ficar claras, tudo volta a ficar muito aleatório.

Pois então vamos deixar as coisas mais claras.

— Ótimo! É disso que o leitor precisa!

Não, é disso que **você** precisa! Chegou a hora de você ver com clareza e morrer pra renascer. Não ria!

— Santo Zeus.... Você não está brincando?!

Claro que não. Estou falando muito sério. Fique tranquila. Segundo outros protagonistas, é ligeiramente confuso e quase não dói.

— Algum leitor ou defensor do travessão pode me ajudar? Qualquer um...

Vinte e um de agosto de dois mil e dezessete.

— O que está acontecendo? Espera! Eu preciso disso!

Não, você não precisa de nada disso.

— Pra onde você levou tudo aquilo?

Para Galáxia. Verônica precisa de tudo que há em você para fazer sua nova semente de histórias. Todas as sementes são feitas lá, pois toda semente guarda uma história.

— Eu me sinto ligeiramente zozona.

Todo renascimento é precedido de caos. Você realmente está voltando, protagonista.

— O meu caos é muito grande!

Verônica, ela está pronta!

— Eu posso ouvir corações de bebê batendo rápido e muito forte.

São as sementes de criação. Uma nova semente sempre vem da reunião de todas as que já existem e que resistem para que essa recém-chegada nunca se esqueça da coragem de onde brotou. Ela precisa ser corajosa para enfrentar o mundo real.

— E a minha semente antiga? O que acontece com ela?

Infelizmente ela está morta.

— Não!

Pode enviar a nova semente ao primogênito, Verônica!

— Não...

Esse lamento não irá ajudá-la. Não ajudou antes, agora não será diferente. Deixe essa semente para trás. Regra número um do renascimento: esqueça para lembrar coisas antigas e coisas novas.

— Como pode me pedir que eu esqueça todos eles?

Você precisa esquecê-los para lembrar. Acredite: esquecer para lembrar irá ajudá-la a trazer o que você jurou ter pedido para sempre.

— Margorp, posso pedir uma coisa?

Claro.

— Por favor, não tire o dia vinte e um de agosto de dois mil e dezessete de mim.

Tirá-lo de você? É seu dia de renascimento, a marca primordial de toda a sua mudança. Esse dia ficará com você para todo sempre.

— Obrigada.

Agora, vamos as orientações. Você irá até Montparnasse nesse dia à procura de Henri Fantin-Latour.

— Você está falando do artista francês que pintava telas de vasos de flores? Ele nasceu e morreu no século dezenove.

O próprio. Mas não se esqueça que ele também pintava pratos e cestas repletos de frutas, e que ele está enterrado em Montparnasse.

— Eu vou entrar em uma catacumba pra encontrar com um defunto?

Não, você irá até uma vila repleta de arte para se encontrar com ele. A arte dele ainda permanece muito viva e enquanto a arte dele viver, ele nunca morre.

— Eu adoro o trabalho dele, principalmente a tela em que ele pintou a musa que inspirava Richard Wagner.

Ele é um pintor diferente. Mas o que me fez escolhê-lo foi o modo como ele observava a grandiosidade das flores e dos frutos postos sobre uma mesa. A abundância que aquilo significa está longe de ser uma natureza morta. Isso chama a atenção de qualquer Sol. Isso nos encanta.

— Você o escolheu?

Sim.

— *Mon Dieu*^[3]! Ele é um dos seus artistas!

Que bom que você entendeu. Espero que também tenha percebido que há uma novidade por aqui.

— Sim. Eu percebi que essa lira não estava aí quando nós chegamos.

Ela surge quando um Sol está pronto para entregar algo.

— Eu adoro o som dela. Tive uma minúscula sinthara quando criança, foi o mais próximo que cheguei de uma lira. Tirei tanto som das cordas dela, que ela quebrou em poucos dias.

Eu sei disso. Mas esta aqui é a autêntica lira.

— Que linda! E que curiosa! Eu não sabia que as liras giravam em sentido anti-horário enquanto as cordas vibram.

Acredite: vocês não sabem nada sobre as liras. Mas posso antecipar que será graças ao fato dela estar se movimentando assim que você poderá escrever aqui e estar em Montparnasse ao mesmo tempo, ou melhor ainda: poderá escrever e falar com alguém sem precisar parar nenhuma das ações.

— Obrigada por facilitar as coisas pra mim! Eu já estava pensando como ia explicar tudo isso!

De nada.

— Eu só tenho uma dúvida: eu devo procurá-lo na Avenida ou na Rua?

Nenhuma das duas. Você irá encontrá-lo no caminho.



MONTPARNASSE

Vamos ao recomeço. O dia: 21 de agosto de 2017. Cidade: Paris. A protagonista demorou para entender onde exatamente ela deveria encontrar Henri Fantin-Latour. Óbvio que não a mandaria procurá-lo em sua cripta, mas sim, em um lugar onde ele se mantém vivo.

O destino era simples: Avenue du Maine, número vinte e um. *Le Chemin du Montparnasse*. O caminho do Monte Parnasso, uma viela profusamente florida, recheada de ateliês rústicos desde sua instalação por ocasião da Exposição Universal de 1900, a mesma que revelou ao mundo a Torre Eiffel. Aquele mesmo beco durante vários anos abrigou o Museu Montparnasse enquanto este permanecia fechado.

Eu particularmente adoro uma viela assim. Mesmo sendo uma Supernova, e morando no terreno mais belo do Universo, eu sei reconhecer a singela beleza das vielas e gosto profundamente de caminhar por elas. Resistente às profundas mudanças da sua *arrondissement*^[4], esse caminho não perdeu sua essência e segue como um sonho bucólico no coração da cidade luz.

A viela estava tranquila e a vista desde o pórtico verde com o nome escrito em branco trouxe um suspiro de encantamento à protagonista. Trepadeiras ornavam o lado esquerdo com belíssimas cascatas e vasos com pequenas plantas se espalhavam pela área trazendo a pintura do verde em meio a tijolos e concretos.

Ela logo entendeu que descobrir onde Henri Fantin-Latour se encontrava não seria tarefa fácil. Ela teria que olhar com atenção para detalhes nos prédios a procura de um único sinal, o desenho que cada Sol faz para mostrar - à quem tem permissão - que ali repousa um espaço protegido para a prática da arte. O desenho parece conosco e ao mesmo tempo é diferente, mas é a marca de que por ali passaram musas, suas inspirações e

criadores.

O ovo da criação, um círculo vazado em tamanho maior com um círculo sólido no centro de seu raio, é mais do que o símbolo de que um Sol esteve ali antes mesmo que o artista recebesse sua primeira inspiração. Ele é o selo da verdadeira imortalidade: obra e criador jamais morrerão.

Andou a viela de ponta a ponta, chegando até a frente do L' Espace Krajcberg. Quando já estava bem próximo de perder as esperanças, foi abordada por uma mulher com rosto de boneca e olhos inacreditavelmente claros.

— Bonjour! – disse a mulher com um leve sotaque russo.

— Bonjour! – respondeu a protagonista.

— Está procurando algum artista?

— Na verdade estou, mas não sei como a senhora vai interpretar o que vou dizer... - disse, ligeiramente sem graça.

— Só vou saber se você disser – havia uma forte receptividade naquelas palavras.

A protagonista olhou para a mulher, puxou profundamente o ar e então disse apenas com um sopro toda a frase que a tinha levado até o *Chemin du Montparnasse*.

— Eu estou aqui para me encontrar com Henri Fantin-Latour.

A mulher fez uma expressão estranha.

— Tem certeza?

A protagonista não sabia o que responder, mas, pela falta de opção, respondeu apenas o que lhe cabia naquele momento.

— Sim, tenho certeza.

O lábio inferior dela saltou um pouco para fora enquanto parecia que ela refletia sobre algo.

— Por que a senhora me perguntou isso?

— Porque ele não é da nossa época. Não sei como você conseguirá encontrá-lo.

— Acredite em mim. Eu também não faço ideia de como isso será possível, mas Margorp me disse...

— Margorp?! – o tom russo tomou ainda mais conta da fala dela ao citar o nome da Supernova.

— Sim. Margorp. A senhora o conhece?

O sorriso dela bastou para que a protagonista entendesse que ela me conhecia e me conhecia muito bem.

— Por favor, venha comigo.

— Desculpe, eu não me apresentei...

— Não, não, não. Não se apresente. Pelo menos não aqui fora.

Algo naquela fala a lembrou de uma cena entre os Guardiões e Nabetse diante da casa da colina no dia que o menino acordou na grama.

— Tudo bem. Pela lógica a senhora também não pode dizer seu nome aqui, não é?

— Claro que posso. Meu nome é Marie Vassilief. Muito prazer!

— Marie Vassilief? A pintora russa que ajudou artistas como Soutine e Picasso no início do século XX?

A mulher segurou a protagonista pelos ombros e deu-lhe dois beijos, cada um em uma bochecha do rosto. Mas percebeu que olhos assustados a encaravam.

— Por que você está me olhando desse jeito?

— Eu não posso dizer...

— Por acaso tem a ver com o fato de eu já ter morrido?

— Como a senhora adivinhou?

— Você não é a primeira pessoa que veio até o Caminho e descobriu que estava falando com uma defunta – respondeu, começando a caminhar em direção a uma casa com a fachada de madeira pintada em um verde-escuro – Não importa o quanto Margorp explique, ninguém está preparado para falar com um artista que já morreu. Eu mesma não estava. Na verdade, acreditava que nada novo aconteceria comigo naquela idade e quando percebi Margorp me convidou e eu tive um encontro

— E com quem a senhora falou? – perguntou, parando diante da fachada que dava acesso ao antigo ateliê de Marie.

— Com o mesmo artista que aguarda você por detrás desta porta.

Antes de abrir a porta e ter o encontro que definiria o resto de sua jornada, a protagonista buscou sanar uma dúvida.

— Você é pintora e encontrou com um pintor. Eu sou uma escritora... Eu não deveria me encontrar com alguém da mesma linha de arte?

— Não existe isso.

— Não?

— Não. Somos todos da mesma linha. Somos artistas. Devemos todos nos ajudar. Eu ajudei não somente pintores. Estendi minha ajuda a escritores e escultores. Todos eles vieram ao meu ateliê e encontraram

espaço, comida e vinho – e então Marie disse a frase mais impactante que a protagonista já havia escutado e escrito - Somos todos filhos da mesma mãe: a arte!

— Obrigada, Marie! – a protagonista segurou na mão da irmã artista – Vim procurando uma ajuda, e pelo visto até o final deste capítulo somarei duas.

A artista russa abriu a porta para que a protagonista finalmente se fizesse presente na parte interna daquele prédio. Pela pequena fenda aberta com o movimento de abertura proporcionado por Marie, brotou o som do Ato I de *O Holandês voador*^[5] de Richard Wagner.

— Ele chegou – comemorou a russa com um singelo sorriso no rosto.

— E pelo visto está pintando– completou a protagonista.

— Como você sabe que ele está pintando?

— Por que ele ouvia música quando pintava – a russa lançou um olhar sobre a protagonista pedindo um pouco mais de informação – Nós dois temos isso em comum. Eu só consigo escrever ouvindo música.

Marie retirou sua mão da maçaneta para que a protagonista tomasse a frente e finalmente entrasse no ateliê, mas antes desejou-lhe *boa sorte* em russo. Tentou ensinar como era o agradecimento em seu idioma, mas a protagonista não conseguiu entender.

— Ficaré para a próxima. Prometo aprender até lá!

A artista sorriu e apertou os olhos ao mesmo tempo em que *Tannhauser* começou a tocar se agigantando na parte mais dramática dentro do ateliê num evidente movimento sonoro que dizia que já estava demorando demais para a protagonista entrar.

— Vamos, entre! Esse aumento de volume deve ser Margorp reclamando da demora.

Sim, eu estava reclamando! A conversa entre as duas deveria esperar outro dia, outra cena, outra circunstância e – muito provavelmente – outro livro.

Entrando no ateliê, ela percebeu que ele não aparentava absolutamente nada de igual com a forma como era na vida real. Ou pelo menos, a tão dita vida real. Levemente em tons de penumbra mas ainda assim, luminoso, o espaço estava tomado de tecidos marrons no chão e velas espalhadas por todas as partes faziam daquele cenário o mais inspirador suficiente para o que quer que um pintor busque passar para a tela que tem

diante de si.

No canto direito, sentado em um banco alto de madeira com uma camisa branca de mangas largas que se ajustavam na área do punho, estava o artista que a protagonista procurava. Ali, sentado em seu trono de inspiração, estava Henri Fantin-Latour. Naquele instante, aquele era seu reino. Parada e ainda sem acreditar que estava vendo o que via, ela observou em um mistura de encantamento e medo o artista puxar levemente o assento para a frente com o peso de seu corpo tendo todo o cuidado para não se desequilibrar. Ela ainda estava assustada com o momento, mas não o suficiente para não perceber que àquela altura, *Tannhauser* já chegava a seus momentos finais. Era evidente que o artista ainda estava longe de finalizar a obra que tinha diante de si, ele fazia, em desenho o esboço do que – um dia – seria uma de suas obras mais belas e a que mais chamou a atenção da protagonista. Era exatamente por isso que ela estava ali e esse era um dos motivos de eu tê-la enviada para falar com ele. O real motivo, esse era um dos meus mistérios. Talvez um dia alguém escreva sobre ele.

— Bonsoir, Madame!

Ela pensou em corrigir o artista, mas olhou a tempo para a janela e percebeu – pela escuridão externa presente no vidro – que agora eles estavam no período da noite. Procurou não entender o que acontecia. Apenas respondeu educadamente a saudação que lhe foi ofertada mesmo com Henri sentado de costas para ela.

— Bonsoir, monsieur!

Logo que ela terminou de falar, o artista se voltou em sua direção fazendo o típico som francês da insatisfação.

— *Non!* – ele se virou levemente apenas para descansar o pincel em cima de uma paleta – Théodore!

Ela estranhou aquele nome.

— Théodore? Pensei que seu nome fosse Henri.

— Meu nome completo é Ignace Henri Jean Théodore Fantin-Latour.

— Nossa! É um nome e tanto! – ela jogou as sobrancelhas para cima e fez uma expressão engraçada com o rosto enquanto sorria. Acredito que ela estava fazendo alguma forma de piada.

Ele então olhou com firmeza para ela, mas de forma igualmente gentil, esperando que ela agora o saudasse pelo nome certo. Mas ela não entendeu. Então ele decidiu dizer novamente sua frase para que ela

finalmente entendesse o que deveria fazer.

— Bonsoir, Madame! – fez um sinal com mão para que ela falasse o que deveria falar.

— Ah! – ela levantou as sobrancelhas em sinal de compreensão – Bonsoir, Théodore!

Um som diferente ecoou dentro do ateliê.

— O que foi isso?

— O hiperião foi fechado para nossa segurança. Agora podemos conversar a vontade. Mas por favor, deixe-me saber se a Madame deseja algo? Água? Chá? Café?

— Você está me chamando de Madame sem parar. Provavelmente não sabe que meu nome é...

— Não, não diga o seu nome! Eu devo chamá-la apenas de Madame.

Aquela informação deixou a protagonista um pouco desgostosa. Mas um dia ela me agradeceria isso. Primeiro, claro, ela reclamou e fez questão de direcionar a reclamação exatamente para onde eu estava.

— Sério, narrador? – ela olha pra cima, pro canto direito da página, acreditando que assim estaria falando comigo. E ela realmente falou – Madame? Ok. Eu não me sinto confortável sendo chamada assim, mas não vou discutir com você.

— Eu olhava para uma tela branca quando queria falar com ele. Você consegue falar com ele mesmo tendo palavras dentro da folha?

— Bem, eu consigo falar, mas não tenho certeza se ele consegue ouvir o que eu digo.

Sim. Eu consigo ouvi-la. Às vezes é felizmente. Às vezes, infelizmente.

— O que exatamente eu vim fazer aqui? – perguntou.

— Ele me pediu que mostrasse um dos meus quadros para você.

Théodore apontou para um cavalete no canto esquerda, ao fundo do ateliê, que apoiava uma tela em branco e, ao lado dela, uma mesinha redonda com uma toalha lisa branca na qual estavam uma cesta rústica de galhos onde folhagens serviam de cama para sete pêssegos. Ao lado do cesto, um pêssego solitário havia sido colocado diante de um prato branco onde uma abóbora partida mostrava a riqueza de suas sementes. E, atrás dos frutos e da abóbora, o vaso que lembrava o escuro da noite repleto de flores coloridas e de diversos tipos.

— Talvez eu coloque um jarro de vinho. Ainda estou decidindo para então começar a pintar.

E foi nesse momento que ela lembrou do quadro ao qual ele se referia.

— Não é bonito? – os olhos de Théodore brilhavam olhando para as musas de sua futura pintura: as flores – Adoro a vida que há nelas. Há mais vida nelas do que em muitas outras coisas.

— E os frutos?

— Neles também, mas há algo nelas que me encanta e me intriga. E é exatamente o encantamento e o mistério que elas trazem que me faz querer pintá-las. Por mim só as pintaria até os confins da minha vida, mas, aparentemente, você precisa fazer algo considerado grandioso por terceiros se quiser ser considerado um artista que todos levarão mais a sério.

— Mas você não se importa com isso.

Ele sorriu e olhou para o rosto dela. Ela estava começando a lembrar.

— Não me importo mesmo. Pintar para mim é viver e minha vida não está a venda. Nunca estive. Um dia comecei a pintar outras coisas que me interessavam, além da beleza das flores, foi quando comecei a chamar ainda mais atenção.

Ele olhou na direção do quadro que estava esboçando quando Madame chegou.

— É muito estranho ser chamada assim pelo narrador. Não posso ser chamada de protagonista por você e de Madame por ele? – perguntou olhando para o mesmo ponto que olhou anteriormente ao falar comigo. Théodore fez a gentileza de responder por mim.

— *Non*, Madame.

— Quando cheguei você estava ouvindo Wagner – ele sorriu timidamente – Você pintou um quadro mostrando a musa que o inspirava – ele acenou positivamente com a cabeça – Você a imaginou ou você realmente a viu?

Théodore lançou sobre ela a pergunta mais enigmática de sua vida de escritora e que – provavelmente – a moveria para todo sempre.

— Você está escrevendo por que a cena está acontecendo ou a cena está acontecendo porque você está escrevendo?

Tomada pela falta de fôlego e o espírito de aventura que aquela pergunta trouxe, elaborei com as mãos na lateral do corpo ao mesmo tempo

em que o movimentou suavemente em direção à porta por onde entrou.

Aquela pergunta feita por ele por diversas vezes foi também a pergunta que ela própria fazia depois de escrever diversas cenas. Nunca obtivera resposta, e não sabia se algum dia gostaria de saber o que realmente acontece enquanto as palavras são tecidas para contar uma história.

Ela se preparou duas vezes para dizer algo, mas não conseguiu. Os olhos de Theodore as deixavam sem palavras. As palavras dele as deixaram sem palavras.

Quando ela tentou, por uma terceira vez, dizer algo, seus olhos encontraram uma tela pendurada na parede, na exata direção da porta de entrada e aquilo chamou sua atenção.

— Eu não me lembro de ver essa tela aí quando entrei.

Théodore ficou levemente nervoso quando viu o que tinha na tela: uma lira dourada com quatro cordas douradas em diagonal que apresentavam diferentes tamanhos. A voz trêmula entregou que ele não estava preparado para o que estava por vir.

— E ela não estava. Nem mesmo deveria estar.

— O que você quer dizer com isso, Théodore?

— Você realmente não sabe?

— Margorp falou que a lira só aparece quando o Sol está pronto para entregar algo.

Théodore olhou mais uma vez com firmeza para ela e naquele olhar ela entendeu que algo seria entregue.

— Você vai receber alguma inspiração para uma pintura nova?

— Não, não é exatamente isso que acontece.

A lira vibra as quatro cordas.

— Não serei eu quem receberá algo.

— Não? – ela arregalou os olhos – Eu?!

A lira começou a fazer um giro no sentido horário sem interromper o vibrar das cordas e Théodore tensionou o maxilar. Madame percebeu que aquilo não sinalizava uma coisa boa, mas também não sinalizava um período. Aquilo sinalizava que o tempo daquele encontro estava próximo do fim, e Theodore ficou triste.

— O que exatamente a lira tem para me entregar?

Ela mesma respondeu a própria pergunta ao perceber o forte traço de uma letra grega no momento que a lira parou de girar no sentido horário e parou de cabeça para baixo. Estava diante de um ômega atravessado por

quatro raios.

— Um fim – disse Théodore segurando com força na mão dela – e um recomeço ao mesmo tempo.

— *Merci*, Theodore – ela mantinha os olhos firmes na lira em movimento.

— Eu? – perguntou buscando olhá-la nos olhos e sentindo-se confuso.

— Por me lembrar do real motivo da minha escrita– ela olhou nos olhos dele entregando uma frase de gratidão – *Merci beaucoup*!

Uma lágrima quente brotou do olho direito de Théodore e caminhou até o queixo manchando-o levemente como uma gota de água é capaz de manchar uma tela recém pintada. Antes que ele pensasse em dizer algo, os quatro raios saíram do centro do ômega sendo lançados pelo ateliê e a letra grega caiu moldura afora acertando o chão. Mas mais nada aconteceu.

— É só isso? – perguntou Théodore à Madame.

Não, Theodore. Mas antes eu, o narrador, preciso falar com a pessoa mais importante de toda essa história.

Da: Supernova

Para: As pessoas com esse livro nas mãos

Cara Letra,

Nós, as estrelas, chamamos aqueles que leem de Letras, e, segundo os nossos profundos conhecimentos, vocês são aqueles que pela leitura afirmam e confirmam os sentimentos daquilo que foi escrito.

Ler é um ato de salvação. Por meio dela acontece a perpetuação das palavras que foram talhadas fazendo ecoar tudo que as envolveu enquanto foram escritas. Se envolvidas por esperança, a leitura esperançosa reverberará esse sentimento. Se envolvidas no ódio, a leitura sombria ecoará as sombras do mal.

Peço que sua leitura seja sempre um ato de esperança.

Por isso que eu, o narrador, a Supernova, preciso que você, me prometa que, deste ponto em diante, você lerá com amor.

Isso é muito importante!

Eu não obrigarei ninguém a deixar de cumprir suas responsabilidades em seu mundo para ler, mas se houver a possibilidade de uma leitura sem interrupções pelas vias do ódio, que ela se faça!

Isso também é muito importante!

Vocês não são chamados de Letras à toa: vocês criam enquanto lêem, então sejam bons criadores e leiam com amor!

O conto conta com a ajuda de vocês.

Ass:

Margorp Perpetuam-Inffinitum

O ARCANJO MIGUEL

Está tudo muito estranho para Aurora. Flyont se foi, o tempo parece ter voltado completamente diferente do dia que ela foi ao Café des Fleurs e ela não se lembra de ter estado naquela livraria nessa mesma data.

Nada está fazendo sentido.

Nada!

E, para completar sua absoluta confusão, Nabetse está sentado a sua frente em uma das pilhas de livros onde Flyont costumava se sentar e informou-a que eles precisam ir para Montparnasse imediatamente. Mas antes, ele precisa saber como foi a chegada e permanência de Dom Quixote.

— Foi incrivelmente caótico! – disse rindo, enquanto lembrava da cena - Os turistas ficaram loucos imaginando que era uma atividade da livraria, mas a moça dos selos sabia que não era. – ela olhou pra ele como se ambos guardassem um segredo que somente os personagens conhecem, e provavelmente a moça dos selos também – Ela sabia...

— Todo mundo que estampa um carimbo em um livro sabe das coisas! – completou Nabetse com um tom de voz de quem fala o óbvio que ninguém quer ver.

Ele fica um pouco agitado. Está preocupado em como chegariam ao seu destino dali. Ele não sabe andar em Paris.

— Eu sei chegar lá saindo de uma estação próxima daqui. Na verdade, não é tão próxima – ela vê que Nabetse faz um ar apreensivo – Caminharemos um pouco até chegar a estação Saint Michel.

— Tudo bem. Mas precisamos ficar em alerta. Ao passar por aquela porta – ele aponta o indicador para baixo na direção da porta de saída. Ele tem um ótimo senso de direção - estaremos por conta própria. Mas precisamos ir. Eu preciso nascer hoje mesmo.

Aurora olha assustada para ele.

— Como é que é?

Ele fica em pé e a convida para se juntar a ele.

— Você disse que teremos que caminhar até a estação. Até lá eu acredito que consigo explicar tudo o que vai acontecer.

— Eu já ficarei satisfeita se souber o que está acontecendo.

— Tudo bem, mas vamos. O tempo corre até para um Sol que está para nascer.

Aurora pede que ele parasse de falar de forma vaga e tentasse explicar o que tudo aquilo significava. Quando eles já estavam a alguns passos longe da Shakespeare and Company, ambos começaram um diálogo

rápido onde o essencial foi exposto.

— Fui até Margorp e conteque percebiue tenhotrês fases de vida.

— Ok... - disse Aurora sinalizando que estava ali e precisava rapidamente de mais informação.

Nabetse foi rápido, muito rápido no falar. As pernas dele andavam com a mesma agilidade. Ele estava com pressa para contar o que havia acontecido, mas também para chegar logo à estação.

— Otrebor e eu concluimos que eu sou um Sol em potencial.

— Hã?! O que?! – Aurora parou de caminhar

— Eu sou um personagem que originalmente o Yvied criou e depois tentou matar mas só se deu mal.

—O que?! O Yvied te criou e tentou te matar??!! – foi então que Aurora soube que o Líder Sogimini já foi um escritor.

— Pois é... Não é todo dia que se descobre isso! – comentou Nabetse, reflexivo.

— É só isso?

— Não, eu me ofereci para ser o sol da escrita da protagonista e agora ela e Margorp estão mais aliados ainda para combaterem Yvied e me ajudarem nessa minha mais nova missão: me transformar em um sol.— Uau! – Aurora parou novamente, a caminhada apressada e as informações a deixaram sem ar .

Foi o tempo hábil para chegarem na entrada da estação Saint Michel.

— Chegamos – disse ela, apontando para a escadaria de entrada da estação.

Nabetse acelera o passo puxando Aurora pela mão enquanto ambos descem os degraus de acesso da estação. A pressa dele some para diante de três músicos, três imigrantes africanos, tocando djembêenquanto franceses e turistas passam por ali.

— Queria ter mais tempo pra apreciar essa música. É tão bonita. Lembra a minha madrinha. Mas não temos tempo– lamenta, continuando logo em seguida em uma quase corrida e dando um puxão no braço de Aurora – Temos que esperar alguém vir nos buscar.

— Pensei que iríamos direto para Montparnasse. Agora não faço menor ideia do que irá acontecer.

Aurora parece não entender o que ele está dizendo.

— Também faço a menor ideia do que vai acontecer. Só sei que vai

dar tudo certo.

Aurora queria fazer uma pergunta, mas ela temia a resposta. Mesmo assim, ela perguntou.

— Como você pode ter essa certeza?

Nabetse olhou no fundo dos olhos dela e deu a resposta que ela – com razão – temia.

— Sexto sentido de antigo protagonista.

Aurora não teve tempo para reagir. Ela viu Nabetse tensionar o rosto e o maxilar a medida que seus olhos fitavam algo que evidentemente se aproximava e colocava ambos em perigo. Aurora olha e dá um passo para trás, agarrando o braço de Nabetse em busca de um abrigo de segurança para se proteger de Yvied que caminha na direção de ambos sendo seguido por cinco membros de sua horda.

— Entregue-a pra mim e você pode voltar para a escuridão do Território em paz.

O som da voz de Yvied era mais cortante que o fino som dos freios dos vagões ecoando no metrô. Aurora apertou com firmeza o tecido da roupa de Nabetse enquanto cada palavra era dita pelo Líder dos Sogimini.

Yvied faz um ar de surpresa e tão surpresos parecem seus seguidores.

Os três músicos africanos que tocavam no tubo por onde passaram Nabetse e Aurora aproximaram-se e colocaram seus djembes no chão atrás dos dois. O rapaz fica surpreso e sem reação diante do que acontece diante de seus olhos. Sem se preocuparem e em movimentos firmes, os músicos se alinham e preparam seus instrumentos para o que quer tenham ido fazer ali.

O djembê é um instrumento que tem três tons. Três tons bastam para tirar dele toda a sua glória musical.

— Saiam! – ordena Yvied.

O primeiro músico dá o primeiro tom do instrumento em um golpe forte com a ponta dos dedos na beira do djembê à sua frente. Aquela resposta é firme e clara: não!

— Eu ordeno que saiam! – insistiu o Líder dos Sogimini.

O segundo músico bate na beira do djembê com o punho produzindo o segundo tom do djembê enquanto o primeiro, com uma batida de chave de fenda em um agogô pendurado em seu djembê, produz um som tão peculiar quanto a peculiaridade das corajosas palavras do segundo músico.

— Você não ordena aqui – disse, fitando Yvied com a força de todos os guerreiros que moram em sua alma – Nós não obedecemos ordens suas.

Aurora e Nabetse trocaram um olhar surpreso.

Yvied deu um passo a frente e foi golpeado no centro do seu peito pelo terceiro tom, dado pelo terceiro músico que espalmou a mão com firmeza no centro do djembê que estava em sua posse. Os servos precisaram segurá-lo para que ele não caísse no chão.

— Como ousam? – indagou, sentindo-se afrontado e humilhado.

Os três músicos riram entre ri, sacudindo os ombros. Havia um justo deleite e diversão com o acontecido.

— Nós não queríamos machucar você, mas você é um tolo teimoso – disse o terceiro músico.

O primeiro disse algo em seu idioma entoando quase um grito antigo de sua terra ancestral e então a música começou. A mesma música que Nabetse ouviu ao passar por eles e que, por achar tão bonita, disse que o fazia se sentir bem.

Alguns passantes começaram a se aglomerar em volta acreditando que se tratava de uma apresentação especial no metrô.

A roupa dos músicos começa a mudar e a plateia vibrou ainda acreditando que tudo se tratava de uma apresentação. Nabetse começou a ficar aflito.

— Por favor, por favor, não parem, continuem andando. Isso aqui não é umshow.

— Vão embora! – implorou Aurora.

As pessoas não se moviam. Algo em palavras ocorreu a Nabetse e ele arriscou dizer.

— Aquele cara ali – apontou o indicador para Yvied que o alvejou com os olhos – É o maior inimigo de todos os Territórios onde histórias são plantadas.

As pessoas olharam confusas para ele.

— Ele matou personagens, fez escritores desistirem... Ele destrói sonhos! Salvem suas vidas! Saiam daqui! Agora!

Ao contrário do que havia imaginado, que soaria como um louco ridículo, aquelas palavras funcionaram e as pessoas começaram se distanciar, e, ao sentirem a verdade no que foi dito por Nabetse sendo alimentado pelo olhar incomum de Yvied, que pela primeira vez foi percebido por elas, elas

começaram a correr.

No meio do desespero de franceses e turistas, algo iniciou a desvelar-se, revelando-se diante de todos. O som dos djembes trouxe toda a força protetora do abraço de Edys e a primeira estrela perpétua materializou-se na frente deles. Em sua mão direita, uma espada que outrora chegou a ser de Yvied. Aquela visão o deixou ainda mais atormentado.

— Você achou mesmo que iria levá-la debaixo dos olhos do maior de todos os Arcanjos? — Edys fita-o com doçura. Ele não consegue olhá-la por muito tempo e ela faz uma observação importante à Yvied sobre mim — Você esqueceu quem é conhece o Narrador...

Edys e alinhou a espada, em posição horizontal, na direção de sua boca, deixando somente os olhos bem a vista de toda horda. Puxando o punho de ébano com a mão esquerda, elaretirou a espada da bainha que cobria e protegia a lâmina em um movimento lento e igualmente elegante. Quando toda a lâmina ficou descoberta, Edys emparelhou a espada de forma diagonal ao lado de seu corpo..

Era possível ver na parte superior do guarda-mão da espada, um orbe resplandecente de ametista fazendo companhia ao desenho flamejante de uma estrela perpétua no centro de um desenho sagrado para toda a arte. Na direção do leste, um orbe vibrante de topázio pulsava e produzia o som que lhe conferia a posição onde todos os sóis se levantam. Na direção do oeste, o guarda-mão tinha um orbe lápis-lazuli ostentoso que girava sem parar. Ainda na espada, na estrutura do forte de sua lâmina sete orbes de esmeralda apontavam para o sul até a chegada da forja de uma vistosa pluma de escrita, que apontava para a continuação de mais sete esmeraldas que seguiam pontilhando o fraco da lâmina até chegarem à ponta da arma branca.

Virando-se levemente para a direita, mas não completamente, a estrela primeira das estrelas sábias, comunicou-se com os músicos, chamando a força dos djembes em seu mais puro som.

O centro do desenho sagrado contido na espada brilhou como o sol que é, vibrando na direção dos quatro pontos cardiais espalhados naquela espada, e levando o flamejar do sol para todos os quatro orbes e para a pluma de escrita à qual aquela espada pertencia.

Ver aquela espada fez Yvied ser tomado pela fúria. Ele observou em volta e percebeu que a melhor forma de atacar ali seria alvejar um passante com o corte de suas sombrias palavras. E assim ele fez, lançou sobre ela, tendo como origem a sua boca, a palavra mais terrível que ele sabia falar

e que um dia já havia atacado Nabetse.

— Estrangeiro!

Antes que toda sombra que havia naquele ataque pudesse tocar no passante, uma letra dourada colocou-se diante da pessoa e serviu de escudo para ela, sumindo imediatamente depois que aquela terrível vibração foi contida e destruída por seu fogo dourado. O Líder dos Sogimini não se deu por satisfeito e tentou então alvejar mais pessoas, com a mesma expressão do seu ódio. Porém teve que observar diante de cada uma delas, em pluralidade de números, uma letra diante de cada pessoa queimando as sombras de más palavras.

Eram letras lidas com amor pelos Letras. A minha carta havia realmente surtido seu efeito.

Precebendo isso, os músicos pararam e os djembes silenciaram, permanecendo apenas o ritmo que ainda ecoava pela estrutura da estação Saint Michel.

— Volte para o lugar de onde veio, Yvied – disse Edys, segurando a espada com firmeza.

O primeiro músico fez o primeiro tom mais uma vez com a ponta de seus dedos. O segundo tom foi feito pelo punho do segundo músico.

Yvied, pela primeira vez em eras, sentiu um calafrio.

O terceiro músico enfrentou-o com o olhar e sinalizou, apontando com a mão direita para a palma da mão esquerda e logo em seguida para o djembê, que estava pronto para espalmar o terceiro som no centro do instrumento. Com a boca ele faz o som que sairia de seu djembê caso Yvied não recuasse.

— Última chance! – enfatizou Edys.

O Líder Sogimini não recuou e o terceiro tom do djembê não exitou em vibrar na estação Saint Michel levando Aurora, Nabetse e Edys para MontParnasse enquanto Yvied e toda sua horda foram arremessados para o vórtice sombrio do qual vieram.

Os três músicos trocaram olhares de satisfação e chegaram a uma conclusão sobre aquele momento. Mas o melhor comentário entre eles foi dito pelo único músico que ainda não tinha falado nada.

—Derrubamos um intolerante e vimos letras protegerem pessoas. Hoje foi o dia mais produtivo de nossas vidas. –disse rindo feliz, sendo imediatamente seguido pela risada de felicidade dos outros músicos.

Não havia mais nada a ser feito ali por eles. Começaram a guardar

seus instrumentos e foram para casa, não a casa-mãe da qual sentiam saudade, mas a casa que tinham naquele momento e naquele país depois de uma difícil luta pela vida.

Um dia eles voltariam para a África, nem que fosse pela mão da protagonista.

*

A porta do ateliê se abriu e por ela entraram Edys, Nabetse e Aurora trazendo com eles a claridade do dia. Quando os olhos de Nabetse encontraram com os olhos assustados da protagonista fitando-o em carne e osso diante dela, o ômega começou a vibrar em som e dourado dentro do ateliê. A protagonista cobriu as orelhas protegendo-se do som grave gerado pela letra grega.

— Onde está o eclipse? – perguntou Edys aproximando-se de Théodore e elevando o tom de voz para ser ouvida.

— Ali! – gritou o pintor, apontando para uma tela branca.

Nabetse olhou para aquela ausência e gritou:

— Não tem nada ali!

A protagonista olhou confusa para a tela em branco e para Théodore.

— Você já a viu pintada... - disse em voz baixa sendo compreendida por ele.

— Ela está aqui, Nabetse! Ele já a viu pintada na tela! - explicou Edys pegando a tela e entregando-a para a protagonista – Não largue-a de forma alguma!

O que Edys conjurou logo em seguida não era esperado por eles.

— Alfa!

Era impossível que uma estrela como Edys tivesse cometido um erro. Realmente, ela não cometeu erro algum. Só há uma forma de um Sol anunciar o fim de algo: gritar com todo seu esplendor que um novo algo também começaria. E até mesmo recomençaria.

A protagonista sentiu em si a força que aquela outra letra grega trazia e apertou a tela com suas mãos procurando não largá-la!

Aurora também sentiu a força daquele eclipse e, estando presente naquele ateliê.

— Nabetse, o que está acontecendo comigo? - perguntou, sentindo-se alaranjar no horizonte.

Mas Nabetse não soube explicar. Coube a Edys, trazer a fala que

lhe é mais particular e que a diferencia profundamente de mim.

— Vou lhe explicar da forma mais romantizada possível, Aurora, porque é disso que este momento mais precisa. Você é agora uma Zorya, mais especificamente, a estrela vespertina, responsável por fechar o portão do céu quando o Nabetse se recolher. Foi por isso que você foi criada como personagem – Edys segurou nas mãos de Aurora e disse – Você foi idealizada para cumprir esse fim.

Aurora sentia na pele e em suas entranhas toda a verdade apresentada por Edys.

— Você pertence ao oeste e a sua presença nesta cena é essencial para o a transformação dele em Sol, mas ainda mais importante, é que você é de primordial importância para o renascimento dela – disse Edys apontando para a protagonista.

Aurora olha para Zorya e a protagonista olha para ela com um peso nos olhos.

— E ela pode contar com a minha ajuda – respondeu Aurora, agora afirmando que é a estrela vespertina – Eu pertenço ao oeste. Ambos podem contar comigo. Com aquela afirmação, Zorya começou a sentir a visão turvar e a perceber uma penumbrachegando ao ateliê.

O ateliê que antes era uma mistura de bege e marrom começou a ganhar as cores de um pôr-do-sol, e Zorya deu sinais de que não suportaria mais permanecer em pé ao perceber a chegada da escuridão da noite tal qual a cor do vaso de flores que seria pintado pelo artista francês.

As pernas de *Madame* falharam e ela finalmente começou uma jornada ao chão coberto pelos tecidos marrons. Théodore correu para segurá-la, e Edys saiu do meio do caminho para não atrapalhar.

O pintor francês segurou-a em seus braços e começou a falar algo em seu idioma. Zorya, ainda que em seu processo de renascimento estivesse sendo levada para longe dali, conseguiu ouvir o que ele disse, mas não entendeu o que ele dizia.

— O que ele disse pra ela? – Nabetse indagou à madrinha.

— Não desista do seu farol – respondeu Edys.-

Ele ainda a segurava nos braços buscando confortá-la. Era o máximo que ele podia fazer. Com a chegada da noite caberia somente à protagonista enfrentar a sombra de suas próprias palavras pelas próximas horas da noite.

O renascer dela começou naquele exato momento, quando Aurora

entrou no horizonte oeste ao afirmar que pertencia à ele, efetuando a transição do dia para a noite. E, para o espanto do artista francês, a tela em branco na qual ele já havia pintado em sua imaginação o quadro *Aurora e Noite* começou a ganhar as exatas pinceladas que ele havia imaginado.

Sem ter mais como resistir, ainda nos braços de Theodore, a protagonista fechou os olhos e contemplou uma noite estrelada seguindo para as horas mais desafiadoras de sua vida. O pintor abraçou-a com força contra o seu peito antes de dizer as únicas palavras que lhe foram permitidas serem ditas naquele instante.

— Feliz dia do renascimento, Madame. — desejou-lhe o pintor francês enquanto Aurora fechava os olhos para finalmente mergulhar no oeste e levar Nabetse para enfrentar as palavras da noite.

AS PALAVRAS DA NOITE

A noite que antecede o nascer de todo Sol é dividida em doze horas e nós, as Supernovas, damos a essa noite o nome de Amduat. Quando um personagem decide se transformar no Sol da escrita de alguém, um Amduat é preparado especialmente para esse momento, bipartindo-se em horas de personagem-Sol e horas de protagonismo. À Nabetse foram dadas sete horas. À protagonista, cinco horas que condizem com os anos que ela se afastou de sua escrita.

Tendo um Amduat formado especialmente para ele, Nabetse teria as horas necessárias para que conhecer inimigos e aliados, enquanto navegava na noite para se levantar como Sol pois aquilo era o desejo do seu coração.

Na jornada pela noite das palavras nomes são ditos e rostos são mostrados com um importantíssimo propósito: um Sol precisa saber em quem pode confiar.

Mas, como primeiro passo do renascer de Nabetse, a protagonista precisa receber um nome ao mesmo tempo em que a porta do dia se fecha e a da noite se abre, para que ela e ele estejam protegidos a partir daquela madrugada.

Foi por isso que a chamei de Zorya e será por meio desse nome que ela será referida de agora em diante, não apenas para protegê-la, mas para que ela também saiba que cabe somente a si mesma cumprir o significado de seu nome. Ela é a guardiã da madrugada de suas palavras.

A Aurora que seguiu para o oeste e que receberá Nabetse todo fim de obra quando ele finalmente for repousar as inspirações e Zorya fizer o intervalo entre uma escrita e outra, esta Aurora permanece com seu nome. O pôr-do-sol que ela trouxe é diferente de todos os demais pois ela carrega em si, com veemência, o que Zorya nunca mais pode perder: a crença no amor.

Ainda que o Sol se ponha no oeste, Aurora lembrará Zorya que o amor nunca se pôs e nunca se põe. Assim ela nunca mais se perderá no caminho de sua escrita.

A Aurora que aquarelou é muito especial. É uma Aurora grega. Uma legítima letra alfa ainda que muito fraca em acreditar em seu próprio potencial e cruel ao falar sobre si mesma. Não foi a toa que Yrneh seguiu até ela e a encontrou em Creta, trazendo-a até as ideias iniciais das tentativas de Zorya. Não foi por mera coincidência que ela foi levada para a pena do sol nascente. Ela sempre foi da casa do Leste e isso foi comprovado diante do olhar incrédulo de Zorya no dia que uma filha do Leste reconheceu Anatoli.

Tudo aquilo pareceu coincidência, mas a verdade é que não há coincidências quando alguém realmente se propõe a finalmente viver para o que lhe traz felicidade na vida: a arte da escrita. Eu sei que por muito tempo este conto aparenta confusão. Do alto de minha posição como Supernova posso garantir que papéis soltos fazem mais sentido que folhas encadernadas, e não há nada mais poderoso do que o Sol de um caderno de notas aleatórias de criação nas mãos de um escritor que está lutando contra seus medos. A aleatoriedade garante que a escrita não morra em suas mãos, nem em seu coração.

Anotações aleatórias de criação são confusas, mas ainda assim são letras de criação forjadas pelo calor de um amor. Nada deve ser jogado fora. Um dia, o que um dia foi caos começa a fazer sentido e o brilho volta para os olhos do artista.

E um Sol seria dado à Zorya por mim porque este mesmo ainda-não-Sol fez questão de oferecer-se para tal. Ele tinha uma jornada a enfrentar se realmente quisesse se erguer no Leste das palavras dela e ele não teve medo quando seus pés sentiram o chão do barco ainda quando ele estava no ateliê de Henri. O que ele precisava fazer para que o barco começasse a navegar, era muito simples: ele precisava fechar os olhos e deixar-se levar pela correnteza.

Assim ele fez. O coração dele estava tão disposto que bastou o singelo encontro dos cílios superiores com os inferiores para que o som do rio ganhasse vida e força, levando-o para a continuação da primeira hora do renascimento. O renascimento dele seria o dela também. O elo entre ambos era certo e evidente. Nada poderia dar errado.

Quando ele abriu os olhos percebeu que estava dentro de um barco repleto de diversos desenhos. Uma mistura de letras gregas, desenhos egípcios e símbolos do hinduísmo adornavam toda a estrutura daquela embarcação e faziam-na brilhar em meio ao breu.

Ele estava em seu barco, o barco do Sol.

O rio tinha duas margens, essa visão ficou muito clara para Nabetse. Elas representavam as antigas escolhas que foram impostas para ele quando ele era um menino protegido pelos Guardiões da Justiça e elas seguiam repetidas ao longo destes dois lados fazendo-o encontrar com suas versões – humana e estelar – inúmeras vezes naquelas duas margens. Do lado esquerdo estavam todas as versões humanas de Nabetse, com vestes simples e um semblante feliz. Do lado direito estava a versão estelar dele, com vestes brilhantes e repletas de aglomerados de estrelas. Cada vez que ele via esta versão, as vestes tinham uma cor diferente e cada vez mais linda.

Versão humana e versão estelar convidaram-no para abandonar aquele barco e se juntar a uma delas enquanto havia tempo.

— Siga em frente.

A frase surgiu de uma voz vinda da proa da embarcação e a curiosidade fez Nabetse caminhar e se debruçar no exato local onde estava uma figura feminina poderosa encravada em madeira, a Dama do Barco.

— Você disse algo? – perguntou Nabetse, impactado pela visão daquela criatura.

— Siga em frente – repetiu ela, com a mesma firmeza e poder de sua voz.

As versões de Nabetse insistiam para que ele deixasse o barco e desistisse de sua jornada. Uma delas mexeu profundamente com ele: ele tinha treze anos, a exata idade que ele tinha quando conheceu os Guardiões da Justiça pela primeira vez ao acordar na grama do Território. A visão de si mesmo na idade mais memorável de sua vida quase o fez desistir.

— Esqueça-a! – disse a Dama do Barco – Esqueça cada uma delas. Neste momento, esquecer é uma necessidade – completou antes de pedir que ele olhasse para trás e visse que não estava sozinho no barco - Seus aliados chegaram – disse, movimentando seu braço e anunciando as sete figuras que compunham a tripulação do barco juntamente com Nabetse - Dê boas vindas a eles! – enfatizou a Dama do Barco. Ela lembrava uma Cariátide e Nabetse não deixou de perceber isso e ao mesmo tempo questionou-se como ele sabia essa informação.

O primeiro aliado era formado pelas duas Auroras: Zora e Aurora, a primeira representando o leste e a segunda, o oeste. O líder daquela comitiva fez um pedido as duas ao colocá-las sentadas voltadas à direção que cada uma representava: que nenhuma delas saísse de sua posição para que aquela viagem cumprisse seu verdadeiro propósito.

O segundo aliado era Rotciv empunhando sua espada de Guardião na mão esquerda.

Como terceiro aliado estava Yrneh, pai de Nabetse, com uma barba proeminente e carregando na cabeça a coroa recebida como velho sábio: os cabelos brancos.

Otrebor era o quarto aliado de Nabetse e apresentava mais uma vez sua forma leonina. Os rugidos que saíam dele eram fortes e constantes, servindo como um anúncio que aquele barco era destemido e seguiria seu curso ainda que inimigos surgissem pelo caminho.

Edys estava ali também e era a quinta aliada. Sua presença iluminava o caminho e Seheteh Ur era um de seus nomes como deusa do Sol. Esse é um dos nomes de todo deus-sol.

A sexta aliança era composta por quatro estações, também chamadas de direções essenciais para as quais todo Sol aponta, eram elas a escrita, a música, a pintura e a dança.

O sétimo aliado era, ao mesmo tempo, líder do grupo. Em sua forma com cabeça de falcão, Anatoli deixava claro que cabia a ele não apenas proteger todos que estavam ali, mas trazer a certeza que haveria um novo nascer de Sol ao leste.

O barco partiu do oeste em direção à seu destino final que também é o início de todo Sol: o horizonte do Oriente.

Mas o caminho desta viagem tinha como sua primeira passagem o Território, o relevo sob o qual foram originadas as últimas palavras escritas de Zorya antes de sua busca por redenção, essas mesmas últimas palavras eram guardadas pelo primeiro personagem criado por ela ainda em sua infância, o seu Primogênito, batizado por ela de Flyont.

Ao se aproximar daquela terra tomada pela escuridão do abandono, Nabetse pode ver na margem esquerda, com generosidade de detalhes, o alcance da destruição de Yvied e o quanto o Primogênito seguia resistindo e guardando as últimas palavras de Zorya. Foi diante de Nabetse, em meio a visão do deserto que havia tomado conta do Território, que Flyont, o Primogênito, proferiu as palavras que selariam o destino de todo aquele conto e de tudo que renasceria com a vitória de Nabetse em sua transformação como Sol.

— Que as palavras nunca mais falhem em você.

O rio subiu e se agitou em ondas. O barco permanecia intacto e sem sofrer qualquer consequência das ondas que se movimentavam com fúria

trazendo uma inundação que tomou conta do lado esquerdo e começou a destruir o deserto.

Nabetse não pôde acompanhar o que acontecia depois que a revolta das águas fez com o deserto aplicado por Yvied. O barco do Sol precisava seguir seu caminho e ele o seguiu.

Macacos saíram da água do rio começando uma grande bagunça. O líder deles, o maior de todos os gorilas do caminho do Sol, subiu logo em seguida mas tomou o devido cuidado de não atrapalhar a bagunça proporcionada pelos pequenos símios. Procurou o local mais tranquilo do barco e ali permaneceu sentado até chegasse o momento de voltar para o rio. Mas antes cabia aos macacos e ao gorila uma única missão: abrirem os portões da alma das palavras.

Nabetse reclamou da bagunça para sua madrinha e imediatamente um macaco pulou para a cabeça do rapaz, puxando seus cabelos com extrema força.

— Ai! — exclamou com o puxar dos fios pelos dedos do pequeno macaco de com pelos dourados em volta da cabeça. Era um mico-leão dourado — Isso dói!

O tom da reclamação de Nabetse fez Rotciv desmontar-se de sua posição de alerta e caminhar na direção do rapaz com a espada em punho. Enquanto seus olhos observavam que o mico-leão seguia brincando e puxando os cabelos de Nabetse, e ele seguia reclamando não somente da dor, mas da bagunça que seu cabelo estava se transformando.

— Meu querido, não reclame, ele está apenas fazendo o trabalho dele. — disse Edys para Nabetse, com os cabelos tão bagunçados quanto a pelugem do macaco.

No exato momento que Edys finalizou sua fala, um grito fino de macaco foi ouvido por toda embarcação. Rotciv tirou o macaquinho da cabeça de Nabetse apenas com pinçar brusco de dois de seus dedos, pegando o animal de surpresa. O macaquinho resmungou e fez de tudo para voltar a se divertir em seu trabalho, mas o Guardião não permitiu e também o ameaçou.

— Se puxar o cabelo dele de novo terá que se ver comigo!

O gorila saiu de sua posição serena e lançou um olhar para Rotciv. Os olhos do Guardião encontraram os olhos negros do animal e ele percebeu o que havia feito, no entanto foi o olhar de leão de Otrebor o que mais o cobrou pelo que havia provocado.

—Eu sei! Eu sei! — refletiu Rotciv com suas duas frases repetidas e

curtas.

— Você sabia, mas não parecia que você fazia questão de lembrar que aquele era um macaco do Congo. Não é qualquer macaco... É um macaco do Congo! — disse Otrebor, apontando para o gorila. O nome dele era Congo.

— O que eu fiz? — Rotciv estava completamente arrependido.

— Você já fez e ele vai fazer o que é feito com todo mundo que ameaça um dos macacos dele: ele vai fazer o macaco voltar pra fazer em você o que ele estava fazendo antes de ser ameaçado.

Rotciv levou as mãos à cabeça e apertou os olhos. Otrebor começou a rir imaginando como as coisas aconteceriam e ele verbalizou.

— Você nem tem cabelo, mas isso não é problema para o Congo. Ele fará crescer cabelo em você só para que aquele macaco venha e os puxe. Eu espero estar por perto quando isso acontecer.

Rotciv suspirou profundamente tomado pelo arrependimento ao mesmo passo que o gorila chamou os macacos para saírem da embarcação batendo com vigor no peito. Todos correram em direção ao rio, e se lançaram com um pulo na água. O macaco que Rotciv ameaçou fez uma leve pausa no ar antes de mergulhar no rio e o Guardião percebeu que o símio voltaria o mais breve possível para cumprir o que o Congo demandaria.

Enquanto os inúmeros macacos se retiravam do barco, Congo caminhou até Edys apenas para receber dela um afago em sua face e ela foi generosa em seu carinho. O gorila se comportou como uma criança enquanto sentia as cócegas daquele afago. Após receber o carinho necessário, olhou para Nabetse por alguns segundos antes de — do local onde estava — catapultar um salto e lançar-se no rio.

*

O rio acelerou carregando o barco com muita força para dentro da segunda hora; Nabetse seguia na companhia de seus aliados e ganhava novas companhias na procissão de quatro barcos que eram movimentados pelo mesmo poder que movimentava o barco do Sol. O primeiro barco carregava uma lua no centro de sua estrutura sendo guardada por um cavaleiro em nobre armadura prateada feita de material translúcido.

Nabetse observou que havia desenhos de várias penas de escrita dentro daquele barco e aquilo deixou-o curioso.

— O que são aqueles desenhos? — perguntou a seu pai.

— Essas penas significam que, além do Sol, a lua também é

responsável por algumas inspirações, e toda inspiração que vem dela é protegida por aquele guardião.

— Ele é um guardião da lua? – Nabetse demonstrou verdadeira surpresa.

— Sim, ele é!

O segundo barco, chamado “O barco da Supernova”, aproximou-se, colocando-se à esquerda do barco do Sol, e nele Nabetse encontrou-me segurando uma pluma de escrita enquanto uma outra, pousada em um objeto que lembrava o tinteiro que guarda todas as tintas que escrevem palavras, vibrava palavras escritas de dentro deste sagrado objeto. Cada palavra que saía rompia as sombras envolvendo-as em um calor que não permitia às sombras continuar respirando. Cada palavra que saía era a minha luta para garantir que o amanhecer de Nabetse se concretizaria.

O motivo destas palavras lutarem por Nabetse estava adornando meu barco, em forma de uma única frase repetida inúmeras vezes, em diversas letras cursivas e infinitos idiomas: *Seu barco envia suas palavras*. Aquelas eram as *palavras enviadas*. Toda Supernova possui as suas e não há sombra que persista diante de letras que nós reunimos e enviamos.

Ainda em meu barco, na proa, abaixo da enorme pluma aliada à tinta, estava gravado em prata a frase mais importante de todas, de onde se originava a força das *palavras enviadas* de uma Supernova:

“A palavra clama por isso”

Nabetse teve enorme dificuldade para ler a frase, apertando os olhos para entender a letra que havia forjado a reunião daquelas letras. Não era uma letra muito legível, mas era uma letra muito fiel e fidelidade é o que procuramos para se juntar ao nosso barco.

No terceiro barco, colocado por ele mesmo à direita, estavam alguns personagens conhecidos de Nabetse que não sobreviveram à tomada de poder de Yvied: Onalos, Enila, Alimdur e o ajudante que Nabetse tentou lembrar o nome de todas as formas, mas não obteve êxito. Todos acenavam para ele e ele não resistiu àquela visão entregando-se a poderosas lágrimas.

— Não se preocupe, filho – Yrneh tocou no ombro dele com delicadeza e amor – O rio cuidará muito bem deles.

Nabetse olhou para os fundos do barco do Sol e foi tomado por um forte solavanco imocional ao avistar o quarto barco. Aquele era o mais impactante de todos. Dentro dele estava a mãe de Nabetse, Ana, e com ela, ajoelhada em sinal de profunda devoção juntamente com outras lebres, todas

segurando cestos feitos com entremeados de galhos de oliveiras e recheados de sementes, ervas e flores.

— Mãe! – gritou quase pulando para o barco de sua mãe e sendo impedido por Anatoli que se colocou diante dele segurando-o com os braços e usando a força de suas asas.

— Desculpe. – disse o falcão segurando Nabetse ainda no ar – Não posso permitir.

— Por favor! – Nabetse lutou com veemencia para se livrar das asas de Anatoli – É a minha mãe!

— Ainda não é momento de se juntar a ela. Se você sair deste barco, tudo que está no quarto barco perecerá. Sementes, ervas, flores, lebres... Tudo aquilo simboliza as ideias que você ainda levará para Zorya e que ela receberá de você – Anatoli seguia falando enquanto Nabetse chorava com a linda visão do barco onde estava sua mãe – Ela será a senhora de todas as suas sementes como Sol.

O quarto barco é o mais lindo de todos os barcos.

Ana era muito corajosa. Seria pelas sementes que ela corajosamente decidiu carregar em seu barco que muitas histórias mortas seriam vingadas.

Anatoli arqueou as sobrancelhas ao conseguiu alcançar que, ao lado de Ana, estava em pé uma figura feminina coberta por um capuz roxo que ele desconhecia. Todos do barco do Sol não tinham conhecimento sobre ela, nem mesmo Edys sabia dizer quem era. O máximo que todos puderam saber ao olhá-la era que ela trazia em sua mão direita um cetro prateado e na mão esquerda um cetro dourado.

— Quem é essa mulher que nunca vi? – indagou-se a estrela perpétua.

A imposição da presença daquela mulher trazia força às sementes do quarto barco e elas pulsavam como corações acelerados, e foi um dos pulsares das sementes que contou a Anatoli a única informação que eles podiam receber e que compartilhou com todos:

— Ela é aquela que vence o poder do inimigo.

Nabetse olha para o falcão.

— Que bom! Preciso de toda ajuda possível!

Os ocupantes dos quatro barcos voltaram-se para o rapaz e saudaram-no. Anatoli, que todo o tempo permaneceu ao lado de Nabetse, fez questão de explicar o que a saudação deles significava.

— Eles estão louvando sua coragem e são as suas palavras que trouxeram cada barco que agora ladeia o seu barco – o falcão percebeu que o rapaz não entendeu por completo o que ele havia dito – Suas palavras diante de Margorp tornou possível cada um desses barcos. Sua vontade de ser o Sol que iria ajudar alguém a se reerguer, imediatamente levou você a cada que está nessas embarcações e agora eles vem até você em festa. Não há lamento neles.

Não havia lamento algum que tomasse aqueles que ocupavam os quatro barcos amigos do barco do Sol. Havia apenas palavra, e de Nabetse seria a origem das palavras daqueles que estavam sobre a terra e que uma iriam alcançá-lo, e seria ele quem faria a alma de cada palavra. Mas seu trabalho no momento consistia em fazer nascer as oferendas da noite e na realização do levante que derrubaria o inimigo na hora mais propícia.

Seria por meio daqueles quatro barcos que o dia seria guardado enquanto era trazida e mantida a noite até a chegada do renascer do Sol que repousou durante os momentos de escuridão e então trouxe o corte dourado no horizonte do oriente do céu.

— Você já ouviu falar da cidade dupla do céu? – perguntou Anatoli a Nabetse, recebendo uma resposta negativa pelo movimento da cabeça do rapaz - Todos os que conhecem o Magnífico Sol saem de dia e repousam ao final da tarde. É a chamada viagem entre o horizonte do leste e do oeste – Anatoli lança seus olhos de falcão sobre Zora e Aurora – Leste e Oeste. Oriente e Ocidente. Nascente e Poente. São muitos os nomes. Mas nós, os falcões, a chamamos de cidade dupla do céu.

O falcão percebeu que uma indagação tomou conta de Nabetse.

— O que o está atormentando?

— Não é exatamente uma tormenta... Elas são a cidade dupla do céu, isso eu entendi. Mas e o céu? Quem é o céu?

Anatoli respondeu com seu famoso silencioso olhar lançado sobre um dos ocupantes do barco.

— Você queria encontrar o seu pai, não queria? Pois agora vocês ficarão unidos para sempre.

Yrneh olhou para o filho percebendo que Anatoli falava sobre ele e ambos trocam um olhar de confiança. Nabetse finalmente estaria na melhor de todas as casas da colina e poderia fazer sua viagem entre nascente e poente com a certeza que tinha um céu no qual podia confiar.

O INÍCIO DE UM FIM

O rio continuou a correr, no entanto os barcos não correram junto com ele. Parados, os barcos tinham como obstáculo um portão em forma de ômega fechado com grades em quatro paralelas. Diante daquele portão, Nabetse começou a sentir-se diferente e era visível que algo dentro dele começava a sucumbir.

Era o fim dele como ele mesmo se conhecia ou tentava se conhecer.

O início de seu fim como rapaz e o princípio efetivo de sua transformação em Sol.

Enila, que estava sentada na embarcação em qual navegava, colocou-se de pé e conclamou as palavras estelares com a força que somente ela, como personagem, tinha capacidade para fazê-lo. Cabia-lhe dizer palavras de força e cabia a Nabetse aguentar todas as consequências que tais palavras provocariam.

— Abra vossa porta oculta para que Nabetse possar te olhar e possa afastar as tuas trevas e fazer brotar tuas belas águas e também te alimentar com teu pão – Nabetse levou a mão ao peito em uma perda completa de ar e, ao mesmo tempo, encontrou ar para dar um grito – Que o vento das inspirações cheguem a ti livre de destruição e domínio do ego do inimigo – a dor se agigantou em Nabetse e algumas embarcações começaram a se entregar ao rio, afundando-se pouco a pouco como em profunda oferenda – Que tua alma não seja obrigada a se afastar das palavras nunca mais.

Otrebor fechou os olhos sentindo que seus pés eram cobertos pela água do rio e neles viu brotar flores entre cada um de seus dedos. Enquanto seus olhos permaneciam enebriados pela visão daquelas pétalas, seus ouvidos deram atenção às palavras de Enila anunciando o poderoso mergulho do Sol nas águas das palavras das madrugadas. Aquelas eram as águas de Zorya, mas também eram as águas de todos aqueles que lutam para continuar escrevendo.

— Ó Vós que vivais em vossas formas e que proferem vossas

palavras de poder mágico, que são providas de vossas espadas com as quais despedaçam seus inimigos, que este rio que não cessa possa vivificar para sempre o chão onde vossas palavras são plantadas.

Ao final das palavras de Enila, o barco no qual ela estava juntamente com Onalos, Alindur e o outro ajudante,mergulhou na água e imediatamente saiu um som do portão formado pelas quatro grades em diagonal.

O ômega daquele portão também era uma lira invertida, assim como Nabetse também um dia foi Esteban.

Nabetse começou a chorar em razão da dor insuportável que o rasgava e ele fazia questão de mostrar com os próprios olhos que não suportava mais. Buscou ajuda em Anatoli, mas o falcão não podia ajudar. Tudo o que ele podia fazer, ele sempre fez: ficou sempre a seu lado. O rapaz precisaria aguentar um pouco mais pois havia chegado o momento no qual o barco deste narrador seria coberto pela água e então cruzaria o portão, tocando a lira do ômega invertido. Eu traria as minhas palavras de vida e morte. As palavras de uma Supernova.

— Estou entre todos que fizeram batalha em meu nome e que por intermédio de inspirações estabeleci assentos de arte que foram decretados em diversas almas. Quando faço meu caminho através da noite e quando destruo a escuridão – Nabetse arremessou-se no chão e lançou um terrível grito de dor que rasgou a mortalha das sombras das palavras da noite. – Concedo minha ajuda para que viagens sejam feitas e que a arte possa seguir em frente com aqueles que vão comigo para o meu nascer e renascer no Oriente.

O meu barcomergulhou no rio e junto com ele, o barco de sementes no qual estava a mãe de Nabetse. As grades do portão vibraram em som novamente e aquele som ameniza a dor que partia Nabetse em dois.

Otrebor aproximou-se de Nabetse, saudando-o.

— Salve você, Nabetse, que se elevará como um Poderoso Sol – disse abrindo o portão do ômega. O rapaz olhou para o Guardião e percebeu, pela primeira vez, que ele era o personagem responsável por garantir que tudo que Zorya havia criado não morresse totalmente – Até logo, Nabetse! – foram as palavras de esperança dele antes de pular no rio e nadar até a margem esquerda do rio junto á Rotciv que optou por não dizer nada.

Edys por outro lado, caminhou até o afilhado e tocou sua testa com carinho um pouco antes de beijá-la antes de saltar com graça para a margem

direita. Apesar de nada ter dito, deixou com ele o toque suave de seu afago como companhia enquanto ele ainda precisasse daquela lembrança.

Permaneceram no barco do Sol com Nabetse: as duas Auroras, Yrneh e Anatoli. A visão de mais uma porta com um ômega, mas já sem as grades em diagonal, anunciou que eles estavam entrando na estrada das coisas misteriosas. A posição na qual Anatoli se colocou demonstrou que havia nele um profundo respeito, e o falcão não demorou a movimentar-se para lançar uma saudação à passagem naquele salão.

— É o lar dele – explicou o velho sábio a seu filho – É o misterioso lar de todos os Anatolis.

— Precisamos mudar de barco. Imediatamente – asseverou o falcão.

— Pode ser esse? – perguntou Nabetse apontando para o único que ainda acompanhava o barco do Sol.

— Sim! – Anatoli sinalizou para Zora e Aurora que elas podiam sair de suas posições. O barco da lua aproximou-se demais do barco do Sol chocando-se em sua lateral. As duas Auroras perderam o equilíbrio e quase caíram no chão do barco – Cuidado! Cuidado! – disse, oferecendo suas mãos para ajudá-las a passar para o outro barco. Yrneh aproximou-se para ajudar enquanto Nabetse aguardava. Anatoli já havia sinalizado que ele seria o último a passar para o barco da lua.

— O barco no qual seguiríamos não deveria ter a forma de uma serpente? – indagou Yrneh enquanto ajudava Aurora a passar para o outro barco.

— Sim, mas o narrador mudou de ideia – disse, antes de olhar à frente e fazer uma descoberta – E por sinal ele mudou de idéia em relação a mais uma coisa.

Yrneh olha para a mesma direção que Anatoli olhava enquanto ambos ajudavam Nabetse a passar para o barco da lua.

— Não pode ser... - assustou-se o velho sábio ao constatar que aquela hora já chegava ao fim.

Este narrador tinha pressa.

A quinta hora havia chegado e com ela Nabetse percebeu que dois círculos se formavam em volta dele. O círculo de dentro era formado por sete sóis e o círculo de fora por sete luas. Seriam estes astros que o rebocariam de agora em diante.

— O hiperião do eclipse está se abrindo – observou Yrneh

enquanto eles ainda terminavam de passar pelos caminhos misteriosos.

— Estou zonzó – anunciou Nabetse enquanto sentia que o barco da lua diminuía de velocidade e parava de correr com o rio.

Foi o momento no qual eles ouviram os sóis e as luas que circundavam Nabetse falarem pela primeira vez.

— Em paz, em paz, ó magnífico Sol! – disseram os astros unindo as quatorze vozes em uma única voz.

O chão abaixo do rio se ergueu formando um monte oco com um ponto alto onde uma forma que lembrava a cabeça de uma esfingese voltou para a direita. Acima dela, um escaravelho gigantesco e translúcido batia as asas produzindo sua fala com elas.

— Una-se às estradas do Sol, Nabetse – disse o escaravelho com o forte e ágil bater de suas asas.

Os sóis e as luas seguiam circulando Nabetse e rebocando-o para fora dali, endereçando-o palavras que o faziam navegar em um barco distinto do barco da lua e além daquele rio.

— Venha, Nabetse, na paz do eclipse! Deixe o Magnífico Sol avançar na estrada do teu barco que está na terra e em teu próprio corpo!

Havia chegado o momento de Nabetse seguir e permitir que inimigos fossem apresentados a ele. Somente por conhecê-los inteiramente ele poderia ir adiante no céu como Sol que está no horizonte. Somente conhecendo cada um dos inimigos é que os sóis e as luas que o circundam poderiam ajudá-lo a destruí-los.

Por todo o ambiente começou a ecoar vozes ao mesmo tempo que o som de um cetro sinalizava a batida firme em um chão que somente o portador inalcançável daquele chão conhecia. Ao final de cada afirmação, o cetro firmava seu poderoso som e Nabetse sentia que todas as vozes que ecoavam vinham de dentro dele afirmando o que ali era dito e confirmado.

“Ó Vós que recebestes as tuas armas!”

Apesar de não poder ver o cetro diante de si, o som da batida no chão traz a Nabetse uma visão nítida daquele elemento encontrando-se no chão e afirmando a frase com o som da batida firme no chão.

“Ó Vós que apanhastes os vossos cetrais!”

O cetro bate no chão novamente.

“Ó Vós que agitais vossas lanças!”

O chão recebe mais um impacto firme da base do cetro.

“Ó Vós que tens teu alimento e és guardião dele!”

A última batida do cetro fez Nabetse se encolher numa mistura de sensação de extremo frio e absurdo calor, fazendo-o ficar de joelhos no chão apoiando-se com a mão direita. Ele é invadido por uma súbita certeza, e o que lhe cabia dizer efetivou-se por meio de sua própria voz sendo projetada para fora de sua boca.

— Para que possa me erguer por você para sua proteção quando eu passar por você em paz.

Yrneh observou o filho em agonia mas nada pode fazer. O que quer que ele fizesse poderia comprometer toda a jornada do rio.

Zora e Aurora observavam a agonia de Nabetse e também se sentiam tentadas a ajudar, mas prometeram a Anatoli que ajudariam garantindo que cada uma seria entregue ao nascer e por do sol em segurança. A presença delas e o respeito ao pedido do falcão era a maior de todas as garantias do sucesso daquela viagem. Sem as duas, Nabetse não poderia se transformar em Sol.

Anatoli era o único que poderia fazer algo mas também era ele o único que tinha a responsabilidade de saber o momento exato de ajudar sem comprometer a jornada do Sol. E aquele momento pediu que Nabetse sentisse o peso de estar sozinho para que assim ele desse valor a cada um de seus alidos.

E foi, com o peso do sentimento da solidão, que ele começou a ser apresentado ao primeiro inimigo. Na verdade, uma inimiga: Atreya. O eclipse mostrava a Nabetse as duas versões de Atreya. Na primeira ela era a afilhada caída de Otrebor que se juntou a horda dos Sogimini em busca de poder e encontrou em Yvied a melhor das parcerias, tornando-se sua companheira e confidente de planos de destruição. A segunda versão mostrou Atreya sendo construída como uma escriba de homens da ilha de Creta que conheceu Zora e a atacava com palavras que deixavam-na insegura quanto à sua própria capacidade de escrita. Esta segunda foi a versão que brotou da tentativa de redenção de Zorya, e também foi a que se mostrou como a mais perigosa. Foi trajada como escriba caída de homens que Atreya surgiu como inimiga diante de Nabetse. De pé com as mãos estendidas até o topo da cabeça de um homem ajoelhado diante dela, ela abriu a cabeça deste homem com suas palavras de morte e seguiu vivendo do sangue de palavras mortas. Foi ali que Atreya descortinou-se para Nabetse como a inimiga mais perigosa que ele ajudará Zorya a enfrentar.

Atreya caminhou aproximando-se de Nabetse e ele ficou de pé para enfrentá-la já imaginando o que ele poderia fazer para ajudar a libertar aquele homem da influência das palavras dela.

— Ele é minha propriedade. Não há nada que você possa fazer. As minhas palavras de morte se tornaram as palavras de morte dele. Eu já venci – disse, rindo de Nabetse.

Nabetse olhou firmemente para Atreya e sua figura de rapaz tomou forma de uma figura mais madura. Ele estava atingindo seu zênite diante dela e ela quis demonstrar que aquilo não a intimidava.

— Eu tenho as palavras de morte!

Nabetse sorriu com o canto da boca diante da tentativa de celebração de vitória de Atreya sobre o que ela julgava poderoso e vitorioso. Mas aquilo não era vitória. Aquilo era treva, e só havia uma forma de vencer a treva.

— E eu SOU palavras de amor! Nós a derrotaremos!

Atreya riu mais uma vez.

— Nós?! – ela olhou em volta procurando as companhias dele – eu não vejo mais ninguém. Você está sozinho, Nabetse. Sozinho!

Nabetse sorriu no exato momento que sua companhia se apresentou para Atreya.

— Não, ele está comigo! – a voz de Zorya invadiu o corredor do rio no qual a inimiga do conto ainda se apresentava.

— E eu estou com ela – disse Nabetse – Como eu dizia... Nós derrotaremos você!

Atreya não esperava que Zorya se apresentasse junto à Nabetse enquanto ele subia o rio. Aquele momento inesperado a fez fugir para longe dali marcando o término da sua apresentação como a maior inimiga do conto da Supernova.

— Ela pode correr, mas não pode se esconder – disse Nabetse para si mesmo em sua própria brincadeira olhando diretamente nos olhos do leitor – Principalmente de mim!

A montanha de areia se desfez e o barco iniciou uma queda quase vertiginosa no banco de areia surfando nele de volta às águas do rio onde retornaria para seu antigo curso.

O REINO DA SÉTIMA HORA

Os sóis e as luas seguiam girando em volta de Nabetse e o barco da lua começou a se transformar levando consigo as duas Auroras, Anatoli e Yrneh. Transformando-se em uma explosão estelar, na qual quatro pontas se destacavam, o barco anunciou a chegada de Edys e, juntamente com ela, o início da sexta hora. Ao lado de sua madrinha, Nabetse viajaria pelo desafio final de sua jornada em direção ao corpo do Magnífico Sol para então se juntar a tantos outros como Sol.

No exato momento em que sugiu efetivamente, Edys fez questão de fazer uma observação sobre a versão mais velha de Nabetse.

— Você ficou um homem incrivelmente belo em sua versão pós-zênite – elogiou Edys deixando Nabetse levemente sem graça.

— Obrigado, mas você é suspeita para falar.

— Uma estrela nunca mente – disse Edys, piscando para o afilhado.

Nabetse percebeu que a face das mãos de sua madrinha possuíam belíssimas pinturas de olhos e ele rapidamente reconheceu que eram os seus.

Edys aproximou a palma de suas mãos dos olhos de Nabetse fazendo um movimento com os polegares repetidas vezes.

— O que a senhora está fazendo? – perguntou, percebendo que de seus olhos saíam águas turvas.

— Esvaziando o copo dos seus olhos. – respondeu Edys, antes de complementar – Estou retirando sua *irisinter* indefinida.

A água turva repousou nas mãos de Edys e era possível Nabetse ouvir todo o lamento que saía de dentro dela. Com ternura, a estrela perpétua caminhou até a beira da embarcação, ajoelhando-se quando chegou ao limite do barco. Nabetse imaginou que ela entornaria as duas mãos lançando o líquido turvo no rio, porém não foi exatamente assim que a *irisinter* turva e o rio se encontraram. A água do rio elevou-se até atingir as mãos de Edys e cobri-las por completo, recebendo as antigas águas dos olhos de Nabetse com o doce que há nas águas do rio.

— Uau! Isso foi absolutamente inesperado! – disse caminhando até sua madrinha e ajudando-a a se levantar – Lindo, mas muito inesperado!

Um novo grande salão começou a se formar nas laterais e no teto haviam desenhos que este narrador não pode explicar com detalhes, pois ele só pode ser conhecido pelos sóis.

No dia que um leitor for um transformado em sol, estes desenhos lhe serão apresentados.

A apresentação daquele salão anunciou a chegada do reino da sétima hora e foi na majestade daquele corredor que Nabetse ficou frente a frente com um inimigo conhecido por todos e que, por força da própria queda da sua história, transformou-se no maior de todos os inimigos. O inimigo de todas as histórias, de todos os contos, de todos os escritos e de todas as artes: Yvied.

Na terra da sétima hora todos os sóis realizam seus ritos propriamente ditos e foi com a força de todos os ritos de todos os sóis que Nabetse afirmou o propósito de sua jornada e avançou contra Yvied por meio das palavras de poder de Edys e também por meio das minhas palavras de poder.

Um dos símbolos no teto do grande salão – por onde o rio da vida corre com todo seu o poder – brilhou com magnitude e dele saltou Anatoli em uma veste completamente diferente. A roupa dele fazia parte do mistério daquele salão que não pode ser dito, portanto, também não posso descrevê-la, mas é permitido a todo aquele que tem apreço pelas letras imaginar como o falcão estava vestido. Desde aquele salto para fora do desenho do salão sagrado, Anatoli era mais do que um falcão que se erguia juntamente com o Sol, ele era também protetor de seu barco e os olhos da ave eram armas poderosíssimas.

Yvied estava logo à frente, na margem esquerda, aguardando para lançar seu ataque, mas de Anatoli brotaram dois falcões iguais a ele que permaneceram voando nas laterais do barco.

A embarcação navegou e se aproximou de Yvied que, apesar de estar sozinho, cerregava uma intimidação que deixava claro que tinha consigo um assombroso e numeroso exército de palavras sombrias.

— Finalmente nos reencontramos – disse o Líder dos Sogimini, frente a frente com aquele que ele havia criado um dia para ser grande, mas que, por inveja de sua grandiosidade, decidiu que o melhor seria matá-lo.

— Sem joguinhos dessa vez, Yvied. Isso aqui não é cena de

faroeste.

— E que cena é exatamente essa? – indagou o inimigo.

— Uma das cenas em que você perde, e perde muito feio. – Nabetse falou com um certo ar de ironia.

Yvied não gostou daquela provocação e lançou sobre Nabetse a palavra que mais o atormentou em toda a sua vida já criada.

— Traidor!!!!

Aquela palavra de Yvied saiu como um vento sombrio de sua boca. As letras se separaram e tentaram agarrar Nabetse pelos braços, mas tudo se dissipou como se devorado por um fogo no exato momento em que tocaram seu corpo.

— Não é possível – o Lider Sogimini não queria acreditar no que havia acabado de presenciar.

— Na verdade é tão possível que até já aconteceu e vai continuar acontecendo. Infinitas vezes.

Yvied se sentiu provocado mais uma vez, e lançou sobre Nabetse outra palavra sombria.

— Esquecido!!!

A palavra queimou no ar, em um poderoso dourado, letra por letra, no exato momento em que terminou de sair da boca de Yvied. A grandiosidade em Nabetse já era um fato e não havia nada que Yvied pudesse fazer para impedir. Tudo o que ele havia intentado para deter o destino para o qual Nabetse havia sido criado, havia ruído. Edys concluiu que havia chegado o momento de proclamar suas letras de poder para que, uma a uma, elas se colocassem em volta de Nabetse.

— Hetemtit! – disse a estrela trazendo a primeira letra armada com uma faca cravejada de pedras de esmeraldas.

— À minha direita, por favor. – disse Nabetse apontando para onde a letra deveria se posicionar. A confiança que havia nele deixou Edys orgulhosa e ela imediatamente chamou a segunda palavra.

— Nakith! – convocou para unir-se à Nabetse colocando-se à esquerda dele. A letra também estava armada com uma faca ordana com uma única pedra ametista que reluzia fortemente.

Yvied começou a rir.

— Vocês realmente acham que essas letras irão me parar? – falou enquanto o riso saía de sua boca.

Nabetse olhou para Edys e pediu que ela continuasse.

— Tenit! – a cognominação da terceira letra trouxe uma figura imponente armada com uma foice. Uma pedra de topázio imponente se destacava na ponta da foice.

Nabetse observou-a rapidamente.

— Bela foice! – disse, observando o desenho daquele objeto – Por favor, à minha frente – pediu, demonstrando gentileza e respeito.

A visão intimidadora daquela letra, colocando-se diante de Nabetse, trouxe um ar de perturbação para o rosto de Yvied que, até então, estava muito seguro de si.

— Pode chamar a última, Edys.

— Você não faz ideia do quanto me orgulho de você! – disse a estrela antes de chamar a última letra – Você não deixou que a escuridão dele fosse a sua também, não importa o quanto ele tenha tentado, você seguiu firme no propósito de ser exatamente como eu e Margorp designamos em sua criação original.

Nabetse sentiu-se igualmente agradecido e levemente sem graça com aquelas palavras.

— Obrigado – agradeceu rapidamente entortando um pouco a boca.

Edys não se alongou mais naquele momento e partiu para retinir a quarta letra no salão sagrado dos sóis.

— Temtith!

A designação da quarta letra trouxe a mais intimidadora das figuras. Munida de uma mistura de faca com foice toda cravejada de pedras lápis-lazuli em sua mão direita, ela impôs respeito àquele barco e a passagem dele pelo rio tendo Nabetse como seu mais importante tripulante.

As letras estavam prontas para atacar Yvied, repelindo todo e qualquer assunto dos que futuramente se colocassem como inimigos do Sol. Eram estas letras que seguravam facas e foices que cortariam todos os inimigos no horizonte do amanhecer de todos os dias. Aquelas eram as letras da Alvorada. Elas eram as letras de Zorya.

Ainda assim, Yvied não cessou com suas tentativas de ataque; provocar massacres era sua grande função como inimigo maior, todavia Nabetse seguiu firme no caminho oculto do grande salão, navegando em seu barco sagrado para um caminho sem água e onde ele era rebocado pelas quatro letras.

Yvied tentou atingi-lo de todas as formas e de todas as formas também falhou.

Chamou-o de *estrangeiro* em diversos idiomas com toda a munição de seu ódio, mas falhou em todos eles. O Sol já estava munido com o poder de seu amor e ele falava todos os idiomas existentes no Universo.

Como prenúncio da vitória sobre a sétima hora, Nabetse passou livre e em paz diante dos ataques de Yvied, seu criador, e, desta forma, aquele que era seu maior inimigo deu origem ao nome de todos os inimigos que cruzariam o caminho de todos aqueles que estariam sob os raios inspiradores de Nabetse, principalmente Zorya. Cada um de seus nomes brotou dos ombros do Líder Sogimini, e, no traçado de cada letra, Nabetse pode ler a história de cada um deles. Aqueles eram todos os inimigos que representariam e destruiriam em nome do Líder Sogimini, por isso Nabetse conheceu não somente seus nomes e suas histórias, mas também todos os rostos possíveis que eles pudessem ter.

Constatando o que acontecia, Yvied ainda empreendeu sua última tentativa rindo sombriamente de Nabetse.

O que Nabetse fez? O que todo Sol faz: ele gargalhou. Começou a gargalhar na presença do inimigo, e o gargalho que antes era apenas dele começou a ganhar companhia de todos seus aliados, gargalhando junto com ele, rompendo as paredes e o teto do salão do sétimo reino, e indo ao encontro da imagem de Zorya sendo levada por mim à cidade de Atenas para cumprir as horas de sua madrugada.

Yvied não retrocedeu, mas isso não perturbou Nabetse. A existência do inimigo não o importava, mas justificava sua existência e a existência da jornada pelas horas na transformação em um Sol.

Foi nesse momento que Edys coroou Nabetse com sua nova *irisinter* em cores do âmbar e proclamou-o diante de Anatoli e diante do inimigo.

— *Sol Invictus* – disse a estrela perpétua, enquanto ainda coroava Nabetse no fim de suas sete horas.

Agora, havia chegado o momento da madrugada de Zorya e cabia ela navegar por suas palavras. Enquanto era coroado Nabetse fechou seus olhos e pediu em tom de oração.

— Você é corajosa. Seja!

ATENAS

Aguardando sentada – e sozinha – em uma mesa externa de um bar de Plaka, Zorya foi surpreendida pela aproximação de uma pessoa.

— Com licença. Você precisa da minha ajuda?

Ela olhou confusa para o simpático homem que estava falando em grego com ela. Ela – por motivos que desconhecia – conseguiu entendê-lo perfeitamente. O mais surpreendente ocorre em seguida.

— Da sua ajuda? – ela arregala os olhos ao perceber que está falando em grego – Eu sei falar grego? – indaga-se em voz alta.

— Se depender do narrador, você sabe falar até anatolianês.

Foi nesse momento que reconheceu quem estava diante dela.

O homem sorriu com generosidade.

— Qualquer coisa eu estou naquela mesa bem ali. – ele apontou para a mesa, lotada de gente em direção ao horizonte que também ainda estava cercado pela noite. – E tem um lugar para você lá, do meu lado, quando chegar a hora.

— Obrigada.

O homem sorriu e voltou andando para a mesa que havia apontado. Quando ele se sentou na cadeira, a companhia de Zorya despontou subindo os degraus da ladeira: era eu. Zorya percebeu que minha vestimenta estava diferente e ela ficou sem palavras.

— Kalispera!^[6] – saudei-a em grego.

— Kalispera... Margorp?

— Sim. Finalmente depois de escritas e reescritas que pareciam não ter fim, você chegou à Grécia. – falei, demonstrando satisfação com aquela linha de chegada.

Zorya sorriu.

— Eu sei que o nome certo daqui é Hélade. Não invente de querer me corrigir.

Zorya riu de nervoso e logo em seguida veio o som da risada da mesa de onde brotou o convite para Zorya chama a minha atenção. A risada é diferente.

— Mesa animada. Quase fui para lá.

— É um grupo muito especial.

Um homem que estava na mesa olha para Zorya e sorri. Ela sorri de volta e desvia o olhar.

— Um conselho: na próxima vez, não desvie o olhar. – aconselhei.

— Como um sol do seu porte fala dessas coisas?

— Você não faz ideia das coisas que eu sei e que eu posso falar.

Ela olhou na direção da mesa e viu o homem conversando animado com seu grupo.

— Ele está bem ocupado. Não vai olhar de novo.

Ao final de sua própria frase, a homem olhou intensamente para Zorya e sorriu com os olhos. Ri percebendo o olhar, mesmo estando sentado de costas para o homem.

Zorya não conseguiu esboçar nenhuma palavra, nenhum gesto. Nada. Ela está paralisada. Bem-vindos ao mundo do flerte de Zorya!

O breve silêncio é cortado por palavras de desabafo.

— Eu.... – o homem olhou de novo em sua direção e ela não sabia mais como reagir – Sabe Margorp... Eu apenas queria que passasse essa vontade de me esconder atrás de alguma coisa. Eu não quero mais me sentir invisível! É horrível!

— Está próximo do fim.

Ela suspirou em um sopro de esperança.

— Vai mudar tanto que você não irá acreditar. Isso não é uma mera fala de diálogo literário, Zorya.

— Eu estou com medo. Estou com muito medo do que vou encontrar. A meia-noite ainda nem chegou e eu já sinto o peso do calafrio que ela tem.

Ofereci minha mão para Zorya e ela não tardou em segurá-la com força. Também ofereci um pouco mais de minhas palavras.

— A meia-noite às vezes chega antes do badalar das horas e permanece mesmo depois do passar dos ponteiros dos relógios.

— Como esses três minutos que não acabam?

— Exatamente. O tempo é o mistério mais confuso, talvez por isso ele seja tão bonito.

— Estou com medo – anunciou com os olhos já avermelhados pelo choro que se aproximava.

— Eu estarei lá com você. Vamos descer as escadas juntos, mas no seu embate eu só poderei olhar.

— Descer as escadas?

— Sim, temos que descer essas escadas – aponte para as escadas da ladeira.

Em um giro de sua cabeça para olhar para as escadas, ela percebeu uma fumaça escura e densa se formando no ar. Tudo começou a ficar sombrio e escuro ao redor. Zorya sentiu um peso em seus ombros e encontrou o olhar amigo que ofereceu ajuda logo no início desse capítulo. Todos da mesa olharam em sua direção e todos os olhares diziam a mesma coisa: seja corajosa.

— Peça a conta, Zorya – eu disse, olhando para a água, os biscoitos, as azeitonas e o queijo feta sobre a mesa.

— Mas eu não pedi nada ao garçom. Isso aqui é o filotimo dos gregos.

Ela deu um passo e tudo nela pesou. Era o peso da madrugada.

A meia-noite se aproximou e estava a sessenta segundos de seu desembarque.

Um frio pavoroso cruza as costas de Zorya e ela tremeu.

A alegria dos bares tornou-se muda e sem cor. As pessoas começaram a sumir, uma por uma. Os estabelecimentos começaram a fechar e os prédios desapareceram.

A vida da ladeira da Acrópole ficou para trás com a chegada das sombras e trouxe de volta as minhas vestes estelares para acompanhar Zorya dali em diante.

No escuro da meia-noite naquela ladeira, o único brilho veio da lua e ela brilhou forte como o farol que é, mesmo em fase de lua nova. É nesta fase que o Sol alinha iluminando o verso da lua, a parte que não se pode ver. E também é neste dia que acontecem os eclipses, um importante dia de convergência para expor as sombras.

— Zorya, nós precisamos descer as escadas.

Ela estava apavorada. Seus olhos eram muito sinceros.

— Estarei bem atrás de você. Mas chegando lá parecerá que você estará completamente sozinha.

— Lá? – pergunta ela, medrosa e confusa – Lá onde?

— Lá – apontou para algo bem á nossa frente, mas tudo o que Zorya vê é o mais completo breu aguardando-a logo no final da escadaria.

Um tumulto se formou atrás de mim e Zorya, e nós dois estranhamos. Não havia mais ninguém na cena a não ser nós dois. Todas as demais pessoas haviam sido retiradas para que ninguém se machucasse em cena. Alguém estava interferindo na minha narrativa.

Somente uma personagem era capaz de provocar tamanha destruição em uma cena e todos que faziam parte deste conto já possuíam conhecimento sobre isso.

A navegação de Nabetse pelo rio em suas horas de transformação em Sol fez com que todos ficassem cientes que Atreya tinha um poder similar à destruição provocado pelo Líder dos Sogimini. A primeira cena destruída por ela foi o fogo negro na Alocse, a casa dos escribas na ilha de Creta. Yvied apenas aproveitou o momento para tentar levar Aurora para si, mas as chamas sombrias eram um produto de Atreya e de suas terríveis palavras.

A chegada dela trouxe o fogo sombrio mais uma vez, e aquele fogo forçou a volta da ladeira com todas as pessoas que a ocupavam, plantando, em cada uma delas, menos nos artistas, o desespero essencial para que nossos planos de narrador e protagonista fossem por água abaixo.

— Droga... – reclamei, percebendo que algo rapidamente foi cozido e servido pela imaginação da protagonista.

— Eu tive uma ideia – disse Zorya – E se tudo fosse por água abaixo mesmo? A página inteira?

Mesmo contra a minha vontade, tive que admitir: ela sabia ser imprevisível e possivelmente aquela seria a melhor saída para salvar aquela cena e as que estavam à espera dela, à espera de todos. Não tive escolha, e então só me coube narrar o seguinte: a protagonista viu em meio à escuridão que algo se mexia e então constatava que uma água subia, sem qualquer intenção de parar. Ela não fazia ideia do que a esperava dentro daquela água, nem mesmo eu. Era um mistério até mesmo para mim.

— Até o outro lado – me disse, pulando corajosa para dentro da água sem me dar a oportunidade de dizer que esperava narrar maravilhas alcançadas por ela em sua própria madrugada.

Observei a água começar a subir, gota por gota, subindo os degraus que me separavam do local de mergulho de Zorya até cobrirem meus pé e iniciarem o caminho para me cobrir por completo. A página toda se preparava para submergir, submergindo a todos, menos Atreya. Ela fugiu

quando percebeu que a água a envolveria também, e que nem mesmo por localizar-se no topo da ladeira, estaria a salvo da submersão.

Atreya é a medrosa. Todos os inimigos são medrosos quando estão diante da água, tal qual os escritores seguem com medo de uma folha em branco. No entanto, esses últimos cumprem seu papel, ainda que tomados pela vontade latente de fugir.

DOIS MIL E TREZE, A QUINTA HORA.

A água envolvia Zorya enquanto ela constatava, com estranheza, que o ar não lhe faltava debaixo daquela fluida imensidão azul que se assemelhava ao maior de todos os horizontes.

O silêncio ali era absoluto, a paz também.

“*Lá vem a baleia!*”, ela ouviu e a voz feminina que sentenciou aquela frase lhe soou familiar. Muito familiar, afinal veio de sua própria família, sangue do seu sangue. Uma recordação dos tempos de adolescente quando se aproximava da piscina em sua roupa de banho. Uma recordação viva, em doloroso som,

— Tantas coisas que eu poderia lembrar, por que justamente essa? — indagou-se buscando uma explicação.

Ela não teve tempo de deixar aquela lembrança arrancar o silêncio e a paz que o voo na água lhe proporcionou. Afinal, uma baleia estava a caminho e ela era a majestosa dos oceanos. Bela, elegante e sublime, não havia um milímetro naquela criatura que fosse passível de carregar um fardo ou uma dor provocada por línguas alheias.

Ela sabia o quanto era linda e nada podia fazê-la sentir-se diferente disso.

Eu, Margorp, não tinha qualquer poder dentro dessa água, e mesmo se eu tivesse, não o faria. Isso era minha opção e assim seguirá pela eternidade.

A presença desta baleia era surpreendente para mim e para todas as estrelas. E a surpresa maior era que, diferente do que eu e Zorya imaginávamos, aquela baleia em nenhum momento parecia mencionar a luta pela volta à escrita da protagonista, mas sim a relação que Zorya tinha consigo mesmo e com sua aparência.

A água sabia do que Zorya precisava: aprender a se amar e, se

amando, a se proteger das palavras maldosas que constantemente a atacavam no mundo real.

Zorya não era feia, mas passou uma vida acreditando nisso. Ninguém é feio, mas palavras podem um poder absolutamente devotado à feiura de sentimentos. Palavras podem ferir, infelizmente, e era com tristeza que toda Supernova acompanhava algo tão belo – que é a palavra – para ser usado para provocar flagelos.

— Você não é feia – cantou a baleia – Você é linda – repetiu, fazendo a protagonista chorar. As lágrimas salgadas dela se juntaram às águas salgadas onde a protagonista flutuava.

— E se ele não conseguir me ver? – ela perguntou à baleia – E se ele olhar pra mim e não conseguir ver que sou eu?

Zorya não parava de soltar questionamentos em meio à água, tal qual a baleia não parava de produzir seu belíssimo canto.

— E se ele não conseguir me ver nem mesmo nas palavras que ele próprio, em 2009, me pediu para não parar de escrever?

A baleia respondeu e suas palavras foram carregadas da verdade que a protagonista não estava pronta para ouvir.

— Se ele não conseguir vê-la nem mesmo nas palavras pedidas por ele, você terá que esquecê-lo e seguir em frente. Sua escrita encontrará uma forma de manter-se viva sem ele. A escrita sempre encontra uma forma.

— O que?! – Zorya não aceitou a verdade – Não! Não posso! Eu simplesmente não posso!

— Não se trata de *poder fazer*, mas de *ter que fazer*. Você terá que tomar uma decisão.

Foi nesse momento que eu, mesmo sendo o narrador, fui transformado em um leitor e pela leitura de uma cena tão importante como aquela entendi que estava diante das águas mais profundas dentro de Zorya, as águas que guardam o mistério que ela vem guardando desde a primeira página escrita à mão, mas que por medo, apagou, acreditando soar como uma ridícula.

A protagonista guardava um segredo: ela escrevia com a esperança de ser encontrada por alguém e esse alguém também é uma pessoa que ela busca há muito tempo.

Provavelmente não constatei por não ser coração mole.

Após ouvir as dúvidas de Zorya, a baleia emitiu um novo som incompreensível pela protagonista e começou a se movimentar para nadar

para longe dali. À medida que se afastou, a protagonista começou a sentir a força da gravidade puxando-a para cima ao passo que, cada vez mais, uma claridade se formou em sua volta.

Ela rompeu a forte película de água e esticou o braço, sentindo uma mão segurá-la e puxá-la para fora, colocando-a dentro de algo que parecia uma canoa. Tossindo e questionando-se como pode se sentir mal agora fora da água enquanto passou todo aquele tempo submersa e alheia a qualquer sensação de mal-estar, ela finalmente se deu conta que alguém estava sentado à sua frente, em uma grande ansiedade para dizer algo.

— Finalmente – disse ele, enquanto ela lutava para abrir os olhos tomados por água salgada, se agarrava à lateral daquele casco e lançava os olhos para as águas da qual brotou segundos atrás.

Zorya acreditou que o tempo na água a deixou com os sentidos comprometidos, pois, quando a visão foi recuperada, ela olhou para a água onde esteve submersa e viu que na água havia a palavra *caligrafia* repetida em uma quantidade de vezes que era impossível contar. Uma coisa ela teve certeza: aquela palavra tinha sido traçada, em todas as suas nuances, por uma mão habilidosa em *lettering*. Ela estava certa também de que não foi a mão dela a responsável por aquelas letras. Ela não dominava essa arte, apesar de já ter iniciado tentativas.

As letras da palavra *caligrafia* tilintavam na água do mar tendo seu reflexo projetado no céu que se unia à água no horizonte em perfeita continuação e harmonia. Tudo aquilo a lembrou da manhã estrelada.

— Parece com o céu do Território, não é? – indagou a voz que logo depois começou a cantarolar algo enquanto seu dono se ajeitava dentro da canoa feita da reunião dos cascos de algumas oliveiras.

Era Otrebor.

Zorya não sabia o que fazer, nem mesmo o que falar ao observá-lo sentando e se colocando de frente para ela. Ela estava diante do personagem mais misterioso e intrigante sobre o qual já escreveu e que, de uma forma que nem mesmo ela sabe como, possuía uma ligação direta com tudo o que foi confidenciado à baleia orações atrás.

— Olá! – disse ele sorrindo, logo depois de soltar um ar pela boca e provocar um som de alívio por ambos estarem bem acomodados na canoa.

O rosto apavorado de Zorya mudou apenas quando uma bruma começou a se formar, cobrindo somente as laterais e todo o espaço entre os dois, evidenciando que o Guardião da Justiça precisava começar a remar em

direção à quarta hora.

DOIS MIL E QUATORZE, A QUARTA HORA.

A canoa se movia na água, mas era impossível vê-la. A única reminiscência da presença de algo que possivelmente era um rio estava presente no remo e se apresentava aos olhos de Zorya, quando a bruma permitia, toda vez que Otrebor trocava o remo de lado.

Já estavam ali envoltos pela cortina mística por um longo tempo e Otrebor parecia estar cansado. Mas mesmo assim, ele não parava de remar.

— Você quer ajuda? – disse ela, meio aflita e angustiada com aquele encontro – Eu posso remar um pouco? – ofereceu ajuda para tentar quebrar o gelo daquele silêncio sepulcral.

Ele aliviou o movimento dos braços um pouco antes de parar e pensou em dizer algo. No lugar, decidiu ficar em silêncio e ofereceu o remo a ela.

Zorya colocou o remo na água e começou a remar.

A canoa não se movimentou.

Ela tentou mais algumas vezes, mas não sentiu aquela embarcação se movimentando na água. Ainda que não completamente impossibilitado de ver a água, é impossível para uma pessoa não perceber quando a canoa não navega na água que antes navegava.

— Se eu dissesse que só eu posso remar essa canoa e movimentá-la nesse rio cercado de bruma, você acreditaria em mim?

A protagonista não acreditou no que havia acabado de ouvir e ela não perdoou a dúvida de Otrebor sobre a crença mais poderosa dela.

— Eu acreditei quando você me pediu para não parar de escrever naquela noite em que eu quase joguei fora todas as cinquenta folhas escritas à mão e prometi a mesma que deixaria de acreditar que aquela história era possível – a bruma que antes havia entre os dois se desfez e deixou claro para ele que os olhos dela o fitavam com força e intensidade – Por que eu não

acreditaria em você agora?

Ele assente antes de falar alguma coisa, mas acredita que falar seja melhor do que deixar um silêncio perigoso colocar em risco o que, na verdade, deve ser protegido.

— Eu estava brincando, sabe...

Ainda com o remo na mão, a protagonista foi incisiva.

— E eu estou enfrentando a quarta hora da minha madrugada, Otrebor. Não sei o que ela guarda de inimigos pra mim e não se levar na brincadeira nesse momento irá me ajudar – ela oferece o remo de volta para ele.

O Guardião olha para os lados e analisa a bruma logo depois de pegar o remo da mão da protagonista e movimentar a canoa na água.

— Desculpe. - disse Zorya, quando a embarcação foi movimentada pela quarta vez — Eu não devida ter falado daquele jeito. Você não merecia ouvir aquilo – então a protagonista finalmente confessou – Estou com medo, Otrebor.

Otrebor suspirou e colocou o remo deitado em suas pernas, segurando-o com tanta força que quaseo partiu ao meio. A verdade era que suas mãos queriam segurar as mãos dela, mas ele não podia fazer isso. Ele já havia usado todo o contato físico permitido por mim para estar ali. Mas não foi ele quem me pediu para estar na quarta hora junto com a protagonista. Foi minha irmã, Edys. Eu permiti, mas sob a condição que ele apenas a tirasse da água e remasse na bruma sem olhar para trás.

Otrebor era um dos mais importantes aliados de Zorya, mas também, de alguma forma, era também um tipo de inimigo.

— Para onde você está me levando?

— Não faço ideia. Eu só sei que preciso remar sem parar e não posso olhar para trás.

— É impossível até mesmo de saber onde estamos. Se é que estamos em algum lugar...

— Tal qual aqueles nossos sonhos... A sala onde a Aurora escrevia em Creta é uma referência a eles?

Ela sentiu um frio na barriga quando ele mencionou os sonhos.

— Eu não sei do que você está falando – ela tentou desconversar.

Então ele fez uma pergunta pior ainda.

— Por que pediu para não lembrar mais de quando sonhava comigo?

Mas hoje era dia de expor as sombras, e ela confessou o que realmente havia pedido.

— Eu pedi para parar de sonhar com você.

— O que? – ele parecia não querer acreditar que ela teve coragem de pedir para que eles não se encontrassem mais em sonho – Pra quem você pediu isso? Você não pediu isso para mim, eu garanto.

— Eu pedi para quem quer que esteja incumbido de proporcionar encontro de pessoas por meio de sonhos. Eu não sei quem é, mas pedi mesmo assim.

— Graças às estrelas ela não realizou o seu pedido.

— Ela? – Zorya foi pega de surpresa com essa informação. O rompante de curiosidade tomou conta da pergunta que veio logo em seguida – Ela quem?

Ele não respondeu.

— Por que você pediu isso?! Como você pode pedir isso?! Era a única oportunidade real que tínhamos de nos ver...

A resposta veio em um rompante.

— Porque doía demais acordar e perceber que tudo não passou de um sonho... Acordar e olhar para onde você estava, mas não estava mais ali...

Zorya estava tomada por uma dor.

— Na última vez eu passei horas com a sensação da sua mão no meu rosto... Era acalentador e desesperador ao mesmo tempo.

Otrebor começou a ser tomado por algo que atravessava seu peito. Em algum lugar no mundo real, uma dor também fazia morada nele, ainda que ele a ignorasse e fingisse que ela não existisse.

Ele não disse nada, permaneceu calado apenas ouvindo as palavras da protagonista, afinal, aquelas eram as palavras da madrugada dela. As palavras da quarta hora da madrugada de Zorya.

— Eu não sei onde você está, eu não sei quem você é, não sei se você se parece com você na vida real...

Ele tentou dizer algo, mas eu não deixei.

— Tudo o que eu sei, tudo o que eu tenho certeza, é que eu me lembro com exatidão de cada sonho no qual eu estou aninhada no seu peito. Eu me lembro de toda sensação de estar nos seus braços. Eu me sentia amada e protegida ali, e eu não sinto vergonha alguma de dizer que é exatamente assim que sempre eu quero me sentir e que eu vou me sentir. Eu não aceitarei

menos que isso, nem mesmo de você!

Otrebor apertou o remo com mais força.

— Nos seus braços eu me sentia em casa e, se eu fechar os meus olhos e me concentrar, eu ainda me sinto assim. Mas eu não quero ter isso somente em sonhos. Eu estou cansada de ter isso somente em sonhos – e ela completa com a sentença que a faz vencer àquela hora – Eu estou determinada a ser verdadeiramente amada e protegida por um homem na vida real.

— O que você quer dizer com isso?

— Eu amo você. Eu realmente amo, e eu desejo com toda a força do meu coração encontrar você, e se mesmo nesse encontro você não conseguir me reconhecer, se você não conseguir me reconhecer nem mesmo nas palavras que eu escrevo justamente porque amo você, eu terei que seguir em frente sem você.

— O que?!

Otrebor não quis acreditar no que estava acontecendo, mas aquelas palavras sopradas pela protagonista eram reais, tão reais quanto à incredulidade que tomou conta do Guardião.

O que ela disse a seguir provavelmente foia frase mais difícil de ser dita em toda a sua vida. Tenho certeza de que a convivência com este narrador tenha dado a contribuição que ela precisava para ser direta, clara e – talvez – um pouco seca em suas palavras.

— Você estará livre para ir e eu estarei livre para seguir.

— O que?!

Todavia, ao contrário do que eu esperava, a quarta hora precisou acabar antes do que eu esperava. Algo havia sido planejado cuidadosamente para acontecer depois que Zorya vencesse aquela hora da madrugada. Otrebor a levaria para caminhar entre as oliveiras no antigo campo de oliveiras que antes era a primeira visão que ela tinha quando queria escrever alguma coisa que estava relativa à história de Nabetse. Bastava que ela fechasse seus olhos e sentisse um vento soprando. As folhas das árvores em movimento a levavam para lá.

Mas nem sempre o coração de alguém tomado pelo desespero respeita os planos de uma Supernova, e em um acontecimento assim, medidas precisam ser tomadas.

Depois de ouvir Zorya sentenciar que estava determinada a buscar seus sonhos na vida real, mesmo que esses sonhos não fossem com ele,

Otrebor rapidamente largou o remo e se colocou de pé. Ao constatar que ele ia abraçá-la e colocar o objetivo do conto em perigo, eu agitei de um lado para o outro de forma brusca e rápida, fazendo-o perder o equilíbrio.

Sentindo que eu faria um movimento para logo em seguida, ele olhou nos olhos de Zorya e disse o que seu coração mais pedia.

— Por favor, não desista de me achar!

E então, em um movimento firme para a direita, eu o arremessei para fora dali, para dentro da bruma.

A bruma começou a se dissipar e árvores começaram a aparecer por todos os lados. Folhas em forma de coração brotavam no chão da canoa ao passo que toda a madeira proveniente das oliveiras começou a se desfazer e Zorya começou a perceber que estava sentada em algo que, em um número absurdo, pulsava e formava um alto relevo.

Otrebor não estava ali. Havia apenas umas figuras em pé, do mesmo lado para o qual eu arremessei Otrebor. Provavelmente ela o tenha aparado e enviado para algum lugar.

— Verônica? – Zorya estava encantada por ver pessoalmente a lebre branca em suas vestes e segurando seu belíssimo cajado – O que... Onde eu estou?

— No centro de Galáxia. A caminho da terceira hora. – disse a lebre, sorrindo de volta para a protagonista. — Deveriam ter oliveiras no final da quarta hora, mas alguém não conseguiu se conter e planos foram mudados.

— Ah não... Ele está bem? – ela olhou para todos os lados procurando por Otrebor.

— Depois do que ele ouviu, acredito que não.

Verônica pediu que a protagonista não se preocupasse. Zorya acreditou que ela estava falando do Guardião, mas então a conversa tomou um rumo mostrando que na verdade a lebre branca falava de outra coisa.

— As oliveiras foram empurradas para outra cena, mas as rosas vieram em seu lugar.

DOIS MIL E QUINZE, A TERCEIRA HORA.

Rosas? – indagou a protagonista, olhando para todos os lados e constatando que ali estavam presentes apenas as imensas árvores de Galáxia e as tão conhecidas folhas em forma de coração – Você tem certeza, Verônica?

A lebre balançou a cabeça enquanto permanecia com o cachimbo na boca, sinalizando com aquele movimento silencioso que havia rosas naquela hora a ser enfrentada por Zorya.

— Ah, entendi, elas estão escondidas atrás de alguma dessas folhagens? – perguntou, andando em direção a uma grande folha e movimentando-a com planos de descobrir o que acreditava estar escondido ali – Achei você!

Constatando que o espaço guardado pelo verso daquela folha de coração não estava ocupado por alguém que ela acreditava que se escondia, Zorya ficou decepcionada. Ela realmente acreditava que havia coisas escondidas por trás de cada uma daquelas folhas. De alguma forma, ela não somente sentia isso, como também ouvia.

— Você pode ouvir cada uma delas, não pode? – a lebre lançou uma fumaça em forma de coração no ar e, assim como na folhagem de Galáxia, também havia algo por trás daquele coração – Cada uma das Zoryas que se encolhe escondida atrás delas. Esta floresta está cheia delas, repleta de todas que se calaram por medo, todas as Zoryas que decidiram parar de escrever, as que jogaram escreverem por falta de fé em suas próprias palavras. As que acreditaram que não deviam mais acreditar.

Um vento frio soprou sobre as folhas trazendo o som aterrorizador escondido por trás de todas elas.

A protagonista reconheceu aquele som, e não havia música nele. Havia dor, muita dor.

Ela olhou assustada para a lebre branca, reconhecendo a

semelhança daquele som com o que ouviu em um lugar em Paris e o quanto foi difícil ficar próximo de sua origem por muito tempo, pois a dor da porta que havia fechado em si estava exposta em uma imensa obra de arte em um jardim, repleto de rosas que assobiavam enquanto visitantes passavam.

O vento frio soprou mais uma vez sobre as folhas e o som rasgou a folhagem abrindo uma porta, com todo o peso de seu aço, em meio ao verde natural, trazendo a forma de uma terrível imagem, muito semelhante a *La Porte de l'Enfer*^[7] do escultor francês Auguste Rodin.

Diante da protagonista foi posto em forma de obrigatória contemplação a visão de seu próprio horror. Ela não podia evitar aquele momento, nem mesmo que quisesse. Aquela porta esperava por ela há anos, e mudaria de posição caso ela teimasse virar a cabeça para ignorá-la.

Zorya fechou os olhos em uma tentativa desesperada de não olhar o que tinha em sua frente, mas foi uma perda de tempo. Os olhos fechados não a salvaram de constatar várias figuras de si mesma, em várias fases de seus cinco anos de exílio das palavras – e até mesmo antes deste período. Ela tentou choramingar pedindo que aquilo cessasse, mas ela estava lidando com a Supernova certa, e este narrador não está apto a ceder a choramingos. Por isso que ampliei ainda mais a visão diante dela, apresentando-a ao portão de seu próprio inferno na maior estrutura em bronze que uma Supernova já produziu para o renascimento de alguém.

O horror tomou conta da protagonista. Ninguém gosta de olhar para a própria imagem em dor, miserabilidade e por várias vezes condenada à ausência de esperança.

— Verônica, por favor... – a protagonista voltou-se para o local onde antes estava a lebre branca procurando uma suavização daquele som e de suas imagens. Mas Verônica não estava mais lá, e pouco a pouco a floresta também estava se despedindo e voltando para seu lugar de origem.

A floresta de Galáxia foi dando sinais que estava de partida para que a protagonista finalizasse sua chegada à terceira hora, andando por seu próprio jardim. Ali havia flores. Ela conseguiu vê-las pela primeira vez, e elas estavam desabrochadas em sua plenitude, em tons de branco, rosa, laranja e vermelho, e vê-las novamente provocou nelas profundamente.

Foi em meio àquelas pétalas reunidas pela força de seus talos que ela buscou abrigo para se libertar da dor de um momento terrível vivido no mundo real: as palavras que ela ouviu quando foi atacada na Champs Elysée e quase foi sequestrada.

Ela precisava escrever sobre aquele episódio, eu precisava contar o meu conto. Foi uma questão de alinhamento de ações. Eu a ajudei, ela me ajudou. Agora todos vocês sabem a verdade sobre quem foi realmente atacada em Paris.

Eu disse que hoje era dia de expor as sombras.

Elas também estavam expostas na estrutura que Zorya lutava para não enfrentar com os olhos. No topo do bronze, ao centro, três figuras arqueadas provocaram nela um horror. Eram as suas três sombras. Abaixo delas, escrito em uma letra medonha, em tom escuro, desprovida de calor ou amor, no alto daquele portal, estava presente uma frase do *Inferno* de Dante Alighieri, que ganhou ainda mais força em seu sentido: “*abandonem a esperança, vós todos os que aqui entraís*”.

A protagonista balbuciou algo que se tornou inaudível em meio ao som que vinha do portão. Suas pernas falharam e ela caiu de joelhos diante do portão de seu próprio inferno.

No lugar onde a obra original de Rodin guarda espaço para a primeira versão de sua obra O Pensador, havia uma imagem de Zorya sentada segurando a própria cabeça desesperada por não conseguir escrever. E, onde originalmente repousava a imagem do casal entrelaçado em bronze do escultor francês - que futuramente daria origem à escultura em mármore de *O Beijo* – havia também um casal, e, em desespero, ao perceber que a mulher tinha seu rosto, ela correu para ver a aparência do rosto do homem, mas foi interrompida por algo ainda tão cruel quanto não saber como se parece alguém por quem ela tanto procura.

— Finalmente nos encontramos de novo – disse Yvied, puxando-a pelo braço e fazendo-a lembrar do ataque na Champs-Élysée.

Ele estava diante dela, em carne e osso de personagem, em uma figura muito viva em todo o horror que representava. Zorya ficou sem reação. A protagonista perdeu as palavras.

— Eu não preciso que você fale ou escreva – disse o Sogimini – Eu só preciso arrastar você até ali – ele apontou para o portão – E é exatamente o que eu farei agora.

— Me solta! – a protagonista começou a lutar para se soltar, mas de alguma forma, nada surtia efeito. Ela lembrou o que funcionou quando foi atacada em 2013 – *Arretez!*

Ele riu, divertindo-se e então se aproximando do rosto dela e perfurando-a com seus olhos inexpressivos, fez uma pergunta intrigante.

— Você sabe dizer “solte-me” em grego antigo?

Ela sentiu um frio correr sua espinha. A única coisa que a libertaria dele seria saber falar aquela expressão no idioma que ele falava quando era um escritor na ilha de Creta, na antiguidade.

Ele apertou ainda mais a mão no braço de Zorya machucando-a mais.

— Você é minha agora e eu irei arrastá-la para além da porta do inferno.

— Não! – disse, lutando por ela.

— Sim, Zorya – ele começou a caminhar arrastando-a em direção ao portão.

— Nãaaaoooo!!! – ela gritou com força – Eu não vou com você! Solta o meu braço agora! – disse, batendo em Yvied que ele se encolheu de forma quase imperceptível quando sentiu o impacto das mãos da protagonista que lutou em sua defesa.

— Não adianta lutar, nem mesmo me bater. Você sabe muito bem que continuar com essa esperança de que as coisas mudem, que a sua vida mude, é uma grande perda de tempo.

Zorya não parou de se debater, nem mesmo de bater em Yvied. Ela batia sua mão direita, a mesma com a qual escreve, no rosto, nos ombros, nas costas e nos braços do Líder Sogimini.

Ele deu um movimento brusco juntamente com uma ordem.

— Desista!

Zorya olhou com firmeza nos olhos dele.

— Nunca!

Yvied preparou-se para lançar sobre ela a palavra terrível que somente ele sabia que era capaz de fazê-la desistir de tudo e aceitar atravessar o portão, mas ele não esperava que quem uma vez as socorreu de palavras terríveis estivessem alinhadas e prontas para defendê-la com seus espinhos em punho.

— Largue-a agora mesmo, seu personagem desprezível que cheira muito mal!

Yvied e Zorya olharam juntos na direção da voz e constataram a presença de um enorme exército de rosas tendo na frente o que evidentemente era a comandante de todas elas: uma grande e frondosa rosa vermelha. E foi dela que veio a ordem para largar a protagonista.

— Ou o quê? – perguntou ele com um semblante debochado,

olhando para aquelas flores e duvidando que ali existisse coragem.

As rosas avançaram cinco passos em direção aos dois, e naquele simples movimento, Yvied percebeu que havia provocado quem não devia provocar. Elas exalaram seu perfume, e este é ainda mais corajoso que seus espinhos.

Ainda assim, ele seguiu puxando Zorya em direção à porta do inferno e ela seguiu lutando para fazê-lo soltar o braço dela.

Subitamente, Yvied sentiu algo pular em seu braço direito e algo perfurar-lhe o ombro. Um rosa branca estava a espreita a todo momento aguardando a circunstância exata para agir, e, foi num ato de frações de segundos que ela vislumbrou a oportunidade de encravar o espinho que trazia em uma das folhas de seu talo no lugar preciso.

— Ai! – gritou, levando a mão ao local do ferimento e, conseqüentemente, soltando o braço de Zorya.

— Rápido! Vem! – disse, a rosa branca, segurando na mão de Zorya e livrando-a das garras de Yvied.

No exato momento que a protagonista estava fora da área de influência do Líder Sogimini, a rosa vermelha ordenou que todas as rosas avançassem para cima dele, sem economia de espinhos.

Yvied tentou sair dali e fugir daquele ataque, mas ele não teve sucesso, mas o exército da rosa, sim. Elas não economizaram em espinhos e perfume ao avançarem sobre aquela criatura que cheirava muito mal.

Aproveitando que o levante florido avançava sobre o Líder dos inimigos, a rosa branca seguiu puxando Zorya para mais longe do portão, e mais especificamente para encontrar com alguém que já estava um tempo a sua espera ali.

– Veeeeemmmmm! – dizia a rosa puxando a protagonista com força e agilidade – Rotciv está a sua espera!

Ao final da frase, a protagonista avistou o gigantesco Guardião da Justiça em pé e atrás dele uma porta de madeira pela qual ela atravessaria para ir para a segunda hora.

Zorya não soube como se comportar ao estar diante dele. Ele seu carinhosamente chamado por ela de *seu preferido* e olhá-lo em sua realidade de carne e osso como personagem mexeu profundamente com ela.

Todavia, Rotciv soube como agir e a ação dele foi inesperada, até mesmo para mim que sou a Supernova e narrador deste conto.

Rotciv a abraçou. Não foi um abraço longo, nem mesmo um abraço

curto. Foi o abraço suficiente para que ele dissesse algumas palavras.

— Não podemos mais demorar nesta hora. Vamos, Zorya! O círculo de oliveiras a espera.

Ele a soltou do abraço e agradeceu a rosa por ter trazido a protagonista até ele. Então colocando a mão por dentro de sua armadura, ele retirou uma chave e, com o girar dela, a maçaneta também girou, abrindo a porta.

— Muito obrigada! – disse Zorya, abraçando a rosa branca – Obrigada por me libertar daquele carrasco!

— De nada! – respondeu a rosa branca, enquanto ainda recebia o abraço.

Rotciv não acelerou aquele abraço, nem reclamou de nada. Ele pacientemente esperou que tudo ali finalizasse e seguisse seu curso natural.

A protagonista começou a dar alguns passos e então sentiu a folha da rosa branca segurar em sua mão, segurando também a continuação da caminhada dela para sair daquela cena.

— Você vai conseguir, mãe!

Disse aquela bela e jovial flor.

Zorya foi tomada pelas lágrimas e sorrindo largamente, abraçou a rosa branca mais uma vez, agora sabendo quem ela era.

— Zorya... Desculpe... Nós realmente temos que ir – disse Rotciv, desta vez, tendo que interferir – As oliveiras nos esperam.

— Vai, mãe! Vai! – disse a rosa branca, sinalizando para a protagonista seguir com o Guardião.

A protagonista acarinhou as pétalas do rosto da rosa e beijou-as.

— Obrigada, filha – disse, aproximando sua testa das pétalas da flor.

Então, de uma vez só, e com profunda coragem, ela se virou e caminhou para sair daquela sair, atravessando a porta de madeira aberta e sendo imediatamente seguida por Rotciv.

DOIS MIL E DEZESSEIS, A SEGUNDA HORA.

Não precisaram andar muito. Atravessando a porta e erguendo a cabeça, a protagonista constatou que as Oliveiras estavam a alguns passos de distância. Mas elas a aguardavam da forma que a protagonista não esperava.

Quando Rotciv anunciou que aquelas árvores estavam à espera de ambos, Zorya acreditava que ele se referia ao campo de oliveiras, lugar que deveria ter se apresentado no final da quarta hora.

Contudo, o que realmente aguardava por Zorya eram as mais importantes Oliveiras da história e de todas as histórias. As Oliveiras em seu círculo, as mais antigas, anciãs e sábias de todas eram muito torcidas e levemente vergadas para frente.

— Confesso que estou surpresa por ter sido trazida até este campo. — desabafou, tomada de um leve nervosismo enquanto diminuía o passo. — O que de fato eu vim fazer aqui?

— Eu não tenho permissão para falar, Zorya. Eu apenas estou cumprindo minha função e fazendo o que elas ordenaram — falou ele, andando no mesmo passo lento que a protagonista.

Zorya não queria fazer uma pergunta, mas a curiosidade dela não resistiu.

— E o que exatamente elas ordenaram?

— Traga a protagonista para falar conosco. — respondeu Rotciv.

— Só isso? — perguntou decepcionando com a escassez de informações.

— É.

As árvores não estavam mais com paciência para esperar o caminhar lento de ambos e trataram de deixar isso bem claro.

— Acelerem o passo vocês dois! Não temos muito tempo de cena!

Rotciv sinalizou com as mãos para ambos andarem rápido. Ao

chegar à marca limítrofe que separava a parte de fora da parte de dentro do círculo, ele parou e ela, vendo aquilo, parou também.

— Não, Zorya, você tem que entrar no círculo! – apontou para a área onde as doze oliveiras se alinhavam em uma esfera perfeita.

— O quê? – ela arregalou os olhos – Não me deixa sozinha...

— Você não estará sozinha, eu estarei bem aqui! – dessa vez ele apontou para o lugar onde ficaria a todo momento.

Zorya respirou fundo e começou a caminhar para dentro do círculo. No exato momento que começou a pertencer à parte interna do Círculo das Oliveiras, seivas criaram um cordão de isolamento. Aquilo não era necessário em relação à Rotciv, mas em relação à protagonista.

— Vamos! Venha logo! – disse uma das Oliveiras, um pouco sem paciência, fazendo a protagonista andar mais rápido.

— Bem no centro! – disse outra oliveira, obrigando Zorya a calcular rapidamente onde “bem no centro” ficava com toda precisão.

A protagonista colocou-se no ponto central entre elas e então começou a sabatina.

— Agora fale! – disse a oliveira que estava na lateral direita, em sentido diagonal.

— Falar? Falar o quê?

— Nós não sabemos. Você queria falar conosco, pois bem... Fale! – disse a Oliveira que estava bem atrás da protagonista.

Zorya pareceu muito confusa e olhou para Rotciv procurando alguma orientação, mas tudo o que ele podia fazer foi movimentar os ombros e as mãos em um sinal de quem não fazia ideia do que estava acontecendo.

— Por favor, desculpem-me. Eu não sei o que dizer...

As oliveiras se entreolharam por um longo único minuto e era evidente que nos olhares trocados existia um diálogo compreendido apenas por elas. Há conversas que só pertencem às árvores centenárias, mas quando elas são da natureza daquelas oliveiras – feitas de milênios de existência – basta um pequeno sinal feito pela queda de uma folha da mais antiga delas para que algo aconteça. Foi exatamente o que aconteceu. A oliveira mais antiga daquele círculo fez sua participação essencial no diálogo entre as árvores com a queda de uma de suas folhase com tal liberdade de sua folhagem ordenou ao cordão de isolamento feito pelas seivas a se movimentar até o centro, diminuindo gradativamente o espaço para a permanência de Zorya.

— Ei! Mas... O que está acontecendo? – perguntou Rotciv, preocupado.

As seivas se aglomeraram em volta de Zorya, como um imenso enxame de abelhas furiosas, e a protagonista começou a gritar dentro daquele *casulo*.

— Ela está desculpada – anunciou a Oliveira mais antiga – Era isso que ela queria falar, mas nunca teve coragem.

Um breve silêncio, até mesmo seguido por um silêncio de vento, tomou o entorno daquele campo. Rotciv sentiu um calafrio confirmado pelas palavras que vieram da oliveira líder de seu círculo.

— Peguem-no também! – disse, com a voz mais serena de todas as oliveiras a um enxame que se preparava dentro dela própria.

Um grupo de seivas brotou indômito do tronco da oliveira. Abelhas perto de seivas feriz são verdadeiros coelhos. Mas aquela fúria que também agracia voou na direção de Rotciv envolvendo-o em um casulo tal qual o que envolveu a protagonista, tornando a visão dele em uma parede feita do mais puro óleo da mãe que gerou a seiva. Tomado de surpresa pela rapidez com que a parede se ergueu, ele apenas teve tempo para apreciar como última visão a chegada do fim desta cena, tendo como seu ômega o pouso de Anatoli e a festa que as árvores fizeram ao verem o falcão entre elas.

No exato momento que o falcão lançou os olhos na direção de Rotciv, uma esfera de transporte se formou em torno do Guardião e ele foi rapidamente lançado até seu destino.

DOIS MIL E DEZESSETE, A PRIMEIRA HORA.

A protagonista chegou às paragens do Território e sua chegada não passou despercebida por nenhuma das estrelas do firmamento, tampouco daquelas estão à beira da morte.

Zorya agora estava deitada em uma minúscula parte do que um dia foram vastos campos da grama mais verde guardada por um céu cuja manhã estrelada foi conhecida pela antiguidade dos homens. Ali, a terra seguia o rumo das pequenas elevações de seu próprio solo onde o corpo dela repousava sem que a consciência dela soubesse que estava no lugar que ela mais amou em sua vida, mas que havia perecido diante de seu total esquecimento e abandono.

Ali, um dia, havia o verde campo aberto de Aifos e era sempre um deleite para os meus feixes de luz de Sol contemplar toda aquela beleza. Aifos era uma das incontáveis ilhas pertencentes ao Território, lugar residente da constelação do Grande Aglomerado do Arqueiro. Ali, a grama era sempre verde, média, suave e não havia quem não suspirasse com aquela vista. Acredito que tamanho esplendor em beleza seja a motivo para tantas estrelas estarem aglomeradas naquela região.

Não importa quanto tempo de vida tem uma Supernova, nunca estamos preparadas para acompanhar o maior momento de horror de um criador: ver com seus próprios olhos a sua criação completa e absolutamente morta.

Zorya não se mexia. As seivas haviam-na deixado completamente entorpecida pela liberdade que o pedido de perdão às Oliveiras havia provocado em seu coração e em sua alma. Eu espero que ela não perca essa sensação quando vir o que está prestes a ver.

O pior eu guardei para a hora derradeira. Não me arrependo disso. Faria novamente.

Apertei minha visão, enviando um fino feixe de luz violeta em seu rosto para provocar um movimento na protagonista, mas o máximo que ela fez foi abanar a mão como se estivesse espantando uma mosca.

Eu não precisei fazer mais nada. O vento fez o resto, trazendo secura, pó e fumaça.

Começando a tossir, Zorya abriu os olhos com muita dificuldade. Seu acordar trazia uma exaustão que ela desconhecia por completo, pelo menos foi assim que ela se sentiu naquele instante.

Ela fechou os olhos por alguns segundos para abri-los novamente, já com menos peso nas pálpebras, sendo acometida por uma estranheza absurda que apenas lhe deu a certeza de que não estava onde acreditava que deveria estar. Mas ela não fazia ideia a que, afinal, lugar pertencia. Apesar de estar com os olhos abertos, sua visão nada alcançava.

Mas constatou que tudo aquilo lhe parecia familiar, de alguma forma. Todo aquele sentimento, todas aquelas palavras elencadas por mim.

Foi quando ela reconheceu o que estava acontecendo e se colocou sentada. Toda a minha descrição já havia sido escrita por suas próprias mãos em um primeiro capítulo da história que ela abandonou.

Ela imaginou que estava cega, porque não conseguia ver nada. Havia uma mistura de vazio e escuridão em volta, em toda parte. Era algo muito pior do que uma página em branco, era o resultado da destruição do que um dia já pertenceu como história à várias páginas.

— Não... Não...

Ela começou a suspeitar de onde estava.

A fumaça e a fuligem no ar a fizeram tossir sem parar. O calor era insuportável e a secura confirmava que não havia qualquer água naquele lugar.

— Por que você me trouxe aqui? – ela me perguntou, sentindo um pouco de raiva de mim – Eu não queria ver isso... Eu não queria...

Por que se leva um artista para ver sua obra morta pela própria ausência de suas mãos?

Zorya deu um suspiro de horror. Uma mão estranha agarrou sua garganta, mas sem a apertar. Ela não conseguia ver quem era, mas eu sim.

— Margorp, por favor, me tira daqui!

— Está com medinho? – perguntou a voz que ela reconheceu – Idiota!

Zorya não conseguia respirar de medo. Ela não conseguia acreditar

em quem estava ouvindo. E mesmo que ficasse claro feito o dia onde ela estava, e seus olhos pudessem ver com clareza o rosto de quem falavam ainda assim ela negaria para si mesma a origem daquela injúria.

— Fraca! – a mão começou a apertar a garganta da protagonista e ela começou a se desesperar um pouco mais - Que pena que tudo está tão escuro e você não possa ver a morte que tudo isso aqui se transformou. Seria uma maravilha ver seus olhos de terror e ouvir seu grito de pavor.

Atreya sabia como machucar profundamente alguém usando as palavras.

— Seus piores inimigos estão prestes a chegar, um por um. – disse ela, em um tom de voz que combinava com o ar desesperador em volta - E seus inimigos são meus mais novos aliados. Espero que você – ela começou a elevar o tom de voz e a aplicar nele um som tão maligno quanto seu coração sombrio – esteja pronta para sentir o inferno da sua desesperança dessa vez porque é para lá que nós levamos escritores fracos como você.

Ao final da última frase de Atreya, Zorya surpreendeu a inimiga e a empurrou, fazendo-a cair próximo aos pés da protagonista, que a perdeu completamente de vista. Habilidade em se mover em tudo que é tomado pelas trevas, a inimiga do conto rapidamente conseguiu colocar-se novamente de pé e partiu para um ataque mais pontual.

— O seu inferno acaba de chegar – disse, sentindo o braço de Zorya ser tomada pelo arrepio – Ele está aqui – disse, deleitando-se com a chegada de Yvied que deixou o ar ainda mais pesado.

— E irei cobrar de você cada espinho cravado em mim por aquelas flores malditas.

Atreya não estava blefando e a voz de Yvied confirmou a chegada do próprio inferno, seu braço direito: Laus.

O Líder Sogimini havia chegado ao Território acompanhado de seu capitão. Como de costume, optou por primeiro parar e observar o quanto de escuridão ele havia levado para aquele lugar, matando não somente toda a beleza da grama verde, mas também expulsando dali a bela manhã estrelada. Ele adorava contemplar sua vitória e estava em seu momento mais uma vez.

Mas a vitória começou a dar sinais de fraqueza.

— Mas o que... -disse Laus ao perceber que a escuridão havia esmaecido.

Zorya também percebeu que algo de diferente acontecia, mas segurou-se para não se assustar demais ao ver o rosto de Atreya, mesmo que

em silhueta, tão próximo de si.

Mas ver a inimiga número um do conto não era a pior visão. O esmaecimento da escuridão trouxe a oportunidade de ver a extensão do aniquilamento levado por Yvied para a terra que Zorya mais amou em sua vida.

— Não... - a protagonista começou a chorar e soluçar em meio a seu pranto, em completa negativa e não aceitando a forma na qual o Território havia se transformado.

A escuridão esmaeceu um pouco mais e o alcance da devastação ficou ainda mais claro.

Atreya agarrou Zorya por trás segurando a lateral de seu rosto e forçando com violência a olhar para toda aquela perda.

— Veja! Veja! Isso aqui é o que acontece quando alguém inventa que é artista! – falou a inimiga, mostrando o que começou a deixar de ser silhueta e passa a tornar-se uma imagem real com traços muito de letras sombrias e muito fortes.

Zorya lutou para que seu os olhos não vissem o que estava diante dela. Ela seguiu em negativa de aceitar a mais nova composição do Território: um imenso deserto negro tomado de árvores retorcidas e uma fuligem tão sombria quanto a voz de Atreya. Ela observou que Yvied começou a caminhar na direção das duas e olhar para aquele personagem tendo ao fundo o Território completamente destruído por ele, potencializou a dor em Zorya.

— Você está em dor – disse ele, impondo seus olhos frios nos olhos da protagonista – Eu conheço esse sentimento, eu adoro provocar isso – concluiu o Líder dos Sogimini.

A dor em Zorya ficou um pouco maior quando ela olhou para a figura de Laus e lembrou que ele foi um personagem criado especificamente para matar Nabetse na história que um dia Yvied escreveu.

Yvied escreveu.

Yvied foi um escritor.

— Ela está sofrendo. – disse Laus zombando da protagonista enquanto acelera o passo para ter a oportunidade de tirá-la das mãos de Atreya e ele mesmo poder torturá-la.

Mesmo sofrendo, Zorya percebeu que Yvied parou sua caminhada em volta dela, colocando-se com uma expressão facial levemente pensativa. Algo estava chamando a atenção dele, mas nem ele mesmo sabia definir o que era.

— Tome, divirta-se! Eu já estou satisfeita! – Atreya arremessou a protagonista nos braços de Laus e ele não demorou muito a começar o que tinha a intenção de fazer.

Zorya seria torturada mais uma vez. O Capitão Sogimini iniciou seus atos, e teve poderosa companhia.

— Todo o povo que vivia aqui, fora aqueles Guardiões idiotas, o menino e o pai dele... Todos os demais estão mortos. Todos. Todos. Todos.

— Mortinhos – completou Atreya.

— Adivinha quem é responsável pela morte de cada um deles?

Zorya percebeu que um silêncio diferente tomou conta do ar.

— Vamos.Fale! Eu quero que você fale! – insistiu Laus, evidenciando que estava a ponto de cometer uma de suas maiores loucuras ali mesmo.

A fuligem começou a subir tomada pelo vento e este mesmo vento começou a absorver todo o sofrimento que havia na protagonista.

— FALA!

Mesmo de soslaio, Zorya percebeu que Yvied arregalou os olhos. Ele havia constatado que estava de fato acontecendo ao redor deles.

— DIGA!!! DIGA!!! DIGA!!! ASSUMA DE UMA VEZ POR TODAS!!!! – ordenou Laus completamente alheio a seu redor.

— Não, não! Pare agora, Laus!!! – Yvied tentou dar uma ordem ao Capitão dos inimigos.

Calada e ciente do que realmente acontecia, Zorya seguiu no jogo de Laus que – para sucesso deste conto – continuava o mesmo insubordinado de sempre.

— Diiiiigaaaaa!!!!– elegritou usando total e completa força de seu pulmão.

A protagonista segurou-se pedindo que aquela cena terminasse o mais rápido possível. Já era difícil conter o sorriso.Ela quase colocou tudo a perder, mas seguiu no jogo.

Enfurecido, e enfatizando palavra por palavra, Laus seguiu desacatando toda tentativa de ser contido por aquele que um dia o criou.

—Vamos!!! Diga: eu matei meus personagens!!!

Zorya olhou para Laus e um sorriso saiu do canto de sua boca.

O Capitão ficou completamente confuso com a reação dela e então percebeu que algo acontecia. Eles caíram na nossa armadilha.

— Ela não pode dizer isso!!! – gritou o Líder dos Sogimini,

enquanto o vento aumentava e algo gigantesco se aproximava.

Apesar de tentar impedir que a frase fosse dita por Zorya, nenhum dos três obtiveram sucesso.

De costas para o leste, ainda sob a posse de Laus, Zorya viu os três serem lançados para longe dela quando os três foram alvejados pelo dourado que saiu de uma espada cortante de âmbar que se formou em sentido horizontal no Oriente.

A espada do amanhecer era carregada pelo maior aliado de Nabetse em seu amanhecer: Anatoli. O falcão colocou-se diante da protagonista e chamou outros falcões iguais a ele para formar uma barricada que protegeu não somente Zorya, mas todo o amanhecer em formação.

Um importante passo precisava ser dado para a passagem da escuridão da noite para o dia, e Anatoli estava ali para dar fim ao processo de transformação das doze horas iniciadas por Nabetse e concluídas por Zorya.

Na presença daquele que se ergue com o sol, e com o prenúncio do amanhecer de Aurora, Zorya, a guardiã das palavras da madrugada, finalizou seu ciclo noturno entregando as cinco horas diante de Anatolie proclamando a frase que, mesmo escrita em letras normais, possui gigantesco significado e produz a explosão capaz de mudar o curso das coisas:

— Eu matei meus personagens.

3.

Ando pela mesma rua
Há um buraco fundo na calçada.
Vejo que ele ali está.
Ainda assim caio... é um hábito...
Meus olhos se abrem
Sei onde estou.
É minha culpa.
Saio imediatamente.

- Livro tibetano do viver e do morrer –
(Sogyal Rinpoche)



AS QUATRO ESTAÇÕES

Zorya venceu suas horas. Nabetse também foi vitorioso em sua travessia. Havia chegado o momento de Sol e artista se encontrarem, e esse encontro se deu quando abri meu Hiperião e permiti que Zorya passasse por ele, logo após de proclamar a morte de seus antigos personagens, refazendo-se naquela dor e dando a si a oportunidade de continuar.

Ficou para ela o mais importante: um aprendizado. Não adiantava apegar-se a personagens que não tinham mais como ser salvos. Mas ela poderia ter esperança de reencontrá-los em novos personagens criados.

Com o som da frase que concedeu o selo da vitória sobre sua madrugada, o Hiperião da Supernova foi aberto e a protagonista foi convidada atravessá-lo. Ao cruzar aquela porta, o primeiro rosto que Zorya encontrou foi o de Nabetse, sorridente, aguardando-a para torná-la sua primogênita: a primeira artista a receber a força criadora das quatro estações de seu Hiperião.

Ao contemplar o rosto iluminado de Nabetse, ela mal conseguiu dar um passo. Estava vivendo o maior de todos os encontros, algo que ela sonhou acordada e até mesmo em uma única noite de sono.

Nabetse decidiu fazer o que lhe cabia fazer como Sol: andou na direção de Zorya e recepcionou-a com calor.

— Bem-vinda! – disse Nabetse, abraçando-a com força.

— Obrigada! – ela devolveu o abraço com generosidade. Quando ela se soltou dele, percebeu uma bela novidade – Uau! Então é assim que uma *irisinter* se parece?

— Sim. Legal, não é?

Ela acenou freneticamente com a cabeça sinalizando que sim.

— Eu decidi que todo artista inspirado por mim terá uma assim

enquanto estiver trabalhando. Nas horas de folga, eles voltam a ter suas *irisinters* normais.

Ela percebeu que Nabetse era muito leve, sorridente e gostava de se comunicar de uma forma informal, e ele mesmo tratou de confirmar a necessidade de tal informalidade.

— Eu sei que fui coroado Sol, mas posso pedir uma coisa?

— Claro. — Zorya aproximou-se e colocou-se em posição de quem estava aberta para aceitar o que Nabetse ia pedir. — Se estiver ao meu alcance, eu farei.

Nabetse se aproximou, como se fosse cochichar um segredo.

— Dá pra você me chamar de *você*? Eu não lido muito bem certas formalidades de fala.

Zorya riu um pouco.

— Claro, Nabetse. Você pode ficar tranquilo. Sem formalidades entre nós dois.

O Sol respirou aliviado, desenhando um sopro em curvas e ondas diante de seu rosto, exatamente na direção da boca.

— Bem, agora vamos lá! Eu adoraria lhe mostrar algumas coisas por aqui!

Ele se virou e encontrou Edys em pé e ela não estava sozinha. Ao ver-me junto com minha irmã, Zorya constatou o que toda Supernova apresentava quando deixava algo muito claro. Era evidente que o *tour* do Sol e da protagonista teria que esperar.

— Olá, vocês! — disse Nabetse, um pouco sem graça.

— Olá, meu filho! — Edys caminhou na direção do afilhado para dar-lhe um abraço — Você estava planejando um passeio, eu sei. Mas ele terá que esperar.

— Nós percebemos — falou Zorya.

Como toda Supernova, fui logo direto ao ponto e cumpri com meu dever daquele momento.

— Bem, este é o seu Hiperião, Nabetse — disse, mostrando a ele o círculo grande e oco com uma pequena esfera sólida no meio — Mas essa não é a forma definitiva dele. É dela que virá o desenho do seu selo.

Zorya acompanhou toda a fala percebendo algo.

— O que foi Zorya? — indaguei ao constatar que ela olhava para o desenho suspenso sobre o centro das quatro estações.

— Parece o símbolo do deus Apolo, deus grego do sol. É chamado

de...

— O ovo da criação? – perguntou Edys, quase em um som de afirmação.

— Sim...

— Todo Hiperião é criado a partir dele – completei.

— Uau! Não imaginei que o que andei pensando esses últimos dias fosse realmente verdade! – a protagonista estava surpresa em descobrir que suas constatações e observações podiam estar certas o tempo todo. Por muito tempo ela imaginou que estava ficando louca.

Edys se aproximou de Zorya para aticá-la.

— O que mais você percebeu esses últimos dias, Zorya? – a estrela perpétua determinou-se em fazer a protagonista falar um pouco mais sobre suas descobertas.

— Que o símbolo que representa o signo de Leão, que é regido pelo sol, se assemelha a um ômega com um pequeno sol voltado para o oeste, mas quando ele é virado de ponta cabeça, lembrando uma harpa, o pequeno sol se volta para o leste.

— Mas não foi só isso que você observou no símbolo, não é? – Edys instigou a protagonista um pouco mais e foi quase possível sentir a resposta antes mesmo dela ser apresentada naquele Hiperião.

— Credo... Não dá pra esconder nada de você, Edys!... Não... Isso significa que como harpa, o sol fica erguido, nascido ao leste, quando volta a ser um ômega, o sol fica baixo, como se estivesse próximo a se por no oeste – ela olhou para as estações leste e oeste antes de falar sua conclusão – Você foi coroado Sol sob esse signo então... A harpa e o ômega farão parte no seu Hiperião.

O riso de todas as Supernovas foi sentido visitando aquele Hiperião, inclusive o meu próprio riso. Depois só me coube falar para tentar acalmar o que ressonava dentro de Zorya.

— O seu cérebro quase derreteu agora, isso é completamente normal nesse estágio. Isso não é loucura, Zorya. Você nunca esteve tão sã! – Nabetse passou a ser o foco de minha atenção por breve momento – Ela está certa, Nabetse, você é um Sol em Leão, e você precisa determinar um período de início e de fim de irradiação do seu Hiperião. Você foi coroado Sol no dia 21 de agosto, essa é - sem dúvida alguma - uma excelente data do seu nascente – expliquei exercendo meu papel de Supernova.

— Que dia você deu para ela? – perguntou Sol recém-coroado

surpreendendo a todos com aquele conhecimento. Zorya havia recebido uma data final para encerrar a escrita de toda ideia principal que sustentaria o conto e, além dela, somente a Supernova quem determinou esta data, sabia disso.

— Por que a pergunta? – indagou Edys.

— Bem, esse conto será finalizando em certo dia, eu fui coroado Sol nele, então a data que ele terminará de ser escrito pela protagonista com o auspício da Supernova – apontou com respeito para mim, a Supernova, e finalizou com brevidade e profundo respeito a tudo que foi feito – um dia muito importante para mim.

— Excelente observação. Pode falar a data para ele – diante daquele reconhecimento, não havia mais razão para manter a data em segredo, e Zorya foi autorizada a anunciar o dia e o mês marcados em seu mundo real.

— O dia é 29 de junho – anunciou.

Nabetse produziu um sopro e foi possível vê-lo ganhar forma diante de nossos olhos. Zorya sorriu um segundo antes de ouvir o Sol instituir suas datas.

— Então fica decidido assim: todo dia 21 de agosto eu começo a irradiação do Hiperião e todo dia 29 de junho eu encosto a porta dele. Será o poente para todos que eu estiver ajudando.

— Poente? Você quer dizer *deadline*?- perguntou a protagonista fazendo referência ao termo utilizado no meio literário.

— Argh! Odeio o som dessa palavra! É pior do que *spoiler*. Poente é bem melhor. Não gosto da ideia de uma linha aterrorizando e tirando o sono de pessoas. – e completou – Não quero ninguém morrendo em linhas no meu turno!

— E no intervalo desses dias, o que você fará do Hiperião? – indagou a madrinha do Sol, Edys.

— *Dolce far niente*.

— *Dolce far niente*?! – eu e Edys perguntamos ao mesmo

— Sim, férias!

— Férias para que? – eu insisti e me arrependo profundamente de não ter segurado minha pergunta. Foi ali que criei uma oportunidade para que nascesse o mais novo vício de Nabetse.

— Para deitar no céu e olhar para grama enquanto degusto um café grego... Ouvi dizer que é delicioso!

Zorya riu entendendo o que Nabetese tinha acabado de dizer.

— Se você entendeu algo, por favor, me explique. Eu sou uma estrela perpétua, sou madrinha dele e eu estou perdida. – pediu Edys.

— É exatamente o oposto que ele fazia no início da história contada pela Supernova e que Flyont escrevia.

Nabetse olhou para ela com olhos suplicantes.

— Ah, por favor, você sabe muito bem que não é somente isso! E não se esqueça: sempre teremos café!

Então a protagonista continuou falando, pois Edys tinha um olhar de quem estava em grande expectativa por uma resposta completa.

— Significa que quem estiver fazendo... Ou melhor... quem estiver fazendo o “não fazendo algo” terá mais facilidade de sentir a força do chamado do Hiperião.

— ISSO!!!! Viu?! Ela entendeu!!! Estou tão orgulhoso!!! – Nabetse a abraçou com força mais uma vez.

— Uau! A ligação Sol e primogênita está começando a se formar e já está muito forte! – disse Edys, aplicando um tom forte na palavra *muito*.

— Esse descanso fez parte da minha história todas as vezes que ela foi escrita. Talvez essa seja uma excelente forma de convidar pessoas a reescreverem suas histórias também.

— Agora eu que estou orgulhoso, rapaz! – falei tomado por uma emoção que senti apenas uma vez por uma pessoa, mas infelizmente eu a perdi completamente depois – Como você pretende chamar esse período do seu Hiperião?

— Ué! Ele tem que ter um nome? – ele pareceu pego de surpresa.

— É bom ter. O meu se chama “O ciclo da rosa” por causa da forma que lembra a rosa dos ventos. Eu o emprestei a Yrneh quando tentamos reescrever novamente a sua história e levamos o conto para a ilha de Creta. O de Edys se chama...

— “A roda das águas”... Eu amo o jeito que ele soa... E o seu, como você o chamará?

— Não faço a menor ideia... Não posso ter um tempo para pensar?

— Você precisa dar esse nome agora, querido. – enfatizou a estrela perpétua.

Nabetse olhou para o desenho matricial de seu Hiperião e tentou pensar em algo. Pensou em nomes, mas nenhum deles tinha um som que trouxesse o significado de seu próprio selo.

Eu observei que Zorya estava novamente com a feição de quem buscava uma lembrança dentro si.

— O que foi? – indaguei e arqueei minhas sobrancelhas, ao mesmo passo que mantive meus olhos observando o rosto de Zorya por alguns segundos – Você tem uma sugestão de nome?

— Não tenho... Quer dizer... Tenho? Não sei...

Zorya hesitou um pouco, mas não conseguiu guardar sua lembrança por muito tempo.

— Meu Deus... Será que...? Não pode ser...

Edys caminhou até a protagonista e segurou em suas mãos para dizer-lhe algo que traria coragem em expressar as palavras.

— Zorya, você está criando sob o auspício de uma Supernova, você pode saber não coisas que não sabe e não saber coisas que não sabe.

— O que?! – Zorya e Nabetse gritaram juntos. Nabetse franziu a testa e Zorya arregalou os olhos com o som da frase carregada de profunda confusão de sentidos.

— Repete, por favor... - pediu o Sol recém-coroadado.

— Desculpem, é tão confuso que nem mesmo temos autorização para repetir. – eu disse, lembrando de quantas vezes me pediram para repetir e eu não pude em respeito ao *Critterium*, conhecida como A Lei de todas as Estrelas.

Edys retirou-nos da frase de nossas confusões.

— Zorya, você tem tentado escrever algo e não tem conseguido apesar já ter possuído o que você acredita ser um título? E esse título martela na sua cabeça dia após dia? Manhã, tarde e noite? – minha irmã sabia como trazer um encadeamento de perguntas.

— Você tem acordado na hora do nascer do sol, aos fins de semana, contra a sua vontade? – indaguei, lembrando o ponto mais crítico do que acreditamos ser a inspiração de um nome para o Hiperião de Nabetse.

— Sim, sim, sim e sim. – afirmou positivamente para cada uma de nossas perguntas.

— É porque não é o título de uma história sua, mas sim o nome para algo da história que pertence apenas a um Sol que é próximo à você.

— Qual é o título? – perguntou a estrela perpétua.

Zorya caminhou até Nabetse e disse o título em seu ouvido. Nabetse mostrou-se surpreso com o que ouviu, e pela primeira vez um Sol apresentou uma face incrédula que durou um milionésimo de segundo.

— Você tem certeza? – perguntou, querendo confirmar antes de dizer o nome em voz alta dentro de seu próprio Hiperião.

— Tenho. Esse título quase me levou a loucura. Tente-o.

Nabetse puxou ar e então, diante do traço de seu Hiperião, disse o seguinte nome:

— O ano do rei.

Imediatamente após Nabetse falar aquele nome, um silêncio sagrado tomou conta de todas as quatro estações. Eu cerreimeus os olhos com suavidade ao perceber o ocorrido, ao passo que Edys pousou sua mão sobre o ombro esquerdo de Nabetse enquanto algo se preparava para acontecer. O Sol segurou a mão direita de Zorya e logo em seguida, de forma suave, o Hiperião começou a brilhar em traços de azul anil.

Aquela era a confirmação. Estávamos no *O ano do rei*.

Do núcleo da esfera sólida ao centro surgiram traços sinuosos em vários tons de laranja, vermelho e dourado, com as bordas em traços suaves de azul celeste. Observei a formação daquele Hiperião com os olhos atentos, pois aquele momento era mais do que histórico, era uma poderosa vitória de todo o meu povo estelar.

Edys segurou uma mão na outra enquanto as apertava no peito em evidente posição de contemplação e veneração.

Nabetse e Zorya estavam boquiabertos e assim permaneceram por longo tempo.

A esfera do centro gerou outra esfera oca, e ela se expandiu até se aproximar da linha limítrofe do círculo oco que envolvia tudo. Logo depois de parar, quando atingiu seu lugar, aquela nova marca deixou claro que aquilo não era tudo, e projetou um som que Nabetse reconheceu e o menino que havia nele entrou em festa.

— São eles! São eles! – gritou o Sol ao reconhecer o som dos djembes e teve esperança que aqueles três imigrantes africanos estivessem tocando seus instrumentos ancestrais.

Ao som frenético dos tambores, o centro sólido mudou de cor para uma união em harmonia do laranja, vermelho e dourado. Na direção das quatro estações formou-se uma primeira camada de quatro pontas, e logo depois, nos espaços entre as estações, despontou-se uma segunda camada com as mesmas formas. Entre a lacuna de cada uma delas, surgiram outras pontas, totalizando oito nessa terceira camada. Os três djembes ganharam a companhia de uma voz, mas o canto não era africano, ele era da ilha onde a

história de Nabetse começou a ser contada. Aquele canto era para lembrar que ele, antes de ser um Sol, era um personagem nascido na ilha de Creta. O toque de uma harpa trouxe desenhos gregos para as extremidades do Hiperião e movimento para todas as três camadas de pontas, que vergadas, pareciam movimentadas pelo vento.

Todo o Hiperião ganhou movimento, cor e vida, e, do centro dele, brotou a relíquia mais importante para todo Hiperião, aquela que afirmava o motivo de sua própria criação: a espada de Alethea.

— Ei! Eu reconheço essa espada! – disse Nabetse, vendo-a erguida e equilibrada no centro de seu Hiperião – Você usou uma igual a essa na estação do metrô de Paris – ele se dirigiu a Edys enquanto falava.

— Sim, todo Hiperião gera uma espada de Alethea. Ela é a espada da verdade e é dela que sai toda a verdade que você irá irradiar do seu Hiperião. A cada verdade entregue, quem a receber, também recebe sua própria espada.

— Isso quer dizer que eu vou ter uma espada igual a essa?

— Sim, quando você começar a escrever sob a irradiação do Hiperião de Nabetse, você estará em posse de uma mesma espada. – explicou Edys, completando com uma informação que a entristecia toda vez que era revivida em sua memória - Mas a espada do Hiperião só sai do seu encaixe para um momento solene, aquela estava comigo porque...

— Yvied...? – Zorya indagou com lamento. Ela sabia que aquela, além de uma pergunta, era a resposta.

Eu olhei para baixo em sinal de pesar e soltei uma respiração diferente de todas que Zorya já havia ouvido.

— Sim – Edys respondeu – Ele me golpeou com essa mesma espada e Alethea decidiu, naquele momento, que a espada pertencia a mim e eu poderia utilizá-la para defender personagens em perigo. Um Sol precisa ser muito sábio para entregar uma espada dessa natureza a alguém. Seja sábio, Nabetse!

— Ou pelo menos ouça todos os bons conselhos que o céu mais sábio da Alocse tem para lhe dar – disse Zorya, referindo-se a Yrneh, o pai de Nabetse, que agora era o céu estrelado da manhã – Afinal, você o estará contemplando até no seu *dolce far niente*.



A PALAVRA É UM MAR EM MIM

Edys pigarreou e sinalizou algo. Não houve necessidade de muito esforço para entender que havia chegado o momento mais importante entre o despertar do Hiperião de Nabetse e seu primeiro levante no Oriente como Sol: o juramento.

— Agora, o juramento de primogênita— eu disse, de forma bem objetiva. Edys não suportou isso e fez questão de demonstrar em seu semblante.

— Verdade. O juramento.

Zorya fez uma respiração profunda sentindo o peso da importância daquele momento.

A regra de juramento de um primogênito de Hiperião sempre foi clara em uma necessidade: a presença de duas Supernovas para selar o início de sua feitura. Já estávamos ali, a regra inicial estava cumprida e não havia necessidade de uma formalidade maior. Com isso o juramento já podia acontecer, pois a regra da presença da protagonista também estava cumprida. O tempo ameaçou passar rápido e Anatoli segurou a lâmina do âmbar à espera de Nabetse. Isso pediu uma aceleração no andamento do Hiperião e com ele foi afirmado e firmado o primeiro nascido.

Zorya era a primogênita de Nabetse, ela era a primeira artista nascida ali e também era a protagonista do conto.

Ainda com a presença de duas estrelas perpétuas, Nabetse começou o processo tão importante para seu Hiperião.

— Protagonista, eu preciso fazer três perguntas para você. Para cada uma delas a única resposta que você deve dar é “A Palavra é um mar em mim”. Entendeu?

— E se eu não concordar? – disse, tentando surpreender a todos.

— Sério? – indagou Nabetse com um tom de ironia.

— Claro que não! Eu não vim até aqui para desistir! Pode perguntar, Nabetse! – Zorya arrumou o cabelo e a posição antes de afirmar algo – Eu estou pronta!

Edys ficou satisfeita com o que viu e ouviu naquela frase.

Diante daquilo, Nabetse andou até o centro do Hiperião e tomou para si a espada de Alethea. Caminhou de volta até Zorya e, voltando o punho da espada para o centro de seu próprio peito, colocou a ponta da lâmina no centro do peito de Zorya. O Sol era muito forte e ainda não tinha controle sobre isso.

— Ai – reclamou Zorya, sentindo a lâmina pressionando mais do que devia – Acabei de renascer! Não me mate!

Edys riu com a fala de Zorya. A mim coube fechar os meus olhos em sinal de protesto estelar. Não acreditei que vinha uma continuação de eventos sem precedentes em um Hiperião solar.

— Desculpa, é a minha primeira vez firmando uma primogênita. – e Nabetse começou a rir – Ainda bem que além de inspirar também posso curar. Porque muitos vão reclamar igualvocê.

— Não... Com o tempo você vai aprend... - Zorya interrompeu a própria fala ao constatar Nabetse sinalizando negativamente com a cabeça.

— Sim, ele vai – disse Edys - Meu querido, você é um Sol. Portanto, tem muita força. Tenha menos força. - ela percebeu que aquela não era uma boa frase repensou e outra – Tenha mais força - Edys tentou orientar o afilhado, mas não sabia que palavras escolher. – Tenha cuidado!

— Isso tudo é muito desnecessário – como Supernova, precisei intervir. Mas eu lembrei que estava no Hiperião de outra estrela, de um Sol, ali tudo o que podia fazer era somente orientar e assistir. E eu segui assistindo a eventos sem precedentes em um conto de Supernova

Nabetse continuou rindo sem parar e Zorya começou a rir junto com ele.

— Eu sou muito sem noção de força e tamanho. Eu sou o labrador de todos os sóis! – ele quase não conseguiu finalizar a própria frase.

— Pela Estrela Sábia! – disse Edys ao constatar o que estava acontecendo. Era grandioso.

Zorya não aguentou e começou a rir mais forte também, sendo acompanhada por Edys. Os três tentaram ficar sérios, mas não conseguiram.

— Pelo amor de todas as Supernovas! Façam logo esse juramento!

– não era sempre que se podia usar este clamor, mas o momento pediu e eu implorei citando todas minhas irmãs estrelas que estão em fase preparatória de morte.

Eles seguiram rindo sem parar e Edys percebeu que muitos risos chegaram, vindo da terra além da página. Havia também olhares repletos de curiosidade e até mesmo certa impaciência com a demora do prosseguimento com a cena.

— Nabetse, os Letras. - Edys apontou para a terra além da página e o afilhado os saudou com um aceno de cabeça respeitoso. Ele sabia da importância de quem lançava seus olhares sobre aquelas páginas e as lia também.

— Desculpem-nos, mas isso aqui ainda vai levar um tempinho – disse Nabetse olhando para os leitores e avisando-os – Nós gostamos de rir. Muito! Até soluçar!

— Não! Eu não posso soluçar! Eu tenho juramento pra fazer. Chega! Vou parar de rir. – a protagonista puxou o ar tentando se recompor.

Nabetse explodiu em mais um riso e Zorya não aguentou. Participou como eco daquela explosão.

— Para! Eu não posso fazer um juramento soluçando! – reclamou em meio a muito riso.

Nabetse desacelerou o riso e arqueou as sobrancelhas e olhou para além da página. Todas as estrelas olharam para as Letras naquele momento, e não gostaram do que viram.

O Sol daquele Hiperião fez as honras e anunciou o incômodo provocado nas estrelas.

— Só mais um pouquinho de paciência, vai! – ele olhou para Zorya – Tem gente querendo pular linha pra ler logo o juramento, mas ninguém vai pular linha no meu turno!!! – disse elevando a irradiação solar da voz na parte que lhe pareceu convincente: desde o meio da palavra *ninguém* até o final da frase. Os raios ecoaram por todas as estações.

— Por que você elevou sua voz assim?! – Zorya perguntou, estranhando a forma como a voz de Nabetse se ergueu.

— Sei lá. Acho que é o amanhecer – respondeu, buscando um sentido em sua reação. Nessa busca ele encontrou mais um leitor impaciente. – Só mais um pouquinho de paciência, okay? Eu juro que não vamos decepcionar!

Os olhos na terra além da página já não aguentavam esperar pelo

que já devia ter acontecido. Toda Supernova sabia disso, mas também sabia que devia respeitar o tempo de um Sol recém-nascido.

— Então, como foi em Atenas? – perguntou para a protagonista.

— Foi mágico, mesmo com todo o caos na madrugada. Adoraria ir lá de verdade. Espero que seja em um verão e também em breve.

— Dizem que no outono por lá é ótimo também. – o Sol da escrita de Zorya piscou para ela e ela piscou de volta entendendo que ele se referiu ao período de colheita das azeitonas. Ela adorava azeitonas. – Okay! – Nabetse tentou se recompor – Chega de conversa e de riso. Vamos lá!

Zorya se ajeitou para viver o momento mais emblemático de sua vida.

— Lembra o que você tem que falar a cada pergunta?

— *A palavra é um mar em mim.* – disse com convicção como se já estivesse fazendo o juramento.

— Eu amei essa frase. – sorriu declarando amor por aquele som.

— Eu também.

Uma Supernova não pode interferir em um Hiperião que não é seu, mas ela pode dar sinais e foi o que aconteceu: eu pigarreei e Edys suspirou alto. Ambos deixamos claro que o juramento deveria acontecer de uma vez por todas. Graças à mãe de todas as Supernovas, Nabetse nos deu ouvidos.

— Então... - disse Nabetse decidido a iniciar o que devia ter feito, enquanto Zorya movimentou os ombros se ajeitando para jurar diante da espada da verdade. – Vamos lá! De uma vez por todas!

— Espera! – elateve uma dúvida que rapidamente esqueceu – Nada! Deixa pra lá!

Nabetse olhou para um leitor sentindo uma nova impaciência.

— Foi ela! – disse ao leitor, apontando com a espada da verdade na mão – Reclama com ela!

— Desculpe. – a protagonista olhou na direção do leitor apertando os dentes então falou. – Foi mal.

Nabetse pigarreou para limpar a garganta. Ele não quis interromper nada do que ia acontecer a partir da próxima linha.

O juramento começou.

— Zorya, você jura sob a lâmina imparcial da verdade que será leal à escrita e a estação Norte?

— *A palavra é um mar em mim.*

— Você jura não ter medo do isolamento, do silêncio e do mistério

que há no Norte, e fazer uso da força desses três elementos para trazer boas palavras ao seu e ao nosso mundo?

— *A palavra é um mar em mim.*

— Você jura que irá ajudar um artista perdido em seu próprio caminho ou faminto do que a escrita tem para oferecer ao encontrá-lo em seu próprio caminho de protagonista?

— *A palavra é um mar em mim.*

— Você jura ir ao encontro de alguém do norte da forma extraordinária que o Hiperião determinar para que ele não desista do que está escrevendo?

Zorya fez uma pausa. Ela se lembrou de algo misterioso que ocorreu com ela quando começou a escrever a história de Nabetse no ano de dois mil e nove. Sentada diante de uma mesinha, e com vinte e cinco páginas escritas diante de si, ela estava determinada a abandonar tudo aquilo e parar de escrever a história. Acreditou por alguns minutos que tudo aquilo era uma bobagem, e que a bobagem maior era acreditar que tinha capacidade para ser uma escritora.

— Zorya! – chamou Edys – Sua fala!

Zorya não quis dizer a fala que lhe cabia naquele momento. Ela ficou paralisada pela lembrança seguinte.

Ainda naquela noite em que tudo parecia bobagem, o pensamento que ocupava sua mente concluiu que ela não era escritora e ela olhou para as páginas diante dela. Pegou cinco páginas iniciais com as mãos e preparou-se para rasgá-las. Foi nesse momento que alguém, um homem, vindo do Leste, cruzou sua imaginação e a impediu pedindo que ela não parasse.

Foi naquele dia que ela conheceu Otrebor e foi ele mesmo que disse para ela pegar o nome Roberto e colocá-lo de trás para frente para assim designá-lo.

Graças a visita extraordinária naquela noite em que tudo podia ter ficado para trás e que todos os demais eventos se fizeram realidade. Incluindo a própria volta de Zorya do mundo dos mortos da escrita.

— Desculpem-me, eu me lembrei de algo muito forte que aconteceu comigo. E que depois aconteceu de novo quando eu voltei.

Ela olhou para Nabetse e ele olhou de volta para ela.

— Eu não acredito... - a voz não saiu em sussurro – Quando estive à beira de desistir, ainda no início, ele veio até mim. – a protagonista deu-se conta do que aquilo significou.

Zorya só pode renascer em dois mil e dezessete porque uma forma extraordinária a visitou em dois mil e nove. E esta mesma forma extraordinária reapareceu um dia depois de seu renascimento para deixar claro que estava junto com ela naquela jornada.

— Pois é. Ele apareceu duas vezes pra você. A diferença é que na primeira ida até você, o pedido veio do Hiperião. Na segunda, foi ele que pediu ao próprio dono do Hiperião para ajudar você.

Zorya começou a chorar e precisou ter o choro interrompido.

— Protagonista, seu juramento. As respostas que você precisa virão depois. - Edys lançou sobre mim um olhar de quem recriminava o tom da minha falha.

Nabetse repetiu a pergunta que faltava.

— Você jura ir ao encontro de alguém do norte da forma extraordinária que o Hiperião determinar para que ele não desista do que está escrevendo?

— *A palavra é um mar em mim.*

O Norte começou a soprar vento feito de letras soltas, palavras, frases e orações, e as formas daquele vento envolveram Zorya e ela foi firmada pelo Norte em seu juramento de lealdade, não somente ao Hiperião, mas também à verdadeira natureza das palavras.

Adentrando no meio do vento das palavras do Norte, Nabetse prosseguiu.

— Eu, Nabetse Inffinitum Senitram, Sol em Leão, confirmo você como minha primogênita e selo com o meu Hiperião o seu juramento à espada de Alethea. – disse, afirmando que as quatro perguntas foram respondidas.

Com aquela afirmação, a espada da verdade transformou-se em uma caneta dourada com o desenho do Hiperião de Nabetse, em pleno movimento, gravado na tampa.

— Por favor, feche seus olhos - pediu, vendo a protagonista cerrar os olhos. Ele se concentrou para conter a força de Sol que tinha em si.

Direcionou a ponta tampada da caneta dourada para a pálpebra tocando-a levemente e começou a dizer as palavras que selaram aquela cerimônia.

O Sol deu três tempos a uma frase e finalizou aquele juramento com o selo de sua benção.

— *Que a Palavra* – ele movimentou a caneta quando terminou a

fala dessas três palavras e parou sobre o nariz dela. Na exata região entre os olhos, ele disse uma palavra apenas – *seja um mar* – e então seguiu o movimento da caneta em direção à pálpebra direita para finalmente concluir sua frase – *em você*.

Tomada por um grande alívio, Zorya escancarou o maior de todos os seus sorrisos. Uma lágrima de gratidão brotou em seu olho direito e foi ao encontro da boca sorridente.

Ainda com os olhos fechados, ela sentiu Nabetse abraçá-la. Ele também beijou-lhe a testa..

— Agora nós vamos fazer o nosso *tour*. – anunciou, ainda abraçando sua primogênita.

Zorya soltou-se do abraço.

– Mas tem que ser panorâmico, Nabetse. Você não pode demorar muito tempo para se erguer no Leste.

— Ok. – Eu vou começar falando algo ainda mais importante do que eu havia previsto – ele se colocou bem próximo do centro de seu Hiperião – Cada estação possui uma pedra de profundo valor, tão preciosa quanto o amor que o artista sente pela arte daquela estação. Quando um artista cria a primeira arte de sua vida, o local onde ela se originou é escolhido para guardar essa pedra. Zorya se lembrou da primeira história que criou, e, de forma ainda mais específica, do lugar e do primeiro personagem que brotou de sua imaginação criativa.

A imagem do passado mais poderoso de sua existência tomou conta do Hiperião.



Em algum lugar do Brasil, 1984.

O pequeno quarto na casa modesta de um bairro afastado do centro da cidade é guardião da infância da protagonista.

Chão de taco marrom escuro suavizado pela claridade de alguns retângulos e ao mesmo tempo fortalecido por uma estante de cinco prateleiras tão escuras quanto o chão. Os brinquedos, os livros infantis, um aparelho de som que toca fita k7 e rádio são responsáveis por quebrar a seriedade do tom daquelas cores.

A cama de solteiro infantil está atravessada no meio do quarto e é acompanhada por um criado mudo. Ambos são da mesma cor de madeira que lembra o amarelo do maracujá.

Zorya é tomada pela emoção ao retornar àquele cômodo. É o lugar mais sagrado de sua vida, inclusive em suas lembranças. Sempre corre para esse quarto em situações de desolação pessoal.

Ali, o reencontro mais poderoso a aguarda de páginas abertas para apresentar a primeira leitura sozinha que fez em sua vida: a leitura de uma foto. Zorya pega aquelas páginas e coloca-se em posição de leitura, sentando em sua cama de infância. Nesse exato momento a adulta e a criança tornam-se uma só criatura, e o magnífico encontro começa de fato a acontecer.

Sentada na cama coberta pelo pano de fundo branco com diversas imagens de crianças brincando e lendo, a protagonista, aos cinco anos de idade, tem em suas mãos o tesouro que despertou sua imaginação: uma foto da Acrópole de Atenas, exibida por uma revista.

Zorya é essa criança e ela tem três letras em forma de brinquedo próximas a seus pés: ele, eme e erre.

— Tá tudo quebrado. — diz ela, olhando para as partes caídas. Logo em seguida lembra-se de uma boneca quebrada que um de seus melhores e mais confiáveis amigos consertou porque sabia que era sua preferida. Era o mecânico da rua, Seu Trajano, um homem negro e militar da reserva. Não

havia brinquedo quebrado que ele não consertasse. E não havia barreiras naquele coração que tentasse ser duro que Zorya não conseguisse quebrar quando se aproximava.

Na lembrança carinhosa de um amigo querido do passado, tomada pela simbiose de duas fases da vida, a protagonista lança de sua boca a frase motivo de sua ida até o local guardião de sua infância.

— Ela não está destruída – diz a protagonista.

É a frase que Nabetse precisa ouvir. Ele caminha na direção dela, e a cada passo dado pelo Sol, ela deixa a fase adulta para trás e torna-se apenas em sua versão infantil de cabelos dourados.

Ao se aproximar da menina, Nabetse diz para ela a frase essencial para todos os tempos do seu futuro.

— E você também não será destruída. – diz, fazendo um afago no cabelo dourado da criança – Agente firme! Você é muito forte!

A pequena Zorya olha para o Sol e diz uma resposta profundamente sem sentido.

— Sua calça é engraçada.

Nabetse é pego de surpresa por aquela travessura.

— Minhas calças. São duas, veja! – diz, mostrando uma perna e depois a outra.

— Não! A sua é só uma!

Nabetse faz uma cara ainda mais surpresa, mas já é tarde demais.

AS NOVAS CALÇAS DO REI

N

abetse e Zorya voltaram da imaginação poderosa da protagonista.

— Sensação estranha – comentou Nabetse tocando a extensão de suas longas pernas tentando entender o que estava acontecendo por lá – Mas vamos ao nosso tour.

Nabetse continuou falando sobre as estações, mas antes parou e movimentou as pernas, agitando-as freneticamente em um sinal de que algo o incomodava muito.

— O que foi, Nabetse? – perguntou a protagonista preocupada que algo estivesse subindo pelas pernas do Sol.

— Essas calças!– ele deu um pulo tentando ajeitá-las como se estivessem caindo. Mas elas não haviam saído do lugar.

A protagonistariu com o movimento feito logo em seguida pelo Sol.

— Eu não acredito que você deu essa reboladinha!

— O que você quer que eu faça? Essa calça está me matando! – disse, agitando as pernas novamente. – Por que você teve aquela feliz ideia? Eu preciso falar com alguém da Alfaiataria de Livros! Se eles costuram páginas, podem me ajudar a ajeitar estas calças.

O Sol andou um pouco mais e as calças voltaram a se comportar de forma estranha nas pernas de Nabetse.

— Mas que raios solares! – disse, pulando e reclamando das calças.

Ele movimentou o corpo de uma forma que lembrou um movimento de dança. Repetiu aquilo inúmeras vezes enquanto tentava, sem sucesso, vencer o pensamento criativo de uma criança de cinco anos de idade.

— Que dança é essa? – perguntou a protagonista observando os movimentos do Sol.

Nabetse não estava dançando, mas com aquela pergunta, o

movimento virou dança e visitou alguém no mundo da protagonista. Meses depois, aquela tentativa de se libertar de um par de calças que virou uma calça apenas, tornou-se uma verdadeira coqueluche mundial.

E eu, o narrador, já estava cansado de observar essa dança.

— Nabetse, esquece essas calças! – pediu a protagonista.

— A Supernova vai ter que me dar uma ajudinha aqui.

Nabetse fez seus últimos movimentos e finalmente decidiu esquecer as calças engraçadas. Ele continuou a apresentar os detalhes do Hiperião para a protagonista.

— A estação do Norte pertence à Palavra, é a casa de todos os escritores, poetas, compositores e tem três guardiões: as pedras de ametistas, os Arqueiros do Aglomerado de Sagitário e o outono. É um dos raros Hiperiões com essa estação como guardiã do Norte.

O norte emitiu o som de um exército marchando. Era o som de milhares de pés de letras encontrando-se com o chão de folhas de papel dos mais variados tipos. O outono também tinha esse som. Por isso que nele as folhas se encontravam com o chão, formando um caminho vasto e multicolorido.

— A estação do ano?

— Exatamente. Todas as estações do outono protegem o Norte deste humilde Hiperião.

— Mas os períodos não se encaixam... Sagitário é em dezembro que, dependendo o lugar, é período de verão ou de inverno. Como pode ser guardado pelo Arqueiro e ser outono ao mesmo tempo?

— Por causa do eclipse

— Só por causa do eclipse? – questionou.

— Claro que não! – abriu os braços – Tem uma lua novatambém. Sol e Lua se alinham hoje duas vezes.

— Uau! – a voz de Zorya saiu um pouco rouca com o impacto causado por aquela informação.

— Eu já sabia de 21 de agosto seria um dia poderoso, mas o de hoje surpreendeu até mesmo o próprio Margorp!

Nabetse estendeu o braço esquerdo chamando-a para seguirem a caminho da porta da estação Leste. Havia uma linha dourada que ia do portal daquela entrada até os confins inalcançáveis pelos olhos daquele corredor laranja dourado. Nabetse colocou-se alinhado ao desenho daquela linha.

— O Leste é onde todos os sóis se erguem. É o verdadeironorte de

todos e tem quatro guardiões: a Casa do Leão, a lâmina do âmbar, um exército infinito de falcões e as pedras de topázio.

Zorya ficou boquiaberta. O Leste fez questão de se apresentar e demonstrar a grandiosidade de sua casa em formas, cores e sons. O amarelo, laranja e vermelho invadiram o Hiperião enquanto um falcão voou atravessando toda a extensão da linha do âmbar no chão. Quando voltou para o fim do corredor do Leste, fechando apresentação daquele Oriente, o falcão crocitou poderosamente.

Ao mesmo tempo em que Nabetse falou, o Hiperião se movimentou em um som mostrando que a música pertencia àquela casa.

— Toda vez que um Sol se ergue, ergue-se também a sua mais poderosa música – disse à protagonista, enquanto um som tomou conta de todo o Hiperião. – Essa, minha cara protagonista, é a música mãe de todas as músicas.

Zorya reconheceu aquele som, mas teve receio de citá-lo de forma equivocada.

— Isso é...? - indagou em uma mistura de surpresa e encantamento com a possibilidade de estar certa em seus pensamentos.

Nabetse arqueou as sobrancelhas esperando que ela continuasse a fala e dissesse o que era aquilo. Ele permaneceu calado, pois queria que ela falasse.

— É o silêncio?!

— Bingo! – Nabetse baixou a cabeça em um visível sinal de protesto, esuspirou profundamente. Alguém duvidou com veemência de que aquilo não podia ser o silêncio – E de onde vocês tiraram que o silêncio não tem som? – ele olhou para Zorya e completou, falando o motivo de sua reação – Tem leitor de *mimimi*.

— Sempre terá alguém de mimimi. Acostume-se, Nabetse! – ela deu a ele a informação mais importante sobre a atualidade – É um dos signos mais fortes dos nossos tempos modernos.

O Sol suspirou, olhou para um leitor e viu algo.

— Posso tomar um golinho do teu café?

Eu não estou inventando. Ele realmente fez isso.

4.

Ando pela mesma rua
Há um buraco fundo na calçada.
Dou a volta.

— Livro tibetano do viver e do morrer —
(Sogyal Rinpoche)

OS CONVIDADOS DE HONRA

Nabetse prosseguiu a apresentação do Hiperião e Zorya descobriu que ao Sul ficavam as pinturas e as esculturas, e que as cores da primavera e todas as pedras de esmeralda contidas nas mãos dos Irmãos Gêmeos guardavam aquela casa sular.

— E ali? – perguntou, caminhando em direção ao oeste e chegando bem próximo da beira da entrada daquela casa.

O Sol teve pouco tempo para reagir. A protagonista andou com muita pressa em direção ao ponto onde todo Sol se põe. No entanto, apesar do tempo escasso, ele conseguiu livrá-la de um forte golpe.

— Zorya, cuidado! – Nabetse tentou alertar.

O vento da sola de um sapato passou muito próximo do rosto da protagonista. A ela coube apenas reagir com o susto da forma mais apropriada.

— Aaaaaahhhhh!!! – o grito da protagonista ecoou no Hiperião.

Zorya quase foi acertada na cabeça por um passo de Pentazoli vindo de um dançarino guardião da ilha de Creta: um curete. O oeste era irresistivelmente lindo devido as pedras de lápis-lazuli que não paravam de brotar de dentro de um Aquadeiro que ficava suspenso no teto do portal daquela casa. Não era possível ver com clareza o que mais havia para dentro, porque tudo de mais precioso que o Oeste guardava, ficava dentro de uma caverna.

— Foi por pouco. – disse, tentando se recuperar do susto.

— Zorya, mesmo você sendo a primogênita desse Hiperião você tem que pedir permissão para entrar em uma casa que não é sua casa de origem. No Oeste, mais ainda! – ele fez questão de enfatizar isso – Os curetes protegem o meu descanso. Eu sou de Creta. Eles são de Creta. E graças a eles eu e Zeus sempre estaremos protegidos de um ataque de Cronos.

— Eu me lembro dessa parte da mitologia –recuperou a garganta seca com o que conseguiu produzir de saliva e fez uma importante promessa–

A partir de agora, eu não me aproximo da estação Oeste sem antes ter a autorização de um curete. Especialmente daquele com bigode que eu vi sentado lá no fundo.

— Ah sim. – disse, desenhando um sorriso travesso no canto direito da boca – Aquele é o líder dos curetes. Quando ele levanta da cadeira e solta o violino, é melhor o inimigo começar a correr.

Zorya começou a rir, mas Nabetse deixou claro que ele estava falando muito sério. Aquele curete não era o líder apenas por sê-lo. A ele foi entregue o golpe de dança que podia dar fim a jornada de um personagem com um passo chamado *golpe do destino*. Com esse passo de dança ele podia proteger o Sol que descansa no Oeste.

A dança sabia mais sobre destinos do que os Homens.

— A única estação na qual você pode entrar e sair a hora que quiser é o Norte - ele parou e apontou para o Leste – Ali você também não pode! Não provoque o Anatoli. Você não faz ideia do que um falcão é capaz para proteger um Sol.

Um longo segundo de silêncio tomou conta do lugar, até que a protagonista falou.

— Okay. Entendi.

Nabetse mudou o caminho da conversa.

— Então... - ele cruzou os braços e fez uma pose que lembrou um gênio da lâmpada – A sua pedra está em Atenas.

— Está mesmo? – ela parecia não acreditar.

— Sim. No exato lugar onde você imaginou Flyont sentado com uma folha de papel muito antiga nas mãos.

— Ai meu Deus! Flyont... – ela levou as mãos ao rosto e ruborizou de vergonha – Esse nome não é muito grego.

— Eu não vou discordar disso, não – ele começou a brincar com o próprio pé direito movimentando-o no chão do Hiperião – Não é grego mesmo! Mas foi o nome que você deu a ele! Paciência.

— Eu tinha apenas cinco anos de idade... Pra mim aquele nome soou tão diferente que só podia ser grego. Eu juro!

Nabetse começou a rir e levou a mão até o nariz coçando-o. Ele estava lutando consigo mesmo para não falar algo e perdeu essa luta.

— O seu nome verdadeiro é de origem grega, primogênita.

— E eu cresci ouvindo o quanto ele soava diferente e o quanto ele soava russo. E eu tinha um nome grego na palma da minha certidão de

nascimento. Se isso não é a vida sendo irônica comigo, eu não sei mais o que é.

Nabetse aproximou-se dela e o olhar dele estava carregado pelo arde uma seriedade que ainda era desconhecida.

— Zorya, preste bastante atenção! Eu preciso que você nunca se esqueça de uma coisa.

— Nossa! Você está com um ar de Sol bem sério! – ela pontuou que havia percebido aquilo.

Um frio tomou a espinha da protagonista.

— Você é a minha primogênita. Primogênitos possuem pedras um pouco diferentes. Elas obedecem ao padrão de suas estações, mas ainda assim, são diferentes porque são as primeiras pedras de um Hiperião de Sol.

— Eu preciso de mais informação, Nabetse.

— Eu darei mais informações, mas você precisará do seu caderno de anotações aleatórias de criação para escrever o que irei lhe dizer.

— Meu o quê? – piscou sete vezes e com velocidade no movimento as pálpebras.

— Caderno de anotações aleatórias de criação.

O som do nome daquele caderno ganhou um tom curioso e engraçado na voz do Sol.

— E onde está esse presente maravilhoso? – Zorya olhou para todos os lados do Hiperião procurando pelo caderno sem que pudesse alcançá-lo com sua visão.

— Em Atenas com o seu primogênito e a antes que eu me esqueça: obrigado!

Nabetse estendeu a mão para Zorya e fez um convite ao mesmo tempo em que agradeceu.

— Obrigado por me levar de volta para a Grécia. Eu não poderei nascer pela primeira vez como Sol na Ilha de Creta, onde eu nasci originalmente, mas ter a minha primeira alvorada diante da Acrópole de Atenas e estabelecer a minha *firma* por lá, até que não é tão mal assim – disse, brincando.

A estação Leste começou a pulsar dourado e Zorya observou que a intensidade daquele pulsardificultou somente a ela em manter os olhos abertos. Nabetse não teve qualquer dificuldade para contemplar o esplendor do horizonte onde todos os sóis se levantam.

A cor do leste se expandiu até que todo o Hiperião ficou laranja e

começou a pulsar forte como um coração a bater no peito do céu. O coração no peito de Nabetse também pulsava forte e, sem que a protagonista pudesse resistir, o coração de escritora também compassava feliz com a força do leste.

Além de participar com as batidas de seu coração, a pele de Zorya também se juntou à cor que representa o levante do sol. Nabetse riu olhando para a primogênita ao constatar sua aparência.

— O que foi?

— Até que enfim! – comemorou – Você está bronzeada!

— Para Nabetse! Os intelectuais geralmente não vão à praia. – ela reclamou da brincadeira e tentou se defender.

— Os meus vão. Providencie logo o seu maiô!

Zorya desconversou.

— O que está acontecendo afinal? – perguntou, forçando ainda mais os olhos a permanecerem fechados.

— Anatoli está trazendo meus convidados de honra.

O dourado deixou de brilhar e piscar, dando a Zorya a capacidade de abrir os olhos. Avistou o falcão surgindo da ala Leste em sua forma mais poderosa e sendo acompanhado de seis personagens. Quando viu um deles, ela agarrou o braço de Nabetse com força tomada pelo impulso de quem não acreditava que algo estava acontecendo.

— Ai! Pega leve, raio de sol! – reclamou o Sol da escrita, deixando a voz fazer uma leve curva fina em seu tom.

Anatoli deu espaço para que a primeira pessoa da fila encontrasse com Nabetse e o Sol correu para saudar o pai com um longo e afetuoso abraço.

Logo em seguida, abraçou a primeira pessoa que seus olhos avistaram surgir antes mesmo que Anatoli saísse da ala Leste.

— Obrigado por ter vindo, meu amigo! – disse Nabetse, caminhando agilmente em direção à Otrebor e dando-lhe um forte abraço.

— Não precisa agradecer. – disse, abraçando-o de volta. – Eu não perderia isso por nada.

Ambos trocaram um olhar de cumplicidade de quem já foi pai e filho em uma versão de história. Esse laço nunca foi desfeito pelo tempo e foi respeitado por todas as estrelas do firmamento.

Nabetse viu Rotciv e tentou dar um abraço nele também, mas o Guardiã disse que um aperto de mão era suficiente.

— Tudo bem, eu aprendi que é melhor não forçar a barra com o

grandão aí! –disse, dando dois tapinhas no ombro de Rotciv. Aquele contato gerou faíscas. Ficou evidente que o guardião era uma rocha.

Logo em seguida, Zorya acompanhou o caminhar de Nabetse até as duas Auroras e ficou feliz em vê-las. O sentimento era mútuo das Auroras para com Zorya. Ela caminhou até o encontro delas e passou na frente do Sol. Ele não se incomodou.

As três se abraçaram. As três venceram. Todos venceram.

Foi a reunião e união daquelas mulheres que possibilitou o verdadeiro renascer.

Nabetse olhou na direção de Rotciv e a rocha mostrou que não era tão dura quanto parecia.

— Desculpe, Nabetse – disse a protagonista– Eu passei na sua frente.

— Igual um eclipse. Mas foi por uma boa causa – comentou Yrneh – Faça as honras agora, filho – falou o homem mais sábio do Território.

Nabetse olhou para as duas Auroras e abriu os braços. Logo em seguida, lançou sobre elas toda a força de seu amor.

– Meninas! – disse, apertando-as demais.

As Auroras gritaram levemente.

— Ei! Devagar, menino! – disse Rotciv esperando que Otrebor tivesse uma reação, mas ele permaneceu sem expressar o que era esperado.

Havia algo muito estranho no comportamento de Otrebor. Todos perceberam isso. Zorya permaneceu olhando para ele com uma esperança de receber um olhar de volta, mas nada aconteceu. Tentou se concentrar nas palavras de Nabetse e em todos os movimentos do Sol para conseguir se libertar daquela insistência que sentia em olhar para Otrebor. Conseguiu desviar os olhos por alguns segundos, mas eles eram a expressão do que ela mais queria no momento: apenas uma troca de olhar.

Ela observou Otrebor por todo aquele tempo e chegou a uma conclusão que deixou seu coração em pedaços: a presença dela naquele Hiperião não tinha qualquer importância para ele e não mexia com seus sentimentos. Provavelmente os sentimentos de antes não estavam mais ali.

— Uau! – Yrneh ficou maravilhado ao ver Zorya. Aquela reação conseguiu retirá-la da atenção dedicada a observar de Otrebor. – Você está incrível! Poderosa! – e continuou – Mas eu me lembro de você um pouco mais alta!

Otrebor quase esboçou um sorriso, mas conseguiu contê-lo antes

que ele se formalizasse em seu rosto. Nabetse percebeu aquilo, e fez questão de mostrar ao Guardião que não adiantava tentar esconder aquela informação do Sol.

— Talvez eu esteja parecendo menor ainda porque agora você é um céu. — concluiu a protagonista, de uma forma inteligente e engraçada ao mesmo tempo.

— É... -ele falou com um tom de quem estava tentando convencer-se de que ela estava certa — Talvez seja por isso. Talvez... — ele fez um movimento com a cabeça sinalizando que não estava muito certo se aquele era o real motivo.

— Vamos! — Anatoli interrompeu o momento e fez o que lhe coube como função neste conto desde que foi determinado que ele teria um papel essencial.

O Hiperião começou a mudar de aparência, e a ganhou a presença de desenhos de colunas em traços que pareciam feitos por um desenhista. De fato havia um desenhista e ele estava sentado em uma das pedras onde toda a história daquele monumento repousava

— Não pode ser! — Zorya ficou estarelecida com a visão tão exata e detalhada de sua primeira criação.

Frente a frente com Flyont pela primeira vez e ela fez a maior de suas descobertas sobre seu próprio primogênito: ele desenhava no dia que foi imaginado por sua criadora. Era pelos traços feitos pela canhota dele que a Acrópole se formou com cada um de seus detalhes.

O primogênito da protagonista fez o último traço no papel e então levantou-se. Ele era muito educado.

— Olá, todo mundo! — Flyont saudou todos. Apenas Zorya estava efetivamente com ele naquele momento, mas ele sabia que havia outros acompanhando a cena. Até que tudo ali se completasse, apenas ela e ele seriam os ocupantes da parte interna do Templo de Atena.

Voltando-se para Zorya, ele a saudou como a pessoa mais importante para sua existência.

—Mãe! Como vai? — disse acenando com a canhota.

Zorya acenou de volta sentindo-se viver um momento surreal. Estava diante de seu primeiro personagem. Aquele encontro era potencialmente emocionante. Ela caminhou até se aproximar o suficiente dele para contemplar os detalhes do rosto e percebeu cada detalhe da túnica que contava a história dos tempos mais antigos daquela nação helênica.

Ela não disse nada e, mesmo assim, aquele silêncio expressava tudo o que precisou ser dito por ela no princípio daquele encontro.

— Eu sei. Nós temos muito que conversar, mas nesse momento eu tenho o papel de lhe entregar algo – disse, virando-se e pegando um objeto que repousava a seu lado. Aquele item aguardou ansiosamente pelo do momento da entrega.

Tratava-se de um poderoso objeto de criação e também de uma ruína: um pequeno caderno com capa branca levemente flexível, com um elástico que parecia cumprir o papel de guardar as anotações fechadas e em segurança, e, apoiadas pela pressão do elástico, duas canetas de cores e funções diferentes: uma dourada e uma prateada, ambas com o brasão do Hiperião gravado nas pontas e em movimento.

— O caderno de anotações aleatórias de criação – falou em tom de suspiro de encantamento recebendo o caderno em suas mãos.

Flyont riu. O som curioso e engraçado do nome do caderno saiu ainda mais peculiar quando dito por Zorya.

— Eu adorei esse nome – disse ele. Então se lembrou de algo muito importante – Existem algumas regras sobre esse caderno e você não pode esquecê-las de forma alguma.

— Tudo bem.

Flyont pediu o caderno de volta e o abriu, tirando a proteção do elástico primeiro.

— A primeira regra é sobre esta folha – ele mostrou a folha primária do pequeno caderno – Ela é a folha inicial. Nela você irá escolher uma letra de segurança e irá forjá-la com a caneta dourada. Será a letra com a qual você criará uma rota de fuga para o Hiperião do seu Sol. Será muito útil para ajudar em caso de ataques de Sogimini.

— Qualquer letra? – perguntou Zorya.

— Qualquer uma. – fechou o caderno e o devolveu para a protagonista. – Você precisa forjar uma agora mesmo, desculpe. Eu imagino que você prec... – Flyont interrompeu a própria fala enquanto observou Zorya retirar a proteção do elástico e abrir o caderno escolhendo a caneta dourada para traçar a letra que tinha em mente. Ao destampar a caneta, segurou o caderno com firmeza e começou a fazer o traço de uma clave de sol. A caneta dourada produziu uma tinta de mesma cor sobre o papel. Assim que o traço foi finalizado, a tinta começou a clarear e a clave de sol foi marcada em alto relevo na folha primária.

— Se ao se levantar todo Sol traz música, essa deve ser a letra mais poderosa do Leste. – concluiu a protagonista.

— Uau! Que ótima observação!

— Obrigada. – disse Zorya.

Ela começou a folhear o pequeno caderno e Flyont prosseguiu com a explicação das regras.

— Segunda regra: escape antes que Yvied ou qualquer outro inimigo a faça chorar tinta. Caso você não consiga escapar, aconteça o que acontecer – ele fez uma pausa para enfatizar a parte mais importante daquela regra – não chore tinta! Você pode morrer!

Zorya respirou fundo procurando se acalmar. Aquela informação a deixou nervosa e um medo quase tomou conta de seu coração.

— Próxima regra, por favor. –ela quis fugir daquele assunto o mais rápido possível.

— Folha treze... É para uma lista de treze nomes chamada de *Aqueles sem destino*. São personagens que você simplesmente não sabe o que fazer com eles e então lança o nome deles na lista e eles são lançados a Roda da Água Destino – Zorya percebeu que o nome era parecido com o Hiperião de Edys – Nessa Roda há um rio furioso ou um mar revoltoso que decide o que será feito desse personagem.

Muitos personagens tinham verdadeiro pavor de serem lançados para a Roda da Água do Destino. Muitos preferiam a morte a serem lançados para um destino que estava nas mãos da água.

— Você tem direito a apenas treze nomes – ele continuou falando sobre a terceira regra – Depois disso, você só terá direito a novos treze nomes quando ganhar um novo caderno de anotações aleatórias de criação e, para que isso aconteça, este que você tem em mãos precisa estar tão cheio da criação que o elástico dele estourará por não aguentar segurar tudo que você criou nestas páginas.

Zorya pensou em algo enquanto Flyont falava e o escriba percebeu.

— O que foi? – indagou o escriba.

A imagem de uma água circular se movimentou na imaginação de Zorya enquanto ela se lembrou de algo que ficou muito marcado em sua memória desde o juramento no Hiperião.

— Você falou algo sobre a Roda de Água e eu estou apenas analisando se algo é possível... – ela cavou um pouco mais fundo nas próprias ideias em busca de algo – Sobre personagens preferirem à morte do

que a água.

A água continuou se movimentando em círculos na mente da protagonista e um forte encontro entre elas, levantou uma intensa água para a qual poucos estavam preparados para enfrentar.

Ela começou a ligar alguns pontos, mas decidiu parar. A água arrebatava fortemente dentro dela como um intenso mar revolto. Teve medo de descobrir que estava certa sobre o que tinha acabado de constatar e decidiu fugir mais uma vez.

— Existe mais alguma regra? – perguntou à Flyonr.

— Sim, a quarta e última. É sobre a folha quatro.

— Folha quatro? – a pergunta soou como uma pequena crítica àquele número – Por que ela não veio antes? – ela estranhou o não seguimento da ordem dos números.

— Porque a folha quatro é consequência da folha treze. É conhecida como *Penitência*. – ele enfatizou o som da palavra do penitente – Lembra quando eu disse que personagens tem pavor da folha treze?

— Sim, eu comecei a refletir sobre algo exatamente quanto você começou a falar do quanto eles não gostam de pertencer a essa lista.

Flyont ficou intrigado com a possível reflexão de Zorya, mas decidiu prosseguir falando sobre a última regra.

— Os escritores também tem pavor da folha treze porque eles entram para o rol dos *escritores levianos* quando não respeitam a feitura da lista.

Zorya achou o emprego daquele termo no mínimo curioso e ficou aguardando a continuação da fala de Flyont para realmente conhecer o significado que aquela leviandade possuía diante da lista.

— A lista pertence a uma folha muito sagrada. Não se deve lançar um personagem para a Roda da Água por motivo fútil ou torpe. – o semblante do primogênito foi tomado pela seriedade – Quando um escritor faz isso, ele ganha o pior dos castigos: um terrível bloqueio criativo.

— Ai, não! – ela levou a mão direita na boca acreditando que aquele era o único preço a pagar por um *escritor leviano*.

— Não é só isso. Para se ver livre do bloqueio criativo, o leviano ou a leviana deve escrever algo até que suas mãos fiquem exaustas e não consigam mais se abrir para soltar seu instrumento de escrita. E quando abre a mão, ela dói profundamente.

— E o que deve ser escrito?

- A seguinte frase: um leviano incomoda muita gente.
- Por que eu estou achando isso simples demais?
- Calma, eu ainda não acabei. Continua no próximo capítulo.

canta, rouxinol!

A folha quatro não era simples. A folha treze também não. Flyont sabia muito bem como apresentar as consequências de ambas e não hesitou em continuar falando sobre cada uma delas.

— Você acha que há linhas suficientes para que a mão de um *leviano* fique dolorida?

— Claro que não! O bom seria que houvesse espaço para mais letras de penitência.

Flyont verbalizou um *rá* que dizia que ela estava certa.

— E há! – disse o primogênito pontuando aquelas duas palavras com a força de sua voz – A linha de cima começa a se apagar no momento que linha de baixo começa a ser escrita.

Zorya levantou as sobrancelhas, surpresa. Folheou o caderno virando as três páginas iniciais e olhou cuidadosamente para a folha da quarta regra.

A verdade era que sempre houve espaço para letras de penitência de autores levianos. As estrelas cuidaram para que eles refletissem bem sobre cada letra escrita, mesmo depois de serem cuidadosamente e dolorosamente forjadas na folha quatro.

Ali quem tentou bancar o esperto, teve a penitência aumentada.

A premissa de libertação da penitência era simples quando o assunto era *leviandade na escrita*: mão travada, criatividade destravada!

— Há mais – informou Flyont.

— Claro que há – disse a protagonista, com um tom irônico em sua voz.

— Mas essa parte é um pouco divertida porque é impossível não imaginar as cenas acontecendo quando se fala delas.

— Eu já gostei de saber disso – comentou sem imaginar que em algum lugar um leitor já aguardava ansioso para imaginar as cenas que Flyont descreveria.

— Coisas acontecem quando um escritor tenta ser *leviano* na folha treze. E varia de acordo com o instrumento de escrita.

— Ai meu Deus! Caneta, lápis, lapiseira, pena de escrita... —ela falou cada instrumento e Flyont balançou a cabeça confirmando cada um deles — Porfavor, comece a falar logo! Estamos loucos pra imaginar cada um! — disse, referindo-se a ela e os leitores.

— Quando é uma caneta, ela explode e espalha tinta para todos os lados do lugar onde a pessoa estiver começando a escrever o nome que não devia ser posto ali. Se houver gente em volta, tenha certeza de que todos - ele fez uma pausa e então enfatizou a palavra *todos* dizendo-a mais uma vez — todos ficarão sujos de tinta da cabeça aos pés. Nem mesmo animais de estimação são poupados.

Zorya imaginou um escritor escrevendo no Café de Flore e colocando um nome de forma leviana na lista. Tudo ao redor ficou tomado por uma tinta vinda da caneta azul clarautilizada por ele, inclusive um poodle cujo pelo era generoso e querepousava dentro da bolsa de sua dona, sentada do lado de fora, degustando um delicioso *Croque Madame* da casa.

— Já com o lápis, as coisas são mais gentis graças ao fato dele ser muito usado por crianças e esse uso aliviou os desígnios das estrelas sobre a penitência. Com ele a ponta quebra infinitamente, a pessoa não consegue escrever o nome, e qualquer tentativa com o apontador não terá sucesso. Em alguns casos, o apontador quebra o grafite inteiro na primeira girada. E é melhor nem pensar em usar um estilete para apontar o lápis. Preciso dizer o que acontece com o dedo do escritor?

— Não! — Zorya falou de forma rápida e ríspida. Ela não queria saber, nem mesmo imaginar.

— Agora a lapiseira... — Zorya fechou os olhos e lembrou-se de tudo que compõe uma lapiseira por dentro e por fora. Algo nela dizia que aquele era o mais perigoso de todos — O grafite quebra e a lapiseira se desmonta, fazendo voar todos os mecanismos onde o *leviano* está escrevendo o nome na lista por fazer. Há grandes chances de alguém ser atingido nos olhos.

Mas Zorya estava errada. A lapiseira não era a mais perigosa das armas na mão de uma pessoa *leviana*. A mais perigosa de todas elas era a pena de escrita. Era a mais segura para todos ao redor, no entanto, com ela em punho, o pior dos destinos podia assolar um escritor.

— A pena de escrita... Acho que você já deve saber o que acontece

com um *leviano* quando ele coloca o nome de alguém na lista usando uma pena...

— A escrita é arrancada das mãos do escritor – disse, lembrando-se que algo parecido aconteceu a Yvied.

— Exatamente. – confirmou – Bem, essas são as regras. Cuide bem dele – ele apontou para o caderno na mão de Zorya e olhou para os lados procurando pessoas. Queria saber se tinha tempo para dizer algo a mais. – Eu queria pedir uma coisa para você.

— Claro! Se estiver ao meu alcance...

— Você é a única pessoa que pode fazer o que eu vou pedir – ele parou por alguns segundos e então pediu – Dê um nome grego para mim, por favor!

Zorya fechou os olhos e segurou o nariz com a ponta dos dedos da mão esquerda. Não podia acreditar no que tinha acabado de ser pedido a ela.

— O nome que você me deu não é nem um pouco grego, sabia?

— Eu sei! Eu sei! – o sentimento de vergonha visitou a protagonista em solo helênico – Eu juro que aos cinco anos de idade ele soou bem grego pra mim. Juro!

— Zorya! Olhe para mim! Que nome grego você acredita que combina comigo?

Ele abriu os braços com profundas esperanças enquanto ela olhou para ele e buscou dentro de si tudo que sabia sobre nomes daquela terra. Ela não podia falhar e o primogênito merecia um nome digno. E ela rapidamente encontrou em si um nome à altura dele.

— Iannis.

A túnica de Iannis ganhou desenhos gregos na área que cruzava de um ombro para o outro e um pequeno ramo de oliveira surgiu na lapela do lado esquerdo, no exato lugar onde repousam todos os corações de pessoas reais e personagens de ficção.

— Obrigado! – ele segurou a mão direita dela e a afagou com gratidão e carinho – E eu ia me esquecendo de mais um importante detalhe. – percebeu que o Hiperião estava se preparando para ancorar na Acrópole e decidiu acelerar suas palavras – Você precisa dar um nome para o caderno de anotações aleatórias.

— É sério isso?

— Seríssimo.

Zorya começou a rir. Quando parou, olhou para o caderno e

imediatamente voltou os olhos para o rosto de seu primogênito.

Um clarão dourado anunciou que o restante do grupo que estava no Hiperião começou a chegar à Acrópole. Tomada pelo dourado á sua volta, Zorya acarinhou o caderno e anunciou o nome que, a partir daquele momento, seria conhecido por todos os cantos do conto.

— Flyont.

O primogênito sorriu e a abraçou satisfeito com aquele nome. Sua missão estava cumprida e ele decidiu voltar serenamente para o lugar onde estava sentado desenhando quando Zorya chegou.

A protagonista observou aquele primogênito com amor de mãe e logo depois procurou a pedra valiosa que Nabetse havia falado. Não teve sucesso ao encontrar exatamente o que procurava. O grupo do Hiperião chegou à Acropole e Zorya interrompeu momentaneamente a busca por sua ametista de primogênita.

— Zorya.— Anatoli chamou a atenção da protagonista com a firmeza de sua voz. — Nabetse precisa se erguer ao Leste e a sua presença é fundamental. Venha, por favor!

A protagonista andou juntamente com o falcão para o lado Leste da grande pedra sagrada onde a Acrópole descansa em ruínas. Não deixou de olhar diversas vezes para trás em busca da ametista que ela, como primogênita, havia gerado naquele monumento no instante em que Iannis – agora aquele era seu nome – foi criado por ela.

Em um relance, algo ficou claro diante de sua percepção. Iannis era a própria ametista. Como um primeiro personagem criado por uma primogênita, ele era a pedra mais preciosa do Hiperião de Nabetse e era também o motivo que levava todos até ali para participar do primeiro levante daquele Sol no Oriente.

O primogênito lançou sobre a protagonista o mesmo olhar que ambos trocaram quando ela o criou e o viu dentro da Acrópole com o papel envelhecido em seu colo. O lápis era igual o usado por ela na época da escola.

Com a troca de olhar entre criadora e criatura, surgiu o selo que Anatoli precisou para que o fogo do alvorecer nascesse na tocha que ele tinha na mão. Aquele fogo primário se espalhou em vagalumes que envolveram as tochas seguradas por Otrebor, Rotciv, Yrneh e as duas Auroras.

Zorya começou a ter uma sensação estranha, como se estivesse no ateliê de Theodore em MontMartre. Conseguiu sentir o cheiro da tinta

entrando pelas narinas e quase entorpecendo seus sentidos, e tudo pareceu ficar levemente marrom à sua volta.

Otrebor rapidamente detectou o que acontecia nela e se preocupou.

— O que foi? – perguntou a Zorya, não escondendo a preocupação no semblante.

— Não sei. Eu me sinto estranha, mas não sei o motivo. – e ela não percebeu que o Guardião havia falado com ele depois de ignorá-la no Hiperião. – Iannis? Onde ele está?

Ela olhou na direção do primogênito e o viu sentado, ainda desenhando.

— Só você pode ver onde exatamente seu primogênito está – disse Yrneh, aproximando-se da protagonista e oferecendo o braço para que ela pudesse se apoiar.

Otrebor tentou dar um passo, mas Rotciv o impediu apenas com um olhar. Ambos haviam feito uma promessa a Verônica: não se envolver demais com a protagonista a ponto de colocar o ponto final em risco.

Em seguida, Nabetse percebeu algo se aproximando.

Anatoli aproximou-se do Sol, também percebendo a névoa sombria que chegou camuflada pela escuridão da noite.

Todas as suspeitas se confirmaram quando a protagonista foi violentamente agarrada por uma mão em seu braço direito e puxada para longe do grupo.

— Quem está escrevendo isso? – perguntou Yrneh, percebendo a alteração da cena por uma mão completamente diferente da que originalmente a escrevia.

As Auroras gritaram ao verem uma figura despontando em meio a uma palavra sombriamente escrita que serviu de porta de chegada à Acrópole. A palavra era *medo*.

— Abandonadora de histórias. – disse a criatura, apertando o braço de Zorya com as mãos físicas e lançando Yrneh no chão com aquele adjetivo. Um pé surgiu de dentro da palavra do *abandono* e pisou na chama da tocha de Yrneh tentando apagar cada vagalume. Mas os vagalumes eram rápidos, inteligentes e muito unidos. Eles sabiam como voar em busca de efetiva ajuda e assim enganaram quem achou que a tocha estava apagada.

A tocha de Zorya foi arrancada dela e jogada no chão.

O alvorecer estava em perigo mais uma vez. Mas algo era de conhecimento de todo personagem e protagonista: as noites ficavam mais

escuras antes do amanhecer e, mesmo assim, o amanhecer sempre prevalecia.

O plano era simples. Ancorar definitivamente o Hiperião de Nabetse na Acrópole, fechando assim o ciclo de uma história que receberia o selo final de proteção de uma Supernova. Finalmente a história de Nabetse caminhou para se concretizar e cumpriu o destino para o qual foi feito: a grandeza. No entanto, para selar tudo, ainda faltava o amanhecer.

O inimigo se empenhou para atrapalhar a história mais uma vez.

Sombras chegaram aos portões da pedra sagrada no momento que o Hiperião começou a ancorar sobre o templo da deusa grega da Justiça e da Sabedoria, e tudo o que havia em volta começou a se transformar em um imenso campo repleto das oliveiras filhas da Oliveira que Atena presenteou a cidadela.

Algo sombrio foi traçado em forma de letras que quando reunidas geravam o nome de um personagem criado única e exclusivamente para matar e provocar o mal: Laus.

Yvied estava traçando palavras que serviam apenas a ele. Sentando em seu trono de inimigo absoluto em algum lugar da Ilha Sogimini, o Líder da horda inimiga encontrou uma forma de romper o selo que separava e guardava cada um dos personagens desse conto.

Entre a vida e a alegria da madrugada que antecedeu o levantar do Sol, Yvied fez Laus chegar à Acrópole por meio de sua narrativa tenebrosa.

Bastou aquele personagem – que um dia foi criado apenas para matar Nabetse – afirmar que sabia onde a primogênita e o primogênito estavam, para que Zorya fosse levada de volta para Paris rapidamente oscilando a proteção do conto e deixando-a mais suscetível a cair na mãos de um Sogimini..

Zorya sabia que aquele conto pertencia a uma Supernova e uma estrela à beira da morte não entrega uma história sem lutar com palavras estelares. A protagonista sabia que uma Supernova luta por uma história até o fim e além do fim.

— Largue-a agora mesmo! – disseram todas as Supernovas ao mesmo tempo, mas Laus se negou a seguir aquela ordem.

Ele riu com deboche e com isso Otrebor começou a despertar em si algo que guardava a sete chaves desde a Alocse na ilha de Creta. A um passo de quebrar a promessa feita, o Guardiã decidiu se comportar, mas havia alguém disposto a quebrar até mesmo as expectativas que todos possuem em relação a ele.

— Quietos! — gritou Rotciv para o Capitão. — Caladinho!

Otrebor e Nabetse ficaram boquiabertos com a rebeldia.

— Quem você pensa que é? — perguntou o Capitão.

— Você quer saber quem sou eu? Eu vou te mostrar... — gritou a Aurora da manhã.

Rotciv olhou para a protagonista e se apresentou.

— Zorya... — disse, dirigindo-se à protagonista. — Solte-se dele!

Laus riu. A gargalhada dele ecoou poderosa dentro do templo de Atena.

— Ignore ele. Vamos! Você consegue! Ignore ele!

Laus seguiu rindo e a gargalhada aumentou de volume. Rotciv gritou para se fazer entender.

— Zorya você é a protagonista. Quem manda aqui é você. — o guardião aumentou a voz de maneira poderosa — Ignore ele!

A risada de Laus começou a abafar, e ele percebeu. O Capitão não esperava por aquilo e a reação assustada, somada a um semblante que desenhava medo de ser repreendido por seu criador facilitou a libertação de Zorya. Um leve movimento de seu corpo e a mão de Laus soltou seu braço. A protagonista lançou sobre ele um olhar de quem não se deixava mais abater por seus risos. A vergonha tinha ido embora para nunca mais voltar.

— Ele será banido! — disse o Capitão. — Ele quebrou a promessa. Ele será banido e vocês serão processados pela quebra do protocolo de histórias.

— Quem determina o protocolo da minha história, sou eu. — disse Zorya.

— Uuuuuuuuhhhhhhhhh! — Laus zombou da protagonista.

Anatoli olhou para Zorya e o falcão entendeu o que ela dizia.

— Segurem as tochas! — disse a ave — E não se desalinhem!

Zorya permaneceu frente a frente com o Capitão, e não havia nela mais nenhum desconforto, nem mesmo uma vontade de se esconder para se tornar invisível. Rotciv estava por perto, como sempre esteve. Otrebor apenas observou sem se envolver muito. Ele já havia se envolvido demais.

— Desista! Você é minha! — ameaçou o Capitão, tendendo segurar o braço de Zorya. Ela desviou e Otrebor movimentou-se para não deixar que Laus a tocassem novamente.

— Não me provoque, Laus! — disse Otrebor. - Eu sou um leão. E assim como Rotciv, eu estou com ela desde o início.

O Capitão esboçou sentimento de intimidação e, percebendo isso, o Leão continuou falando.

— Ela é nossa! – agachou e pegou as tochas caídas no chão. Pegou a tocha que era de Zorya e cuidou para que ela não apagasse.

— Eu vou levá-la daqui, se não hoje, será outro dia. Mas eu vou arrancá-la daqui como se arranca a raiz de uma roseira para que ela nunca mais nasça – o Capitão ameaçou mais uma vez.

— Não, não irá. – disse Iannis, aproximando-se e revelando-se para o Capitão Sogimini.

Laus foi tomado pelo impacto de estar diante de um primogênito de uma primogênita e diante de Iannis, Laus vislumbrou uma oportunidade de aniquilar a protagonista e Sol ao mesmo tempo.

Aproximou-se do homem da antiguidade com o intuito de acertar-lhe com uma palavrasombria e retirar-lhe a matiz que garantia sua existência na Acrópole. Quando Otrebor percebeu o que estava prestes a acontecer. Ele soltou a tocha que tinha em sua mão e correu até Zorya envolvendo-a em um abraço.

— Arruinado! – propagou o Capitão.

A palavra saiu rasgando as cores do lugar e voou no ar até se aproximar de Iannis.

— Não! – gritou preocupada que aquela palavra ferisse o primogênito. A reunião escrita de letras sombrias partiu para cima de Iannis na tentativa de domá-lo.

Mas aquela palavra foi destruída no ar por um desenho de mão de pedra. Uma mão feminina de pedra.

Iannis desenhou um sorriso irônico no canto direito da boca.

— Ah! Eu ia me esquecendo! – disse – Eu encontrei minhas amigas da antiguidade!

O anúncio dele foi seguido de um vento muito antigo. Em seguida, o grupo do Hiperião vislumbrou a silhueta de enormes figuras talhadas em mármore branco, e todas elas surgiram por trás de Laus, vindo exatamente em sua direção. O Capitão virou-se e o rosto tomou a forma do horror para ele.

Ele não esperava por aquela virada na história.

Ainda envolvida pelo abraço protetor de Otrebor, Zorya precisou ter certeza que realmente tinha tudo aquilo diante de seus olhos.

— Otrebor, aquilo é...?– ela fez uma pausa antes de continuar a

perguntar. Não acreditava no que tinha diante dos olhos e isso ficou evidente no tom de sua voz – São as...? – perguntou ao guardião que também estava sem acreditar nas imagens diante de si.

Eram as Cariátides e elas eram em números de seis. Caminhando e falando repetidas vezes o nome vitorioso de *Athena*, a presença do Capitão não as intimidou.

O horror de Laus aumentou ao vê-las tão próximas e com riqueza de detalhes.

Nabetse acenou com a cabeça em sinal de profundo respeito. Anatoli se ajoelhou diante delas.

Laus tentou lançar sobre elas e sobre as demais palavras com sons terríveis. Em todos os ataques, as palavras das Cariátides destruíram o som tenebroso que saía de Laus.

— Arruinadas! – gritou furioso esperando acertá-las em um ponto que jurava ser o mais vulnerável nas estátuas. Mas as Cariátides responderam à altura.

— *Niké*. Vitória. – disseram.

A palavra vitoriosa envolveu a palavra da ruína como uma enorme mão de pedra e esmagou-a sem piedade. Em meio ao pó da destruição da palavra do inimigo, reapareceram voando os vagamules que saíram da chama da tocha de Yrneh, cortando as sombras ainda resistentes daquele ataque suspenso no ar.

Laus não desistiu e lançou algo mais.

— Escravas! – disse, agora afetando a história pessoal das estátuas.

Elas venceram mais uma vez.

— *Niké*. Vitória. – disseram, transformando a escravidão em pó com o pisar de sandálias gregas em forma de desenhos de arte.

Ele tentou um ataque final tendo esperança de obter sucesso.

— Estrangeiras – usou a palavra mais destruidora da horda Sogimini e, de volta, recebeu o que elas tinham para oferecer.

— *Athena Niké*. – disseram em resposta e com isso Laus pareceu perder em si tudo de palavra que acreditou saber.

Não havia sombra em palavras que saísse vitoriosa diante de *Athena Niké*.

Ele seguiu tentando afetar as estátuas e usou todas as palavras que conhecia, mas elas palavras sumiram dele. O que ele havia de saber lhe foi levado. Foi o preço pago pelo desrespeito a quem sustentou um templo de

sabedoria por milênios.

— Parece que alguém ficou sem repertório – disse Anatoli.

Laus percebeu que não tinha mais como atacar e começou a correr para fora da Acrópole, assustado. Uma porta repleta de fuligem se formou no tempo e ele atravessou sem olhar para trás, voltando para Ilha Sogimini.

As estátuas começaram a rir e falaram entre si que ele não era tão corajoso quanto falava e fazia questão de aparentar ser.

— Será que vocês podem nos dar a honra de suas companhias? – perguntou Nabetse às Cariátides.

Elas trocaram olhares entre si e a líder delas respondeu pelo grupo em um autêntico grego.

— *Ναι*. Sim.

As Cariátides se aproximaram do grupo e Zorya então começou a se perguntar algo bem óbvio, dividindo a pergunta em voz alta para Iannis ouvir.

— Iannis, se elas estão aqui, o que está sustentando o teto do templo?

— Cópias. Eu trouxe as originais – disse, mostrando o desenho feito no papel. Iannis tinha o superpoder de trazer à vida coisas antigas que foram separadas ou mortas pelo mundo moderno.

Aquelas Cariátides eram as originais. As cópias que sustentam o antigo templo permaneceram em seus lugares.

Zorya divertiu-se com a resposta do primogênito, e seu rosto ficou iluminado. Ela não percebeu que Otrebor a admirava.

— Vamos! – disse Anatoli a Nabetse – Não posso segurar a alvorada por muito tempo!

Nabetse procurou Zorya e a viu sob a proteção de Otrebor.

— Podem ficar onde estão. Mantenham essas chamas acesas!

— Tudo bem. – respondeu Zorya.

Respirando fundo, ele indagou ao falcão o que deveria fazer. A resposta veio tão simples quanto o amanhecer.

— Erga-se.

Essa simples palavra mergulhou Nabetse no horizonte do Leste.

O âmbar cortou o horizonte do leste fazendo as chamas das tochas começarem um movimento circular furioso. Um enxame de fogo morava naquelas chamas.

As tochas pareciam ter vida própria e o fogo se movimentou como

em um baile vigoroso na mão de todos, mas em Otrebor e Rotciv, o fogo bailava com mais força, tornando difícil controlar as tochas em suas mãos.

— Forte lealdade ao fogo – disse Yrneh olhando para ambos os Guardiões – Isso não falta em vocês.

— Que bom! Pensei que essa luta toda era porque não gostavam de nós! – Rotciv estava aliviado.

— O fogo está dançando para vocês. – disse o falcão – Isso é um ótimo sinal.

Os círculos de fogo subiram e desceram dentro das chamas. No horizonte, uma grande bola de fogo anunciou com sua ponta em curva apontada para cima, pintada de laranja-dourado que estava prestes a se erguer. Era o Sol. Era Nabetse cumprindo seu destino.

Tomado por uma forte emoção, os olhos do Sol ficaram repletos da água do mar em volta de Creta. Estava proclamado o amanhecer e, com ele, personagens firmaram compromisso com a manhã trazida por aquela estrela. Anatoli colocou-se à frente; Aurora, a guardiã do amanhecer, ficou à direita; Aurora, a estrela vespertina ficou à esquerda e Yrneh, pai de Nabetse, posicionou-se atrás, mas antes parou e olhou nos olhos do filho pelo qual lutou para ter o destino respeitado e afagou a cabeça dele.

Com isso, o céu perdeu completamente o manto da noite e a manhã do renascimento firmou-se no conto.

A bola de fogo envolveu o céu com seu esplendor, distribuindo raios que pareciam bailar desde o centro do círculo até ganhar a imensidão do azul. Cada raio levou de dentro de si um presente para entregar àquela manhã e depositou cada presente em seu devido lugar. Em inúmeros tamanhos, estrelas eram depositadas no céu e começou a pontilhar-se com luminosas esferas de plasma, que vistas de longe ganham pontas que apontam caminhos.

A manhã estrelada estava de volta. A manhã estrelada voltou para o céu ao qual pertencia.

Nabetse e sua aliança Solar gradativamente deixaram de pertencer à Acrópole. Tomado pela força do amanhecer de um novo dia que trazia o começo de uma poderosa história, Nabetse levou seus aliados para casa, e Zorya acompanhou de onde estava toda aquela maravilha acontecer.

Antes que Nabetse efetivamente embarcasse para seu merecido destino de grandeza, ele girou o pescoço em direção a Zorya que ainda estava ao lado de Otrebor, sentada no chão. O Sol e a protagonista trocaram um olhar de gratidão e cumplicidade, e ambos concluíram que o encontro de

ambos no ano de dois mil e novo não foi uma obra do acaso.

— Até daqui a pouco. — disse ele, antes de sumir completamente no tempo juntamente com seus aliados e até de pegar com as duas mãos um beijo que a protagonista mandou especialmente para ele.

Zorya, Otrebor e Rotciv ficaram estáticos, tomados por um entorpecimento provocado pelo que tinham acabado de presenciar.

As Cariátides caminharam de volta aos locais que as guardavam separadas umas das outras. Iannis providenciou isso folha por folha desenhada, sentado no exato lugar de sempre e com a mesma serenidade no rosto.

Quando o primogênito terminou os traços das estátuas, começou o desenho de algo que possuía asas e era capaz de voar levando uma pessoa inteira apenas com o som do seu canto.

— Eu preciso ir. — anunciou Zorya, olhando para Otrebor.

O Guardião olhou em desespero para ela. A cotovia anunciou que era chegado o momento de ambos se separarem.

— Não, por favor, fique um pouco mais aqui comigo. — suplicou. Ele segurou gentilmente na mão dela, em uma carícia de quem pedia um pouco mais de tempo. — A cotovia pode esperar.

Otrebor olhou para Zorya e lançou com sua íris todo o poder do amor que havia dentro dele. Um poder que ele desconhecia.

Os dois se beijaram com paixão fazendo a cotovia cantar com todo seu empenho. Quando o beijo cessou, Otrebor tentou dizer algo, mas não conseguiu. O prenúncio de mais uma separação apertou-lhe a garganta e o coração.

Zorya acariciou o rosto carregado de dor de seu amado e fez uma promessa.

— Eu vou ler e escrever poesias para você todos os dias, por um ano.

Eles se abraçaram com força e a cotovia insistiu na separação dos dois. Tudo ao redor começou a se desbotar tal qual no mundo onírico dos sonhos com a proximidade do despertar que a manhã traz.

— Por favor, nos ajude! — suplicou Otrebor, com a esperança que algum rouxinol tenha ouvido o clamor de seu coração. — Eu a amo!

São Paulo, 3 de dezembro de 2018.

Hoje é meu aniversário de quarenta anos. Eu ando por outra rua. É a primeira vez que passo meu aniversário longe da terra onde nasci. Na minha saída para um passeio na Avenida Paulista, eu encontro um novo jardim em torno de uma casa antiga que pede cuidados de conservação. O jardim está repleto de novas rosas, mas elas ainda estão se preparando para desabrochar. Um raio de sol providencial toca uma delas, mais antiga e percebo que ela deu origem a todo aquele novo jardim. Para meu espanto, chega uma borboleta. Espanto porque ela voa muito próxima ao meu rosto. Eu amo borboletas, e até hoje não entendo porque tenho tanto medo quando uma delas chega perto demais de mim em vôo. Depois de pregar-me o susto, o inseto - que já foi alguém dormindo em um casulo - pousa, e, curiosa, me aproximo dela. Não acredito! Ela foi a lagarta dentro do casulo que vi no jardim do lugar onde estive hospedada por todo aquele tempo. Meus céus estrelados! Como ela é poderosa! Se ela conseguiu empreender tão poderoso voo até aqui, ela pode ir além. E eu também. :)



AGRADECIMENTOS

A

gradeço a todos que cruzaram o meu caminho na pluralidade de suas formas e na pluralidade de aprendizados que significaram em minha existência.

Finalizo esta obra agradecendo a mim por sempre ter acreditando no pulsar da vida, na vida da escrita e na escrita do amor. Agora chegou a minha vez de andar por uma nova rua.

Antes de virar a esquina no Universo, eu deixo um pedido a você que vive as linhas escritas por um outro alguém: pegue seu livro do chão, coloque-o em seu colo e escreva você mesmo nele com coragem e amor.

Ω

5.

Eu ando por outra rua.

— Livro tibetano do viver e do morrer —
(Sogyal Rinpoche)

[1] *Com licença, senhor... Ah... Eu gostaria de um...*

[2] Om, inclino-me perante o meu divino Ser interior.

[3] Meu Deus! (em francês)

[4] Bairro (em francês).

[5] Também conhecida como *O Holandês errante* ou *O Navio Fantasma*.

[6] Boa noite! (em grego)

[7] A Porta do Inferno (em francês).